

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
ESDRAS ALEXANDRE SILVA DA ROCHA

THE SCREWTAPE LETTERS DE C. S. LEWIS NO BRASIL (1964 – 2014)

São Paulo

2018

ESDRAS ALEXANDRE SILVA DA ROCHA

THE SCREWTAPE LETTERS DE C. S. LEWIS NO BRASIL (1964 – 2014)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira

São Paulo

2018

R672s Rocha, Esdras Alexandre Silva da.
The screwtape letters de C. S. Lewis no
Brasil (1964-2014) / Esdras Alexandre Silva da
Rocha.

197 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

Orientador: João Cesário Leonel
Ferreira. Bibliografia: f. 171-180.

1. Lewis, C. S. 2. Screwtape. 3. Cartas. 4. História da
leitura.
5. Literatura. 6. Discurso. 7. Paratextos. I. Ferreira, João
Cesário Leonel, *orientador*. II. Título.

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva - CRB 8/8925

ESDRAS ALEXANDRE SILVA DA ROCHA

THE SCREWTAPE LETTERS DE C.S. LEWIS NO BRASIL (1964-2014)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovada em 02/02/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Gabriele Greggersen
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, doador da vida, que sempre esteve ao meu lado. Sou grato aos meus pais, Ester Silva Bertoldo (*in memoriam*) e Milton Xavier da Rocha por perseverarem em minha formação inicial. À minha esposa, Thaize e meus filhos por terem dado suporte durante todo o processo de pesquisa. Aos meus sogros Denival e Eliana Benvenuto pelo apoio em momentos importantes. À minha irmã Deja e meu cunhado Luiz Deiroz pelo abrigo e solicitude em dias difíceis. À minha prima Lucineide pelo suporte logístico. Ao meu orientador Dr. João Cesário Leonel Ferreira, cujas leituras e importantes apontamentos formataram o trabalho; aos membros da banca Dr. Cristhiano Mota Aguiar e Dra. Gabriele Greggersen, cujas contribuições ampliaram a pesquisa. Aos amigos próximos e distantes: Dr. Jonas Rafael dos Santos e Dr. Gérson Leite de Moraes pelo interesse e auxílio em questões acadêmicas; ao Dr. Brenton Dickieson (University of Prince Edward Island, Canadá), profundo conhecedor da obra de C. S. Lewis, pela generosa disponibilidade de materiais; ao Rev. José Prado e sua esposa Mailyn (Chile) pela amizade e ajuda na tradução de textos; ao Pr. Rodrigo de Frias Fontana, amigo de longa jornada; à Daniele e Vilma pela amizade e auxílio e apoio na prospecção de materiais na biblioteca do Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP. Ao Ms. Ricardo Toniolo, amigo cativado neste processo, pela generosidade na disponibilidade de materiais. Ao meu primo Daniel Alves Gato e sua esposa Ana Gato pela amizade e afeto e por generosamente terem investido recursos neste projeto. Aos meus cunhados Denis e Mayara Benvenuto pela amizade e incentivo. Aos amigos Jan Berbert e Jean Luz que em meio aos seus afazeres no exterior não envidaram esforços em procurar materiais. Às bibliotecas da Faculdade Teológica Batista de Campinas, do Seminário Teológico Batista Independente em Campinas, do Seminário Presbiteriano do Sul, da Pontifícia Universidade de Campinas, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Campi de Higienópolis, Campinas e Andrew Jumper). Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM e ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pela bolsa integral. Aos irmãos da Igreja Presbiteriana Nova Esperança em Paulínia, SP, comunidade que tive a honra de servir como ministro; à Escola Estadual Claudia Francisco da Silva em Campinas, SP, onde leciono por tantos anos. A todos os amigos e familiares que, ainda que não citados aqui nominalmente, têm sido importantes em minha existência.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo identificar como o livro *The Screwtape Letters* (1942) do escritor britânico Clive Staples Lewis (1898 – 1963) foi recebida no Brasil à luz da História da Leitura, mormente os trabalhos do pesquisador francês Roger Chartier, numa perspectiva diacrônica. Outras questões corolárias, subjacentes a essa, tais como a análise literária da obra, a materialidade do texto por meio da presença de paratextos editoriais, perfazendo o perfil do público leitor alvo dos editores, as quatro traduções nacionais que circularam no país no período de 1964 a 2014, suas leituras, seus leitores e os ecos que a obra suscitou compõem o arcabouço deste trabalho. As principais estratégias encontradas foram a pesquisa bibliográfica, contato com as editoras e acesso ao site de relacionamento entre leitores denominado *Skoob*. Concluiu-se que há interesse na leitura do texto entre os brasileiros, no entanto, o mercado editorial precisa expô-lo de maneira mais audaciosa, com estratégias mais eficazes aumentando sua tiragem e atuando de forma eficiente nas novas plataformas de leitura, a fim de garantir sua inserção entre os mais jovens.

Palavras-chave: C. S. Lewis; Screwtape; cartas; História da Leitura; Literatura; discurso e paratextos

RESUMEN

La presente investigación tiene por objetivo identificar cómo el libro *The Screwtape Letters* (1942), del escritor británico Clive Staples Lewis (1898 – 1963), fue recibido en Brasil a la luz de la Historia de la Lectura, mayormente los trabajos del investigador francés Roger Chartier, en una perspectiva diacrónica. Otros asuntos corolarios, subyacentes a éste, tales como el análisis literario de la obra, la materialidad del texto por medio de la presencia de paratextos editoriales – que representan el perfil del público lector que los editores tenían en mente – las cuatro traducciones nacionales que circularon en el país en el período de 1964 a 2009, sus lecturas, sus lectores y los ecos que la obra ocasionó componen la estructura de este trabajo. Las principales estrategias utilizadas fueron la investigación bibliográfica, el contacto con las editoriales y el acceso al sitio de la red social de lectores denominada *Skoob*. Concluimos que existe interés en la lectura del texto entre brasileños, sin embargo, el mercado editorial necesita exponerlo de manera más audaz, con estrategias más eficaces, aumentando el tiraje de impresión y actuando de forma eficiente en las nuevas plataformas de lectura, con el fin de garantizar su inclusión entre los más jóvenes.

Palabras-clave: C. S. Lewis; Screwtape; cartas; Historia de la Lectura; Literatura; discurso y paratextos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Justificativa.....	1
1.2. Referencial teórico.....	4
1.3. Metodologia.....	10
1.4 Esboço da pesquisa.....	12
2. THE SCREWTAPE LETTERS: AUTORIA, CONTEXTO E MENSAGEM.....	14
2.1 Quem é C. S. Lewis: sucinta biografia.....	14
2.2 C. S. Lewis no Brasil: apologista, autor ficcional e crítico literário: um autor multifacetado.....	19
2.3 Revisão bibliográfica: o que tem sido publicado sobre C. S. Lewis e sua obra no contexto acadêmico brasileiro no último decênio.....	26
2.4 O anglicanismo de C. S. Lewis.....	29
2.5 Mundo do texto em <i>The Screwtape Letters</i>	35
2.5.1 Screwtape: o demônio de Lewis.....	37
2.5.2 O que dizem as cartas: uma breve análise do romance epistolar.....	42
2.6 Considerações finais do capítulo.....	49
3. MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO, TRADUÇÕES E RECEPÇÃO DE <i>THE SCREWTAPE LETTERS</i> NO BRASIL.....	50
3.1 Breve história da cadeia produtiva do livro no Brasil (1808 - 1964).....	50
3.2 Presença de livros traduzidos no Brasil (1830 - 1964).....	56
3.3 As traduções de <i>The Screwtape Letters</i> no mercado editorial brasileiro e seus paratextos.....	61
3.3.1 <i>The Screwtape Letters</i> e as Edições Vida Nova: pioneirismo editorial evangélico.....	62
3.3.1.1 A presença de paratextos editoriais em <i>Cartas do Inferno</i> (1964) e a consequente adequação da obra a seus leitores.....	66
3.3.1.2 formação do perfil dos leitores de <i>Cartas do Inferno</i> (1964).....	82
3.3.2.1 A presença de paratextos editoriais em <i>As cartas do Coisa-Ruim</i> (1982) e a sua adaptação aos seus leitores.....	86
3.3.2.2 Formação do perfil dos leitores de <i>As cartas do Coisa-Ruim</i> (1982) de acordo com os paratextos editoriais.....	90
3.3.3.1 A editora Vozes e a presença de paratextos editoriais em <i>Cartas do diabo ao seu aprendiz</i> (1996).....	93

3.3.3.2 Perfil dos leitores de <i>Cartas do diabo ao seu aprendiz</i> a partir dos paratextos editoriais	97
3.3.4.1 Cartas de um diabo a seu aprendiz (2005 - 2014): a última versão de <i>The Screwtape Letters</i> no Brasil, questões introdutórias.....	99
3.3.4.2 Paratextos editoriais em <i>Cartas de um diabo a seu aprendiz</i> (2009)	102
3.3.4.3 Formação do perfil dos leitores de <i>Cartas de um diabo a seu aprendiz</i> (2009) a partir dos paratextos editoriais.....	108
3.4 Considerações finais do capítulo.	111
4. A ATUALIDADE DA OBRA LEWISIANA: <i>THE SCREWTAPE LETTERS</i> , ECOS E LEITORES BRASILEIROS.....	112
4.1 A obra lewisiana em nosso tempo: influências e desdobramentos	112
4.2 A atualidade da obra lewisiana no Brasil: narrativas recentemente publicadas.....	115
4.3 O leitor brasileiro de <i>The Screwtape Letters</i> : seu lugar e identidade	122
4.3.1 Informação de leitores de <i>The Screwtape Letters</i> a partir da rede social <i>Skoob</i>	125
4.3.1.1 Informações do site <i>Skoob</i> sobre o título <i>The Screwtape Letters</i>	128
4.3.1.2 Informações do site <i>Skoob</i> sobre o título <i>Cartas do Inferno</i>	132
4.3.1.3 Informações do site <i>Skoob</i> sobre o título <i>Cartas de um diabo a seu aprendiz</i>	139
4.4 Comparação dos dados obtidos entre os leitores de <i>The Screwtape Letters</i> no site <i>Skoob</i> e outras obras	154
4.5 Gráfico sobre as leituras de <i>The Screwtape Letters</i> de acordo com o site <i>Skoob</i>	157
4.6 Ecos da leitura de <i>The Screwtape Letters</i> no Brasil.....	159
4.7 Considerações finais do capítulo	166
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
APÊNDICE A	181
APÊNDICE B.....	182
APÊNDICE C.....	185
APÊNDICE D	195

1. INTRODUÇÃO

Embora pouco estudado no Brasil, o autor C. S. Lewis há décadas tem sido referenciado por um determinado segmento de leitores, mormente de orientação cristã evangélica. O volume de livros publicados em nosso país desde os anos 1960, bem como suas reedições e transmigrações entre editoras, tornaram-no conhecido nos discursos proferidos nos púlpitos cristãos brasileiros. O interesse pelo trabalho surgiu a partir dessas observações sobre o próprio autor que, tendo sido polígrafo, transitou entre o meio literário e teológico. Diante desse quadro, a obra *The Screwtape Letters* por ter sido o seu primeiro best-seller e abranger temas ligados à esfera teológica, sem deixar de ser literário, chamou-nos a atenção. Outrossim, o acesso à primeira edição original do texto em análise, tanto a originalmente publicada na Inglaterra, em 1942, quanto a publicada nos Estados Unidos, em 1943, bem como à primeira publicação da obra em português, de 1964, despertou-nos o interesse pela história literária desse livro em nosso país.

1.1 Justificativa

Clive Staples Lewis (1898 – 1963) é reconhecido como um relevante autor da literatura inglesa do século XX. Tal afirmação pode ser comprovada na obra de Rolfe Arnold Scott-James (1878 – 1959) que o inclui em seu *Fifty Years of English Literature: 1900 – 1950*. É importante notar que o texto de Scott-James foi publicado em 1951 e apresentava críticas sobre o autor que naquele momento já era conhecido no meio literário. Essa antologia apresenta a resenha de três de suas obras: *The Allegory of Love*, *Perelandra* e *That Hideous Strength*. Ele enaltece a obra *The Allegory of Love*, descrevendo-a como uma obra brilhante e iluminada sobre a alegoria medieval, mas faz a ressalva de que o autor inglês, àquele momento de sua existência, tinha feito a escolha de colocar suas ideias sob a égide do dístico bem ou mal especialmente de acordo com sua concepção, por conta da crise de moralidade que o mundo naquele momento estava passando e o autor fizera isso por meio de obras ficcionais¹.

¹ “He [C. S. Lewis] is a scholar who wrote a very brilliant and illuminating book on mediaeval allegory, entitled *The Allegory of Love* (1936) But he has chosen in recent years to cast his ideas about good and evil, and especially about the moral crisis through which the world is now passing, in the form of fiction” (SCOTT-JAMES, 1958, p. 171)

Outro elemento que evidencia a relevância de C. S. Lewis enquanto literato é a inclusão do seu nome entre os verbetes da enciclopédia britânica. Nessa coleção, pouco mais de uma coluna de texto é dedicada à sua biografia e obra que, logo no início do texto, o apresenta da seguinte maneira: “autor de *The Screwtape Letters*, alcançou fama pelo mundo todo por conta de livros sobre apologética cristã e outros assuntos”². Utilizando uma coesão referencial para retomar na oração o nome do autor, os editores da enciclopédia deixam claro que naquele momento *The Screwtape Letters* ainda era a obra mais conhecida de Lewis; por outro lado, o verbete também sugere, assim como Scott-James já havia considerado, que *The Allegory of Love: a Study in Medieval Tradition* [*Alegoria do amor: um estudo da tradição medieval*] também é digna de auspiciosos comentários, pois referem-se a ela como uma obra de grande erudição e originalidade e que muitos pensam ser sua maior obra³.

A relevância da presente pesquisa justifica-se pelo fato de Lewis ainda ser uma notável voz no mercado editorial, uma vez que biografias e suas obras, mesmo depois de 54 anos de sua morte, continuam a ser reeditadas e republicadas com novas traduções em vários países (MACSWAIN, 2015, p. 1), inclusive no Brasil⁴. Logo, tal legado reverberou

² “(...) author of *The Screwtape Letters*, achieved worldwide fame for books on Christian apologetics and other subjects” (Encyclopaedia Britannica, 1972, p. 1007).

³ “[...] a work of great scholarship and originality; many think it was his greatest” (Encyclopaedia Britannica, 1972, p. 1007).

⁴ As editoras brasileiras que atualmente têm as obras de ou sobre C. S. Lewis e sua biografia em seus catálogos, excluindo os títulos esgotados, são:

WMF Martins Fontes, que apresenta pelo menos oito títulos, a saber: *As crônicas de Nárnia* (volume único e em volumes separados que somariam cinco títulos - posto que dois deles encontram-se esgotados); *A abolição do homem*; *Além do planeta silencioso*; *Perelandra*; *Cartas de um diabo a seu aprendiz*; *Os quatro amores*; *Uma força medonha*; *Cristianismo puro e simples*. Cf. <http://wmfmartinsfontes.com.br/busca/q:C.+S.+Lewis/loja_acessada:wmf/ordenador:lancamento/precode:0/precoate:99999999/pg:2> Acesso em 6 fev. 2017.

A editora Vida, que apresenta uma biografia de C. S. Lewis (*C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos*, de David Downing), somada a três títulos do próprio autor, a saber: *Milagres*; *Oração*; *Cartas a Malcolm* e *O problema do sofrimento*. Cf.

<<http://www.editoravida.com.br/busca.asp?pesquisar=C.+S.+Lewis&onde=Todos&x=0&y=0>> Acesso em 6 fev. 2017.

A editora Mundo Cristão tem uma biografia sobre C. S. Lewis, intitulada *C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*, de Alister McGrath. Cf. <<http://www.mundocristao.com.br/Vitrine/UserInterface/Busca.aspx?tipoBusca=Tudo&idBusca=0&pesquisa=C.%20S.%20Lewis>> Acesso em 6 fev. 2017.

A editora Planeta apresenta uma obra do próprio autor intitulada *A torre negra*; além disso, a editora Pórtico que está associada à Planeta, também tem uma obra de Alister McGrath, intitulada *Conversando com C. S. Lewis*. Cf. <<http://www.planetadelivros.com.br/aa-torre-negra-livro-223088.html>> Acesso em 6 fev. 2017.

A editora É Realizações apresenta duas obras do próprio autor: *A imagem descartada: para compreender a visão medieval do mundo* e *Alegoria do amor: um estudo da tradição medieval*. Cf.

e continua a reverberar em públicos distintos, suscitando-nos algumas questões das quais a principal que este texto se ocupa é como a obra de C. S. Lewis, mormente *The Screwtape Letters*⁵, foi recebida no Brasil levando-se em consideração seus leitores e leituras, definindo a proposta de leitores a partir das edições dessa obra em nosso solo pátrio, por meio de análise comparativa tanto editoriais quanto paratextuais entre estas e suas publicações originais e pesquisa em perfis do site de relacionamentos *Skoob*. A partir disso, concebem-se também outras indagações corolárias a estas, tais como: qual era o público – à luz da materialidade das edições brasileiras e seus respectivos paratextos –; quais editoras trouxeram-na à lume no Brasil; quem a traduziu; como foi apresentada ao público nacional; qual foi o itinerário de sua chegada ao Brasil; quais reverberações tal obra provocou de maneira concreta em outros textos, que atenção sua presença editorial despertou na mídia impressa; por que foram introduzidas, em primeiro lugar obras teológicas, depois ficcionais e, mais recentemente, as de conteúdo acadêmico voltado à crítica literária.

Embora o autor seja um *best-seller* em vários países, sobretudo os de matriz anglo saxônica (MACSWAIN, 2015, p. 1) e tenha conquistado considerável atenção sobretudo em períodos de lançamento de adaptações cinematográficas, ele ainda tem sido timidamente discutido academicamente no Brasil (GREGGERSEN, 2016, p. 5; SANTOS, 2010, p. 12). Tal condição não ocorre apenas entre nós posto que John V. Fleming assevera, tendo como referencial o público leitor dos países de língua inglesa, que o saber acadêmico e a crítica de C. S. Lewis são pouco conhecidos entre a maior parte do seu público leitor, e totalmente desconhecidos a outros (FLEMING, 2015, p. 19). Por

<<http://www.erealizacoes.com.br/produto/a-imagem-descartada---para-compreender-a-visao-medieval-do-mundo>> Acesso em 6 fev. 2017.

A editora UNESP apresenta o título do próprio autor: *Um experimento na crítica literária*. Cf. <<http://editora.unesp.br/>> Acesso em 6 fev. 2017.

A Factash Editora apresenta uma obra do autor Enio Starosky, cujo título é *Amor e educação em C. S. Lewis e Josef Pieper* (STAROSKY, Enio. *Amor e educação em C. S. Lewis e Josef Pieper*. – São Paulo: Factash Editora, 2015.)

A editora Prismas apresenta o título *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa e a Bíblia*, da autora Gabriele Greggersen. Cf.

<<http://www.editoraprimas.com.br/Default.asp?Menu=Produtos&Act=Busca&BTexto=Gabriele+Greggersen&Departamentos=&image.x=0&image.y=0>> Acesso em 10 fev. 2017.

A editora Ultimato apresenta a obra de C. S. Lewis *Até que tenhamos rostos*, publicado em 2017, juntamente com outros títulos do autor publicados há mais tempo como *Lendo os salmos* e *Surpreendidos pela alegria*, bem como devocionários como *Leituras diárias das crônicas de Nárnia* e *Um ano com C. S. Lewis*. Cf. <<http://www.ultimato.com.br/loja/catalogo/busca/c.+s.+lewis>> Acesso em 12 nov. 2017.

⁵ Texto originalmente publicado em fascículos pela revista eclesiástica da Igreja da Inglaterra – que deixou de ser veiculada em 1951 – entre o período de maio a novembro de 1941 e publicado em livro, em Londres, em 1942, em Nova Iorque, em 1943, e no Brasil, em 1964, com o título *Cartas do Inferno*. Devido às várias traduções em nosso idioma vernáculo, optamos por manter seu título em inglês.

isso, levando-se em conta que “[C. S. Lewis] deve ser fundamentalmente estudado como uma personalidade literária em si, um escritor de ficção e fantasia, sátira, crítica, poesia e autobiografia – em poucas palavras, como um ‘homem de letras’ e não como um teólogo ou filósofo” (MACSWAIN, 2015, p. 9), esta pesquisa busca ser um diminuto tijolo na construção do entendimento da trajetória da recepção desse autor na América lusófona, delimitando sua abrangência em seu primeiro *best-seller*.

Constitui-se, portanto, como *objetivo geral* desta pesquisa, analisar a circulação do texto *The Screwtape Letters* e a gênese da sua recepção em nosso país, considerando sua continuidade de publicação editorial no período de décadas de maneira diacrônica, a fim de estabelecer um padrão de interpretação desse fenômeno à luz de referenciais que ancoram as práticas de leitura e de apropriação do texto – suas traduções – em voga no Brasil. Para tanto, fazem-se necessários os seguintes *objetivos específicos*:

- 1) Identificar quais foram as publicações de *The Screwtape Letters* no Brasil, no período de 1964 a 2009;
- 2) Realizar uma revisão bibliográfica acerca das edições brasileiras, cotejando-as entre si e entre a edição original britânica;
- 3) Analisar os paratextos editoriais (peritexto e epitexto) presentes nestas obras, verificando o quanto eles lançam luz sobre a existência de seus leitores;
- 4) Identificar como *The Screwtape Letters* foi referenciado no Brasil e se serviu como suporte para, de forma intertextual, influenciar a produção de outros textos;
- 5) Levantar informações tais como tiragem, público leitor, vendagem, resenhas, entre outros, acerca de algumas das editoras que publicaram o texto no Brasil.

1.2 Referencial Teórico

O tema desta pesquisa se insere nas áreas de História da Leitura e Práticas da Leitura, sendo seu recorte delimitado pela História da Leitura Protestante no Brasil, tendo como referenciais o pesquisador francês Roger Chartier, intelectual francófono, apontado como uma das mais prestigiadas e conhecidas vozes no desenvolvimento de pesquisas a partir da História Cultural (LEONEL, 2009, p. 312). Assim sendo, pelo fato de ao longo

das últimas décadas, Chartier ter apresentado como principais objetos de estudo a história do livro, a história da leitura e o impacto de novas mídias no ato da leitura (LEONEL, 2010, p. 20). Sua notória produção intelectual confere-lhe autoridade a respeito do assunto abordado nesta dissertação, sobretudo, levando-se em conta que, para ele, “[...] a compreensão de que a história dos livros e da leitura requer que se focalize atentamente a tensão entre o poder do livro sobre o leitor e a liberdade e inventividade deste último na produção de sentido no contato com os textos” (VILLALTA, 1999, p. 13).

Destarte, vários de seus textos serão de grande valia na construção deste trabalho. Destacamos, como exemplo, seu artigo, publicado no terceiro volume da coleção História da Vida Privada, organizado por ele mesmo e por Philippe Ariès, onde Chartier aborda a privatização das práticas de leitura como “uma das principais evoluções culturais da modernidade” (1991, p. 126), passando assim, logo após analisar “as práticas da escrita” que intitulam seu artigo, a identificar as condições que possibilitam as práticas de leitura. O autor francês também aborda outros aspectos da leitura como a interferência do próprio autor, de livreiros-editores, de comentadores, censores que tentam controlar a produção do sentido dos textos (1999a, p. 7), submetendo-os, desse modo, a protocolos presentes em uma leitura conduzida por esses profissionais que prescrevem determinados sentidos ao texto. Entretanto, a despeito dessa ordem, os leitores têm assegurada sua liberdade interpretativa. Tal concepção, ademais, coaduna-se com o que o estudioso francês propusera em seu texto *Leituras e leitores na França do Antigo Regime* (2004), onde ele assevera que o livro “[...] é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes” (p. 173). Desse modo, segundo Chartier, “a leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade” (p. 173). Sendo assim, levaremos em conta o que o autor postula a respeito do que vem a ser uma história das leituras e dos leitores, considerando-a como “a da historicidade dos modos de utilização, da compreensão, e de apropriação dos textos” (CHARTIER, 1998, p. 7).

Além do historiador francês, apoiar-nos-emos no pensamento de Robert Darnton. O intelectual nova iorquino, pesquisador da história dos livros, debruçou-se sobre uma verdadeira arqueologia e reconstrução de um mundo que se desintegrou no século XVIII, em pleno período do que é conhecido como Iluminismo (Cf. DARNTON, 1987, p. 7).

Respostas a questões intrincadas a exemplo de como os escritores tentavam fazer carreira na república das letras; se a condição socioeconômica influía em seus escritos; como operavam editores e livreiros; afetariam os métodos destes de forma significativa o custo do livro; o que era essa literatura; quem a lia e como era lida (Cf. DARNTON, 1987, p. 10-11) podem, a maioria delas, lançar luz sobre uma pesquisa em torno da recepção da obra lewisiana no Brasil. Ademais, a atenção de Darnton, como a de seu colega francês também recai menos sobre o autor em si e mais sobre os profissionais do livro que “exercem funções que vão muito além de manufaturar e difundir um produto” (DARNTON, 2010a, p. 16), posto que, no discurso dele,

[...] editores são guardiões de portais responsáveis por controlar o fluxo do conhecimento. Da variedade sem limites de material suscetível de ser tornado público, selecionam o que, acreditam, irá vender ou deve ser vendido, conforme suas habilidades profissionais e convicções pessoais” (DARNTON, 2010a, p. 16).

Destarte, a partir da observação que ele fez sobre o mercado editorial, por meio de pesquisas que remontam o *Ancien Régimen* na França e sua compreensão de que os livros estiveram nos bastidores de mudanças sociais significativas como a Revolução Francesa do séc. XVIII (Cf. DARNTON, 1987, p. 11), aliados às reflexões sobre leitores comuns rousseauistas às vésperas da Revolução na França (Cf. CHARTIER, 2011, p. 143), poderemos melhor entender o mercado editorial e seu público implicado que subjaz nos arredores das publicações de *The Screwtape Letters* no Brasil.

O livro *Paratextos editoriais* (2009) do escritor francês Gérard Genette será o sustentáculo para a análise dos paratextos editoriais em diferentes traduções não somente da principal obra em análise nesse trabalho, mas também em outros textos. Levando-se em consideração, como assevera Genette, que “a obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheio de significação” (2009, p. 9). Tal texto, conforme definido pelo pesquisador francês, não se apresenta sem acompanhamento seja ele verbal ou não, tais como

[...] um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele [do

texto], mas que em todo o caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo* presente, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma pelo menos hoje de um livro (2009, p. 9).

A esse acompanhamento Genette intitula paratexto, termo que, por ser recente, raramente é encontrado em dicionários específicos disponíveis em português como o *Dicionário de termos literários* (MOISÉS, 2013) e o *Dicionário de linguística* (DUBOIS ... [et.al.], 2014), para citar alguns. Não obstante, o pesquisador francês Chartier, além de referenciá-lo, problematiza-o e o aplica em suas análises (2014, p. 236-257).

De acordo com Genette, há duas classes de elementos paratextuais: o peritexto e o epitexto. O primeiro é entendido como tudo aquilo que está sob responsabilidade do editor e, de forme diminuta, do impressor, a saber: título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas ilustrações; bem como a capa, a página de rosto e seus anexos, bem como a escolha do formato, do papel, da composição tipográfica, entre outros (Cf. GENETTE, 2009, p. 21; CHARTIER, 2014, p. 235). Já o segundo é “todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente limitado” (GENETTE, 2009, p. 303), ou seja, correspondência, diários e revistas, entrevistas, entre outros (Cf. CHARTIER, 2014, p. 235). Tais concepções paratextuais nos auxiliam no desenvolvimento desse trabalho, posto que analisamos paratextos editoriais das quatro traduções de *The Screwtape Letters* que circulam ou circularam no Brasil, bem como os textos que foram lançados concomitantemente junto a ele em nosso país em 1964: *A razão do cristianismo* e *Palestras que impressionam*.

O pesquisador britânico Laurence Hallowell é de fundamental importância nesse trabalho, posto que nos lança as bases para entendermos o mercado editorial brasileiro – e, por vezes, a ausência dele – de maneira diacrônica, desde a chegada dos lusitanos no início do século XVI. A obra *O livro no Brasil* no primeiro e terceiro volume nos auxiliam nessa compreensão.

Afora os pesquisadores estrangeiros, ancoramo-nos também em produções de pesquisadores nacionais, das quais destacamos os autores Antônio Cândido, Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Márcia Abreu. O primeiro, por meio de seu conceito de sistema literário formado pelos elementos “[...] que são também os três momentos

indissolúvelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como autor, obra, público” (2000, p. 21). Já as pesquisadoras Lajolo e Zilberman, à partir de obras escritas em parceria e outros pesquisadores também extremamente relevantes e têm se preocupado em analisar assuntos nos quais o tema dessa pesquisa está circunscrito. Na obra *A leitura rarefeita: leitura e livros no Brasil* (2002), as professoras traçam um panorama da gênese da presença do livro em nosso país, retomando textos que recuam ao contexto da conquista lusitana de nosso território – Pero Vaz de Caminha, Hans Staden, Jean de Lery, Pero de Magalhães de Gandavo, Manuel da Nóbrega e José de Anchieta –, passando por autores árcades e românticos até chegar aos realistas do século XIX, num período em que o sistema literário brasileiro já demonstrava razoáveis condições de funcionamento, por conta da presença de autores que produziam obras que eram materializadas em livros, por uma incipiente indústria editorial e, assim, chegavam a um raro público que pertencia a um determinado estrato social que tinha condições de, primeiramente ser alfabetizado e ter condições para consumir o produto desse processo: o livro. Ademais, em outros trabalhos, as professoras abordam outros assuntos tais como a formação da leitura no Brasil, onde há o reconhecimento da ainda não sólida prática de leitura exercida em nosso país, por conta sobretudo da inconsistência das instituições culturais e pedagógicas cujas principais obrigações estão a difusão dessas práticas e também da incompetência e omissão secular das autoridades públicas que gerem o Estado (Cf. LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 10). Elas também dissertam a respeito da construção do leitor brasileiro. Ao fazer uma análise diacrônica do desenvolvimento dessa importante personagem dentro do sistema literário, elas apontam que apenas por volta de 1840, o Brasil, especificamente o Rio de Janeiro como sede da corte do então Brasil Império,

[...] passa a exhibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 18).

Outrossim, as pesquisadoras desbastam o assunto até então pouco apreciado por especialistas acerca das leis e números por trás das letras. Dignamente elas nos mostram a progressão gradual da condição do escritor dependente de um mecenas, amante da arte que o sustente única e exclusivamente por conta de seu talento artístico à condição de um profissional de letras, proprietário dos direitos advindos de sua criação, posto que “é sua condição de propriedade, isto é, bem mensurável em dinheiro, que caracteriza de forma mais radical a desejada dimensão concreta da obra de arte” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 19). Depois de analisar documentos da época como contratos e recibos; interceptar correspondências entre autores e editores nos séculos XIX e XX; reconstituir arqueologicamente o contexto vital do surgimento de associações de escritores – dentre as quais fulgura a Academia Brasileira de Letras –; ademais, levando em conta a complexa engrenagem social e laboriosa que envolve a produção de um livro, elas asseveram que “o livro tem um preço, qual seja, o valor de troca que detém no mercado. Resultado da de força de trabalho e de aplicações financeiras, ele deve propiciar ganhos a todos os que participam de sua produção e circulação” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 160). O modelo de análise que as professoras lançam mão nesse trabalho especificamente projetam luz sobre questões de ordem legal e numérica que nos serão úteis na redação dessa pesquisa.

Por fim, entre os brasileiros, a pesquisadora Márcia Abreu será nosso último grande bastião. Há tempos ela dedica-se ao estudo da leitura no Brasil contemporâneo, por isso recorreremos em vários momentos ao seu livro *Os caminhos dos livros* (2003) que nos mostram um panorama do percurso dos livros no Brasil, sobretudo a partir da chegada da família real em nosso país em 1808. Em sua obra *Cultura letrada: literatura e leitura*, ela trabalha os conceitos de literatura hierarquizada, de onde entende-se que há uma *Grande Literatura*. Ela discorda radicalmente do conceito de literatura baseado no que segue:

“[...] por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto de textos em circulação. Os critérios de seleção, segundo boa parte dos críticos, é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como prestígio do autor ou da editora que o publica por exemplo” (ABREU, 2006, p. 39).

Ao contrário, ela propõe que a condição de uma obra ser considerada Grande Literatura implica em “[...] ser declarada literária pelas chamadas ‘instâncias de legitimação’. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias, etc” (ABREU, 2006, p. 40). Portanto, se como propõe Márcia Abreu, “[...] a literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, [e] critério críticos em vigor” (ABREU, 2006, p. 41), podemos tranquilamente considerar *The Screwtape Letters* uma obra literária.

Além dos autores supracitados, faremos uso também de textos que abordam, quer seja por testemunho de experiência, quer seja por pesquisa, a materialidade do livro, sua estética e sua inserção no mercado editorial. Para tanto, lançamos mão do texto do tipógrafo alemão Jan Tschilchold, *A forma do livro* (2007), a fim de entendermos melhor a composição física do livro. Também, utilizaremos como referência uma obra de John B. Thompson, intitulada *Mercadores de Cultura* (2013), onde o autor analisa o mundo de publicações comerciais, mormente com o recorte em torno das linhas principais de ficção e de não ficção adultas no contexto das publicações comerciais de língua inglesa, delimitado ao mercado britânico e estadunidense, por serem os maiores neste importante idioma. Alguns textos como *As Estruturas Narrativas* (2008) e *As categorias da narrativa literária* (1971) de Tzvetan Todorov, juntamente com *Introdução à análise do romance* (2004) de Yves Reuter também nos serão úteis para uma análise mais adensada da narratividade do texto que se nos apresenta. No momento em que discutimos alguns aspectos demonológicos, fazemos uso também de textos como *O diabo revelado* (2013) de Laurence Gardner e *Satanismo e demonologia: o dicionário do diabo* (1989) de Jean Stanislas Wier. Além dessa antologia citada, há mais de cem referências que contemplam autores nacionais e estrangeiros que compõem esta pesquisa.

1.3 Metodologia

Os procedimentos metodológicos e técnicos deste trabalho ancoraram-se nas modalidades de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A primeira por conta do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc.; a segunda, por conta de documentos no sentido amplo tais como

jornal, fotos, filmes, gravações e documentos legais (SEVERINO, 2007, p. 122-123); e a última por conta do contato com editoras que publicaram as traduções da obra no Brasil, bem como a utilização de sites e materiais provenientes da internet.

As fontes primárias são, de acordo com aquilo que Umberto Eco orienta que o sejam (2014, p. 50), as primeiras edições de *The Screwtape Letters* publicadas na Inglaterra (1942) e Estados Unidos (1943); bem como suas traduções em quatro diferentes editoras no Brasil, cujos títulos, embora baseiem-se no mesmo texto, diferem entre si⁶. As publicações são: *Cartas do inferno* (1964), publicado pela editora evangélica Vida Nova; *As cartas do Coisa-Ruim* (1982), publicado pela editora Edições Loyola; *Cartas do diabo ao seu aprendiz* (1996), publicado pela editora Vozes; e *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (2009); publicado pela editora secular WMF Martins Fontes.

Já como fontes secundárias serão elencadas resenhas de obras de Lewis em periódicos estrangeiros publicados nos anos 1940 e 1970 como as revistas norte-americanas *Theology today*; *Interpretation: a journal of Bible and Theology* e *The Review and Expositor*. Ainda em idioma anglo-saxônico, também recorreremos a biografias tais como *C. S. Lewis: Writer, Dreamer, and Mentor* (1998) de Adey Lionel e *A Biography* (2002) de Andrew Norman Wilson; outrossim, uma enciclopédia intitulada *The C. S. Lewis Reader's Encyclopedia* (1998), editada por Jeffrey D. Schultz e John G. West Jr. No idioma português faremos uso da biografia mais recente do escritor em tela escrita por Alistair McGrath, intitulada *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia* (2013), onde o autor tendo como fonte a publicação das correspondências de Lewis, organiza um rico texto, que, embora não seja original, sistematiza preciosas informações do autor irlandês. Por fim, faremos amplo uso da obra *C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia* (2015), organizado por Robert MacSwain e Michael Ward, tal texto trata-se de uma coletânea de artigos escrita por um grupo internacional de estudiosos oriundos de prestigiadas universidades anglo saxônicas – Oxford, Cambridge, Princeton, Wheaton, entre outras – cujo objetivo é analisar a obra de Lewis a partir de várias perspectivas: teológica, filosófica e literária.

⁶ Há uma nova tradução de *The Screwtape Letters* feita pela professora Gabriele Greggersen e publicada pela editora Thomas Nelson, em 2017. Contudo, tal texto não será aqui analisado pelo motivo de não pertencer à delimitação temporal deste texto (1964 – 2014) e por ter sido lançada semanas antes da entrega desta pesquisa.

1.4 Esboço da pesquisa

Após a introdução, no primeiro capítulo é apresentada uma sucinta biografia do autor e são tratadas questões como o gênero textual de *The Screwtape Letters*. Abordamos o caráter multifacetado de C. S. Lewis no Brasil como apologista da fé cristã, autor de textos ficcionais e crítico literário. Fazemos uma revisão bibliográfica, trazendo à lume trabalhos acadêmicos sobre o autor, resultados de pesquisas em algumas universidades brasileiras no último decênio, tendo como foco sobretudo a obra em análise nesta pesquisa. Além disso, apresentamos uma análise da estrutura narrativa do romance epistolar em questão, à luz de textos de Tzvetan Todorov e Yves Reuter. Outros aspectos que tiveram influência na composição da obra também são abordados tais como o anglicanismo do autor, a demonologia presente na obra e o cotejo com outros personagens demoníacos da literatura ocidental.

No segundo capítulo, apresentamos uma sucinta história do mercado editorial no Brasil; situamo-nos diacronicamente ante à sua evolução e desafios. Mostramos também o período em que a cultura francófona perdeu espaço para a anglófona e como livros traduzidos foram implementados em nosso país. Analisamos a recepção da obra no Brasil, tendo como partida a tradução da editora Vida Nova de 1964, *Cartas do Inferno*, depois analisaremos outras publicações de outras editoras, por meio de seus paratextos editoriais, respondendo a questões tais como: quem, quando, quantos e onde se deu a publicação dessas traduções.

O terceiro capítulo apresenta a atualidade da leitura da obra de C. S. Lewis em nosso país. São referenciados autores estrangeiros que têm sido influenciados por seus escritos. São também mencionadas várias matérias publicadas na mídia nacional sobre as obras do autor britânico e resenhadas algumas das narrativas mais recentes publicadas em solo nacional. Também são mostrados discursos de leitores reais, por meio de um site de relacionamento denominado *Skoob*, de onde são analisadas dezenas de resenhas postadas nesse em três títulos que convergem no texto original inglês. Os números aferidos são comentados, comparados e organizados em gráficos e tabelas, a fim de nos mostrar indícios de quem lê o autor de maneira geral e *The Screwtape Letters* de maneira específica no Brasil em nossos dias. Por fim, apresentamos três autores nacionais, cujos

textos foram influenciados diretamente pela obra, nos dando uma noção de eco de *The Screwtape Letters* em nossa própria produção intelectual.

CAPÍTULO I

THE SCREWTAPE LETTERS: AUTORIA, CONTEXTO E MENSAGEM

2.1 Quem é C. S. Lewis: sucinta biografia

Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, nasceu em 29 de novembro de 1898, em Belfast, Irlanda do Norte, território britânico. Embora tenha lá nascido, seu pai, Albert, era natural do País de Gales e sua mãe, Florence (ou Flora) da Escócia. Albert Lewis estudou num pensionato na Inglaterra, onde teve aulas particulares com o professor William Thompson Kirkpatrick, o “Great Knock”, e tornou-se advogado, exercendo tal atividade profissional em Belfast. Florence Hamilton (nome de solteira da mãe do autor irlandês) frequentou o *Queen’s College*, na mesma cidade, onde venceu prêmios de lógica e matemática. A respeito da origem de seus pais, Lewis diria em sua autobiografia:

As duas famílias que me geraram tinham temperamentos tão diferentes quanto suas origens. A família de meu pai era genuinamente galesa – gente sentimental, passional e falante, que facilmente se inclinava tanto à fúria quanto à ternura; homens que riam e choravam muito, e que não tinham lá muito talento para a felicidade. Os Hamilton eram uma raça mais fria. Tinham a mentalidade crítica e irônica, e grande talento para a felicidade – iam direta até ela, como viajantes experientes acham logo o melhor assento no trem (LEWIS, 2015b, p. 12).

A prosperidade da cidade de Belfast no início do século XX embalara o avanço socioeconômico dos Lewis, por isso, em 1905 eles mudaram-se para uma casa maior e mais confortável que ficou conhecida informalmente como *Little Lea*. Esse lugar exerceu grande influência sobre o futuro escritor de sucesso internacional, pois ele a descreveu da seguinte maneira:

A Casa Nova é praticamente um personagem de relevo na minha história. Sou um produto de longos corredores, cômodos vazios e banhados de sol, silêncios no piso superior, sótãos explorados em solidão, ruídos distantes de caixas d’água e tubos murmurantes, e o barulho do vento sob as telhas – além disso, de livros infindáveis. Meu pai comprava todos os livros que lia e jamais se livrou de nenhum deles. Havia livros no escritório, livros na sala de estar, livros no guarda-roupa, livros (duas fileiras) na grande estante

ao pé da escada, livros num dos quartos, livros empilhados até a altura do meu ombro no sótão da caixa d'água, livros de todos os tipos, que refletiam cada efêmero estágio dos interesses dos meus pais - legíveis ou não, uns apropriados para crianças e outros absolutamente não.

Nada me era proibido (LEWIS, 2015b, p. 17).

Lá, C. S Lewis juntamente com seu mais velho irmão, Warnie, escreveu e ilustrou suas primeiras histórias. No entanto, fora ali que aos 9 anos ele teve a grande experiência trágica de sua vida: a morte de sua mãe. Sobre o falecimento de sua mãe ele escreveu o seguinte:

Com a morte de minha mãe, toda a felicidade serena, tudo o que era tranquilo e confiável, desapareceu da minha vida. Estavam por vir muita diversão, muitos prazeres, muitas punhaladas da Alegria; mas nada da velha segurança. Agora tudo era mar e ilhas; o grande continente afundou como Atlântida (LEWIS, 2015b, p. 26).

Depois da morte de Flora, Albert Lewis decidiu enviar seus filhos a um internato na Inglaterra. A primeira instituição escolhida foi Wynyard House, em Watford, que era gerida pelo Rev. Robert Capron. Por conta das privações de toda sorte que lá sofreu adicionadas à truculência do clérigo diretor, em sua autobiografia o autor britânico referiu-se à instituição de ensino com o epíteto de Belsen, numa alusão ao que seria o famigerado campo de concentração nazista. Há em seu texto autobiográfico uma extensa referência ao período que estudou nessa instituição. Ali ficou aproximadamente dois anos – setembro de 1908 a junho de 1910 –, pois a escola fora fechada quando o diretor foi declarado louco (MCGRATH, 2013, p. 47). Com o fechamento da escola, Lewis foi provisoriamente – durante os meses finais de 1910 – transferido para o Campbell College a apenas uma milha de *Little Lea*.

Posteriormente foi enviado a Cherbourg School, na estância termal inglesa vitoriana de Great Malvern, onde ficou no período de janeiro de 1911 a junho de 1913. Nessa escola, Lewis reconhece que seus estudos haviam começado de verdade e assim, depois de más impressões e experiências com a Inglaterra, ele se pacificara em relação àquele país (LEWIS, 2015b, p. 59). Mas, além de seus estudos formais, nesse lugar Lewis também foi fortemente influenciado por uma funcionária chamada, a Srta. Cowie, que se tornou uma mãe substituta para ele. Tal proximidade exerceu influência sobre a fé do então jovem Lewis pois “[...] em plena adolescência (...), abandonou o cristianismo e passou a subscrever o ateísmo. Mesmo sendo neto de pastor e criado nos rigores da fé

cristã pelos seus pais...” (STAROSKY, 2015, p. 30). Cowie, por sua vez, apresentava crenças confusas que flertavam com o esoterismo e religiões orientais⁷. De acordo com o pesquisador David Downing, no início dos anos 1930, o próprio autor teria escrito um texto, onde confessaria seu fascínio pelo materialismo e espiritualismo (Cf. DOWNING, 2006, p. 109, 110). É importante levantar tais questões pois, como veremos adiante, o aspecto pessoal do desenvolvimento de suas práticas religiosas será determinante para a sua formação enquanto autor.

A última escola que Lewis frequentou foi a Malvern College, onde ficou entre setembro de 1913 a junho de 1914. É notável que ele tenha dedicado cerca de 40 páginas – de acordo com a última edição do livro em português do ano de 2015 - a sua passagem por essa instituição. De acordo com McGrath, “Lewis apresenta o Malvern College como um desastre” (2013, p. 51). O motivo de tal incômodo deve-se ao fato de que naquela instituição o *Bullying* ter sido uma prática comum entre os alunos, ao ponto de incluir favores sexuais (MCGRATH, 2013, p. 51). Albert Lewis, ao perceber a infelicidade do filho, tirou-o daquela escola e contratou o professor William Thompson Kirkpatrick, seu antigo orientador em Lurgan College, na condição de preceptor de seu filho e enviou Lewis para Great Bookham, na residência do “Great Knock” nesse estágio final de sua formação pubescente.

Kirkpatrick redimiou a educação formal do jovem Lewis, orientando-o em alemão, francês, italiano, latim e grego clássico (DURIEZ, 2005, p. 167). Este, por sua vez, reconhecia que os dias rotineiros passados na companhia do casal de tutores – pois a esposa de Kirkpatrick também lhe ensinava línguas – tornaram-se arquétipos de dias desejáveis ao longo de sua vida. Sobre isso ele escreveu em sua autobiografia o seguinte:

Assim estabelecemos uma rotina que desde então funcionou na minha mente como um arquétipo, de forma que, quando falo num dia ‘normal’ (lamentando que os dias normais sejam tão raros), quero dizer ainda um dia segundo o modelo de Bookham. Pois, se pudesse me dar esse prazer, viveria sempre como vivi ali (LEWIS, 2015b, p. 129).

No período em que ele estudou em Great Bookham eclodiu a Primeira Guerra Mundial e, depois de algum tempo de conflito, a esperança que Lewis acalentara de que

⁷ “He rejected Christianity, a process made somewhat easier by conversations he had had with motherly Miss Cowie, who seems to have held a (possibility confused) belief in some esoteric, oriental religion, which was either not clearly formulated or not clearly communicated. Any belief that Jack had in Christianity was further diminished”. (SCHULTZ; WEST JR., 1998, p. 20)

a animosidade entre os envolvidos se resolvesse antes de ele completar dezoito anos foi malograda. C. S. Lewis chegou no cenário de guerra no noroeste da França no dia em que completava dezenove anos (LEWIS, 2015b, p. 168); desse modo, foi testemunha de um dos momentos mais tenebrosos da existência humana, pois até então jamais houvera conflito tão mortífero como aquele. Lewis, involuntariamente, juntou-se a um grupo de autores como Ernest Hemingway, Aghata Christie, J. R. R. Tolkien e outros que testemunharam os horrores daquele conflito bélico⁸. Não obstante, em *Surpreendido pela Alegria*, o autor irlandês não dedicou muita tinta ao acontecimento, nessa obra, a respeito de sua experiência, ele registrou o seguinte:

Sobre a guerra em si – já tantas vezes descrita por gente que presenciou mais dela que eu – devo falar pouco aqui. [...] Mas quanto ao resto, a guerra – os sustos, o frio, o cheiro dos explosivos, os homens horrendamente mutilados se movendo como besouros meio esmagados, os cadáveres sentados ou de pé, a paisagem de terra arrasada, sem uma folha sequer de capim, as botas calçadas dia e noite até parecerem andar sozinhas – tudo isso me surge em imagens raras e desbotadas na lembrança (LEWIS, 2015b, p. 174).

Ainda que não tenha sido ávido em relatar suas experiências de trincheira, no período em que serviu o exército britânico um acontecimento marcou profundamente o resto de sua vida: a amizade travada com Paddy Moore. A relação entre os dois foi tão intensa que a promessa feita entre ambos era de que, caso um deles morresse em meio ao conflito, o sobrevivente deveria ficar responsável pelo sustento da família do falecido. Com o falecimento do amigo, C. S. Lewis cumpriu cabalmente sua promessa e cuidou de sua mãe Sra. Janie King Askins Moore e de sua irmã, Maureen Moore, até o casamento da última e falecimento da primeira (DURIEZ, 2005, p. 168). Isso lhe trouxe muitos embaraços, pois, se para ele tornou-se um assunto de estrondoso silêncio, posto que não há qualquer menção às duas em suas obras, à medida em que foi conquistando notoriedade, os curiosos sobre sua intimidade viam no assunto matéria para maledicência e especulações.

⁸ O jornal O Estado de São Paulo em 28 de julho de 2014 publicou uma matéria cujo título era *A Primeira Guerra Mundial, os escritores que lutaram e como a experiência no front definiu suas obras*, assinado por Maria Fernanda Rodrigues, onde aparece uma referência a C. S. Lewis, que o inclui meritoriamente à geração de escritores que fizeram parte ativamente dessa deflagração bélica do começo do século passado. A matéria está disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/a-primeira-guerra-mundial-os-escritores-que-lutaram-e-como-a-experiencia-no-front-definiu-suas-obras/>> acesso em 4 jul. 2016.

Com o fim da guerra, Lewis retoma seus estudos e vai a Oxford onde estuda História e Literatura. Depois de várias tentativas, ele é aceito como professor de Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College, em Oxford. Sua nomeação foi noticiada pela Times de Londres em 22 de maio (MCGRATH, 2013, p. 131). Embora já tivesse dado aulas em seu período de formação, a partir de então ele iniciou formalmente sua carreira docente em uma renomada instituição de ensino superior. Juntamente com a carreira acadêmica, Lewis teve a oportunidade de estreitar relações com outros eruditos que já haviam conquistado prestígio dentro e fora do mundo intelectual, dentre os quais John Ronald Reuel Tolkien, autor da laureada trilogia *O Senhor dos Anéis*, único homenageado na obra que nos propomos a analisar nesse trabalho e cuja amizade influenciaria grandemente no retorno de Lewis à fé cristã.

Em sua autobiografia, o escritor irlandês dedica as últimas páginas de suas memórias à narrativa de sua reconversão ou reencontro com o cristianismo. A respeito de sua experiência religiosa, ele relata em sua autobiografia:

O leitor precisa imaginar-me sozinho naquele quarto em Magdalen, noite após noite, sentindo – sempre que minha mente se desviava um instante que fosse do trabalho – a aproximação firme e implacável dele, aquele que com tanta determinação eu não desejava encontrar. Aquilo que eu temia tanto pairava afinal sobre mim. Cedi enfim no período letivo subsequente à Páscoa de 1929, admitindo que Deus era deus, e ajoelhei-me e orei: talvez, naquela noite, o mais deprimido e relutante converso de toda a Inglaterra. Não percebi então o que se revela hoje a coisa mais ofuscante e óbvia: a humildade divina que aceita um converso mesmo em tais circunstâncias (LEWIS, 2015b, p. 202).

A imersão de Lewis no universo do discurso religioso foi fundamental para a maturação de sua obra literária. A partir daí temos um cidadão que, como apontaremos mais detidamente, apresenta uma dupla cidadania temática, navegando ora pelas destemperadas águas da teologia, ora pelas águas melindrosas da fruição literária, por vezes fundindo ambas. McGrath, a respeito disso afirmou que

a conversão de Lewis à fé não apenas conferiu significado à sua leitura de textos literários; trouxe também motivação e suporte teórico a suas próprias criações literárias. O melhor exemplo disso é sua obra tardia *Till We Have Faces* (1956), mas esse aspecto também é evidente nas *crônicas de Nárnia*” (MCGRATH, 2013, p. 177).

Lewis deixou de lecionar em Oxford e, a partir de 4 de junho de 1954, assumiu a cátedra de Língua e Literatura Inglesa Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, no Magdalene College (MCGRATH, 2013, p. 396). Tornando-se um raro intelectual que teve experiência docente nas mais conhecidas e prestigiadas universidades britânicas. Depois de uma profícua e controversa carreira acadêmica, Lewis morreu no dia 22 de novembro de 1963, uma semana antes de completar 65 anos.

2.2 C. S. Lewis no Brasil: apologista, autor ficcional e crítico literário: um escritor multifacetado

Os primeiros textos de C. S. Lewis publicados no Brasil foram *Cartas do Inferno*, *A razão do cristianismo* e *Palestras que impressionam*, todas as obras publicadas pela mesma editora, Vida Nova, e no mesmo ano, 1964. O primeiro foi republicado no Brasil em diversos períodos com vários títulos. O segundo é a tradução em português de um dos textos mais conhecidos de Lewis, intitulado *Mere Christianity* (1952) que reuniu as quatro séries radiofônicas, proferidas entre maio de 1941 a abril de 1944 e atualmente é considerada a mais refinada obra de apologética de C. S. Lewis (MCGRATH, 2013, p. 226, 230). Já o último é a tradução de *Transposition and Other Address*, publicado em Londres, em 1949 (SCHULTZ; WEST JR., 1998, p. 409) e que continha o sermão mais conhecido de C. S. Lewis, *The Weight of Glory* [*Peso de glória*⁹] pregado pelo próprio autor em 8 de junho de 1941 na Igreja St. Mary The Virgin, da Universidade de Oxford (LEWIS, 2008, p. 22). Essas três obras são textos de discurso religioso e representam a primeira face do autor que o público brasileiro teve contato.

Outros textos de temática religiosa – como os publicados pela editora Mundo Cristão em 1984, numa série intitulada Coleção Pensadores Cristãos, que apresentava quatro traduções de livros de C. S. Lewis que eram: *O grande abismo*, *Milagres*, *O problema do sofrimento* e *Os quatro amores* – corroboraram para a construção da imagem do autor atrelada à fé cristã e, no Brasil mais especificamente, ao movimento evangélico.

É possível que o mercado editorial brasileiro tenha aderido anacronicamente à imagem construída nos Estados Unidos, onde ele era bem recebido como autor e

⁹ Publicado no Brasil sob o título *O peso de glória* – juntamente com outros textos, pela editora Vida, em 2008.

apologeta cristão. A edição número quatro da revista *Theology Today*, de janeiro de 1945, lança luz sobre a imagem do autor em meados dos anos 1940. Em sua seção denominada *Book Reviews*, apresentou um texto intitulado *The religious works of C. S. Lewis*. Nesse artigo, Edward D. Myers do Trinity College, apresenta C. S. Lewis e Dorothy Sayers como os mais populares teólogos do mundo anglo-saxônico de seu tempo, fazendo a ressalva de que o primeiro suplanta de longe a última em popularidade¹⁰. Embora reconheça a publicação de outras obras de Lewis que seriam dignas de serem referenciadas tais como *The allegory of love* e *The abolition of man* (1943), o crítico se propõe a apresentar sete delas, divididas em três categorias: a) alegorias (*The pilgrim's regress* (1933) e *The screwtape letters* (1942)); b) romances (*Out of the silent planet* (1938) e *Perelandra* (1943)); c) explicações honestas de problemas teológicos e morais (*The case for christianity*¹¹ (1942), *Christian behaviour*¹² (1943) e *The problem of pain* (1940)).

De acordo com o autor do texto, essas sete obras apresentam um propósito que é oferecer uma explicação à luz da interpretação cristã sobre o mundo, o homem e seu lugar no mundo. Tal objetivo pode ser entendido por todos e pode ser percebido por todos aplicarem-no diretamente em suas vidas pessoais, problemas que os pressionam e conduta¹³. Tal afirmação colocaria C. S. Lewis numa posição que transcenderia a própria condição de teólogo colocando-o numa função de grande iluminado ou líder espiritual daquela geração de audiência que ele alcançava, divididos entre leitores e ouvintes de seus programas radiofônicos. De acordo com Norman Geisler, ele é o apologista cristão mais influente do século XX “pelo fato de a maior parte de seu trabalho ter sido feito na

¹⁰ “It has been said that the two most popular theologians in the English-speaking world today are Dorothy Sayers and C. S. Lewis. (...) Of the two, Mr. Lewis is by far the more popular, for, in a counting of his audience, to the great number of those who read his books must be added the greater number of those who listened to his two series of broadcast talks” (MYERS, 1945, p. 545).

¹¹ O título dessa obra em inglês britânico é *The Broadcast talks*, publicado em 13 de julho de 1942 (MCGRATH, 2013, p. 395).

¹² Posteriormente essa obra fora publicada no corpo do texto *Mere Christianity*, em 1952, onde, no início do prefácio, C. S. Lewis traz essa informação de maneira clara no seguinte excerto: “The Contents of this book were first given on the air, and then published in three separate parts as *The Case for Christianity* (1943), *Christian Behaviour* (1943), and *Beyond Personality* (1945)” [Os conteúdos deste livro primeiramente foram ao ar e depois publicados em três partes separadas sob os títulos *The Case for Christianity* (1943), *Christian Behaviour* (1943), e *Beyond Personality* (1945), tradução nossa] (LEWIS, 1952, p. v).

¹³ “But all seven have one purpose: to give an account of the Christian interpretation of the world, of man, and of man’s place in the world, that may be understood by all and may be seen by all to apply directly to their own private, personal, pressing problems of thought and of conduct” (MYERS, 1945, p. 545).

mídia popular, inclusive em transmissões de rádio e por meio de histórias infantis” (GEISLER, 2002, p. 494).

Outra faceta da imagem de Lewis é a de autor ficcional. De acordo com seu biógrafo, Alister McGrath,

A partir de mais ou menos 1937, Lewis parece ter percebido que a imaginação é o porteiro da alma humana. Depois de inicialmente apenas gostar de ler livros de fantasia – tais como os romances de George MacDonald – Lewis começou a se dar conta de como a ficção poderia permitir a exploração do apelo imaginativo e intelectual de visões do mundo. Será que ele mesmo poderia tentar escrever obras desse gênero? (2013, p. 248).

A resposta à tal indagação é afirmativa. Lewis escreveu várias histórias de ficção¹⁴, dentre as quais, por razão de popularidade e alcance, além do texto que serve como base nessa pesquisa que oportunamente será analisado, destacamos duas sequências de textos: a *Trilogia Cósmica*, ou *Trilogia de Ransom*, ou *Trilogia do Resgate* (MCGRATH, 2013, p. 252, 265, 271) e *As Crônicas de Nárnia*.

A primeira sequência, publicada em 1978 no Brasil, pertence ao subgênero ficção científica e é formada pelos títulos *Out of The Silent Planet* [*Além do Planeta Silencioso*] (1938), *Perelandra*, título homônimo em português, (1943) e *That Hideous Strength* [*Uma força medonha*] (1945), cujo início se deu por conta de uma conversa entre C. S. Lewis e seu amigo íntimo J. R. R. Tolkien, na qual, segundo o próprio autor do aclamado texto *O Senhor dos Anéis*, Lewis lhe havia dito que, se ninguém fosse escrever o tipo de livros que eles queriam ler, eles mesmos deveriam fazê-lo (SHIPPEY, 2015, p. 297). Assim, ambos autores acordaram em escrever um thriller de viagem, como tentativa de encontrar um mito, um seria sobre viagens espaciais e o outro sobre viagens no tempo. Coube a Lewis escrever sobre o primeiro tema, que resultou no primeiro livro da trilogia, e a Tolkien, o segundo (SHIPPEY, 2015, p. 297).

No primeiro livro da trilogia de Ransom, C. S. Lewis recria o que conhecemos como cosmos medieval. Os demais planetas, com exceção do nosso que é conhecido como *Thulcandra* que é o Planeta Silencioso, são guiados por inteligências e não estão isolados

¹⁴ Entre 1933 e 1957, Lewis publicou sete obras de ficção para adultos e sete para crianças. Cf. ADEY, 1998, p. 107. (tradução nossa)

da cortesia e harmonia do Paraíso (DURIEZ, 2005, p. 40) tal como ocorre em seu planeta de origem, sobretudo por ter como inteligência tutelar o *eldil*, anjo torto, ou Satã. A personagem Dr. Elwin Ransom é sequestrada por dois humanos, Weston e Devine, e transportada por em uma nave espacial para o planeta vermelho (Marte), chamado Malacandra (GREGGERSEN, 2016, p. 9). Após escapar de seus algozes, Dr. Ransom tem contato com os habitantes daquele planeta que são retratados como seres civilizados e amistosos que são os *hrossa*, os *sorns* e os *pfifltrigg*. Em pouco tempo, por ter experiência em estudos de filologia em seu planeta, ele consegue decodificar o idioma desses seres (DURIEZ, 2005, p. 154). Ao invés de amedrontado, ele fica extasiado, pois, ao invés de escuridão e frio por ele esperados, o que encontra é cor e energia radiante nas quais ele se aquece (SHIPPEY, 2015, p. 301). Depois de um encontro com o espírito que mantém o equilíbrio entre os *hnau* em seu planeta, bem como o de todo “ecossistema”, chamado Oyarsa, Ransom retorna à terra, juntamente com seus sequestradores, tendo alguns *eldis*, espíritos locais, como protetores, caso seus sequestradores lhe intentassem algum mal (LEWIS, 2010, p. 195).

No segundo livro, ambientado no planeta Perelandra (Vênus), num mundo oceânico, que se assemelha à própria terra, antes da Queda de Adão, onde o Dr. Ransom para lá é enviado pelo divino comando a fim de repelir os ataques das forças do mal que agora possuem seu antigo colega e sequestrador, Edward Weston, que vai lá com a missão de tentar a Dama (*Green Lady* ou *The Mother*, equivalente a Eva bíblica em nosso mundo) com o estratagema satânico de lhe sugerir

[...] que talvez [...] ela poderia refletir sobre se Deus realmente não pretende, em seu coração, que ela demonstre independência, contrariando a vontade dele e simplesmente não aceitando o modo como ele quer que ela aja (SHIPPEY, 2015, p. 305).

Ransom chega à conclusão de que deve envolver-se em uma luta física mortal com seu antigo colega, Weston (DURIEZ, 2005, p. 154), agora caracterizado pelo próprio Ransom como Não-Homem (*Un-man*). Assim, o planeta Perelandra é liberto da possibilidade do mal, resistindo-o e a história atinge seu clímax na visão da grande dança do universo, onde se entrelaçam todos os padrões de vida do universo, tanto de humanos quanto de outras manifestações de vida.

O terceiro livro, *That Hideous Strength* [*Uma força medonha*] (1945), que traz em português o subtítulo *um conto de fadas moderno para adultos*, é a narrativa de maior fôlego da trilogia, com 556 páginas, de acordo com a última edição em português (2012). Nele, o Dr. Ransom filia-se a um instituto, chamado *Pendragron* que rivaliza com outro instituto cujo acrônimo em inglês é NICE (*National Institute for Co-ordinated Experiments*), que se dedica ao aperfeiçoamento humano, por meio da ciência, patrocinada pelo estado e secretamente controlada pelos demônios da Terra (SHIPPEY, 2015, p. 306). O conflito se estabelece por meio da tensão entre os dois institutos e o Dr. Ransom “consegue frustrar um plano de ataque contra a Terra, discutindo a ética na ciência” (GREGGERSEN, 2001, p. 24).

Na segunda sequência apresentamos *As Crônicas de Nárnia*. De longe a sequência de textos mais conhecida e estuada do autor – sobretudo a primeira a ser publicada *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (1950) –, essa série é composta por sete textos infanto-juvenis e ganhou fama mundial, antes e, principalmente, depois das adaptações cinematográficas de três delas, feitas pelos estúdios Walt Disney: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2005), *Príncipe Caspian* (2008) e *A viagem do Peregrino da Alvorada* (2010).

Alan Jacobs, professor de inglês na Wheaton College, considera que, se considerarmos as Crônicas como uma única história, teríamos a disputa por soberania como seu fio condutor, posto que a história diz respeito “ (...) a um rei não reconhecido, porém verdadeiro, e ao empenho de seus legalistas em recuperar ou proteger seu trono contra possíveis usurpadores” (JACOBS, 2015, p. 344). De acordo com McGrath, se as histórias forem lidas seguindo a ordem de suas publicações, teríamos *O leão, a feiticeira e o guarda-roupas* (1950) que trata do advento de um redentor, pois Aslam, o leão rei de Nárnia é apresentado como aquele que vem reclamar seu trono usurpado pela feiticeira Jadis. Depois, *O sobrinho do mago* (1955) que trata da narrativa da criação e queda de Nárnia e *A última batalha* (1956) que se refere ao fim da velha ordem e a chegada de uma nova criação. As demais histórias – *Príncipe Caspian* (1951), *A viagem do peregrino da alvorada* (1952), *O cavalo e seu menino* (1954) e *A cadeira de prata* (1953) – tratam dos períodos entre tais eventos (2013, p. 297).

Por fim, a última faceta de C. S. Lewis mostrada ao público brasileiro é a de crítico literário. É importante lembrar que não há necessariamente uma relação cronológica entre tais imagens, pois, antes mesmo de serem publicados os primeiros textos do autor no

Brasil, conforme já aludido, o primeiro texto a fazer referência a C. S. Lewis no Brasil foi anterior mesmo à sua morte. Trata-se de uma matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em sua edição de 13 de janeiro de 1962, na página 6, em seu suplemento literário, sob a assinatura do crítico Lívio Xavier, apresenta a resenha de um texto crítico que havia sido publicado no suplemento literário da revista *Times*, em 3 de novembro do ano anterior, 1961, intitulado *An Experiment in Criticism* (1961) [*Um experimento na crítica literária*, assim traduzido no Brasil e publicado pela editora UNESP]. Nesse texto, C. S. Lewis é identificado como “professor de Cambridge”. Ele estava sendo apresentado de acordo com a sua condição de docente em uma renomada universidade britânica, cargo que ocupou por conta de seu profundo conhecimento das literaturas medieval e renascentista (MACSWAIN; WARD, 2015, p. 1). Stephen Logan, professor da Universidade Cambridge, afirma que “(...) se a teoria literária for entendida como a prática da reflexão filosófica sobre a natureza e a função da literatura, ficará difícil pôr em dúvida de que Lewis deu sua contribuição à teoria literária” (LOGAN, 2015, p. 37).

No entanto, poucas obras de cunho acadêmico do autor foram publicadas no Brasil desde então. Mas, mais recentemente, vários textos voltados à crítica literária têm surgido no mercado editorial brasileiro, mostrando sua face de natureza mais acadêmica. No já citado *Um experimento na crítica literária*,

C. S. Lewis argumenta que a literatura existe para dar prazer aos leitores e que os livros, portanto, devem ser julgados pelo tipo de leitura que produzem. Uma boa leitura tem algo em comum com o amor, a ação moral e o desenvolvimento do conhecimento. Semelhantemente a essas três características, ela envolve a entrega, neste caso do leitor pela obra que estiver lendo (DURIEZ, 2005, p. 149).

Além deste, há ainda dois textos importantes que foram recentemente publicados em editora brasileira: *Alegoria do Amor: um estudo da tradição medieval* (2012) e *A imagem descartada: para compreender a visão medieval do mundo* (2015), ambos traduzidos por Gabriele Gregersen e publicados pela editora É Realizações. O primeiro texto, de 1936, trata-se da dissertação de mestrado de C. S. Lewis escrita para a universidade de Oxford, onde ele analisa a evolução da imagem da mulher na literatura britânica medieval e renascentista, em especial a de cordel (GREGGERSEN, 2016, p. 141). Alister McGrath assinala-o como a primeira obra importante que trata de sua atividade profissional (2013, p. 199) e, ao comentá-lo, afirma que seu foco é a ideia do

‘amor cortês’, onde Lewis o define como “amor de tipo muito especializado, cujas características podem ser enumeradas como humildade, cortesia, adultério e a religião do amor”¹⁵ (MCGRATH, 2013, p. 201). Sobre esse texto, ao atualizá-lo, o professor da universidade de Princeton John V. Fleming assevera que “poucos ainda acreditam, como o fez Lewis, que o amor cortês reflete uma verdadeira realidade social e uma importante mudança na história da consciência e dos sentimentos humanos” (FLEMING, 2015, p. 21).

Já no segundo, publicado postumamente, em 1964, era o resultado da junção dos cursos mais famosos ministrados por Lewis em Oxford, que foram duas palestras intituladas *Prolegômenos aos estudos medievais* e *Prolegômenos aos estudos da Renascença*. De acordo com McGrath, tais palestras exibiram a vasta leitura das fontes primárias, organizadas em termos acessíveis e interessantes (2013, p. 185). De acordo com John V. Fleming, nesse texto, Lewis antecipou-se ao que mais tarde os historiadores franceses chamariam de *l’histoire des mentalités*, ou seja, a instável história das estruturas mentais humanas. Posto que, “ (...) a ‘imagem’ que nós ‘descartamos’ é exatamente o entendimento pré-moderno da estrutura do universo com a Terra no centro, e com os seres humanos como a realidade central de uma Terra criada por Deus onipotente e imanente (FLEMING, 2015, p. 28). Seria esse universo e não o que significamos como o físico de infinitas galáxias que se vê refletido na literatura medieval e renascentista.

Embora não seja uma percepção engessada, pois há variação cronológica entre as edições, o que a análise não exaustiva dos textos anteriores nos mostra é um autor multifacetado que tem sua imagem construída a partir de vários gêneros literários e atua em várias esferas do conhecimento humano que, no Brasil tem sido recebido de forma cíclica e gradual, posto que há multiplicidade de temas e público para recebê-lo. Entendemos que o fato dele ter sido recebido como teólogo popular, depois como literato e mais recentemente como erudito evidencia uma mutação de público leitor, pois as próprias editoras que o publicam pertencem a diversas matizes da sociedade brasileira, posto que variam desde editoras universitárias (como a UNESP) e religiosas (Vida Nova e outras).

¹⁵ “(...) The sentiment, of course, is love, but love of a highly specialized sort, whose characteristics may be enumerated as Humility, Courtesy, Adultery, and the Religion of Love” (LEWIS, 1979, p. 2).

2.3 Revisão bibliográfica: o que tem sido publicado sobre C. S. Lewis e sua obra no contexto acadêmico brasileiro no último decênio

Pesquisadores de universidades brasileiras têm feito pesquisas sobre C. S. Lewis e sua obra. Embora o volume de tal tema seja pouco expressivo, selecionamos alguns trabalhos a respeito do assunto, a fim de observarmos como tal temática vem sendo abordada por alguns dos principais centros de pesquisa de nosso país. Por razão didática, apresentá-los-emos em ordem cronológica, utilizando o critério de trabalhos produzidos nos últimos dez anos.

O primeiro trabalho é do então mestrando pela Universidade de São Paulo (USP), Cristiano Camilo Lopes, de 2009. Ele escreveu uma dissertação intitulada *Da terra das sombras à terra dos sonhos: o espaço sagrado na literatura para crianças e jovens*. Logo na apresentação do trabalho, o pesquisador apresenta o objetivo da pesquisa que seria

[...] analisar a presença do sagrado na Literatura para crianças e jovens, evidenciado pela oralidade, em obras de Guimarães Rosa (Literatura Brasileira) e Mia Couto (Literatura Moçambicana), e pelo eterno retorno, em obras de C. S. Lewis (Literatura Inglesa) e Alexandre Jardin (Literatura Francesa). (LOPES, 2009, p. 14).

O autor se propõe a fazer o que promete lançando mão do método comparativista, o estudo de temas ou tematologia que tem como base a obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, dos autores Álvaro Manuel Machado e Daniel Henri Pageaux. O capítulo cinco de seu texto é dedicado à comparação entre a obra de C. S. Lewis *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *Cibermãe* de Alexandre Jardin. O mestrando analisa parte do enredo do conto de Lewis, bem como do conto de Jardin e enfoca a experiência das crianças protagonistas com o espaço do sagrado e a transformação que tal espaço lhes proporciona (p. 69). As referências aos textos de C. S. Lewis são poucas, pois além das *Crônicas de Nárnia*, que ele cita a antologia com todos os contos e *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* separados, o pesquisador cita *A experiência de ler* (2003), de uma editora portuguesa, e *O problema do sofrimento* (2006).

O segundo trabalho também é uma dissertação de mestrado apresentada em 2010, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), por João Marcos Lemos dos Santos, intitulada *Natureza e graça em O grande abismo de C. S. Lewis*. Nesta pesquisa, o autor

objetiva “examinar como essa obra apresenta as posições de Lewis sobre a natureza humana em todas as suas capacidades e limitações, e de que forma a graça divina age para com ela” (SANTOS, 2010, p. 11). Para tal análise, o pesquisador utiliza, como fundamentação teórica, o conceito de dialogismo, proposto por Mikhail Bakhtin e o de intertextualidade, definido por Julia Kristeva (2010, p. 14). O autor pressupõe que Lewis escreveu seus romances de maneira intertextual e, ao longo de seu texto, compara os escritos do escritor irlandês ao de outros autores anteriores a ele, entre tantos, mormente *A divina comédia* de Dante Alighieri e *Letters from Hell* de Valdemar Thisted. Por trabalhar como objeto central de análise uma obra de Lewis e compará-la com outros textos anteriores da tradição ocidental, o autor faz ampla referência à produção literária do autor irlandês, inclusive do próprio texto em análise nesta pesquisa, quando, na página 48, em uma nota de rodapé, ele aproxima *The Screwtape Letters* de Lewis e *Letters from Hell* de Thisted apontando similaridades em seus prefácios, pois ambos afirmam não ter intenção de revelar como correspondências infernais chegaram em suas mãos e também explicam “que não cabe a pessoas excessivamente preocupadas como ouvir do inferno aprender tal técnica” (SANTOS, 2010, p. 48). Contudo, o pesquisador aponta serem apenas essas semelhanças entre os textos. Há outras referências a *The Screwtape Letters* na pesquisa de Santos, como a área em que ele defende sua dissertação é de Ciências da Religião, a abordagem da obra lewisiana aponta para conceitos voltados à Teologia tais como noções soteriológicas, conceito de pecado e graça.

O terceiro trabalho trata-se de uma dissertação de mestrado intitulada *Da floresta ao guarda-roupa: The Lion, The Witch and The Wardrobe e o caminho para Faërie* apresentada por Mirane Campos Marques na Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus de São José do Rio Preto, no ano de 2011. Essa pesquisa, de acordo com a própria autora, se coloca como uma discussão de narrativas maravilhosas mais recentes em relação à noção de ‘histórias de fadas’ tal como cunhada por J. R. R. Tolkien (2006) em seu ensaio ‘sobre história de fadas’, desde um contraponto com o gênero conto de fadas (MARQUES, 2011, p. 13). Ela enfatiza que isso se dará por meio de um diálogo entre Tolkien e Lewis, por meio da leitura e melhor entendimento de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* do irlandês à luz da conceituação das histórias de fadas do autor da saga *O Senhor dos Anéis*. A pesquisadora parte do pressuposto de que o texto de Lewis pode ser entendido como uma história de fadas e, desse modo, ainda que fazendo ressalvas, argumenta em favor de seu ponto de vista, tentando encaixar a primeira das crônicas de

Nárnia à concepção de histórias de fadas de J. R. R. Tolkien, utilizando três elementos fundamentais: narrador, narrativa e leitor (2011, p. 63). A pesquisadora não aborda muitos outros textos de Lewis em sua pesquisa, pois circunscreve-a ao mundo feérico do texto escolhido para análise. Por isso, não há citações diretas de *The Screwtape Letters* em seu texto, apenas, além de *As Crônicas de Nárnia* tanto em português quanto em inglês, *Um experimento na crítica literária* (2009) e *On Stories and Others Essays on Literature* (1982).

O quarto trabalho trata-se de uma tese de doutorado, apresentado pela então doutoranda Fernanda Maria Macahiba Massagardi na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2014, intitulada *Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias*. Nesta tese, cuja temática central é o ensino por meio da literatura, a autora “faz um entrecruzamento da teoria psicogenética e dos contos de Monteiro Lobato e C. S. Lewis, de forma a explicar que a literatura pode promover o desenvolvimento intelectual e afetivo” (MASSAGARDI, 2014, p. 1). De acordo com a pesquisadora, houve no início do século XX um movimento de autores que estavam à frente de seu tempo, pois a literatura que produziam apontavam para o estímulo da consciência crítica por meio da reflexão e observação das circunstâncias de mundo, incentivando, assim, a busca de soluções criativas em meio a uma sociedade complexa em que vivemos (MASSAGARDI, 2014, p. 47). Dentro desse movimento de autores, ela destaca C. S. Lewis e Monteiro Lobato. A autora faz poucas referências a *The Screwtape Letters* e, embora o título esteja ausente na bibliografia da obra, ela o cita algumas vezes, sobretudo para ancorar a biografia do autor (p. 254). Mas, além das referências que ela faz das obras de Monteiro Lobato, a pesquisadora esmera-se em apresentar o enredo de duas *As Crônicas de Nárnia: O sobrinho do mago e O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, ambos pressupostos no volume único da série. Além desses textos, ela também cita *Um experimento na crítica literária* (2009) e *O problema do sofrimento* (2009).

O último trabalho, também de Mirane Campos Marques, trata-se de uma tese de doutorado apresentada na Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus de São José do Rio Preto, em 2015, intitulada *Uma história que não tem fim: um estudo sobre a fantasia literária*. Nessa tese, a pesquisadora novamente trabalha as noções de contos de fada e de fantasia, tal qual formulados por J. R. R. Tolkien, mas a verificação de sua aplicação se dá por meio da análise de outros textos de fantasia, além de *As Crônicas de Nárnia* que são: *A história sem fim*, *O Senhor dos Anéis*, *O Simarillion*, *Mestre Gil de*

Ham e a série *Harry Potter*. Assim, enfatizando mais a obra de Michael Ende, o texto de Lewis perde espaço na sua tese, restringindo-se à citação de *As Crônicas de Nárnia*, volume único, *O sobrinho do mago* e *Um experimento na crítica literária*. Desse modo, a autora propõe a ampliação no conceito de delimitação do gênero fantasia (MARQUES, 2015, p. 183).

2.4 O anglicanismo de C. S. Lewis

C. S. Lewis depois que adotou o cristianismo como cosmovisão pessoal tornou-se membro de uma igreja local, a Holy Trinity, e a frequentou, sentando-se no mesmo banco – que hoje recebe uma demarcação que o homenageia – durante trinta anos¹⁶. Sua igreja local fazia parte da Igreja da Inglaterra, também conhecida como Igreja Anglicana. O Anglicanismo é “o conjunto das crenças e práticas dos cristãos que estão em comunhão com a sede de Cantuária, em particular na medida em que se distinguem das outras confissões cristãs em virtude de sua ligação com a Inglaterra” (Dicionário Crítico de Teologia, 2004, p. 124).

A Igreja Anglicana possui uma história controversa e complexa que é anterior ao Ato de Supremacia que outorgou ao rei Henrique VIII, e seus sucessores, a condição de único chefe supremo, na terra, da Igreja da Inglaterra, sem nenhuma cláusula restritiva (RATABOUL, 1991, p. 15), um dos exemplos de sua condição única na cristandade é o fato de ela aferir-se ao mesmo tempo pré-reformada e reformada. A volatilidade de sua posição é ratificada por Paul F. M. Zahl, que em seu texto *The Protestant Face of Anglicanism*, declara:

Desde seu início como uma categoria distinta da cristandade, o Anglicanismo tem mostrado duas diferentes faces. [...] Uma, segundo o arcebispo Benson, tem sido Católica e Apostólica, enquanto que outra tem sido Protestante e Reformada¹⁷ (Z AHL, 1998, p. 2, tradução nossa).

¹⁶ “(...) He sat in the same pew in his home church, Holy Trinity, for thirty years – a pew that now has a special marker commemorating that fact” (BRAMLETT, 1996, p. 4 – 5).

¹⁷ “From its beginning as a distinct category of Christianity, Anglicanism has shown two different faces. (...) One face, recalling Archbishop Benson’s four words, has been ‘Catholic’ and ‘Apostolic’, while the other face has been ‘Reformed’ and ‘Protestant’ ” (Z AHL, 1998, p. 2).

Pertencente a uma igreja que acolhe pontos de vista distintos, C. S. Lewis encontrou terreno fértil para trabalhar questões comuns ao cristianismo em si, sem se importar muito com a sua denominação. No prefácio da primeira publicação de um de seus textos mais importantes, *Mere Christianity* (1952), traduzido como Cristianismo puro e simples, ele não se coloca na posição de árbitro a fim de promover qualquer tipo de proselitismo favorável à sua própria denominação, ao afirmar o seguinte:

O leitor deve saber desde já que não oferecerei ajuda a ninguém que esteja hesitante entre duas denominações cristãs. Não sou eu que vou lhe dizer se você deve seguir a Igreja Anglicana, a Católica Romana, a Metodista ou a Presbiteriana. Essa omissão é intencional (mesmo na lista que acabei de elaborar, a ordem é alfabética). Não faço mistério a respeito da minha posição pessoal. Sou um simples leigo da Igreja Anglicana e não tenho preferência especial nem pela Alta Igreja, nem pela Baixa, nem por coisa alguma¹⁸ (LEWIS, 2009c, p. x-xi).

Após a exposição do próprio autor no prefácio de seu texto, convergimos com a posição da professora Gabriele Greggersen que, em recente texto publicado no site da revista *Ultimato on line*, afirma que

a postura de Lewis diante das controvérsias do cristianismo é de assumir a tensão entre os opostos e de não dar respostas definitivas. Ao invés de aderir a essa ou aquela crença, que não seja básica do ‘cristianismo puro e simples’ ou essencial, ele adere ao mistério. (Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/c-s-lewis-estabelecendo-pontes-entre-o-protestantismo-e-o-catolicismo#greggersen>> Acesso em 2 jun. 2017).

Segundo Kilby, tornar-se católico romano era uma opção cortejada por Lewis, visto que ele não estava satisfeito com sua igreja, por isso, considerava que a Igreja Católica Romana, a Igreja Ortodoxa, ou mesmo organizações paraeclesiais como o Exército da Salvação apresentavam elementos que ele cria que sua denominação deveria os readquir¹⁹ (KILBY, 1964, p. 24-25). No entanto, ele permaneceu membro da Igreja

¹⁸ “The reader should be warned that I offer no help to anyone who is hesitating between two Christian ‘denominations’. You will not learn from me whether you ought to become an Anglican, a Methodist, a Presbyterian, or a Roman Catholic. This omission is intentional (even in the list I have just give the order is alphabetical). There is no mystery about my own position. I am a very ordinary layman of the Church of England, not especially ‘high’, nor especially ‘low’, nor especially anything else” (LEWIS, 1952, p. vi).

¹⁹ “At regular intervals the word went out that Lewis had become a Roman Catholic. Actually he remained in the Church of England o the end of his life, ‘not especially ‘high’, nor ‘low’, nor especially anything else’. He was not satisfied with the excessive ‘good taste’ in Church of England and thought that The

Anglicana até a sua morte, pois, se por um lado certas características romanas o atraíam, por outro, estas não lhe compensavam as críticas feitas a outras posturas doutrinárias sobretudo referentes às doutrinas adicionadas à Bíblia, a transubstanciação, à imaculada concepção, à mariolatria e à infabilidade papal²⁰ (KILBY, 1964, p. 25).

Em *The Screwtape Letters*, Lewis apresenta assuntos que nos lançam no domínio da teologia, ainda que não explicitamente panfletários, logo, é perceptível que o diabo veterano os aborda de forma direta os seguintes dogmas:

- a) **Redenção**, quando na carta cinco ele afirma que “[...] o Inimigo já deixou bem claro para Seus simpatizantes humanos que o sofrimento é parte essencial do que Ele chama de redenção (...)”²¹ (LEWIS, 2009b, p. 25);
- b) **Tribulação**, quando na carta seis, a respeito do paciente, ele afirma o seguinte: “Obviamente, o seu paciente já se convenceu de que deve submeter-se pacientemente à vontade do Inimigo. O que o Inimigo tenciona com isso é, em primeiro lugar, que ele aceite com paciência a tribulação que lhe foi reservada (...)”²² (LEWIS, 2009b, p. 27);
- c) **Livre-arbítrio**, quando na carta oito, a respeito de Deus, ele afirma o seguinte:

Para Ele, de nada valeria simplesmente neutralizar a vontade humana (o que certamente aconteceria se Ele os fizesse sentir a Sua presença, mesmo do modo mais débil e suave possível). Ele não pode violenta-los, pode apenas cortejá-los (...)”²³ (LEWIS, 2009b, p. 39);

Roman church, the Orthodox faith, and the Savation Army have all retained a certain gusto that his own church could well re-acquire” (KILBY, 1964, p. 24-25).

²⁰ “(...) His objection to Roman Catholicism was the ordinary Protestant one, that of addition of doctrines not in the Bible, such as transubstantiation, the immaculate conception, worship of the Blessed Virgin, and papal infalibility” (KILBY, 1964, p. 25).

²¹ “The Enemy’s human partisans have all been plainly told by Him that suffering is an essential part of what He calls Redemption (...)” (LEWIS, 1942, p. 32).

²² “Your patient will, of course, have picked up the notion that he must submit with patience to the Enemy’s will. That the Enemy means by this is primarily that he should accept with patience the tribulation which has actually been dealt out to him (...)” (LEWIS, 1942, p. 34)

²³ “Merely to over-ride a human will (as His felt presence in any but the faintest and most mitigated degree would certainly do) would be for Him useless. He cannot ravish. He can only woo”. (LEWIS, 1942, p. 46).

d) **Graça**, quando ele afirma, na carta treze, a respeito do paciente, que “o arrependimento e a renovação daquilo que o outro lado chama de ‘graça’, na escala que você descreve, é uma grande derrota”²⁴ (LEWIS, 2009b, p. 61);

e) **Criação**, quando na carta quatorze, a respeito da estratégia que Deus utilizaria para cooptar o paciente, Screwtape afirma o seguinte:

[...] O Inimigo também tentará fixar na mente dele uma doutrina que todos eles professam mas acham difícil de adaptar a seus sentimentos – a doutrina de que eles não criaram a si mesmos, que receberam seus dons como dádivas, e que poderiam muito bem, se não fosse assim, ter orgulho da cor de seus próprios cabelos [...]”²⁵ (LEWIS, 2009b, p. 71);

f) **União Mística**, quando na carta quinze, enquanto disserta sobre o tempo, o demônio veterano afirma o seguinte:

[...] Apenas com o momento presente os humanos têm uma experiência análoga àquela que o nosso Inimigo tem da realidade como um todo; somente nele eles possuem a liberdade e a realidade. Assim, Ele os deixa constantemente preocupados ou com a eternidade (o que significa preocupar-se com Ele) ou com o Presente – quer meditando sobre a eterna união com ele, ou separação d’Ele, quer obedecendo à atual consciência carregando a cruz atual, recebendo a graça atual e dando graças pelo prazer atual²⁶ (LEWIS, 2009b, p. 74);

g) **Pecado** que é o *leitmotiv* do texto, posto ser o objetivo dos entes infernais fazer com que o paciente viva em contínuo ato de pecado a fim de ganhá-lo, é encontrado também na carta quinze, quando Screwtape afirma o seguinte: “o prazer é apenas parte do processo que lamentamos e que eliminaríamos se

²⁴ “[...] A repentance and renewal of what the other side call ‘grace’ on the scale which you describe is a defeat of the first order” (LEWIS, 1942, p. 66).

²⁵ “[...] Enemy will also try to render real in the patient’s mind a doctrine which they all profess but find it difficult to bring home to their feelings – the doctrine that they did not create themselves, that their talents were given them, and that they might as well be proud of the colour of their hair [...]” (LEWIS, 1942, p. 74 – 75).

²⁶ “Of the presente moment, ando f it only, humans have an experience analogous to the experience which our Enemy has of reality as a whole; in it alone freedom and actuality are offered them. He would therefore have them continually concerned either with eternity (which means being concerned with Him) or with the Present – either meditating on their eternal union with, or separation, from, Himself, or else obeying the presente voice of conscience, bearing the present cross, receiving the present grace, giving thanks for the presente pleasure” (LEWIS, 1942, p. 76 – 77).

podéssemos, sem com isso eliminar o pecado; (...). O Pecado, que é nossa contribuição, tinha os olhos no futuro”²⁷ (LEWIS, 2009b, p. 75);

h) **Soberania**, embora não seja utilizado tal vocábulo, a doutrina da soberania se assenta sobre o pressuposto de que “(...) em virtude de Sua [de Deus] obra criadora, o céu, a terra e tudo o que eles contêm Lhe pertencem” (BERKHOF, 1990, p. 78), sendo assim, no capítulo vinte e um, *Screwtape* afirma que

No fim, os humanos saberão, esteja certo, a quem seu tempo, suas almas e seus corpos realmente pertencem – e com certeza não pertencem a eles, independentemente do que aconteça. Por agora, o Inimigo diz ‘meu’ de todas as coisas bcom base no fundamento legalista e pedante de que foi Ele quem as criou [...] (LEWIS, 2009b, p. 108);

i) **Sacramento**, quando na carta vinte e três, o demônio veterano expõe um método para distanciar o paciente da verdadeira identidade de Jesus, para tanto, ele propõe o seguinte:

[...] substituímos a presença real do Inimigo, experimentada pelos homens na prece e no sacramento, por uma figura pouco plausível, remota, obscura e esquisita, alguém que falava numa língua estranha e que morreu há muito tempo [...]”²⁸ (LEWIS, 2009b, p. 117).

A presença das doutrinas expostas acima é importante nos credos que compõe a base confessional da maioria das representações religiosas de matriz cristã. Por isso, não causa estranheza o fato da alusão de tais dogmas expressar o ideal do Quadrilátero de Lambeth²⁹, “que fixa, nos seus quatro artigos, o que representa para os anglicanos, a base essencial para a união das igrejas cristãs” (RATABOUL, 1991, p. 125).

²⁷ “The pleasure is just the part of the process which we regret and would exlude if we could do so without losing the sin (...). The Sin, which is our contribution, looked forward” (LEWIS, 1942, p. 78).

²⁸ “For the real presence of the Enemy, otherwise experienced by men in prayer and sacrament, we substitute a merely probable, remote, shadowy, and uncouth figure, one who spoke a strange language and died a long time ago” (LEWIS, 1942, p. 118).

²⁹ O Quadrilátero de Lambeth é um documento formado por quatro elementos básicos professado pela comunidade anglicana quando esta se reúne com outras igrejas. Os elementos são os seguintes: 1) As Sagradas Escrituras, formadas pelo Antigo e Novo Testamentos são a Palavra de Deus revelada; 2) O credo niceno é um documento suficiente para a fé cristã; 3) Os sacramentos – batismo e a santa ceia do Senhor – devem ser ministrados de acordo com as instruções infalíveis da palavra de Cristo e utilizar os elementos

Não obstante, ainda que não engajado, os escritos de Lewis têm espaço na historicização do Anglicanismo em si. William J. Wolf, em seu artigo *Anglicanism and Its Spirit*, publicado no livro *The Spirit of Anglicanism*, editado por ele mesmo, afirma que o título do texto *Surprised by Joy*, texto autobiográfico já aqui citado, pode ser utilizado como a característica anglicana de espiritualidade³⁰ (1982, p. 177). Portanto, sendo seu texto referenciado como padrão de espiritualidade anglicana, não há surpresa em perceber em *The Screwtape Letters* abordagens de assuntos próprios do anglicanismo. Tal referência ocorre em menor incidência em comparação ao cristianismo como um todo, mas são perceptíveis. Na carta sete, a respeito do ideal para eles que a igreja seja pequena, Screwtape diz o seguinte:

É claro que a Igreja em si é defendida bravamente, e jamais conseguimos atribuir por completo a ela todas as características de uma facção; mas as facções menores a ela subordinada costumam produzir resultados admiráveis, desde Paulo e Apolo em Corinto até as divisões dentro da Igreja Anglicana³¹ (LEWIS, 2009b, p. 33 – 34).

É evidente que há uma crítica explícita à política de facção da igreja. Tal assunto é novamente abordado na carta dezesseis, quando o diabo veterano afirma o seguinte:

[...] a verdadeira diversão está em fomentar o ódio entre aqueles que dizem ‘missa’ e aqueles que dizem ‘santa comunhão’, quando nenhum dos lados sequer seria capaz de afirmar a diferença entre, digamos, a doutrina de Hooker e a de Tomás de Aquino com argumentos que se sustentem por mais de cinco minutos³² (LEWIS, 2009b, p. 82).

ordenados por ele; 4) o episcopado localmente adaptado aos métodos de sua administração de acordo com as variadas necessidades das nações e povos chamados por Deus faz parte da unidade da igreja. (Cf. Dictionary Of The Ecumenical Movement, 1991, p. 586.)

³⁰ “[...] Surprised by Joy, the title of a book by C. S. Lewis, could be used to characterize Anglican spirituality” (WOLF, 1982, p. 177).

³¹ “The Church herself is, of course, heavily defended and we have never yet quite succeeded in giving her all the characteristics of a faction; but subordinate factions within her have often produce admirable results, from the parties of Paul and of Apollos at Corinth down to the High and Low parties in the Church of England” (LEWIS, 1942, p. 41)

³² “The real fun is working up hatred between those who say ‘mass’ and those who say ‘holy communion’ when neither party could possibility state the difference between, say, Hooker’s doctrine and Thomas Aquinas’, in any form which would hold water for five minutes” (LEWIS, 1942, p. 84).

Neste excerto, ele não apenas tece críticas ao sistema eclesiástico cindido entre os que dizem “missa” e os que dizem “santa comunhão”, mas também há um recrudescimento de sua crítica ao partidarismo raso e obtusidade dos fiéis, posto que os militantes que representam as facções anglicanas divididas em *High Church*, adepta à pomposidade da cerimônia católica romana com sua liturgia, paramentos e afins e *Low Church*, que defende uma prática litúrgica mais simples são incapazes de sustentar suas posições num debate público, de forma satisfatória.

Ademais, o texto também faz alusão a trechos *do Common Book of Prayer*, texto elaborado no século XVI que apresenta “a fé católica e apostólica baseada nas Escrituras interpretadas à luz da tradição, do saber e da razão” (RATABOUL, 1991, p. 125). A carta doze apresenta uma citação direta desse texto como o seguinte trecho em que Screwtape ensina o sobrinho acerca de como os cristãos descrevem a Deus: “Os cristãos descrevem o Inimigo como alguém ‘sem o qual Nada é forte’”³³ (LEWIS, 2009b, p. 59).

2.5 Mundo do texto em *The Screwtape Letters*

Feitas as considerações acerca da vida e obra do autor, voltemo-nos ao conteúdo de *The Screwtape Letters* observando-lhe o mundo de seu texto.

O livro *The Screwtape Letters* foi publicado em fascículos em uma revista eclesiástica de orientação anglicana em 1941. Posteriormente foi organizado em livro e publicado em 9 de fevereiro de 1942 (MCGRATH, 2013, p. 395). Para efetuarmos a análise da obra em si, lançaremos mão da primeira edição, publicada em Londres pela editora Geoffrey Bles, em sua oitava reimpressão de agosto de 1942, portanto, primeira edição em livro da obra em inglês. Também de uma publicação feita pela editora Vida Nova, traduzida para o idioma português por Roque Monteiro de Andrade, intitulada *Cartas do inferno*, de 1964. Aliadas a tal publicação, três outras: das Edições Loyola, traduzida por Yolanda Steidel Toledo, intitulada *As cartas do Coisa-Ruim*, de 1982; da editora Vozes, traduzido por Mateus Soares Sampaio de Azevedo, intitulada *Cartas do diabo ao seu aprendiz*, de 1996, e, por fim, a última edição em português, traduzida por

³³ “The Christians describe the Enemy as one ‘without whom nothing is strong’” (LEWIS, 1942, p. 64)

Juliana Lemos, publicada por WMF Martins Fontes, intitulada *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, 2ª edição de 2009, 4ª tiragem de 2014.

The Screwtape Letters, assim como *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor iluminista Johann Wolfgang Goethe obra que é textualmente citada na p. 67 do texto original de Lewis, é composta no gênero literário denominado romance epistolar (FONTANELLA, p. 22). No entanto, a obra pré-romântica do movimento alemão *Sturm und Drang* [Tempestade e Ímpeto] apresenta o enredo por meio das missivas do protagonista endereçadas a seu amigo Guilherme, mas não apenas a ele. Essa correspondência não se constitui como a única fonte de informações de que o leitor dispõe para depreender o desenvolvimento do enredo, pois há um momento da obra, por conta do “desânimo e desgosto [que] haviam lançado raízes cada vez mais profundas na alma de Werther, apoderando-se pouco a pouco de todo o seu ser” (GOETHE, 2015, p. 133), se faz necessária a intervenção de um certo editor que atualiza o leitor quanto ao desdobramento da narrativa. Já o texto em análise não apresenta variação de interlocutores, posto que a correspondência entre Screwtape e seu sobrinho aprendiz, Wormwood, mantém-se inalterada, por conta disso, o leitor é informado acerca da situação do enredo apenas por meio da voz do ente infernal mais experiente.

Embora sua temática nos remeta aos autos ibéricos – peça breve, de tema religioso ou profano, encenada durante a Idade Média (MOISÉS, 2013, p. 46) –, vários comentaristas classificam o texto como uma sátira (GREGGERSEN, 2016, p. 142; CASSIDY, 2015, p. 165), onde Screwtape, autor das correspondências, é apresentado como um diabo experiente que, por meio das cartas, exerce a função de conselheiro no trabalho de seu sobrinho, Wormwood, que consiste em desviar seu “paciente” da zona de influência do “Inimigo”, a referência ao Deus judaico-cristão, e, assim, submergi-lo no domínio das trevas. Como a perspectiva discursiva é a do ente infernal, então é necessário que, para se atribuir um correto sentido ao texto, o leitor deve levar em conta o sentido contrário de nossos paradigmas de moralidade, lógica e virtude.

Nas cartas, o inferno é apresentado ao leitor, de acordo com Alister McGrath (2013, p. 232), como uma burocracia de um estado policial ou dos escritórios de uma empresa especializada em promover negócios sórdidos, num ambiente de ausência de graça e qualquer sentimento ou atitudes benevolentes. Faz-se necessário destacar como exemplo do funcionamento da engrenagem dessa burocracia a eficiente correspondência entre Screwtape e Wormwood. As cartas do diabo experiente têm como base ocultas

correspondências enviadas por Wormwood, no entanto, o leitor não têm acesso ao conteúdo dessas missivas, mas pode inferi-lo a partir das respostas dadas pelas cartas de Screwtape. Esse expediente é comum ao longo do texto. Assim como ocorre em *Grande Sertão: Veredas*, do escritor João Guimarães Rosa em que o leitor tem acesso apenas à fala da personagem Riobaldo, mesmo que infira a presença de outra personagem no diálogo (Cf. ROSA, 2001, p. 26), o leitor de *The Screwtape Letters* apenas tem acesso ao ponto de vista do demônio veterano.

2.5.1 Screwtape: o demônio de C. S. Lewis

Há tempos a cultura secular faz alusão a demônios, segundo a concepção da cosmovisão judaico-cristã, em seu conjunto literário. Édouard-Henri Wéber, em seu texto apresentado no *dicionário crítico de teologia* (2004), a respeito do verbete *demônios*, depois de apresentar as visões da Bíblia tanto no Antigo quanto no Novo Testamento e da teologia geral e medieval, afirma que “a modernidade que já tem dificuldade em considerar seriamente a ideia de anjos, remete na maioria das vezes o demônio à superstição mitológica, e os teólogos preferem calar-se a esse respeito” (2004, p. 519). De acordo com o autor, a partir da postura lacônica dos teólogos, surge a voz dos poetas a respeito de tal assunto e ele lembra que a tentação fora utilizada como expediente por vários autores nos séculos XIX e XX, tais como Dostoievski (1821 – 1881), com seu personagem Ivan Karamazov; Thomas Mann (1875 – 1955), com seu personagem Adrian Leverkühn, e, por fim, ele cita o próprio C. S. Lewis, com sua personagem Eva, no livro que é citado pelo título *Voyage à Vénus* [sic.], que também conhecido como *Perelandra*.

Laurence Gardner, em sua obra intitulada *O Diabo revelado*, afirma que “dentre todos os personagens já criados, o diabo é certamente o que mais exerceu influência no comportamento social dos últimos dois milênios”. Há um grau de dificuldade em apresentar tal figura controversa e importante na cultura ocidental que é eivada de lastros da cosmovisão judaico-cristã, desse modo, ele é apresentado como personificação do pecado, destarte, tal personagem “(...) não passa, no fim das contas, de uma ‘representação humana’, que de alguma maneira encontra uma justificativa na vulgaridade cotidiana, na literatura poética e na práxis moral, mas não parece resistir a uma abordagem crítica” (LEHMANN, 1992, p. 77). De acordo com Wier Jean Stanislas,

autor de *Satanismo e demonologia: o dicionário do diabo*, a terminologia *diabo* “trata-se do nome geral que se dá a toda espécie de demônio sem distingui-lo particularmente” (1989, p. 11-13). Não obstante, tal definição mostra-se dissonante em relação às encontradas em dicionários ou enciclopédias de origem teológica pertencentes a algum tipo de tradição teológica, seja ela católica ou protestante, tais como a Enciclopédia da Bíblia (2008) da editora Cultura Cristã, o Dicionário enciclopédico da Bíblia (2013), das editoras Loyola, Paulus e Paulinas, apenas para citar alguns.

Contudo, a despeito de estudos acerca da identidade do Diabo ou de demônios que povoam a antologia de textos literários, nosso interesse nessa seção do trabalho é pautado pela construção do demônio de C. S. Lewis, Screwtape, autor das cartas que compreendem o argumento da obra em análise.

O nome do demônio Screwtape não é dicionarizado, portanto, constitui-se um neologismo, conforme observa o pesquisador Carlos R. Caldas Filho que em seu artigo *C. S. Lewis na fronteira entre teologia e literatura: reflexões sobre The Screwtape Letters*³⁴ afirma ter feito uma pesquisa etimológica acerca da origem do nome dessa personagem (2004, p. 118). Neste texto, o professor, por meio de pesquisas, aponta que o autor britânico utilizou algumas palavras em inglês, tais como

(...) *screw* (parafuso), *thumbscrew* (instrumento de tortura pelo polegar), *worm* (verme), *tapeworm* (tênia solitária), *red tape* (conjunto de papéis de burocracia) e ainda o nome Scrooge, o famoso avarento do conhecido conto de Natal de Charles Dickens, muitíssimo popular nos países de língua inglesa (CALDAS FILHO, 2004, p. 118).

Ele também sugere que o nome de Wormwood poderia ser interpretado etimologicamente como “bicho de pau” (CALDAS FILHO, 2004, p. 119).

As cartas que Screwtape escreve revelam um funcionário infernal que desempenha o cargo de subsecretário de um departamento³⁵, cuja função é aconselhar seu sobrinho, um tentador júnior, na arte de utilizar táticas assertivas a fim de devastar a vida de seu paciente, um jovem cristão inglês anônimo. O grande objetivo é “ganhar” o paciente,

³⁴ Artigo publicado na Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul, Volume 64, Julho – Dezembro de 2004, n. 58.

³⁵ Os cargos de ambos demônios são descritos no texto original como sendo Wormwood um *junior tempter* e Screwtape como um *under-secretary of a department* (LEWIS, 1942, p. 24).

levando-o ao inferno que é descrito como um ambiente burocrático, tal qual uma repartição pública, ou, talvez, uma representação do cotidiano administrativo de uma instituição qualquer, como uma universidade. Não há preocupação com a caracterização dos interlocutores, por isso, os demônios não recebem qualquer tipo de descrição objetiva. Também não há exposição direta da voz do destinatário. Contudo, há a construção do caráter dos demônios, sobretudo de Screwtape, como a apresentação de sua sapiência de cunho humanista e universalista, que são demonstradas por meio de citações diretas de literatos tais como Coleridge (1942, p.25) e Goethe (1942, p. 67); bem como por meio de seu conhecimento teológico atualizado, conforme a carta dez demonstra: “Nos textos cristãos modernos, embora eu veja muitas referências (de fato, mais do que gostaria) a Mammon, vejo que há muito pouca advertência quanto às Vaidades Mundanas, à Escolha dos Amigos e ao Valor do Tempo”³⁶ (LEWIS, 2009b, p. 48). O destinatário também tem parte de seu caráter inferido pelas cartas. Na carta cinco, por exemplo, Screwtape o acusa de embriaguez no seguinte trecho: “Sei muito bem o que aconteceu com você. Não está bêbado de alegria; está bêbado, apenas”³⁷ (LEWIS, 2009b, p. 21); bem como em outros em que ele é repreendido por sua inabilidade, e consequente ingenuidade, em prever a recepção de seu texto por parte de seu tio, como no trecho: “a maneira desdenhosa com que você se referiu à gula como meio para capturar mais almas, na sua última missiva, apenas demonstra a sua ignorância”³⁸ (LEWIS, 2009b, p. 84).

Sobre a ausência de ressonância da voz de Wormwood, percebe-se que, embora ausente, sua interlocução pode ser aferida por meio do discurso de seu tio que vez ou outra inicia uma carta fazendo referência a alguma outra carta enviada, como na carta cinco em que o veterano infernal revela frustração por, no lugar de um relatório detalhado, ter recebido uma “vaga rapsódia”³⁹ como conteúdo da última carta na ocasião. Em geral,

³⁶ “(...) In modern Christian writings, though I see much (indeed more than I like) about Mammon, I see few of the old warnings about Wordly Vanities, the Choice of Friends, and the Value of Time” (LEWIS, 1942, p. 54 – 55).

³⁷ “(...) I see very well what has happened to you. You are not delirious; you are only drunk” (LEWIS, 1942, p. 29).

³⁸ (...) The contemptuous way in which you spoke of gluttony as a means of catching souls, in your last letter, only shows your ignorance” (LEWIS, 1942, p. 86).

³⁹ Essa expressão é a tradução literal utilizada no original *vague rhapsody* (LEWIS, 1942, p. 29). Seguem tal tradução as versões editadas no Brasil pelas editoras Vida Nova (1964), Loyola (1982). A editora Vozes acrescenta o advérbio “tão”, aumentando, desse modo, a intensidade do discurso do enunciador. Já a edição mais recente, da editora WMF Martins Fontes, optou pela expressão “arenga vaga e eufórica” (LEWIS, 2014, p. 21).

o pressuposto de uma missiva lhe dá o ensejo de dissertar acerca de algum assunto específico, ou sobre a prática de tentação em curso.

A maioria dos autores que também utilizou a figura do demônio como inspiração de seus personagens tiveram a preocupação em descrevê-los fisicamente. Dentre eles, podemos citar um autor mais próximo do nosso tempo como Isaac Asimov (1919 – 1992), que em seu livro *Azazel*⁴⁰, que é uma coletânea de dezoito contos que narram histórias relacionadas ao personagem que dá título ao livro. O texto descreve o ser infernal como um demônio de uma polegada (2,54 cm), de pele vermelha, uma grossa cauda de mais de um centímetro de comprimento e dois pequenos chifres na cabeça que poderia ser levado no bolso da camiseta do personagem George Bimnut, um sarcástico americano de origem dinamarquesa que havia encontrado um método para conjurar a infernal criatura e convencê-lo a realizar pedidos, desde que não fosse para torná-lo rico, posto que seus poderes deveriam ser usados apenas para “fazer o bem a outras pessoas” (ASIMOV, 1995, p. 17). No entanto, sempre que George convence Azazel a utilizar tais poderes para ajudar uma pessoa próxima a ele, ocorre algum tipo de confusão.

Outro autor que utilizou a figura do diabo como motivação para construção de personagem em seu enredo, que julgamos digno de nota, foi Johann Wolfgang Goethe

⁴⁰ Azazel é um nome que aparece na Bíblia no livro de Levítico em três versículos do capítulo 16 (8, 10 e 26) e está associado ao ritual do Dia da Expição, quando um sacerdote, depois de ter feito expiação em favor de si mesmo e de sua família, apanhava dois bodes, um para representar Israel e outro deveria ser para Azazel. Dentre as várias interpretações, esse seria o nome de um demônio que contrapor-se-ia à palavra Senhor, no texto pentateuco (Dicionário internacional de teologia do antigo testamento, 1998, p. 1099.). Embora haja escassa referência à Azazel no texto canônico, o livro pseudoepígrafo de I Enoque lhe faz maior alusão. No primeiro versículo do capítulo 8, no contexto do envolvimento dos anjos caídos e suas relações com os humanos, ele é descrito como aquele que “(...) ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para a maneira de trabalhá-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas”. O capítulo 9 registra a reação dos anjos que continuaram no céu: Miguel, Uriel, Raphael e Gabriel diante da iniquidade dos decaídos e, de acordo com o versículo 4, apresentam-se à ao “Senhor dos mundos”, fazem acusações contra Azazel, dizendo-lhe: “Tu vês o que foi perpetrado por Azazel, como ele ensinou sobre a terra toda espécie de transgressões, revelando os segredos eternos do céu, forçando os homens ao seu conhecimento (...)”. Por consequência das iniquidades cometidas por Azazel, no versículo 3 do capítulo 10, o “Altíssimo”, ordena a Raphael o seguinte: “amarra Azazel de mãos e pés e lança-o nas trevas! Cava um buraco no deserto de Dudael e atira-o ao fundo! Deposita pedras ásperas e pontiagudas por baixo dele e cobre-o de escuridão! Deixa-o permanecer lá para sempre e veda-lhe o rosto, para que não veja a luz!” (Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia, 2005, p. 261 – 263). Segundo Laurence Gardner, tanto Azazel quanto Semjaza, o chefe dos anjos insubmissos, foram seduzidos por uma jovem chamada Istahar, por isso foram lançados ao abismo juntamente com outros entes decaídos e foram incapazes de voltar ao Paraíso. No entanto, mesmo nessa condição, Azazel prosseguiu com sua maldade, por isso o Antigo Testamento registraria o envio de um bode a Azazel, no Dia do Perdão (GARDNER, 2013, p. 38). Aparentemente, as referências a Azazel nos textos canônicos e pseudoepígrafos apenas inspiraram Isaac Asimov na nomeação de seu personagem, posto que não há ligação de seu demônio de dois centímetros com seu lendário homônimo.

(1749 – 1832). Servindo-se da popular lenda de Fausto que se tornara popular alguns séculos e antes e fora representado em várias peças de teatro no século XVI, dentre as quais figurara *A trágica história do Doutor Fausto* (1588), do dramaturgo inglês Christopher Morlowe (1564 – 1593) (GOETHE, 1976, p. v), o autor alemão, na peça que lhe custou trinta e cinco anos de labor, conta a história do doutor Fausto, um homem que dedicara sua vida na luta de compreender o conhecimento humano, a ciência e o misterioso sentido da existência, mas, para Goethe, além da compreensão dessas questões, ele lhe acrescentara também a hiperbólica compreensão que incluía todo o universo. Mefistófeles, um demônio mal, apontado por Wier Jean Stanislas como o mais temível chefe dos demônios depois de Satã (WIER, 1989, p. 31), apresenta-se diante d’“O Senhor” e faz uma aposta a respeito da possibilidade do desvio do coração de Fausto, notável humano. Então, o ente demoníaco recebe a permissão para tentar o sábio e lhe propõe um pacto, tendo como base servi-lo enquanto este vivesse, mas, depois, no “outro lado”, Fausto deveria servi-lo “muito humilde e sereno”. Aceitas as condições, Mefistófeles o rejuvenesce e ele então seduz a jovem Margarida, trazendo-lhe grande infortúnio e seguidas desgraças familiares. Por fim, Mefistófeles cumpre o acordo, levando-o ao inferno.

Há uma grande diferença entre esses demônios da ficção, construídos em tempos diferentes e os do romance epistolar de Lewis, mais notadamente *Screwtape* e, secundariamente, *Wormwood*. Os primeiros relacionam-se direta e pessoalmente com os humanos, enquanto os demônios de Lewis apenas manipulam as circunstâncias que cercam seus “pacientes”. Não há interlocução entre os personagens. O único momento em que há contato visual entre *Wormwood* e seu paciente é no final, quando o último morre. O humano o vê, mas também vê os anjos celestiais e ao próprio Jesus Cristo que é “a própria claridade e tem imagem de homem”⁴¹.

A maior construção do personagem *Screwtape* se dá no nível psicológico. Isso se dá pelo fato de que o leitor tem a perspectiva do destinatário, ao ler as correspondências e, a partir daí, pode analisar a cosmovisão do remetente que faz questão de expor sua interpretação sobre questões da natureza humana. Para Clyde S. Kilby, a descrição genial e realística do trabalho do demônio diretamente na alma humana é um dos elementos mais

⁴¹ “(...) is clarity itself, and wears the fom of a Man” (LEWIS, 1942, p. 159)

curiosos do livro, pois, a despeito de Screwtape não entender a lógica do Paraíso, ele demonstra bom conhecimento acerca do coração humano⁴² (1964, p. 41).

Talvez, o diabo da literatura que mais se aproxime de Screwtape seja o do dramaturgo português Gil Vicente (1465 – 1537), personagem de seu *Auto da Barca do Inferno* (1517). O auto, encenado pela primeira vez em 1517, o primeiro do que veio a ser conhecido como *Trilogia das Barcas*, tem como cenário duas barcas, sendo uma com destino ao paraíso bíblico e outra com destino ao inferno e dois arrais, a primeira sendo um anjo e a segunda, o diabo. As personagens, que representam tipos sociais (fidalgo, onzeneiro, frade, sapateiro...), apresentam-se aos arrais, pois têm de embarcar em uma das duas. Cabe ao diabo recebê-los e, com bastante astúcia, os conduz à sua barca. A proximidade entre Screwtape e o diabo de Gil Vicente se dá pelo fato do último ainda construir um diabo de acordo com a imagem medieval, dando-lhe características como sarcasmo, crueldade, arrogância, sagacidade, desprezo pelos humanos (em especial pelo judeu), e, sobretudo, pela perspicácia em acusar os demais personagens em seus pecados, deixando-os sem defesa. Por outro lado, se há interlocução entre o diabo e os personagens acusados, por outro, tal diálogo se passa somente no além-túmulo, posto que a condição para se apresentar ao porto das almas seria o fato de estarem mortos. Além disso, na peça há referências a situações reais como a fala do diabo faz referência a Jam Pimentel (VICENTE, 2001, p. 76), ou quando o onzeneiro faz alusão a Santa Joana de Valdês (VICENTE, 2001, p. 78). No texto lewisiano também há referências ao momento histórico em que se passa o enredo do romance: o conflito bélico que envolvia as nações europeias.

2.5.2 O que dizem as cartas: uma breve análise do romance epistolar

Em linhas gerais, conforme já exposto, *The Screwtape Letters* trata-se de uma obra que tem como pano de fundo a vida de um inominado jovem inglês do início da década de quarenta do século XX e, embora o conflito sobre sua alma seja manifestado no mundo real, a luta ocorre no mundo espiritual. O personagem não passa por aventuras

⁴² “Lewis’s ingenious and realistic picturing of the devious working of the human soul make up one of the finest things in *The Screwtape Letters*. Despite his inability to understand the motives of heaven, Screwtape knows the heart of a man only too well” (KILBY, 1964, p. 41).

maravilhosas, nem demonstra virtudes heroicas, tampouco santidade excepcional. Quando Wormwood começa a trabalhar na vida do paciente, este ainda não era cristão, entretanto, logo se converte. Mas, ele sofre problemas comuns, dentre os quais está o fato de ele viver com sua mãe e as dificuldades que advém dessa relação. Screwtape, como um veterano na arte da tentação, vê tal dificuldade como oportunidade de ação. Em outra situação, quando a guerra se inicia, as dificuldades que o jovem apresenta em lidar com seus desafios pessoais são ampliadas, pois além de tudo, ele passa a viver com o medo de ser convocado para as forças militares. O paciente entra em uma acentuada crise existencial, onde Deus parece ausente; por isso, Screwtape incentiva seu sobrinho a se aproveitar o mais rápido possível de sua fraqueza de fé. No entanto, para a decepção do demônio experiente, o jovem retorna à sua vida cristã quando se apaixona por uma moça cristã engajada nas atividades religiosas e se relaciona com a família dela, tal situação traz dificuldades na ação do aprendiz das artes infernais. Com a intensificação da guerra, o jovem morre durante um bombardeio. Apesar da simplicidade do que consideramos com enredo da narrativa, a jornada de fé do jovem é o primeiro plano da obra, enquanto que o relacionamento entre Screwtape e Wormwood, constitui o segundo. O mau relacionamento entre os demônios implica em um conflito entre eles ao ponto de Wormwood denunciar seu tio à polícia infernal por não ter exercido corretamente a atividade de conselheiro que lhe fora designada pela burocracia do inferno. Assim C. S. Lewis imaginava o inferno: “algo semelhante à burocracia de um estado policial ou aos escritórios de uma empresa comercial absolutamente indecente” (LEWIS, 1982, p. 8).

Não pretendemos analisar o texto de modo exaustivo, mas oferecer uma abordagem de seu conteúdo, a fim de lhe estabelecer sentido. Propomos que a análise do texto em questão seja feita em chave literária, desse modo, fá-la-emos tendo em vista o discurso literário que subjaz ao texto, levando em conta que “[...] do mesmo modo que para conhecer a linguagem deve-se primeiro estudar as línguas, para ter acesso ao discurso literário, devemos tomá-lo em obras concretas” (TODOROV, 1971, p. 211).

O texto *The Screwtape Letters*, quanto ao seu gênero literário, é um romance epistolar e tal gênero textual se impõe durante quase toda obra, com exceção da apresentação feita pelo autor, sob o título de *preface* [prefácio] – embora não o seja, do ponto de vista literal, pois prefácio é um paratexto (GENETTE, 2009, p. 145) - onde ele, escritor do mundo real, insere-se como personagem da ficção, alertando seus leitores e narratários que não tinha a intenção de explicar como tivera acesso à correspondência e

que oferecia ao público naquele momento⁴³ (LEWIS, 1942, p. 9). Depois disso, ele assume um discurso a respeito da credulidade da humanidade em relação aos demônios, também tece comentários sobre alguns personagens e diz que as cartas não estão organizadas de maneira cronológica. Percebemos que há uma simbiose entre o autor real e o discurso do mundo do texto porque há seu nome real, o lugar onde o texto fora escrito e a data ao final⁴⁴. Tal prefácio é breve, ocupa menos de uma página e meia do texto original e é seguido pelas cartas marcadas por numerais romanos.

Esse texto também pode ser interpretado de acordo com seu subgênero fantástico-maravilhoso. Fantástico pelo fato de haver “[...] não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma hesitação no leitor e no herói, mas também um certo modo de ler, que se pode definir negativamente: ele não deve ser nem poético nem alegórico” (TODOROV, 2008, p. 151). O acontecimento estranho em questão é anunciado no “prefácio” e trata-se da correspondência interceptada entre os entes infernais. Destarte, propomos que o texto em análise apresenta as condições que Tzevetan Todorov propõe que seriam o fato do leitor considerar o mundo das personagens como um mundo de pessoas vivas e, assim, hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados (TODOROV, 2008, p. 151). É evidente que, se tomarmos como sério que vemos em *The Screwtape Letters*, como a apresentação da burocracia no inferno, o *modus operandi* utilizado por Wormwood e sugeridos por seu tio para a danação do paciente, entre outros assuntos, não as explicaríamos pelas leis da natureza tais quais são reconhecidas.

Quanto às personagens, é sabido que estes “[...] têm um papel essencial na organização das histórias. Elas determinam as ações, vivenciam-nas, religam-nas e dão sentido a elas. De uma certa maneira, toda história é a história das personagens” (REUTER, 2004, p. 54). No texto em análise há três personagens constantes desde o início da narrativa: Screwtape, Wormwood e o Paciente. No entanto, lembremo-nos que a obra é um romance epistolar, portanto, suas falas são narrativizadas, por isso, o leitor

⁴³ “I have no intention of explaining how the correspondence which I now offer to the public fell into my hands” (LEWIS, 1942, p. 9).

⁴⁴ De acordo com Yves Reuter, esse processo recebe o nome de “naturalização da narração” que se ancora no fato da narração não dever colocar obstáculos à crença na ficção que é apresentada como verdadeira. Por isso, o que C. S. Lewis faz nessa parte do texto é justificar a origem da história, por meio de um expediente previsto por Reuter que consiste em o narrador afirmar que recebeu as provas de uma pessoa digna de fé com quem realmente os fatos aconteceram. Tal procedimento torna a narração transparente, como se a história estivesse presente diante de nossos olhos, sem mediação. Cf. REUTER, 2004, p. 150.

tem durante todo o período de experiência de leitura, uma visão estereoscópica dos fatos, pois ele é refém da percepção da única versão da história, o que torna tal tipo de texto qualitativamente diferente (TODOROV, 1971, p. 241). No texto, apenas os entes infernais têm nomes próprios. Os demais são referenciados de maneira genérica: paciente, namorada do paciente, amigos do paciente, mãe do paciente, entre outros. Entretanto, é necessário lembrarmos que,

[...] se o agente de uma oração é um substantivo comum, devemos submetê-lo a uma análise que distinguirá, no interior de uma mesma palavra, seu aspecto denominativo e descritivo. Dizer, como faz frequentemente Bocaccio, ‘o rei da França’ ou ‘a viúva’ ou ‘o criado’, é ao mesmo tempo identificar uma única pessoa e descrever algumas de suas propriedades. Tal expressão iguala uma oração inteira: seus aspectos descritivos formam o predicado da oração, seus aspectos denominativos constituem seu sujeito” (TODOROV, 2008, p. 138).

Quando observamos as personagens e suas relações, ancoramo-nos naquelas propostas por Tzevetan Todorov que são: desejo, comunicação e participação (1971, p. 223). A relação de desejo se estabelece entre o paciente e a moça cristã por quem se apaixona a partir da carta 22. O amor despertado por ela foi tão arrebatador que o reconverteu ao cristianismo; também há o grande desejo não passional, obviamente, de Wormwood pelo paciente na tentativa de levá-lo para o domínio das trevas. A relação de comunicação é o eixo condutor do texto, pois Screwtape com peculiar franqueza, confia suas impressões e sugestões quanto ao trabalho de seu sobrinho, o que torna o texto discursivo por excelência. O terceiro tipo de relação se estabelece por meio da ajuda que se estabelece entre os entes infernais, incluindo também outros demônios que seriam acionados em prol da missão de Wormwood, tais como Glubose, demônio responsável pela mãe do paciente, referenciado nas cartas 3 e 17; Triptweeze, referenciado na carta 10; Toadpipe, subsecretário que exerce a função de amanuense ao concluir a carta 22, pois Screwtape é impossibilitado de fazê-lo ao se metamorfosear em uma enorme centopeia; Slutrimpet, referenciado na carta 24, demônio responsável pela namorada do paciente. Há ainda a relação estabelecida entre Screwtape e seu sobrinho de “ser e parecer”, de acordo com a taxinomia empregada por Todorov ao propor que “cada ação pode primeiramente parecer amor, confiança, etc., mas pode em seguida revelar-se como uma relação totalmente diferente de ódio, de oposição e assim sucessivamente”

(1971, p. 227). Quem lê a ⁴⁵primeira carta talvez interprete um grau de cumplicidade por parte do veterano em relação ao aprendiz, mas, ao longo do texto, percebe-se que há alto grau de incivilidade entre ambos. A carta 22 ancora tal posicionamento, pois logo no início, Screwtape afirma o seguinte: “Talvez você tenha interesse em saber que o pequeno desentendimento que você tentou causar com a Polícia Secreta sobre algumas expressões descuidadas nem de minhas cartas já foi passado a limpo”⁴⁶ (LEWIS, 2014, p. 109).

Em relação ao tempo, de acordo com Reuter, “[...] toda narrativa tece relações entre no mínimo duas séries temporais: o tempo fictício da história e o tempo de sua narração” (2004, p. 87). Em relação à obra em foco, ainda que o autor/personagem assevere que não há ordem cronológica entre as cartas, notamos determinada progressão, pois o paciente encontra-se na fase da vida conhecida como jovem adulto, pois é solteiro, vive com a mãe e frequenta determinados lugares, apaixona-se por uma moça e está na idade de ser convocado para as forças armadas. Tal condição permanece ao longo do texto. Outrossim, levando-se em conta que toda a narrativa do texto em questão é constituída por cartas, percebemos que o tipo de narração, em relação ao seu tempo, é simultâneo, pois há a ilusão de que ela é feita no momento da ação (REUTER, 2004, p. 88). A inserção do tema da 2ª Guerra Mundial no *corpus* do texto, a partir da carta 5, para o primeiro leitor do texto, que o acompanhava no *The Guardian* – primeiro suporte do texto integral –, em 1941, ancorou os acontecimentos das cartas ao cotidiano do cidadão comum britânico. É necessário lembrar que nesse ano a guerra estava em seu início e numa condição desfavorável aos aliados. Logo, não haveria grandes saltos, pois o tempo da narrativa era quase o presente.

Quanto ao foco narrativo, o texto em voga apresenta uma narração mista entre a homodiegética centrada no narrador e no ator (a personagem). Tal taxionomia, proposta por Yves Reuter, em relação à primeira fiz o seguinte:

É ela que domina nas confissões ou nas autobiografias. Se por um lado o narrador e o ator são a mesma personagem, por outro lado aquele está

⁴⁵ C. S. Lewis faz uma alusão indireta à presença de autarquias militares presentes em governos totalitários que tinham a finalidade de monitorar e, quando preciso, censurar cidadãos que representassem alguma ameaça ao *establishment*, tal qual ocorria na Alemanha nazista, com a Gestapo, e na União Soviética, com a KGB.

⁴⁶ “You may be interested to learn that the little misunderstanding with the Secret Police which you tried to raise about some unguarded expressions in one of my letters has been tidied over” (LEWIS, 1942, p. 111).

distanciado no tempo, ele fala de sua vida retrospectivamente. Isto lhe confere um maior saber, uma visão mais ampla, uma profundidade interna e externa. Isto certamente lhe permite um flash-back no qual se fundamenta, mas também antecipações certas. Ele não se priva de intervir assumindo múltiplas funções (2004, p. 77).

É evidente que tal descrição não se adegue em sua totalidade à personagem Screwtape. Sobretudo as primeiras orações desse excerto não se aplicam a ele, mas, por outro lado, o veterano apresenta uma visão ampla, um notório saber e não se escusa em intervir no trabalho de seu sobrinho quando necessário. O segundo termo cunhado pelo acadêmico francês diz o seguinte:

Ele narra a sua história como se ela se desenrolasse no momento da narração. Constrói-se uma ilusão de simultaneidade entre os acontecimentos e sua narrativa (o que autoriza a utilização do presente). O narrador não está, portanto, distanciado do presente e sua visão se acha limitada, idêntica à da personagem que percebe o que lhe acontece no momento em que ocorre [...] (2004, p. 77).

Inversamente, a proposição desse tipo de narrador lança luz sobre o foco narrativo da obra em análise nas primeiras orações do excerto, mas distancia-se nos últimos, pois Screwtape de maneira alguma apresenta uma visão limitada e distanciada do presente.

Na interpretação da obra em questão também são úteis o uso dos conceitos de saberes e valores. Os primeiros, de acordo com Reuter,

São primeiramente necessários (...) para construir e compreender a ficção (o universo, as personagens, a intriga...), para evitar inverossimilhanças ou incoerências. Quando o universo colocado é supostamente estranho ao leitor (inventado na ficção científica, distante historicamente ou especializado), é necessário introduzir na narrativa – sob uma ou outra forma – informações em grande número (2004, p. 136).

Levando-se em conta que o narratário é exposto apenas à voz de Screwtape, autor das cartas, que o tema abordado consiste na perdição da alma do paciente e que superabundam apontamentos referentes a outros discursos, mormente o religioso, chegamos a conclusão de que o romance se constitui como romance de tese, por conta de sua tessitura

monológica. No que se refere aos valores, estes estão subordinados àqueles pois, segundo Reuter,

[...] assim como os saberes, os valores assumem diferentes funções nos romances. Parece inicialmente que eles auxiliam na compreensão dos textos, para guiar a leitura: seja porque a tese defendida é aparente e organiza itinerários (do pecado à redenção...), seja porque o sistema dos valores (bem/mal, positivo/negativo...) ajude a compreender, a situar e a avaliar as personagens e as ações (2004, p. 140).

Em *The Screwtape Letters*, a luta entre o bem e o mal é constante com a peculiaridade de que o narratário acompanha a progressão da história pelo viés de um demônio, ou seja, do outro lado, tendo que ponderar que, do ponto de vista do bem, aquilo que é proposto como bom pelo narrador deve ser interpretado inversamente. Desse modo, conceitos como “Inimigo”, deve ser interpretado como o Deus cristão, “perder o paciente”, deve ser interpretado como o paciente ter sua alma salva e assim sucessivamente. Ademais, é importante lembrar que neste livro, C. S. Lewis apresenta um posicionamento antimaniqueu. No trecho em que *Screwtape* afirma que o prazer e o vinho são do Inimigo ele ensina ao seu sobrinho que o pecado tornaria a vida insossa. Portanto, não haveria concordância entre o bem e o mal, pois, conforme aponta a pesquisadora Gabriele Greggersen acerca desse tema, “sabendo que está do lado mais fraco, o mal então tenta levar o homem ao vício” (GREGGERSEN, 2001, p. 37).

O último aspecto pelo qual o texto pode ser interpretado é o realismo que se refere não ao movimento literário do século XIX, mas à “(...) impressão de real provocada por certo número de procedimentos” (REUTER, 2004, p. 149). O expediente utilizado da troca de correspondências, que implica uma logística até então tida como uma das poucas possibilidades – no mundo anterior aos satélites – de comunicação, pode ser considerado um procedimento realista. Algumas descrições do cotidiano do paciente como a relação com sua mãe, o círculo contínuo de amigadas, o período de namoro, o hábito de ir à igreja, o temor que a guerra suscitara nele em ser convocado, a exposição ao horror da guerra ao observar uma parede repleta de sangue e outras próprias das possibilidades da experiência humana, remetem ao realismo evocado na obra. O paciente é um humano comum e o leitor se reconhece nele.

2.6 Considerações finais do capítulo

Apresentamos neste capítulo uma sucinta biografia do autor irlandês Clive Staples Lewis. De forma gradativa, seguindo o itinerário da produção geral para a específica, adentramos o mundo do texto da obra em foco, comentando seu gênero e pontuamos algumas questões que subjazem ao seu conteúdo tais como sua experiência e formação religiosa cristã anglicana e demonstramos a presença de doutrinas cristãs implícitas e explícitas na textualização de seu discurso. Comentamos a construção de suas personagens demoníacos tendo como pano de fundo a tradição judaico-cristã e a presença da demonologia em outros textos de significativos autores da literatura ocidental, tais como Gil Vicente, Goethe e Asimov. Por fim, apresentamos uma análise literária, ancorada no pensamento de alguns teóricos, como Todorov e Reuter.

CAPÍTULO II

MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO, TRADUÇÕES E RECEPÇÃO DE *THE SCREWTAPE LETTERS* NO BRASIL

3.1 Breve história da cadeia produtiva do livro no Brasil (1808 – 1964)

As traduções de *The Screwtape Letters* aportaram no Brasil em um sistema literário local consolidado. Assim, sucintamente, apresentaremos a trajetória da leitura, por meio da cadeia produtiva do livro na América lusa, a fim de apresentar o mercado que recebeu o *best-seller* de C. S. Lewis na década de sessenta do século passado. Tal delimitação do período histórico se deve ao fato da autorização e desenvolvimento da produção de textos impressos terem ocorrido depois da chegada da família real ao Brasil, a partir de 1808 e a última data (1964) justifica-se por conta de ter sido o ano em que ocorreu a publicação da primeira tradução de *The Screwtape Letters* em nosso país.

A despeito das rudimentares técnicas de impressão de livros e fomento à formação livresca no país, empreendida por jesuítas e, em menor tempo, pela presença dos holandeses no país – que, no século XVII, haviam trazido equipamentos tipográficos ao Brasil, a fim de satisfazer suas exigências administrativas – e de iniciativas subversivamente particulares⁴⁷, apenas em 1808, quando Dom João, Príncipe Regente de Portugal, refugiou-se na então colônia ultramarina por conta da ameaça das forças napoleônicas, foi autorizada a utilização da imprensa no Brasil. Tal situação era distinta do que ocorria em outras colônias, como Goa, na Índia, e Macau, na China, que já utilizavam há muito suas oficinas tipográficas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 33). Assim, a instalação do material tipográfico foi uma das primeiras medidas daquele monarca a fim de transformar o Brasil em sede do domínio português e o primeiro documento produzido foi a carta régia que abria os portos do país ao comércio estrangeiro, impresso em janeiro de 1808. Destarte, com atraso, o Brasil, ainda colônia, tornara-se o décimo segundo país da América Latina a obter o direito de impressão (ABREU, 2003, p. 83).

⁴⁷ Laurence Hallewell, em sua obra “O livro no Brasil”, cita a presença de uma impressora no Rio de Janeiro em 1747, operada por Antônio Isidoro da Fonseca. (HALLEWELL, 1985, p. 14).

Com a chegada da família real e da nobreza necessária à formação de uma corte improvisada na sua possessão tropical, formou-se um público leitor que impulsionou a abertura de livrarias nos anos subsequentes, apenas para exemplificação mostramos que em 1808, havia apenas duas livrarias no Rio de Janeiro, em 1809, eram cinco, em 1812, sete e em 1816, doze (HALLEWELL, 1985, p. 33). Tal aumento não se sustentou, pois logo depois do retorno da corte para Portugal, houve diminuição da presença desses estabelecimentos (ABREU, 2003, p. 155). Não obstante, a base para um mercado editorial nacional já estava lançada.

O período pós independência e estabelecimento do Império foi marcado pelo crescimento da população em várias cidades brasileiras. Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, a título de exemplificação, tiveram um salto de 112.695 habitantes a primeira, 15.000 a segunda e 55.000 a terceira, no ano de 1820, para 811.433, 621.933 e 239.820, respectivamente, em 1900, cerca de uma década após o fim da monarquia no Brasil (HALLEWELL, 1985, p. 52 – 53). Tais dados foram acompanhados pelo crescimento e maturação de um público leitor, ainda que incipiente se comparado às nações da Europa e da América do Norte. Em 1878, a Inglaterra e França apresentavam mais de 70% de sua população alfabetizada, enquanto que os Estados Unidos já eram considerados uma nação de leitores, pois 90% da população branca era letrada (GUIMARÃES, 2012, p. 63). Paralelamente, o Brasil, com base no censo de 1872, apresentava o número de 18,6% de sua população livre alfabetizada, dentre os quais, os potenciais leitores restringir-se-iam a 12 mil frequentadores de escolas de nível médio e 8 mil bacharéis (GUIMARÃES, 2012, p. 64). O reduzido público leitor foi motivo de queixa por parte dos literatos, conforme nos mostra o desabafo de Aluísio Azevedo nos anos oitenta do século XIX: “Escrever para quê? Para quem? Não temos público. Uma edição de dois mil exemplares leva anos para esgotar-se e o nosso pensamento, por mais original e ousado que seja, jamais se livrará no espaço amplo: voeja entre as grades desta gaiola estreita [...]” (AZEVEDO *apud* GUIMARÃES, 2012, p. 69).

É mister ressaltar que, se o público leitor não era tão amplo quanto os homens de letras esperavam, a atividade editorial no período do século XIX manteve-se sob os auspícios de homens que se destacaram no mercado editorial, sendo verdadeiros desbravadores das letras nacionais. Dentre os quais sobressaem-se Paula Brito, que foi o primeiro editor a publicar autores brasileiros, ainda que lhe representassem risco pecuniário (HALLEWELL, 1985, p. 88) e que tratava seus editados com respeito, pois

fora pioneiro em remunerá-los e apoiava o surgimento de jovens talentos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 118), dentre os quais encontra-se Machado de Assis; Baptiste Louis Garnier, dono de vasta fortuna ao final de sua vida, responsável, a partir da década de 1860 pela ampla produção de romances no Brasil, pois fora o editor de quase todos os grandes nomes da literatura brasileira daquele século, cujo principal era Machado de Assis; por fim, os irmãos Laemmert, que embora também publicassem textos ficcionais, de maneira alguma representavam séria concorrência a B. L. Garnier, pois concentravam-se na publicação de livros de história e ciência, além de obras de referência como dicionários (HALLEWELL, 1985, p. 166).

No século XX havia uma nova configuração do mercado editorial brasileiro e consequente da circulação de livros. Dentre os novos nomes que surgiram nesse nicho, encontram-se o de Francisco Alves que se notabilizou pela publicação de obras literárias e de material didático; Monteiro Lobato, literato, proprietário de várias editoras, pode ser uma espécie de agente duplo, ao publicar vários textos de colegas de ofício e pagá-los com generosidade e inovar o mercado, buscando alternativas para a rede de distribuição de livros; Octalles Marcondes Ferreira, sócio de Monteiro Lobato que se estabeleceu no mercado de forma meritória, cuja editora – Companhia Editora Nacional – em 1955 ocupava o primeiro lugar entre as editoras brasileiras, com a publicação de mais de 6 milhões de exemplares (HALLEWELL, 1985, p. 293) e José Olympio, editor de importantes autores nacionais do período regionalista como José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, que mostrava preocupação para com os seus leitores, estimulando a correspondência entre eles e os autores, com intermediação da editora (HALLEWELL, 1985, p. 363).

Nesse século, a cadeia produtiva de livros no Brasil cresceu de maneira significativa. Tomemos como referência o número de livros publicados no Estado de São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, entre 1920 e 1964 a fim de demonstrarmos parte da história e circulação de livros no país⁴⁸. Entre 1920 e 1930, houve 209 títulos de livros e folhetos em São Paulo somando-se ao número de exemplares na ordem de 901.000, enquanto que na cidade do Rio de Janeiro foram 782, somando-se a 2.195.263 exemplares. Já em 1964 o número de títulos estava em 1.821 livros e 354 folhetos, somando-se a 23.624.309 exemplares de livros e 7.498.459 folhetos, enquanto que a

⁴⁸ Dados aferidos da tabela 6 de *O livro no Brasil* de Laurence Hallewell, p. 238 - 239.

cidade do Rio de Janeiro havia publicado 1.330 títulos de livros e 243 de folhetos, somando-se a 22.237.785 exemplares de livros e 4.131.117 folhetos. Não há dúvidas de que ao longo do século houve um salto quantitativo significativo no mercado editorial do país. De fato, no século XX o parque gráfico brasileiro teve um desenvolvimento tal que ensejou o surgimento do livro como produto de exportação, sendo que em 1928 foram exportadas 15 toneladas desse novo produto, enquanto que, em 1964, foram exportadas 285 toneladas (HALLEWELL, 1985, p. 282).

É importante notarmos que, além da presença do mercado editorial, que sem dúvida constitui um importante referencial panorâmico dos meandros de circulação de livros no país, há de se destacar a importância do surgimento de um tipo de autor mais preocupado com questões socioeconômicas, culturais e de valorização da nacionalidade, no sentido de assumir determinada cor identitária. Por exemplo, em 1902, Euclides da Cunha publica *Os Sertões*, relato do conflito que houve no interior da Bahia, no final do século XIX, entre o exército brasileiro e rebeldes liderados pelo mítico Antônio Conselheiro; as obras de Lima Barreto também lançam luz sobre problemas sociais brasileiros como a questão do preconceito de cor, tal qual abordado em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909), ou mesmo o parvo patriotismo irrefletido denunciado em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915). Em 1922 houve um movimento em São Paulo, denominado *Semana da Arte Moderna*, em que um grupo de literatos e artistas de várias vertentes, influenciados pelos movimentos de vanguarda europeus (Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo e outros) propunham novas perspectivas sobre a Arte e a Literatura. Como resultado direto desse movimento, autores reuniram-se em grupos afins e fundaram manifestos próprios, com o intuito de valorizar aspectos da brasilidade em seus textos, daí temos então a publicação de livros como *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade e *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) de Oswald de Andrade. Depois, na década de 1930, romances regionais que denunciavam a fragilidade do tecido social do país, em especial do Nordeste brasileiro, mostrando ao público um “Brasil profundo”. É o caso de Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e outros. Sobre a produção literária destes últimos, Laurence Hallewell assevera que, a despeito da importância do movimento modernista capitaneado pelos paulistas na década de 1920, “a procura de um público maior só viria com a chegada do romance modernista – alguns diriam pós-modernista – nos anos trinta (1985, p. 249). Levando-se em conta a receptividade de todas essas obras, percebemos que o público

leitor do país em meados do século XX já era mais qualificado e em maior número do que o do século anterior. Daí a necessidade de uma diversificação de editoras que já estavam publicando textos de acordo com segmentos de mercado. Nesse período, ainda que houvesse momentos críticos de tolhimento de liberdade por razões ideológicas, promovido pelo Estado Novo – livros de Jorge Amado e outros foram queimados em praça pública e autores como Graciliano Ramos foram presos sem acusação formal –, a comunicação entre os autores nacionais possibilitava encontros como o I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em 1945, promovido pela ABDE (Associação Brasileira de Escritores) que promoviam a análise de teses e diálogos entre os pares acerca de assuntos de natureza política (MOTA, 1977, p. 141).

Além dos fatores supracitados, não podemos olvidar que, ainda que óbvia, a mensuração da população letrada no país entre os séculos XIX e XX. As estimativas, para o início do século XIX são imprecisas. No entanto, de acordo com a pesquisadora Márcia Abreu, se levarmos em conta a população com condições de ler um texto na Inglaterra do século XVIII que era em torno de 80 mil e que correspondia a 1,5% da população local, podemos supor que a cidade do Rio de Janeiro na mesma época possuía mais de 500 leitores (ABREU, 2003, p. 39). A também pesquisadora no assunto, Roxane Rojo, com base nas estatísticas do censo de 1872 – primeiro desse tipo de pesquisa no Brasil – aponta que há um paradoxo na aferição da taxa porcentual de analfabetismo que é vista nos gráficos de pesquisa do IBGE numa condição de queda, enquanto que, por outro lado há um número crescente do número absoluto de analfabetos (ROJO, 2009, p. 15). Ela assevera que, embora haja um declínio na taxa de analfabetos por volta dos anos 1940 e tal queda se acelere no final do século XX, tal decréscimo é desproporcional ao crescimento populacional (ROJO, 2009, p. 16). Mas, a despeito do problema mais amplo de educação no país, o número de alfabetizados cresce, se pensarmos diacronicamente, entre os anos 1872 e 1960. No primeiro, por exemplo, havia 82,3%, ou seja, 7.290.293 analfabetos em uma população de 8.854.774 pessoas de 5 anos ou mais, enquanto que no último, havia 46,7%, ou seja, 27.578.971 analfabetos em uma população de 58.997.981 pessoas da mesma faixa etária. Se levarmos em consideração outras faixas etárias: população de 10 anos ou mais e de 15 anos ou mais, nos anos 1960, esse percentual apresentaria uma alta significativa, em relação à faixa etária de 5 anos ou mais. Por exemplo, a primeira apresenta uma taxa de 39,7%, ou seja, 19.378.801 analfabetos em uma população de 48.839.558 de indivíduos; já a segunda apresenta 39,6%, ou seja,

15.964.852 analfabetos em uma população de 40.278.602 de indivíduos. Nossos números eram bastante modesto se pensarmos que

[...] em 1878, Inglaterra e França tinham respectivamente 70% e 77% de alfabetizados, [e] em meados do século 19 os Estados Unidos já eram considerados uma população de leitores, com 90% da população alfabetizada e um leitorado de livros, jornais e revistas que já superava o britânico (GUIMARÃES, 2012, p. 63).

Por fim, há de se considerar o aspecto pecuniário subjacente à presença de um parque tipográfico do tamanho do brasileiro e que o justifique. Afinal de contas, conforme nos lembram Lajolo e Zilberman,

o livro, suporte físico de um saber, mas também objeto industrializado submetido à compra e venda, vale dizer, mercadoria, é parte integrante, até essencial, dos mecanismos econômicos próprios ao capitalismo. Assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada; neste caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que visibilizam a dimensão econômica do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 60).

Levando em conta o livro como produto, portanto resultado de uma cadeia de produção, era necessário também ver a mente produtora dele como profissional e digno de viver de seu trabalho intelectual. Tal condição já era considerada há séculos na Inglaterra, tendo em vista que o poeta John Milton recebia, por força de contrato formalizado entre autor e editor, cerca de cinco libras para cada edição de sua epopeia *Paraíso Perdido* (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 50 – 51); por conseguinte, o romancista Walter Scott nas primeiras décadas do século XIX “exemplifica de modo definitivo o reconhecimento financeiro conquistado pelos escritores de língua inglesa” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 51), pois já recebia valores considerados altos em sua época por conta da autoria de suas obras. Enquanto isso, no Brasil, mais de um século depois, a situação era totalmente adversa. A respeito disso, Hélio de Seixas Guimarães afirma o seguinte:

Em realidade, a atividade literária não garantiu o sustento nem de Azevedo nem de qualquer outro escritor brasileiro até pelo menos 1930, conforme demonstra o estudo de Machado Neto, que afirma não ter

havido sequer um escritor brasileiro que pudesse viver exclusivamente do seu ofício entre 1870 e 1930. Todos foram obrigados a combinar a literatura com uma ou mais atividades (GUIMARÃES, 2012, p. 69 – 70).

É evidente que a dessemelhança da condição do autor nacional e o estrangeiro decorre de fatores que devem ser levados em conta. Por exemplo, o fato de países centrais terem expandido seu público leitor, fortalecido, dessa forma, o mercado editorial e investido na introdução de aparelhagem avançada para atender melhor a demanda, como no caso do uso da máquina para a produção industrial do papel que diminuiu em cerca de 40% o custo da produção do livro (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 52). No entanto, paulatinamente houve um avanço no mercado consumidor brasileiro. No final do século XIX, embora um autor não pudesse viver exclusivamente de sua obra, já havia uma melhora na relação escritor – público, pois a população já começava a ter a perspectiva da presença de autores na sociedade como profissionais de um determinado ramo: as letras. Além disso, Guimarães afirma que entre outras mudanças dessa percepção estão “[...] as cogitações sobre a necessidade de modular a obra em função das expectativas do público, algo fora de cogitação para Alencar e outros escritores românticos. Também aparece como novidade a especialização do leitorado, dividido entre crítica e público” (GUIMARÃES, 2012, p. 75). As categorias profissionais dos escritores organizaram-se em associações de classe, como a Associação dos Homens de Letras, de 1883, e a Sociedade dos Homens de Letras, de 1890, que convergiram na Academia Brasileira de Letras que seria uma associação de referência, embora surgisse sob “a ideia de que o governo e/ou iniciativa privada pudessem ajudar a instituição” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 150), auxiliaria os escritores, conferindo-lhes respeitabilidade.

3.2 Presença de livros traduzidos no Brasil (1830 – 1964)⁴⁹

A atividade da tradução tem acompanhado as culturas letradas, em especial as grafocêntricas, há milênios. No Brasil não foi diferente. Desde a chegada dos europeus houve necessidade de intérpretes por conta da diversidade linguística presente em nosso território e isso perdurou por séculos. De acordo com pesquisadores, no século XVII,

⁴⁹ Seria importante esboçar, paralelamente, a presença de livros religiosos traduzidos no Brasil, mas tal informação não faz parte do escopo do trabalho.

apenas um em cada cinco habitantes da cidade de São Paulo dominavam o idioma português, os demais conheciam apenas a língua geral, ou *nheengatu* – língua de base tupi que funcionava como instrumento de comunicação entre as diferentes nações indígenas em todo o litoral brasileiro e parte do interior (Cf. BAGNO, 2003, p. 91). Destarte, paralelamente à consolidação de um sistema literário autóctone e, de certa forma, circunscrito a ele, é importante que se considere a presença de livros traduzidos no Brasil, dentre os quais pertence o próprio texto de C. S. Lewis, objeto de nossa atenção, bem como os demais de sua lavra. O professor João Leonel, ao comentar o contexto da acolhida da literatura protestante no Brasil em meados do século XIX, nos dá um vislumbre do contexto literário no período. Segundo ele,

[...] havia pouca literatura circulando, motivo pelo qual, possivelmente, os leitores solicitavam a Kalley [missionário e médico escocês que chegara ao Brasil em 1855] que trouxesse novos livros. Acrescente-se outro dado: a preferência pelos livros estrangeiros aos nacionais. Guimarães (2004, p. 62, grifo nosso) comenta que no século XIX “[os escritores nacionais] atribuem a baixa ressonância dos seus escritos à concorrência desleal da produção estrangeira”. (LEONEL, 2016, p. 57).

O crítico literário Antônio Cândido, com base nas pesquisas de J. M. Vaz Pinto Coelho a respeito das traduções que circulavam no Brasil, propõe que, a despeito da quantidade de 74 romances traduzidos entre 1830 e 1854, aferidos por sua fonte, levando-se em conta eventuais falhas de método investigativo, havia cem romances traduzidos, sendo portanto, uma média de quatro romances anuais (CÂNDIDO, 1975, p. 120). Destes números, o professor destaca que o interesse por romances coincidia com o aparecimento do romantismo e também do jornalismo mais consistente e que houve um arrefecimento da presença de folhetins à medida em que começaram a aparecer produções nacionais. Contudo, em relação à última observação, Cândido indica que ao longo do século XIX, as produções estrangeiras, dado o fato de não haver regulamentação legal de sua tradução e publicação, sendo, portanto, de desleal concorrência, prejudicaram o desenvolvimento da produção de autores brasileiros, por conta do desestímulo que lhes causavam (CÂNDIDO, 1975, p. 121). Contudo, a despeito de tal comentário, o crítico literário também reconhece a boa qualidade, na maioria dos casos, dos tradutores brasileiros, citando nominalmente os tradutores Caetano Lopes de Moura, que traduziu a maior parte dos romances de Walter Scott e do capitão Marryat e *Os Natchez* de Chateaubriand;

Justiniano José da Rocha, que traduziu *Os assassinos misteriosos*, sem identificação autoral; e Paula Brito. Além disso, ele também faz uma lista dos principais autores traduzidos que eram: George Sand, Mèrimèe, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny, Paul de Cock, Eugene Sue, Scribe, Soulliè, Berthet, Souvestre, Fèval, Bard, Gonzales, RAbou, Chevalier, David, etc. (CÂNDIDO, 1975, p. 121 - 122).

As principais casas publicadoras mantiveram esses livros traduzidos em circulação, no século XIX e início do século XX. A Garnier, por exemplo, possuía um amplo programa de traduções que incluíam em sua maioria, nomes de autores francófonos, dada a importância que a língua e a cultura francesa gozavam na época. De acordo com Hallewell, os autores traduzidos pela editora Garnier tratavam-se de personalidades como Dumas, Hugo, Montepin, Octave Feuillet, Arsène Houssaye, Émile Gaboriau e Júlio Verne (1985, p. 146). Também a editora Laemmert ocupou-se da publicações de origem francesa, sobretudo por conta da importância da ciência e cultura produzidos neste idioma. De acordo com os números aferidos por Hallewell, “[...] em 1909, ela [a editora] havia produzido um total de 1.440 trabalhos de autores brasileiros e mais cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano” (1985, p. 165). Um dos primeiros trabalhos desta editora foi a tradução feita por Elias Regnaut, cerca de três anos depois da publicação do original em 1843, de *História criminal do governo inglês, desde as primeiras matanças da Irlanda, até o envenenamento dos chinos ... anotada, com muitos factos modernos, ... por um brasileiro*, a respeito dessa obra, Hallewell afirma que “o trabalho foi reimpresso como propaganda antibritânica, ainda útil, no começo da segunda guerra mundial” (1985, p. 169).

É importante não perdermos de vista que, se por um lado, as editoras de origem francesa privilegiaram a tradução de obras do idioma francês, por outro, não deixaram de publicar as de outros idiomas. O pesquisador Hallewell, por exemplo, comenta que o próprio Eduardo Laememert traduziu o best-seller de Goethe do século XIX, cuja versão em português ficou intitulada *Amorosas paixões do jovem Werther*; além disso, Capistrano de Abreu traduziu dos originais alemães *Mensch Und Erde* (1902), de Alfred Kirchhoff e *Die moderne Heilwissenschaft* (1902), cujos títulos em português, respectivamente, foram *O homem e a terra* e *Medicina moderna, gênio e limites do saber médico* (HALLEWELL, 1985, p. 169). O pesquisador britânico também cita o trabalho de um profissional contratado pela editora Laemmert, Carlos Jansen Müller, que se dedicou a traduzir obras famosas de várias línguas, tais como *As viagens de Gulliver a*

terras desconhecidas (1888), *Aventuras pasmosas do celeberrimo barão de Münchhausen* (1891) e *Dom Quixote* (1901), obras tais que fizeram a editora a pioneira em publicações de literatura infantil no Brasil (HALLEWELL, 1985, p. 170).

Não obstante, se no século XIX as casas publicadoras investiram fortemente em livros francófonos, o século XX trouxe consigo uma significativa mudança de valores estéticos que foi o declínio da importância da cultura e língua francesa no cenário internacional. A ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, sobretudo depois de ter saído vitorioso nas guerras mundiais e também por conta de sua influência na transmissão de seus valores culturais mormente por meio do domínio das mídias modernas de então, como o cinema e a indústria fonográfica, reposicionou o inglês e a cultura anglo-saxônica, a reboque, como principal referencial artística, cultural e literária no mundo. Segundo Maurizio Gnerre, “houve época em que o francês ocupava a posição mais alta na escala de valores internacionais das línguas, depois foi a vez da ascensão do inglês” (GNERRE, 1998, p. 7). No bojo dessa mudança houve um declínio do interesse por livros de origem francesa. Desse modo, materializou-se o que Gnerre assevera que é o fato de que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1998, p. 6 – 7). Hallewell (1985, p. 328 – 329) demonstra o declínio do interesse por obras francesas (livros, jornais, periódicos e mapas) por meio de uma tabela que contempla o volume, valores financeiros, peso e outras informações a respeito das importações anuais de material impresso da França feitas pelo Brasil no período de 1910 a 1981. Contudo, dado o recorte de nossa análise, consideremos os anos de 1910 e 1964. No primeiro ano, o volume de impressos franceses era de 457.732 kg, que totalizavam US\$ 404.856; enquanto que no segundo ano utilizado como referência, o volume era de 84.233 kg (cerca de 1/5 do volume de 1910), totalizando US\$ 375.088.

Fora do eixo Rio-São Paulo, no Rio Grande do Sul, surgiu no final do século XIX um centro editorial de grande volume. Publicando traduções de autores muito conhecidos à época – e alguns até os dias de hoje – como Bourget, Alphonse Daudet, Dostoiévski, Elslander, irmãos Goncourt, de Kock, Maupassant, Sacher-Masoch, Turgueniev e Zola, sem pagar direitos autorais, em pouco tempo sua presença tornou-se notória nesse ramo, suscitando o surgimento de empresas de grande porte, se considerado o padrão do mercado nacional, como a editora Globo. Tendo em seus quadros de liderança o então

jovem escritor e tradutor Érico Veríssimo (1905 – 1975), o grupo precisou se reinventar após a crise econômica mundial de 1929, que trouxe consigo a desvalorização da moeda nacional e conseqüente encarecimento da importação de livros estrangeiros no país, dentre os quais os franceses. Diante disso, o CEO da editora, Henrique Bertaso, observou o mercado norte-americano como fonte para encontrar livros de boa aceitação comercial, disso resultou a *Coleção Amarela* da editora que trouxe à lume obras de importantes autores anglo-saxões tais como E. C. Bentley, Raymond Chandler, Agatha Christie, Sidney Horler, E. Philips Oppenheimer, Ellery Queen, Sax Rohmer, Rex Stout, S. S. Van Dine, Edgar Wallace e o belga Georges Simenon (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 317). Desse modo, a editora promoveu a primeira conexão em grande escala do público nacional a autores anglófonos, em especial norte-americanos, pois essa linha de publicações se manteve, pois na década de 1930, foram acrescentados à lista supracitada autores como Galsworthy, Conrad, Chesterton, Maugham, Willa Cather, Edith Warton, Katherine Mansfield, Sinclair Lewis, Joyce, Aldous Huxley, Robert Graves, Steinbeck, Faulkner, Graham Greene, Charles Morgan, Liam O’Flaherty, Vick Baum, Loius Bromfield, Pearl Puck, Norman Douglas, James Hilton e Richard Llewellyn (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 318). Estava feita a transição de matrizes culturais influenciadoras da apreciação brasileira de obras estrangeiras. Os números são consistentes demonstrativos de tal condição. De acordo com Hallewell, “[...] o *Hand book of Latin American Studies* para 1940 arrolou 52 traduções brasileiras dignas de nota naquele ano, das quais 24 eram de autores britânicos ou americanos, e apenas 20 de autores franceses” (HALLEWELL, 1985, p. 318).

A ênfase em traduções exigiu a demanda de um complexo processo editorial para a Globo, pois dado o volume de obras a serem traduzidas, exigia-se a disponibilidade de profissionais que a realizassem, além do pagamento de direitos autorais que, a essa altura, já era regularizado no país. Somando-se a estas dificuldades, o fim da Segunda Guerra trouxe instabilidade econômica ao mercado e o programa de tradução da editora gaúcha foi suspenso em 1947 (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 321). Da perspectiva nacional, houve uma melhora nos anos 60, quando o montante do pagamento de direitos autorais feito por editoras brasileiras passou de US\$ 647,000 em 1960 para US\$ 2,153,000 em 1968 (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 321).

Embora a editora Globo não tenha recuperado o volume de publicação de obras traduzidas de outrora, outras editoras dedicaram-se a este trabalho, dentre as quais se

destacam as editoras José Olympio, originalmente de São Paulo, e a Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro. A partir de 1940, a José Olympio, juntamente com clássicos como H. G. Wells, lançava autores de menor expressão literária como A. J. Cronin, Lloyd C. Douglas, Vicki Baum, Faith Baldwin e Ruby M. Ayres (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 373). Ainda que houvesse autores não anglo-saxões, o pesquisador Laurence Hallewell observa que tal grupo editorial, em seu programa de traduções

[...] favorecia largamente os originais de língua inglesa, podendo-se dizer que ele desempenhou uma função especialmente valiosa ao pôr ao alcance do leitor brasileiro muitos dos clássicos menores da literatura inglesa e, desse modo, ajudar um pouco a corrigir a perspectiva até então excessivamente francesa de seus compatriotas [...] (HALLEWELL, 1985, p. 373).

Já a Civilização Brasileira, fundada por Ênio Silveira, dedicou-se à publicação de obras de cunho político, o que lhe trouxe embaraços diante das autoridades depois do golpe militar de 1964. Na década de 1950, ele (re)lançou no mercado brasileiro os seguintes autores: Margery Allingham, Eric Ambler, Agatha Christie, Daphne Du Maurier, Ian Fleming, Rafael Sabatini, George Eliot, Graham Greene, Radclyffe Hall, Aldous Huxley, D. H. Lawrence, George Orwell, Evelyn Waugh, T. S. Eliot, Faulkner, Scott Fitzgerald, Hemingway, Henry James, Mary McCarthy, Norman Mailer, Poe, Saroyan, Steinbeck e Tennessee Williams, mais autores da América espanhola (Cf. HALLEWELL, 1985, p. 447 – 448). Com o despertar do interesse destas editoras por traduções estrangeiras, em especial anglófonas, houve uma concorrência por títulos iguais em relação à Globo, além disso, traduções advindas de Portugal de forma irregular trouxeram uma complicação a mais no mercado editorial brasileiro naquele momento.

3.3 As publicações de *The Screwtape Letters* no mercado editorial brasileiro e seus paratextos

Anteriormente às publicações brasileiras da obra em análise, o extinto Centro Audio Visual Evangélico (CAVE), fundado por pastores evangélicos e financiado por um organismo interdenominacional norte-americano, ativo entre os anos 1951 e 1970 (Cf.

BELLOTTI, 2005, p. 15) produziu em 1961 um desenho animado intitulado *Tonico e o Demônio*, com duração de 24 minutos em preto e branco, que foi baseado no livro *The Screwtape Letters*, até então inédito no Brasil (Cf. BELLOTTI, 2000, p. 59). A produção não agradou os diretores do estúdio e, por não ter tido divulgação ou publicidade, foi preterido em meio a outras produções audiovisuais da empresa (BELLOTTI, 2000, p. 60), mas, a despeito de sua abscondicidade, foi a primeira experiência brasileira com o texto, embora adaptado para outra mídia, de C. S. Lewis.

A despeito do fracasso de sua adaptação cinematográfica, a obra teve o início de sua publicação no Brasil alguns anos depois e, para efetuarmos sua análise, lançaremos mão da primeira edição, publicada em Londres pela editora Geoffrey Bles, em sua oitava reimpressão de agosto de 1942, portanto, primeira edição em livro da obra em inglês. Também de uma publicação feita pela Edições Vida Nova, traduzida para o idioma português por Roque Monteiro de Andrade, intitulada *Cartas do inferno*, de 1964. Aliada a tal publicação, uma outra, das Edições Loyola, traduzida por Yolanda Steidel Toledo, intitulada *As cartas do Coisa-Ruim*, de 1982. Por fim, a última edição em português, traduzida por Juliana Lemos, publicada por WMF Martins Fontes, intitulada *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, 2ª edição de 2009, 4ª tiragem de 2014.

Analisaremos seus paratextos, a fim de delinear o perfil do leitor, por meio das práticas editoriais adotadas nestas publicações.

3.3.1 *The Screwtape Letters* e as Edições Vida Nova: pioneirismo editorial evangélico

A presença de livros evangélicos no Brasil ocorre há séculos, primeiro por meio de obras importadas – como o caso de *Paraíso perdido* de John Milton (ABREU, 2003, p. 193) – e traduzidas por pioneiros das mais diferentes denominações cristãs evangélicas – como o caso de *O peregrino* de John Bunyan (LEONEL, 2016, p. 56) – e, mais recentemente por meio de uma sortida cadeia produtiva. Entretanto, não raras vezes tal presença é negligenciada por pesquisadores da área. Laurence Hallewell, na primeira edição brasileira não lhes fez referência, no entanto, na última edição de sua primorosa obra *O livro no Brasil: sua história*, de 2012, dedica um parágrafo ao assunto, destacando

que o mercado editorial evangélico em nosso país constitui o terceiro mais importante do mundo, perdendo apenas para a China e os Estados Unidos. Os números que sustentam seu argumento são espantosos, pois, segundo o estudioso, cerca de 10% dos livros vendidos no Brasil são religiosos. Ele ainda destaca o impressionante número de Bíblias produzidas em 2003 que foi de 5.700.000 exemplares, mas cita nominalmente apenas uma editora evangélica: a Mundo Cristão (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 780)

Considerados os percursos do livro no Brasil, bem como o sistema engendrado por sua presença – autor/obra/público – e seu impacto de ordem socioeconômica, atentemos-nos à publicação de *The Screwtape Letters* na América lusófona. As condições analisadas prepararam a recepção da obra no país, pois se tratava de um autor anglófono e a cultura e língua anglo-saxônicas já eram prestigiadas pelo público brasileiro, conforme já demonstrado nesta pesquisa. Por conseguinte, contemporaneamente, “a maior parte da literatura publicada pelas editoras evangélicas é composta de traduções de títulos norte-americanos”⁵⁰ (LEWGOY, 2004, p. 61).

A primeira publicação do texto em análise em nosso país ocorreu em 1963, embora as anotações técnicas do livro indiquem que tenha ocorrido em 1964, fato este assegurado pelas informações obtidas na orelha formada a partir da sobrecapa que afirma ter outras obras do autor no prelo que seriam publicadas em janeiro de 1964 que seriam os livros *Palestras que impressionam* e *A razão do cristianismo*. Tal iniciativa se deu por meio da Edições Vida Nova. Até então, conforme já mencionado, ocorrera pouco contato do leitor brasileiro com os escritos de C. S. Lewis. Além do desenho animado *Tônico e o Demônio* (1963) e da matéria supracitada do suplemente literário do jornal *O Estado de São Paulo* de 13 de janeiro de 1962, assinada por Lívio Xavier, numa época anterior ao falecimento do autor, não encontramos outra referência anterior à obra lewisiana na grande mídia brasileira ou marginal a ela.

É importante levar em consideração que a Edições Vida Nova faz parte do segmento editorial evangélico, que, portanto, é seu campo. De acordo com John B. Thompson, há quatro razões para pensarmos o mundo editorial em termos de campo, a primeira é porque há uma pluralidade de campos; a segunda, porque nos faz olhar além de organizações e pensar em termos relacionais; a terceira, porque devemos levar em conta os recursos que determinados agentes têm como capital para garantir o funcionamento do processo

⁵⁰ Disponível em: <http://www.lume.ufrg.com.br/handle/10183/19859> Acesso em 17 ago. 2017.

editorial; por fim, é necessário levar em conta que cada campo tem uma dinâmica distinta, ou uma “lógica de campo”, que é “o conjunto de fatores que determinam as condições sob as quais agentes individuais e organizações podem participar do campo [...]” (Cf. THOMPSON, 2013, p. 10 – 17).

Há mais de um século e meio os evangélicos, embora constituam um grupo minoritário, ocupam-se de atividade editorial. O jornal *Imprensa Evangélica* (1864 – 1889), primeiro periódico protestante brasileiro (LEONEL, 2016, p. 87) fundado por Ashbel Green Simonton (1833 – 1867), pioneiro missionário presbiteriano no Brasil, surgiu da observação de artigos publicados na imprensa que versavam sobre assuntos especificamente teológicos, assinados pelo médico e missionário escocês radicado no Brasil, Dr. Robert Reid Kalley (1809 – 1888), desse modo, Simonton percebeu a demanda por tal tipo de publicação (Cf. VIEIRA, 1980, p. 147) e, juntamente com Alexander Blackford (1829 – 1890) editou o periódico, tendo em vista que uma de seus instrumentos evangelísticos era a literatura (LEONEL, 2016, p. 55). No entanto, os presbiterianos não tinham um parque tipográfico próprio e precisaram encomendar da empresa Laemmert a tiragem de 400 exemplares, depois recorreram aos metodistas e batistas, respectivamente, pois não possuíam editora própria até 1945 (VASCONCELOS⁵¹, 2013, p. 7). As igrejas já haviam percebido a necessidade de se manter um parque tipográfico próprio.

De acordo com Israel Belo de Azevedo, o início do trabalho das editoras evangélicas pode ser dividido em dois momentos: no primeiro momento, quando as publicações estavam a cargo das denominações, e num segundo, a partir dos anos 60, quando surgiram missões específicas de produção editorial que não estavam ligadas a nenhuma denominação (*Apud* ENDO, 2008, p. 38). De acordo com Whaner Endo, subsequentemente a estes, apontados por Azevedo, há um terceiro momento que seria a chegada de editoras de fora do segmento editorial brasileiro, com o objetivo de comprar aquelas que por aqui já estavam instaladas (ENDO, 2008, p. 39). As Edições Vida Nova estariam inseridas no segundo movimento.

Chegada ao Brasil depois da tentativa de radicação em Portugal nos anos 1950, por conta da iniciativa do missionário Arthur Brown que ficara chocado pelo parco acesso a

⁵¹ Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/243/172>> Acesso em 18 ago. 2017.

obras evangélicas disponíveis em português, a editora instalou-se no Brasil em 1962 e em 1963 publicara as duas primeiras coleções de sua lavra: *O novo comentário da Bíblia* e *O novo dicionário da Bíblia* – ambas apresentadas em dois volumes –, editadas por Russel Shedd⁵² (1929 – 2016). Tendo tais informações em vista, não é exagero propor que a publicação das obras de Lewis em 1964 situa-se entre as primeiras experiências editoriais do grupo. Levando-se em conta que o texto é uma obra ficcional e que o leitor evangélico brasileiro - excetuando-se à época a leitura de *O progresso do peregrino* utilizado historicamente pelos primeiros missionários no Brasil (Cf. SOUZA, 2014, p. 25; LEONEL, 2016, p. 60) – é refratário à leitura de romances, situação contrastante a dos norte-americanos, onde há o crescimento da *christian fiction* (Cf. LEWGOY, 2004, p. 62). Não obstante, o leitor evangélico brasileiro, segundo Lewgoy, é pragmático e “[...] prefere o cânone narrativo que gira em torno dos *topoi* bíblicos, da literatura de testemunho, das biografias e das histórias de missão [...]” (LEWGOY, 2004, p. 62). Daí interpretamos como audaciosa por parte dos editores a apresentação de *The Screwtape Letters* no Brasil.

Cartas do Inferno foi o primeiro título dado a *The Screwtape Letters* no Brasil, com um título adverso ao original, pois, como mencionado anteriormente, a palavra *Screwtape* não pode ser traduzida, primeiro porque se trata de um nome próprio, o protagonista da narrativa, segundo porque se trata de uma palavra composta que sugere algo abominável, então, dada a peculiaridade da palavra, o tradutor aproveitou outro substantivo, cartas (*Letters*) e, à luz de seu conteúdo, acrescentou-lhe o lugar onde estas eram escritas. Logo no início da circulação livre de livros por aqui, a identificação de um livro por seu título impunha dificuldades a quem o procurasse, pois era feita de maneira pouco clara, segundo Abreu, “ênfatar a intriga e os personagens foi a estratégia utilizada pelos editores e tradutores portugueses, que eles também, alteravam os títulos” (ABREU, 2003, p. 36 – 37). Outros editores brasileiros como Monteiro Lobato também lançavam mão desse expediente, quando necessário (HALLEWELL, 1985, p. 251).

⁵² Informações obtidas no site oficial da editora, disponível em: < <http://vidanova.com.br/content/6-quem-somos>> Acesso em 18 Ago. 2017.

3.3.1.1 A presença de paratextos editoriais em *Cartas do Inferno* (1964) e a consequente adequação da obra aos seus leitores

A fim de delimitarmos nossa análise, ater-nos-emos às questões paratextuais que estão presentes tanto nesta quanto em outras edições da obra publicadas no Brasil. Para tanto, recorreremos às observações de Gérard Genette, que, a respeito de uma obra literária, assegura que

[...] consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em too caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento de extensão e conduta variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de paratexto da obra [...] (GENETTE, 2009, p. 9).

Portanto, paratexto, conforme Genette, lançando mão de explicações de outro autor, J. Hillis-Miller, indica em uma nota de rodapé a composição desse então neologismo se faz do prefixo “para” que

[...] é um prefixo antitético que designa ao mesmo tempo a proximidade e a distância, a semelhança e a diferença, a interioridade e a exterioridade [...], uma coisa que se situa ao mesmo tempo aquém e além de uma fronteira, de um limiar ou de uma margem, de estatuto igual e, no entanto, secundário, subsidiário, subordinado, como um convidado para seu anfitrião, um escravo para seu senhor. Uma coisa em *para* não está somente e ao mesmo tempo dos dois lados da fronteira que separa o interior do exterior: ela é também a própria fronteira, a tela que se torna membrana permeável entre o dentro e o fora [...] (GENETTE, 2009, p. 9)

Desse modo, entende-se, levando-se em conta o que Genette propõe, “o paratexto compõe-se, pois, empiricamente, de um conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as idades que agrupo sob esse termo, em nome de uma

comunidade de interesse, ou convergência de efeitos...” (GENETTE, 2009, p. 10). Roger Chartier, apropriando-se do que fora proposto por Genette, observa que há duas classes de elementos paratextuais, a saber, “o peritexto, que encontramos dentro do próprio livro (título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas, ilustrações etc.), e o epitexto, que esse situa fora do livro em si (correspondência, diários e revistas, entrevistas etc.)” (CHARTIER, 2014, p. 235). De maneira mais específica, deter-nos-emos a alguns aspectos do peritexto editorial desta – de outras edições – que, de acordo com Genette, é

[...] toda a zona do peritexto que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da edição, isto é, do fato de um livro ser editado, e eventualmente reeditado, e proposto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes. A palavra zona indica que o traço característico desse aspecto do paratexto é essencialmente espacial e material; trata-se do peritexto mais exterior: a capa, a página de rosto e seus anexos; e da realização material do livro, cuja execução depende do impressor, mas cuja decisão e tomada pelo editor, em eventual conjunto com autor: escolha do formato, do papel, da composição tipográfica etc. (GENETTE, 2009, p. 21)

O uso e entendimento da existência destes expedientes certamente influenciam a recepção dos textos, conduzindo os leitores a determinadas veredas. A respeito disso, Roger Chartier afirma que

[...] os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2011, p. 78).

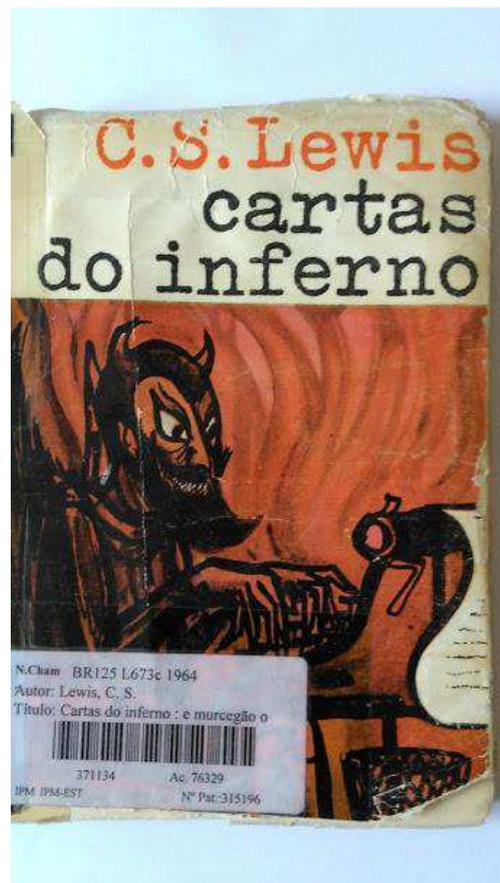
Desse modo podemos situar os paratextos como poderosos fatores de intervenção hermenêutica.

Tendo as definições acima sido assentadas, procederemos a metodologia de estabelecer a relação entre texto e paratexto e a utilização do último “visa à adequação de

uma obra aos seus leitores e, obviamente, à sua inserção no mercado editorial” (LEONEL, 2012, p. 219).

Procedendo a análise num itinerário de fora para dentro, observamos o formato do texto da edição em análise, entendido aqui como “o aspecto mais global da realização de um livro” (GENETTE, 2009, p. 22). Ele pode se apresentar de duas maneiras: como formato corrente ou como formato de bolso. Genette, acerca disso, observa que a distinção entre esses formatos não se baseia no fato de o último literalmente ter a dimensão apropriada para ser carregado em um bolso de determinada indumentária, mas sim, no fato de que “[...] essa oposição tem muito mais a ver com a distinção antiga entre livros encadernados e brochados [...]” (GENETTE, 2009, p. 24). Contudo, é mister levar em consideração que a edição de livros nesse formato, “transformou-se num instrumento de ‘cultura’, em outras palavras, de constituição e, naturalmente, de difusão, de um acervo relativamente permanente de obras *ipso facto* consagradas como clássicas” (GENETTE, 2009, p. 25). Com o passar dos anos, durante o século XX, várias editoras europeias e norte-americanas focaram um público que, se por um lado tinha interesse por obras “clássicas”, por outro, encontrava-se momentaneamente desprovido de condições pecuniárias para tal consumo, como era o caso de universitários. Por isso, surge um segmento de popularização de obras, denominada “formato de bolso”, por razões econômicas e culturais. Genette defende a tese de que “a edição de bolso será, sem qualquer dúvida, por muito tempo, sinônimo de consagração. Somente por isso, é em si mesma uma formidável (embora ambígua, ou porque ambígua) mensagem paratextual” (GENETTE, 2009, p. 25).

Figura 1 - Sobrecapa de Cartas do Inferno



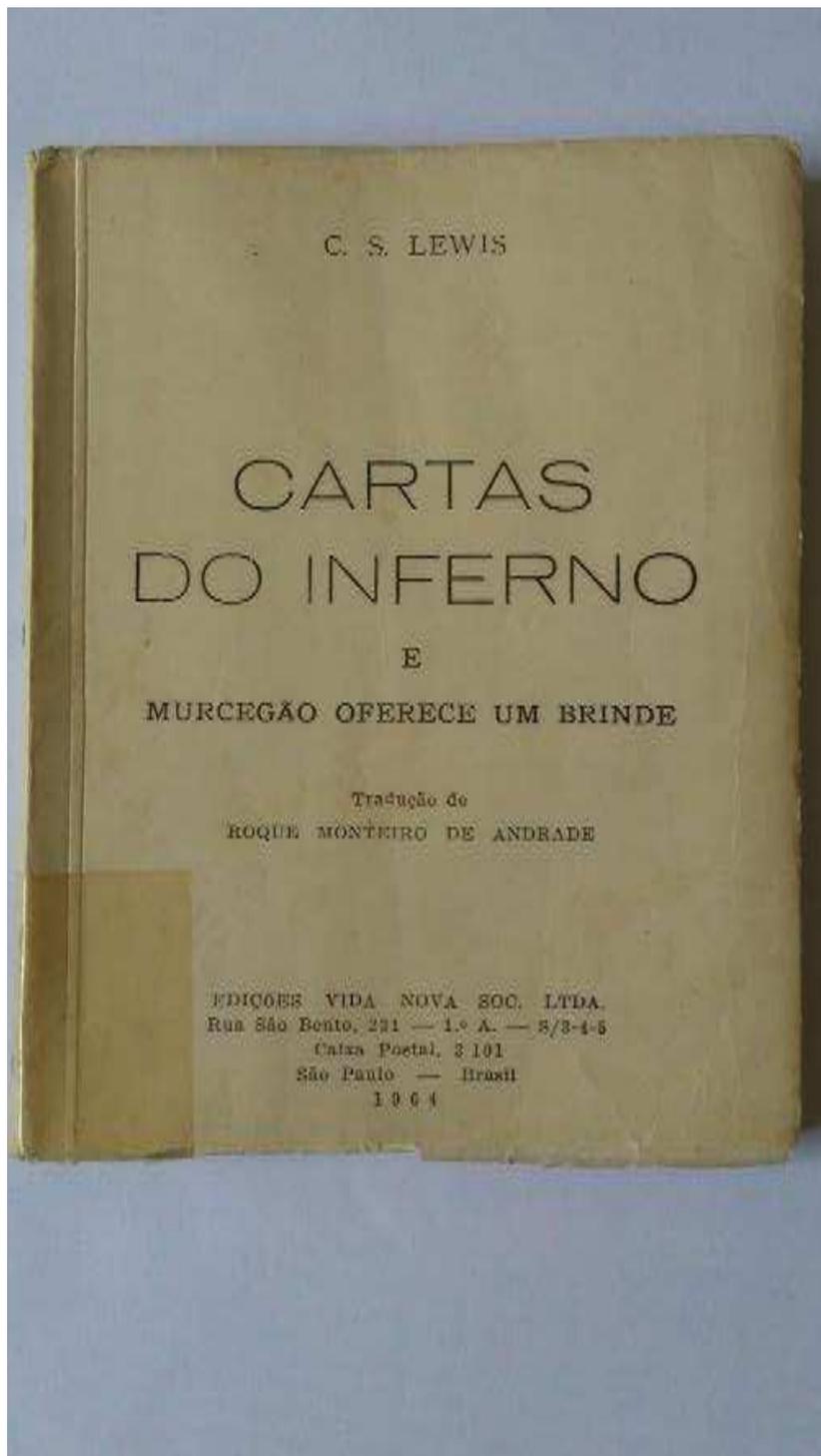
Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Figura 2 - Quarta capa da sobrecapa de Cartas do Inferno



Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Figura 3 - Capa de Cartas do Inferno



Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Figura 4 - Quarta capa de Cartas do Inferno



Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

No tocante às dimensões do formato, a edição em análise apresenta as medidas de 16,50 cm de altura por 12 cm de largura, sendo classificado como in-16. Embora sejam distintas em relação à primeira edição inglesa (1942), que apresentava dimensões de 18,50 cm de altura por 12,50 cm de largura, ambas edições podem ser classificadas como edições de bolso.

Além do formato, consideraremos também o que, segundo Genette, constitui-se como selo da obra. Segundo ele, “o lugar do selo é o peritexto editorial: a capa, a página

de rosto e seus anexos, que apresentam ao público, depois do leitor, muitas outras indicações, editoriais ou autorais [...]” (GENETTE, 2009, p. 27). Assim, ressaltamos a capa da edição de 1964. Há nela o nome do autor na parte superior, escrito em letras vermelhas sob um pano de fundo branco, destacando-se em relação às demais informações, o título da obra, escrito em letras pretas sob o mesmo fundo do nome do autor, uma ilustração específica que ocupa 12 cm da altura da obra, onde há o desenho da figura do que se convencionou representar como um diabo, posto que é um ser com corpo humano e outros elementos estranhos como asas e chifres, sob um pano de fundo vermelho. Ao analisar imagens da Biblioteca Azul publicada na França no século XVII, que tratava de “livros baratos, impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes” (CHARTIER, 2004, p. 261), Roger Chartier sugere o seguinte:

[...] colocada no começo, a ilustração induz a leitura, fornecendo uma chave que diz através de que figura o texto deve ser entendido, seja porque a imagem leva a compreender o todo do texto pela ilustração de uma das suas partes, seja porque propõe uma analogia que guiará a decifração (CHARTIER, 2004, p. 276).

Assim, levando-se em consideração que a figura está sentada em frente a uma máquina de escrever, fazendo assim referência direta não apenas ao título da obra, mas também ao seu conteúdo, entendemos que tal imagem tem a função de conferir à obra uma chave de leitura. Por fim, há o logotipo da editora em uma presença bastante discreta na parte superior esquerda. É importante assinalar que a sobrecapa também tem sua especificidade dentro dos elementos paratextuais, posto que sua função, conforme assegura Genette, “[...] é chamar a atenção por meios mais espetaculares do que aqueles que não se pode ou não se quer permitir numa capa: ilustração chamativa, menção de uma adaptação cinematográfica ou televisiva, ou apenas uma apresentação gráfica mais agradável [...]” (2009, p. 31). Pelo menos uma parte da descrição do pesquisador francês encaixa-se à realidade da edição Vida Nova, pois a ilustração da figura infernal e o espaço que tal desenho ocupa no *layout* não caberiam em uma capa convencional⁵³. Nessa sobrecapa, os editores aproveitam o espaço do que se configura como a primeira orelha do livro para

⁵³ Embora houvesse na época livros que apresentassem capas de cores vivas e de design agradável, de acordo com as limitações tecnológicas da época, as editoras, de maneira geral, ainda não utilizavam aspectos estéticos como meio de atração de seus leitores. Os livros *Luz para o teu caminho*, da casa Publicadora Concórdia S. A., de 1962 e *Cartas aos jovens*, de H. L. Heijkoop, publicado pela editora *Depósitos de Literatura Cristã*, de 1969, destinados aos jovens da época são exemplos de pouca atenção editorial para com as capas, no processo de persuasão de seu público alvo.

acrescentar informações acerca do teor da obra e acerca da biografia e relevância de seu autor. Tratam-se de “mensagens paratextuais que são, desejavelmente, transitórias, a serem esquecidas após cumprirem seu efeito” (GENETTE, 2009, p. 31). No texto em análise há na orelha da capa a seguinte informação:

Cartas do inferno é uma tradução de *The Screwtape Letters*, o livro mais popular e lido do sr. Lewis. Saíram já vinte e três edições encadernados [*sic*] e oito em brochura. Consta de uma série de cartas escritas por um oficial na hierarquia diabólica para seu sobrinho, um diabo neófito na terra. O propósito das cartas é aconselhar o seu sobrinho nos meios e maneiras de corromper a fé dum homem que se torna um cristão (LEWIS, 1964a, Orelha do livro).

Logo abaixo dessa informação há um elogio ao autor, feito pela revista *Decision*, que pertencia ao grupo ligado à associação evangelística de Billy Graham (1918 - 2018), um importante pregador protestante norte-americano, cujas cruzadas o tornaram famoso no mundo todo, portanto, uma autoridade no meio evangélico, público alvo do livro. O discurso encomiástico desse paratexto é o seguinte: “C. S. Lewis é reconhecido como um dos mais eminentes e populares escritores sobre temas cristãos no mundo” (LEWIS, 1964a, Orelha do livro). Por fim, nesta orelha há informações sucintas referentes à experiência docente do autor, que ocorrera em renomada universidade britânica de prestígio internacional. O texto desse paratexto é o seguinte: “Sr. Lewis é professor de Literatura Medieval e da Renascência na Universidade Cambridge, Inglaterra” (LEWIS, 1964a, Orelha do livro). É importante notar que o verbo utilizado no presente ignora, da parte dos editores, e/ou leva o leitor a ignorar o fato de que o autor já era falecido na ocasião da publicação do texto, pois morrera em 22 de novembro de 1963; talvez tal lapso tenha ocorrido por desconhecimento do fato, pois o livro veio a público entre dezembro de 1963 e janeiro de 1964. Já na orelha da quarta capa, abaixo da expressão “no prelo”, há a propaganda de dois outros livros que seriam lançados pela editora, *A razão do cristianismo* e *Palestras que impressionam*. Os paratextos apresentam uma apreciação desses livros, escrita assim:

A RAZÃO DO CRISTIANISMO

Uma apresentação num livro dos três títulos, *Palestras Radiofônicas*, *Comportamento cristão* e *Além da personalidade*. Trata de um

argumento forte para o cristianismo através da justiça e injustiça como uma chave para o significado do universo.
Cerca de 300 págs., brochura.
Janeiro, 1964.

PALESTRAS QUE IMPRESSIONAM

Várias palestras oferecidas na Universidade de Oxford e noutras ocasiões. Os tópicos abordados são: *Transposição*, *O pêso [sic] da glória* e *Membros um [sic] dos outros*.
Com 45 págs., brochura. (LEWIS, 1964a, Orelha do livro).

No final da orelha, há o nome da editora, naquele tempo denominada Edições Vida Nova Soc. LTDA. Na quarta capa há apenas a ilustração de uma carta, num plano de fundo da mesma cor da capa, e nessa correspondência há a marcação do destinatário, identificado como Cupim que é a adaptação do personagem do texto original Wormwood, sobrinho interlocutor de Screwtape, cujo nome é adaptado para Murcegão. Há ainda um selo com o rosto do mesmo personagem da capa e, sobre ele, uma representação de carimbo com o nome “Cartas do Inferno”, que aponta para o título da obra. Na margem inferior esquerda há o logotipo da editora. Entre a capa e a quarta capa há a lombada, paratexto de importância estratégica, que apresenta apenas o título e o nome do autor na posição vertical, em letras menores.

Por conseguinte, a capa propriamente dita é apresentada de maneira bastante discreta. Há a mancha tipográfica sobre um fundo branco, contendo informações essenciais e sem muito arranjo de design, posto que o nome do autor aparece na parte superior com letras menores que 0,50 cm, seguido do título que é inserido no meio da capa, com letras de cerca de 1 cm. Nela há a referência de um segundo texto apresentado depois de Cartas do Inferno. Trata-se de *Murcegão oferece um brinde* e é apresentado em letras menores. Esse texto não é mencionado na sobrecapa e seu título original é *Screwtape proposes a toast*. Ele foi publicado no periódico *The Saturday Evening Post* em 19 de dezembro de 1959 e posteriormente foi publicado em livro, em 1965. Sua publicação em conjunto com *The Screwtape Letters* tornou-se comum, pois trata-se, não de uma continuidade, mas de um mesmo personagem em situação diferente: um jantar anual oferecido por veteranos demônios a novatos em uma determinada escola de formação (Cf. SCHULTZ; WEST, 1998, p. 368 – 369). Há também a indicação do tradutor, Roque Monteiro de Andrade, pastor batista envolvido com questões acadêmicas

do meio evangélico⁵⁴, e, abaixo, as informações da editora, com a inserção de seu nome social, endereço e ano de publicação. A lombada apresenta o nome do autor e o nome da obra, em caracteres maiores; por fim, a cidade e ano de publicação todos postos na posição horizontal.

A segunda e quarta capa (internas) são apresentadas em branco. Há ainda o anterosto, ou olho, que apresenta apenas os títulos em caracteres iguais, na página 4 há a lista de obras do autor em português e são citadas as obras indicadas na orelha. Na página 6 há a menção de que a obra é a primeira edição em português e apresenta o título original em que se baseia tal tradução. A obra foi traduzida, segundo esse paratexto, a partir da vigésima sétima edição inglesa, intitulada *The Screwtape Letters and Screwtape proposes a toast*. A página 5 e a folha de rosto apresentam as mesmas informações da capa.

Outro elemento paratextual desta edição que nos propomos a analisar é o prefácio. Gérard Genette define prefácio como “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (GENETTE, 2009, p. 145). Quando consideramos a primeira edição inglesa, de 1942, percebemos que esta apresenta um prefácio posterior, pois tal paratexto não consta na primeira aparição pública do texto. Na edição da revista eclesiástica *The Guardian*, em sua publicação de 2 de maio de 1941, em sua página 211⁵⁵, não há apresentação de prefácio. Isso é evidente porque textualmente o autor informa o leitor na edição em livro que a data da escrita desse paratexto se deu em 5 de julho de 1941 (LEWIS, 1942, p. 10). Quanto a isso, Gérard Genette nos mostra que “como todos os outros elementos do paratexto, o prefácio separado do texto pelos meios de apresentação que hoje conhecemos, [...] é uma prática ligada à existência do livro, isto é, do texto impresso” (GENETTE, 2009, p. 147). Em casos como esses, consideramos o prefácio presente na edição livresca como posterior, conforme Genette preconiza: “[...] mas certas edições originais podem ser posteriores à primeira aparição pública de um texto: é o caso [...] de romances primeiro pré-publicados em folhetins (jornal ou revista) [...]” (GENETTE, 2009, p. 156). O prefácio utilizado na primeira edição brasileira da obra (1964) é posterior pela data, mas também original por apresentar o texto a novos

⁵⁴ Mais informações no site: <<http://lagoadejesus.blogspot.com.br/2012/05/roque-monteiro-de-andrade.html>> Acesso em 5 set. 2017.

⁵⁵ Disponível em <<https://apilgriminnarnia.com/2016/04/25/how-screwtape-was-introduced/>> acesso em 8 jun. 2016.

leitores, no caso os leitores da vigésima sétima edição inglesa, onde, “[...] diria coisas das quais, por uma razão ou por outra, acreditou poder estar dispensado” (GENETTE, 2009, p. 212 – 213). Neste prefácio, o autor utiliza ironia, ao fazer referência ao já citado jornal eclesialístico *The Guardian*, que, na ocasião já era extinto, pois afirma: “espero que elas [as cartas] não tenham apressado sua morte” (LEWIS, 1964a, p. 5); seguindo-se à ironia, Lewis cita um clérigo que, descontente com a presença das cartas no jornal, pediu o cancelamento de sua assinatura. Ele também se mostra impressionado com a receptividade da obra, por conta do que ele considera nesse paratexto como “prodigiosa” procura e que tinha continuado de maneira crescente. A orelha da sobrecapa, já analisada, indica que naquele momento aquela obra era o livro mais popular do autor. Tal sucesso também é reiterado por vários biógrafos do autor irlandês, dando-nos um vislumbre de sua aceitação no público leitor da época, perplexo por conta da evolução da Segunda Guerra Mundial. Lionel Adey afirmou que de todos os livros escritos por Lewis durante a Segunda Guerra, esse foi o que alcançou o maior público⁵⁶; enquanto A. N. Wilson estimou sua vendagem em cerca de um milhão de cópias⁵⁷. Mas, a despeito de tal sucesso, C. S. Lewis nesse prefácio tenta manter sobriedade e humildade, ao observar que “a venda nem sempre significa o que os autores esperam. Se o leitor pretender avaliar o número dos que leem a Bíblia pelo número de Bíblias vendidas, certamente incorrerá em grande erro” (LEWIS, 1964a, p. 5). Aqui, o autor faz duas críticas: 1) sugere que sua obra é superestimada pela vendagem; e 2) na condição de cristão apologista, embora no momento da escrita desse prefácio tal predicado já houvesse arrefecido (Cf. MCGRATH, 2013, p. 273 – 275), sugere que a Bíblia não era lida da maneira como deveria por parte dos cristãos. Outro indício de sua tentativa de distanciamento em relação à vulgarização de sua obra é a ilustração da história da moça que, ao ser interpelada acerca da razão da leitura do livro, ela argumentou que o escolhera por se tratar da obra mais exígua em relação aos outros. Além disso, ele comenta outros casos como fato de o livro se encaixar no tipo de presente oferecido a afilhados; ou ele ser o tipo de texto lido em voz alta em retiros; ou o tipo de livro deixado em quartos de hóspedes sem que sejam manuseados (Cf. LEWIS, 1964a, p. 6).

⁵⁶ “Of all the books Lewis wrote in wartime, *The Screwtape Letters* reached by far the widest public” (ADEY, 1998, p. 141.).

⁵⁷ “When it was published, in February 1942, the first printing of 2,000 copies was sold immediately. There were two reprintings in March, and the book has been in print ever since, selling over a million copies”. (WILSON, 2002, p. 179.)

Além dessas considerações, o autor também responde neste paratexto questões que lhes foram impostas por curiosidade pública, como se ele realmente acredita na existência do diabo. Sua resposta é condicionada a duas suposições de atributos do ser maléfico. Se o referente fosse um “poder oposto a Deus e, como Deus, auto existente desde a eternidade”, sua resposta seria não; mas, se tal ser se tratasse no plural, de anjos depravados que se tornaram inimigos de Deus e que possuem como líder Satanás que não se opõe a Deus, mas ao arcanjo Miguel, conforme a passagem bíblica da disputa do corpo de Moisés, então sua resposta seria sim. A partir daí o autor inicia uma série de argumentos que lhe tangem a cultura ocidental e a fé, referentes às formas da representação de anjos em pinturas, esculturas e na literatura, ilustrando seus argumentos com alusões de obras de arte de Raphael, produções literárias como as de John Milton e Goethe e justifica a abordagem do inferno como um simulacro de escritório burocrático, afirmando que

[...] os maiores males são concebidos e engendrados [...] em escritórios bem iluminados, atapetados, aquecidos e devidamente iluminados, através de homens de colarinho engomado, que têm unhas tratadas; estão sempre bem barbeados e nem mesmo precisam falar em voz alta (LEWIS, 1964a, p. 11).

Ele também justifica algumas suposições de sua abordagem de inferno como o fato de os diabos poderem praticar canibalismo, pois ele imagina que no inferno, “[...] o espírito mais forte – não havendo corpos que o impeçam – pode real e irrevogavelmente absorver o mais fraco, refestelando-se, assim, de modo permanente na individualidade ultrajada do mais débil” (LEWIS, 1964a, p. 13) e a esse desejo de devorar o autor atribui a razão do desejo de conquistar almas humanas. Ele ainda tece um comentário sobre a escolha dos nomes dos demônios citados ao longo do texto, afirmando que tentou nomeá-los com a intenção de torná-los horripilantes por meio da fonética dos morfemas que resultaram em sons de efeitos desagradáveis aos ouvidos do falante da língua inglesa e que se perderam nesta e em outras traduções. O autor afirma que o texto poderia ser contrabalançado por meio da presença de uma personagem que seria o protetor do “paciente”, dando-lhe bons conselhos, mas ele reconhece que apenas conselhos não seriam suficientes para conferir à personagem a capacidade de recriar um ambiente por meio de ações que transcendesse o “aroma celestial”. Por fim, no último parágrafo, Lewis justifica o aparecimento de um outro texto que acompanha a publicação do best-seller, já mencionado, *Screwtape*

proposes a toast, traduzido, nesta edição como *Murcegão oferece um brinde* que não será aqui analisado⁵⁸.

Esse paratexto também pode ser considerado um prefácio tardio, pois conforme afirma Genette, “O prefácio tardio, ou pré-póstumo, ou testamental, pode, tanto quanto o posterior, cumprir funções de recuperação, que foram deixadas vazias por uma ausência ou falta anteriores” (GENETTE, 2009, p. 219). De acordo com o pesquisador francês, tal prefácio também se caracteriza pela “longa distância temporal e pela proximidade da morte, que o torna em geral e falando propriamente, um prefácio derradeiro” (GENETTE, 2009, p. 219).

Depois desse prefácio, a edição em análise apresenta o índice, na página 19 e, na página 21, o “prefácio da primeira edição *As cartas do inferno*”, escrito em caixa alta, paratexto também presente na 1ª edição inglesa, de 1942, onde o autor já insere o leitor no mundo ficcional, ao afirmar “não tenho nenhuma intenção de explicar como me teria caído nas mãos a correspondência que agora trago a público”⁵⁹. Tal paratexto apresenta o dia 5 de julho de 1941 como data de sua assinatura e o local é o Magdalene College, Oxford, talvez os editores tenham aportuguesado intencionalmente ou se equivocado quanto à grafia do lugar onde C. S. Lewis lecionou por 28 anos, que foi o Magdalen College (Cf. LEWIS, 1942, p. 10), posto que a data de assinatura do prefácio posterior já mencionado é de 18 de maio de 1960 e o local é indicado como Magdalene College, Cambridge, esse com a grafia correta (Cf. WILSON, 2002, p. 264). Embora haja similitude nos nomes dos dois locais, tratam-se de endereços distintos, com o acréscimo da letra “e” no último, onde lecionou até pedir sua demissão meses antes de sua morte (Cf. MCGRATH, 2013, p. 368).

O prefácio original é autoral, autêntico e assuntivo e ele tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura, posto esta seja proeminentemente de interesse do autor (Cf. GENETTE, 2009, p. 175). Escrito em quatro parágrafos, nele, há a valorização do assunto, pois o autor faz um alerta a respeito da existência de dois erros das pessoas em geral no tocante aos diabos (*devils*): não acreditar na sua existência e crer – ou sentir –

⁵⁸ Tal análise não é feita por entendermos que o texto não faz parte do escopo publicado originalmente e fora incluído em edições posteriores à publicação original, de 1942.

⁵⁹ “I have no intention of explaining how the correspondence which I now offer to the public fell into my hands” (LEWIS, 1942, p. 9)

um interesse excessivo e doentio por eles⁶⁰; também há uma tentativa de não evidenciar o talento do autor, cuidado que Genette afirma ser comum nos prefácios, ao afirmar que há um desafio nos textos modernos “[...] de valorizar o texto sem indispor o leitor com uma valorização imodesta demais, ou apenas visível demais, de seu autor” (2009, p. 177). Isso é percebido quando o autor afirma o seguinte:

O gênero literário que é empregado neste livro pode ser facilmente aprendido por qualquer um que uma vez se tenha iniciado neste mister; mas, as pessoas mal dispostas ou excitáveis que possam fazer uso indevido disto não o aprenderão de mim⁶¹ (LEWIS, 1964a, p. 21).

No terceiro parágrafo do prefácio original, novamente o prefaciador deixa claro a maneira como quer ser lido. Gérard Genette prevê esse tipo de comportamento do autor do prefácio ao afirmar que

Orientar a leitura, tentar conseguir uma boa leitura, não passa apenas por instruções diretas. Consiste igualmente, e talvez em primeiro lugar, em colocar o leitor – definitivamente suposto – de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura. E os próprios conselhos têm todo o interesse de apresentar-se sob o aspecto de informações: informações, por exemplo – no caso em que isso lhe possa interessar – sobre a maneira pela qual o autor quer ser lido (GENETTE, 2009, p. 186).

Isso é feito pelo autor ao advertir o leitor de que, pelo fato do diabo ser mentiroso, nem tudo o que a personagem *Murcegão* diz deve ser tomado como verdadeiro, ainda que seja encarado sob seu ponto de vista. Ele também afirma que não fez esforço por identificar as pessoas descritas no texto, lançando mão de um recurso chamado “contratos de ficção”, onde há a inversão do aviso de cinema que diz que “as pessoas e as situações desta narrativa são puramente fictícias [...]”(Cf. GENETTE, 2009, p. 192 - 193), posto que em seu discurso há uma suposição de que as personagens pertençam ao mundo real, ainda que faça a ressalva de que seja improvável que as personagens Sr. Simões (*Fr. Spike*) e a

⁶⁰ There are two equal and opposite errors into which our race can fall about the devils. One is to disbelieve in their existence. The other is to believe, and to feel an excessive and unhealthy interest in them. (LEWIS, 1942, p. 9)

⁶¹ The sort of script which is used in this book can be very easily obtained by anyone who has once learned the knack; but illdisposed or excitable people who might make a bad use of it shall not learn it from me”. (LEWIS, 1942, p. 9)

mãe do paciente correspondam à verdade⁶². Estaria Lewis, nesse trecho, reforçando a ficcionalidade em se tratando dessas personagens que poderiam ser personalidades facilmente identificáveis por seus conhecidos mais próximos de seu convívio?⁶³ Não sabemos. No último parágrafo, o autor acrescenta outras informações, como o fato de que as cartas não são cronologicamente sequenciadas, para tanto, ele ilustra com a citação da carta de número 17 que fora escrita antes do racionamento praticado na Inglaterra durante a Segunda Guerra, e o desinteresse por parte do diabo pela história da Guerra Europeia. O paratexto da edição brasileira faz uma alteração indevida no corpo do texto ao acrescentar a informação entre parênteses relativa ao período a que se refere o racionamento, pois o texto de 1942 apresenta o texto da seguinte forma: “Number XVII appears to have been composed before rationing became serious [...]” (LEWIS, 1942, p. 10), enquanto que a primeira edição em português o apresenta da seguinte maneira: “A de número 17 parece ter sido escrita antes que o racionamento (durante a última guerra mundial) se tornasse algo sério” (LEWIS, 1964a, p. 22).

Dentre os paratextos observados na primeira edição brasileira da obra observam-se também duas epígrafes, que Genette define como “[...] uma citação colocada em exergo, em destaque, geralmente no início da obra ou de parte de obra” (2009, p. 131). Tratam-se duas frases atribuídas ao reformador alemão Martinho Lutero (1483 – 1546) e do poeta irlandês Thomas Moore (1779 – 1852), cujas frases, respectivamente, foram as seguintes: “A melhor maneira de expulsar o diabo para bem longe, caso ele [*sic*] insista em resistir aos textos das Escrituras, consiste em expô-lo ao ridículo e à mofa [*sic*], pois ele não suporta o escárnio”⁶⁴ (LEWIS, 1964a, p. 23) e “O diabo ... o espírito de soberba ... não suporta Zombaria”⁶⁵ (LEWIS, 1964a, p. 23). A primeira edição inglesa insere essas epígrafes na página 7, depois da dedicatória e antes do prefácio original, já a primeira edição brasileira insere tais paratextos na página 23, depois do prefácio original. De acordo com Genette, nos textos modernos “o local comum da epígrafe de obra, (...) é o

⁶² I have made no attempt to identify any of the human beings mentioned in the letters; but I think it very unlikely that the portraits, say, of Fr. Spike or the patient’s mother, are wholly just. (LEWIS, 1942, p. 9)

⁶³ Alister McGrath sugere que talvez essa senhora seja a Sra. Moore, que foi sua mãe adotiva por décadas e que no momento da escrita do texto se tornara uma anciã de difícil temperamento. (Cf. MCGRATH, 2013, p. 232)

⁶⁴ “The best way to drive out the devil, if he will not yield to texts of Scripture, is to jeer and flout him, for he cannot bear scorn – Luther”. (LEWIS, 1942, p. 7)

⁶⁵ “The devil . . . the prowde spirite . . . cannot endure to be mocked – Thomas Moore”. (LEWIS, 1942, p. 7)

mais próximo do texto, geralmente na primeira página par após a dedicatória, mas antes do prefácio” (GENETTE, 2009, p. 135). Diante disso, a primeira edição brasileira subverte essa ordem.

O último paratexto a ser analisado da publicação do texto de 1964 é a dedicatória. De acordo com Genette, “a palavra dedicatória designa duas práticas evidentemente aparentadas (...) [que] consistem em prestar uma homenagem numa obra a uma pessoa, a um grupo real ou ideal, ou a algumas entidades de outro tipo” (GENETTE, 2009, p. 109). A personalidade homenageada nesta obra foi John Ronald Reuel Tolkien (1892 – 1973), ou J. R. R. Tolkien como é mais conhecido, célebre autor de *O Senhor dos Anéis*, docente, colega de Lewis, em Oxford por várias décadas, mas, segundo biógrafos, “[...] não apreciou a dedicatória de uma obra tão superficial, particularmente quando soube mais tarde que Lewis ‘jamais gostou muito dela’” (MCGRATH, 2013, p. 233). Embora tal dedicatória esteja presente nas demais publicações brasileiras, nesta primeira ela foi suprimida. As razões de tal ato podem ser interpretadas como imperícia por parte dos editores que omitiram tal paratexto por equívoco, ou, talvez tenham julgado tal registro desnecessária, pois se tratava de uma personalidade não muito conhecida no meio lusófono e deliberadamente a omitiram.

3.3.1.2 Formação do perfil dos leitores de *Cartas do Inferno* (1964)

Levando-se em consideração que “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado” (CHARTIER, 1999a, p. 11), voltamos nossa atenção ao receptor da obra que pode ser inferido a partir das práticas editoriais demonstradas nos paratextos. É fato que “atualmente o leitor tem sido estudado não como uma categoria teórica, mas como sujeito concreto envolto em contextos e vivências igualmente concretos” (LEONEL, 2016, p. 109).

De acordo com o censo de 1960⁶⁶, o mais próximo da publicação do livro, a população brasileira era de 70.191.370 pessoas. Destes, considerados apenas os de idade acima de 5 anos, ou seja, um total de 58.997.981 pessoas, 31.362.783 pessoas sabiam ler

⁶⁶ Dados aferidos no site do IBGE, cujo endereço eletrônico é o seguinte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_Brasil.pdf> Acesso em 2 set. 2017.

e escrever. A população religiosa era dividida em 91,3% de católicos e 4% de evangélicos⁶⁷, ou seja, 2.807.654 pessoas, além de outras manifestações religiosas. Como a editora que publicou a obra se insere nesse contexto religioso, a expectativa de seu mercado consumidor está circunscrita ao percentual aferido pelo censo do IBGE de 1960. Não há registros pormenorizados quanto à estratificação da população pertencente a esse percentual. Mas, o arraial evangélico também é diversificado, por isso, se enfatizarmos o fato de que o público leitor se encontra em denominações conhecidas como tradicionais ou de “protestantismo de missão” (batistas, presbiterianos, metodistas, entre outros), subtraíssemos desse número a quantidade de pessoas alfabetizadas e com hábito de leitura (além da Bíblia, prática de leitura mais comum entre evangélicos) teríamos um número mais modesto de potenciais leitores. Assim, nossa prospecção pelo leitor por meio desses dados é limitada posto que inexistem. No entanto, levando-se em conta que

[...] não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras (CHARTIER, 1999a, p. 17).

Continuando essa linha de raciocínio, Chartier deixa claro em outro texto que um autor deixa em sua obra senhas explícitas ou implícitas a fim de lhe estabelecer um protocolo de leitura (Cf. CHARTIER, 2011, p. 96), mas, concomitante a isso, há o cruzamento de informações

[...] trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (CHARTIER, 2011, p. 97).

Publicada num período de ebulição de ordem política e histórico-social, no mundo, por conta da geopolítica da bipolaridade praticada pelas potências em situação de guerra fria

⁶⁷ Disponível em

<https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf> Acesso em 2 set. 2017.

e em nosso país, posto que, entre os anos 1950 e início de 1960, o Brasil, depois de ter sido liderado por homens de matizes ideológicas díspares, aumento de instabilidade econômica – desvalorização da moeda e aumento do custo de vida –, greves e conflitos rurais, sofreu intervenção militar e algumas igrejas evangélicas envolveram-se neste processo, isso foi perceptível, posto que uma revista norte-americana, *Newsweek*, anos depois, afirmou que havia no Brasil uma proliferação de legislação calvinista (Cf. ARAÚJO, 1982, p. 48 – 51). Rubem Alves, conhecido escritor nacional personagem naquele contexto histórico, escreveu que

[...] a década de 1950 marca uma convulsão intelectual nos meios protestantes. De um lado, o país inteiro passava por uma fermentação político-social, em decorrência das rápidas transformações sociais resultantes da industrialização e da urbanização. As bandeiras desenvolvimentistas, por outro lado, contribuíram para que largos segmentos de nossa população se tornassem conscientes da imensa miséria e do enorme atraso do país e das alternativas e possibilidades que se estendiam à nossa frente (ALVES, 2004, p. 169).

Em meio a esse conturbado contexto, veio à lume o livro *Cartas do Inferno*, publicado por uma editora, de orientação protestante – embora parte de seu quadro fosse ocupada por membros de igrejas batistas – era independente de denominações formais, e que teve a ousadia de lançá-lo, ainda que sua adaptação em outra mídia, por meio do já mencionado desenho animado *Tônico e o Demônio*, pelo grupo CAVE, tivesse sido frustrada. Talvez a conflagração social em que o país se encontrava tenha sido um elemento motivador, posto que quando a obra original fora lançada, a Inglaterra estava em guerra contra a Alemanha num momento ainda favorável à potência do Eixo. Portanto, o futuro dos cidadãos ingleses era assustadoramente incerto. Logo, o sucesso editorial tinha se provado viável em meio à crise de proporção mundial. Aqui, embora a gravidade da situação de conflito estivesse longe de ser a vivida pelos ingleses na ocasião da guerra, também havia apreensões por conta da instabilidade social. *Cartas do Inferno* apresentou-se como uma obra ficcional moderna e religiosa, da lavra de um grande apologista que poderia orientar ou reafirmar a fé daqueles que perseverassem tal qual o “paciente”, no texto.

Jan Tschichold, importante tipógrafo alemão, em 1958, afirmava que apenas a sobrecapa oferece à fantasia a oportunidade de reinar por algum tempo, posto que ela “[...] é antes de tudo um pequeno cartaz, um chamariz, onde acabe muita coisa que seria

inconveniente nas páginas do próprio livro” (TSCHICOLD, 2007, p. 33 – 34). Os paratextos apontam a intenção editorial de conquistar o público jovem das igrejas, pois a ilustração utilizada na sobrecapa, representando um diabo datilografando uma carta, com um sorriso sarcástico, num fundo vermelho e a quarta-capa esboçando de maneira lúdica a representação do envelope de uma carta, destinada ao sr. Cupim, residente na “Terra”, fugia à regra de *design* gráfico de capas de textos religiosos comuns⁶⁸.

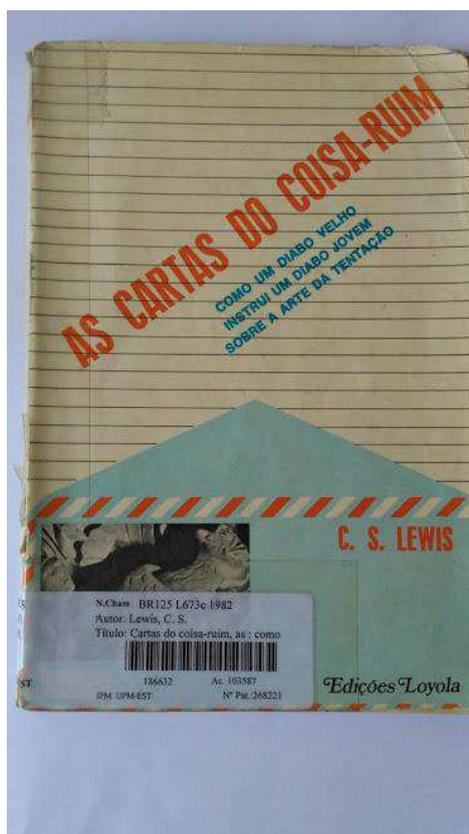
Talvez a própria escolha do plano de fundo vermelho tenha uma conotação ideológica, visto que tal cor implicaria a representação do comunismo e/ou do evangelho social, inimigo da igreja a ser combatido (Cf. ALVES, 2005, p. 315). Tal discurso anticomunista já eram feitos em décadas anteriores à “revolução” de 1964, Souza nos mostra que “[...] já em 1919, discutiam-se os acontecimentos europeus que culminariam com a vitória do bolchevismo na Rússia” (SOUZA, 2005, p. 72) e também, já na década de 1950, autores de textos, manifestando-se contra o comunismo, argumentavam “[...] que essa ideologia proporia o ateísmo e que nenhum cristão sincero poderia participar de associações, organizações ou partidos comunistas, nem defender a ideologia materialista” (SOUZA, 2014, p. 189) . A brancura do papel, cujas manchas indicam a escrita do texto contrasta com a vermelhidão do cenário, pois nela estaria representada a mensagem que alertaria seus leitores do mal que seus maus comportamentos lhes poderiam causar. Além disso, o tamanho do livro, in oitavo, o título sem serifa – embora o nome do autor seja serifado – tornam o texto apetecível àqueles que não estão habituados a grandes desafios de leitura. Logo, a leveza do design e a informalidade do texto convidam o leitor a se apropriar da leitura de maneira mais agradável em relação aos livros religiosos comuns. Poderíamos perceber tal fato se observássemos, por exemplo, os paratextos presentes na orelha do livro que apresentam o autor ao leitor: a informalidade com que os personagens Murcegão e Cupim são apresentados contrastam com a sobriedade do conteúdo e tema do texto que apontam para a perdição das almas.

⁶⁸ As capas de livros neste período, em geral, eram sóbrias e apresentavam pouca sofisticação de design gráfico, talvez por conta da tecnologia disponível no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. O livro *Luz para o teu caminho: devoções para jovens através do ano eclesialístico*, da Casa Publicadora Concórdia, de 1962, pode ilustrar tal proposição.

3.3.2.1 A presença de paratextos editoriais em *As cartas do Coisa-Ruim* (1982) e a sua adaptação aos seus leitores

Utilizando os mesmos critérios da análise do texto anterior, ou seja, o uso de paratextos editoriais, procederemos a apreciação da segunda tradução brasileira de *The Screwtape Letters*, publicada pela Edições Loyola, em 1982. Essa editora, diferentemente da Edições Vida Nova, é de um grupo religioso católico-romano. Laurence Hallewell faz duas menções à editora em seu *O livro no Brasil* revisado, na primeira, ao compará-la à editora Vozes, classifica-a como uma editora confessional, pertencente aos jesuítas. Na segunda, fixa-lhe a data de estabelecimento, 1963, e faz um levantamento de suas principais linhas editoriais: juventude e casamento (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 728; 780 – 781).

Figura 5 - Capa de *As cartas do Coisa-Ruim*



Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Figura 6 - Quarta capa de As cartas do Coisa-Ruim



Fonte: Acervo da Biblioteca Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Quanto às dimensões do texto, estas correspondem às de um livro in-oitavo, pois são de 20,50 cm de altura por 14 cm de largura e não apresenta sobrecapa. No tocante ao selo da obra, formado por capa, página de rosto e seus anexos, a primeira é ilustrada e o título *As cartas do coisa-ruim* é escrito em letras vermelhas na diagonal de baixo para cima, sobre um fundo que mimetiza as linhas de um papel de caderno, de onde inferimos que é uma referência direta ao teor da obra. Ao título com letras grandes de cerca de 1,50 cm, segue o subtítulo, estranho ao original, escrito em letras menores de cerca de 0,50 cm

de cor azul também na posição diagonal, que é quase um resumo do texto: como um diabo velho instrui um diabo jovem sobre a arte da tentação”. Na parte inferior da capa na altura de cerca de seis centímetros, há o simulacro de um envelope de cartas da cor azul claro, de onde se pode inferir o nome do autor que é colocado no lado direito com letras vermelhas (mesma coloração do título), representando o destinatário e, do lado oposto, na mesma altura, há também o simulacro de um selo que é a fotografia em preto e branco de esculturas de pedra apresentando nuances que intercalam o claro e o escuro que, embora lembrem a arte do período barroco, provavelmente da antiguidade, com formas antropomórficas e híbridas que provavelmente fazem referência ao inferno. Por fim, há o selo da editora na parte inferior direita. Depois da capa há o anterrosto, mas não há orelhas. A quarta capa apresenta quatro títulos da editora, escritos pela Irmã Maria Anselma Borges. Juntamente com os títulos das obras, são apresentadas imagens das capas dos livros, cujos títulos em ordem de cima para baixo são: *O Cristo de todos, Você e o mundo de hoje, A força do amor e Caminhe com segurança em pistas positivas*. A apresentação do primeiro título é feita pela própria autora e seu texto é o seguinte:

Na liturgia de Sexta-Feira Santa, quando o sacerdote colocou CRISTO MORTO no chão, para a Comunidade adorar e beijar, eu me comovi até as lágrimas. E perguntei a mim mesma: POR QUEM CRISTO MORREU? Logo veio-me a resposta: “POR TODOS!” Então surgiu-me a ideia: Escrever um livro intitulado: “O CRISTO DE TODOS”⁶⁹ (LEWIS, 1982, Quarta capa).

Já o segundo título é apresentado em terceira pessoa e não há palavras escritas em caixa-alta. O teor do texto é o seguinte: “A Autora apresenta neste livro uma série de reflexões sobre a vida de fé, a vida cristã do jovem atual, sobre as suas aspirações e ideais, sobre a vocação. Todo escrito num estilo simples, cheio de otimismo e unção” (LEWIS, 1982, Quarta capa). A apresentação do terceiro título não deixa claro se o enunciador é a autora – posto que nele se repete o expediente das palavras escritas em caixa-alta – ou, como ocorrera no segundo texto, uma terceira pessoa. O texto em sua íntegra é o seguinte:

Este é, sem dúvida alguma, um título altamente sugestivo para um livro com este que trata de uma vida que se fez doação.

⁶⁹ Foram mantidas as letras em maiúsculas, conforme o registro original não apenas nessa apresentação, mas também no terceiro texto.

De fato, só a FORÇA DO AMOR pode motivar e impulsionar um grande ideal ou uma sublime vocação, como foi a de VIRGINIA CENTURIONE BRACELLI, no século XVII, na Itália, e como é também o ideal de todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, procuram ser úteis a Deus e ao próximo, hoje (LEWIS, 1982, Quarta capa).

O quarto título também tem uma apresentação ambígua quanto à autoria e o teor do seu texto é o seguinte:

Num mundo impregnado de pessimismo e desilusões, pouco sensível à religião e aos valores espirituais, este livro é uma afirmação de fé, de esperança e amor. Convida-nos à reflexão e à revalorização de nossa espiritualidade, em plena época da energia atômica e das conquistas espaciais (LEWIS, 1982, Quarta capa).

A página de rosto apresenta o nome do autor na parte superior, escrito com letras menores que as do título e sem serifas. O título é centralizado, seguido com o subtítulo com letras menores e, na parte inferior, há o logotipo da editora, seguido por local e data (ano) da publicação: São Paulo, 1982. Na página 4 há apenas a informação do título do [texto] original inglês, *The Screwtape Letters*, e o copyright, indicado pelo símbolo ©, seguido do nome de seus detentores, William Collins Sons & Co. Ltd., de Londres, Inglaterra. Não há qualquer menção às obras do autor disponíveis em português, mas há o registro da tradutora Yolanda Steidel Toledo, tradutora de diferentes obras em circulação no meio acadêmico nacional⁷⁰, e na parte inferior as informações de direitos reservados, o endereço da editora e a informação de que o texto fora impresso no Brasil.

A edição de 1982 apresenta, como a edição anterior, dois prefácios. O prefácio tardio é semelhante ao apresentado na publicação de 1964, com escolhas lexicais distintas. O título desse paratexto é “prefácio à edição em brochura”, enquanto que o da edição anterior era apenas “Prefácio”. Ao final do prefácio tardio, na página 1, são omitidos tanto o nome do autor, quanto o local e data. Tais informações estão presentes na edição de 1964. Na página 13 há a identificação de que o texto que se segue é “As cartas do Coisa-ruim”, identificado com o algarismo 1. Na sequência, há a dedicatória a J. R. R. Tolkien, a mesma que fora omitida na edição Vida Nova. Então, na página 15 há

⁷⁰ A tradutora em questão transliterou obras de autores importantes da cultura ocidental renascentista e contemporânea tais como Eric Hobsbawn, Giordano Bruno e outros.

a apresentação do prefácio original, com o texto semelhante ao da tradução anterior, com algumas modificações lexicais como a ressalva feita pelo autor acerca da improbabilidade da justeza dos retratos feitos do Pe. Rebarba e a mãe do paciente. Nesta tradução, publicada por uma editora católica, a personagem Fr. Spike, recebe o nome de Pe. Rebarba. Na edição Vida Nova tal personagem é chamado de Sr. Simões. Assim, nota-se que, além dos nomes, há a variação do título religioso dado à personagem. Se no texto original ela recebe a qualificação de frade (Fr.), no Brasil, apenas a edição de 1982 o qualifica com seu respectivo título religioso. É possível que a edição de 1964 tenha omitido deliberadamente a referência à palavra abreviada frade, ou padre, por motivo ideológico, posto que, em nosso país, de acordo com alguns estudiosos da religião, o protestantismo “[...] necessita de um catolicismo inimigo, a fim de manter o seu senso de identidade e missão” (ALVES, 2005, p. 292); por isso, “[...] a Igreja Católica é o grande inimigo a ser combatido, o qual, derrotado, redundará em benefício para todos, incluindo os próprios católicos, que, livres, poderão encontrar a verdadeira religião” (SOUZA, 2005, p. 44). Como ocorrera com o prefácio tardio, também são omitidos tanto o nome do autor, quanto o local e data ao final do paratexto.

Após o prefácio original, na página 17 há as epígrafes formadas pelas frases atribuídas a Lutero e Thomas More. Em sequência, há o corpo do texto, começando pela carta número um, identificada com algarismos romanos, tal qual a primeira edição inglesa e diferentemente da primeira edição brasileira, que fez o uso de algarismos indo-arábicos. O nome das personagens também é um diferencial nesta edição posto que nela, Screwtape é chamado de Coisa-ruim e Wormwood de Pé-de-cabra.

3.3.2.2 Formação do perfil dos leitores de *As cartas do Coisa-ruim* (1982) de acordo com os paratextos editoriais

De acordo com Roger Chartier,

[...] para mudar a fronteira traçada entre as práticas mais comuns da cultura escrita e da literatura, considerada como um âmbito particular de criações e de experiências, é necessário aproximar o que a tradição ocidental distanciou perpetuamente: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; e de outro, a análise das condições técnicas ou

sociais de sua publicação, circulação e apropriação (CHARTIER, 2015, p. 38 – 39).

As condições técnicas ou sociais das publicações, circulação e apropriação da presença da obra *The Screwtape Letters* em nosso país têm sido analisadas sob diversas perspectivas, a fim de delinear o perfil do público leitor de suas várias edições. A editora Loyola já nos anos 1980 era uma das principais editoras do país. De acordo com Laurence Hallewell, em 1979 ela era a décima editora com 124 publicações naquele ano; em 1982 a décima primeira, com 145 e, em 1983, a sétima, com 258 novas publicações (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 914). Esses números levantados pelo pesquisador britânico somados ao fato da Edições Loyola pertencer a um segmento religioso que não é constituído por minorias, mas pelo contrário, tem como base de público aqueles que pertencem à denominação proeminente não apenas no país, mas no subcontinente sul-americano – diferentemente da editora Vida Nova – conferem ao grupo editorial uma posição indiscutivelmente favorável em seu poder de circulação de obras. Ademais, nesse período, o Brasil já estava acenando para a democracia, pois o governo de João Batista Figueiredo (1979 – 1985) continuaria a abertura política iniciada por seu predecessor e seu mandato presidencial seria o último na sequência das duas décadas de militares eleitos indiretamente que tiveram acesso ao poder. No panorama internacional já não havia uma ideologia bipolar, como ocorrera nos anos 1960, e isso refletia em nosso país. Logo, não havia uma ideologia de viés político a ser demonizada, como ocorrera no contexto próximo da primeira edição do livro em questão no Brasil.

Dispondo dos recursos que seu tempo oferecia, o grupo editorial elaborou uma capa criativa para o livro. De acordo com Silveira, “a capa é muito importante e faz a diferença no processo de decisão de compra, ao ponto de dizer que se a capa não inspirar o consumidor, ele vai passar para o próximo livro” (SILVEIRA, 2010, p. 30). Na capa estão os paratextos já descritos. A diagramação da capa evidencia que o leitor visado pelo grupo editorial não é o conservador, apenas, mas aquele que, levado pela curiosidade da apresentação de uma capa ilustrada por uma carta, fosse seduzido pela curiosidade de ler cartas do Coisa-Ruim, a saber, o Diabo. A expressão Coisa-Ruim é um tabu linguístico religioso (SILVA, 2009, p. 351). De acordo com Carolina Batista e Silva,

[...] a lexia composta *coisa-ruim*, por sua vez, associa à lexia coisa – utilizada no português brasileiro como *coringa* para o que não é ou o que não quer ser definido – a ideia de que tudo que não é bom, todas as coisas que escravizam o homem, vêm do diabo, são coisas que vêm do mal, ideia essa materializada no adjetivo ruim (SILVA, 2009, p. 361).

Assim, não temos o nome anglófono *Screwtape*, presente no título original, tampouco uma variante de origem duvidosa e restrita a um grupo seletivo de falantes que a entenderiam como *Murcegão*, utilizado na primeira tradução em português, mas uma expressão de uso popular⁷¹, amplamente conhecida em território nacional e que, despida das roupas da seriedade, aparece na capa de um livro de uma editora de orientação confessional. Novamente, voltamos nossa atenção para a quarta capa desta edição. O fato de ela não fazer qualquer alusão ao texto lewisiano e ter sido utilizada tão somente como plataforma de marketing dos livros escritos pela Irmã Maria Anselma Borges é uma estratégia editorial. Curiosamente a quarta capa não é um paratexto de *As cartas do Coisa-Ruim*, mas torna-se epitexto⁷² dos livros da autora (Cf. CHARTIER, 2014, p. 235) e essa condição nos lança luz sobre o público pretendido pelo grupo editorial. É evidente que, de acordo com a lógica dos editores o público que se interessaria pelo texto de Lewis poderia também se interessar pelas obras recomendadas na quarta capa. O próprio campo semântico utilizado nos textos de recomendações nos remete a um público jovem. Expressões como “[Cristo morreu] por todos”, “a vida cristã do jovem atual”, “só a força do amor pode motivar e impulsionar um grande ideal ou uma sublime vocação”, “em plena época da energia atômica e das conquistas espaciais” poderiam trazer impacto aos interlocutores jovens da época, sedentos por aceitação, curiosos quanto sua vocação e dispostos a se engajar numa vida eclesiástica. Ademais, esse público poderia ser partícipe da demitologização do tabu linguístico religioso *Coisa-Ruim*.

⁷¹ Na obra *Grande Sertão: Veredas*, João Guimarães Rosa explora a temática do diabo, mormente ao sugerir ao leitor que o personagem principal, Riobaldo, teria feito um pacto com esse personagem bíblico. Tal condição é motivo de apreensão ao personagem que narra suas histórias a um doutor e, ao longo do texto, retorna como assunto dialético, onde o jagunço tenta refutar a todo custo a sua existência. Neste excerto, tal discurso se materializa e observamos a enumeração de nomes populares dado ao diabo, dentre os quais figura *Coisa-Ruim*: “E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe!” (ROSA, 2001, p. 55).

⁷² Roger Chartier, fazendo uso da taxonomia utilizada por Gérard Genette, afirma os paratextos podem ser de duas classes: o peritexto que é encontrado dentro do próprio texto (título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas, ilustrações etc.) e o epitexto, que se situa fora do livro em si (correspondências, diários e revistas, entrevistas etc.) Cf. CHARTIER, 2014, p. 335.

Lamentavelmente não há registros significativos da publicação de *As cartas do Coisa-Ruim* da editora Loyola, apenas, de acordo com a sra. Miriam de Mello⁷³ – assistente administrativo editorial –, o fato de que a obra fora publicada em 1982 e distratada em 1994. Entretanto, sua presença se faz notada em outras instituições, como a Biblioteca Nacional que o possui em seu acervo, registrado em sua base de dados sob o seguinte código: VI – 365,3,37. É possível que o fato de não ter havido continuidade na publicação do texto, visto não haver segunda edição no grupo editorial, a expectativa de vendas não tenha sido satisfatória.

3.3.3.1 A Editora Vozes e a presença de paratextos editoriais em *Cartas do diabo ao seu aprendiz* (1996)

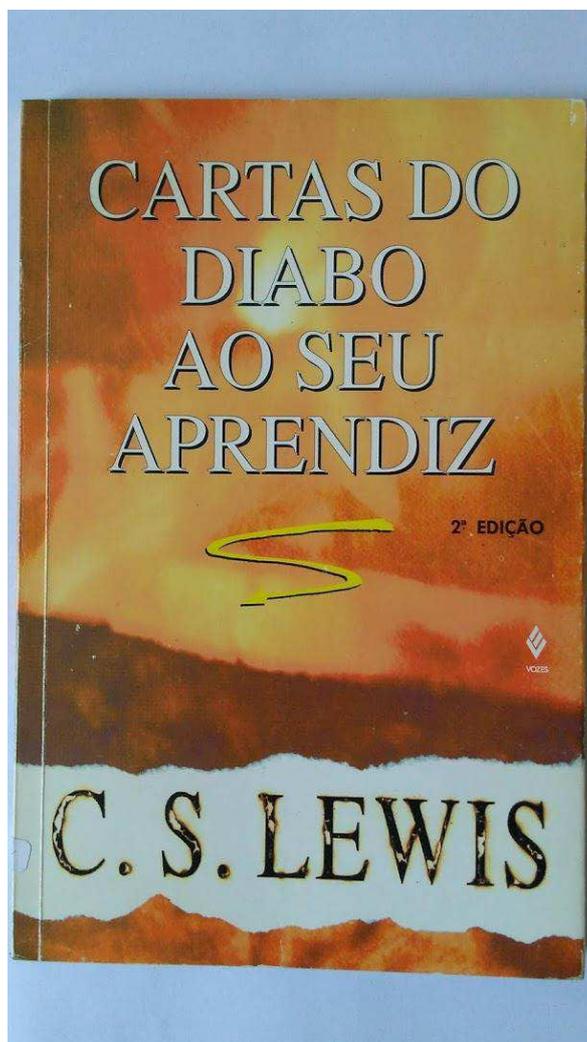
A editora Vozes é aludida por Laurence Hallewell como a mais importante das editoras religiosas católicas (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 780). Fundada em 5 de março de 1901, pelo convento franciscano de Petrópolis, sua história é curiosa, pois iniciou-se quando o irmão Inácio, um monge, encontrou uma impressora inutilizada e, como tivera a experiência em tipografia, consertou-a e passou a imprimir livros e fornecer material impresso à escola religiosa local. Solidificada como editora, seus gestores optaram por manter uma linha editorial de romances que atendessem ao público religioso que lesse textos ficcionais de estilo diferente ao praticado pelos naturalistas. Com o passar do tempo, diversificou-se seu catálogo ao oferecer obras importantes sobre temas religiosos. Durante o período de governo militar, publicou livros de crítica social, de denúncia contra o regime e, portanto, teve um papel ativo contra a censura, tendo publicado livros considerados subversivos que traziam ao público a consciência de torturas, desaparecimentos e mortes das vítimas da repressão. Mais recentemente, tópicos como história, psicologia, filosofia, medicina, linguística, literatura, teoria literária, pedagogia e teatro fazem parte de seu acervo. Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 ela chegou a ser a editora com maior número de lançamento num ano (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 683; 728; 914)

Dois anos após o distrato da publicação da obra pela editora Loyola, a editora Vozes publicou o texto *The Screwtape Letters* no Brasil. Assim, mantiveram-se fieis às primeiras

⁷³ Informação dada em e-mail enviado ao autor no dia 12 de julho de 2017.

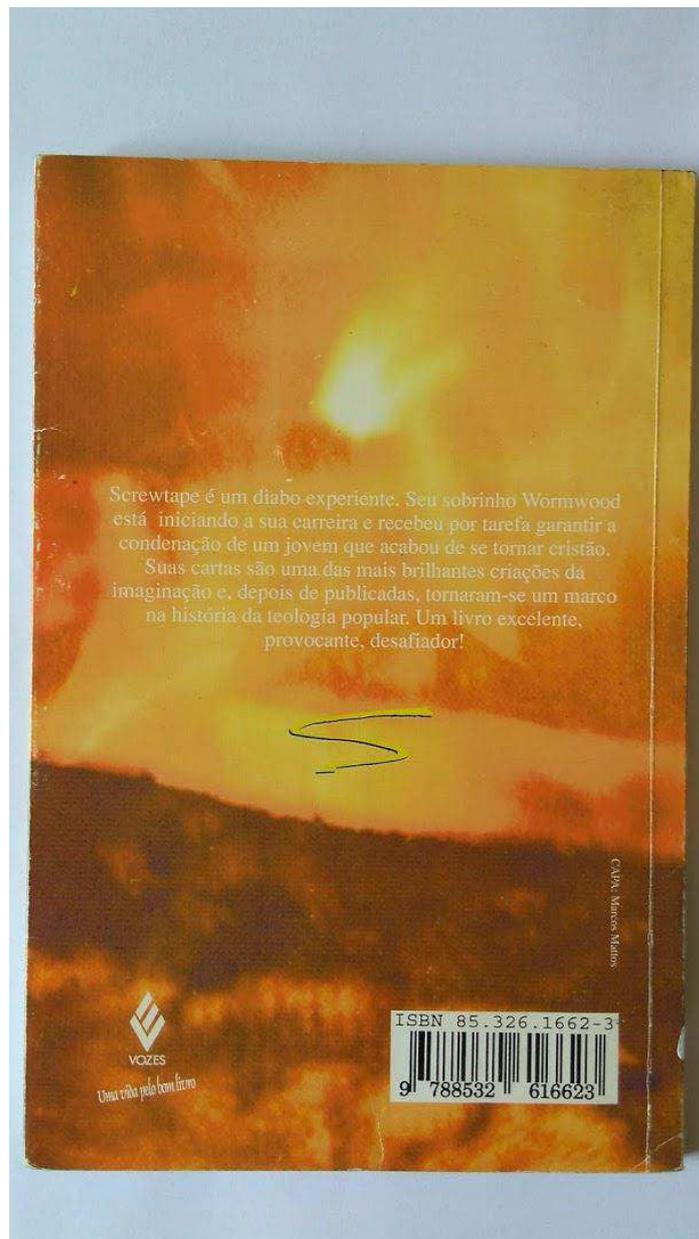
publicações de sua história, posto que a obra de C. S. Lewis era um texto ficcional de temática religiosa. Foram duas edições: a primeira em 1996 e a segunda em 2000, cuja última tiragem fora de 3.000 exemplares.

Figura 7 - Capa de Cartas do diabo ao seu aprendiz



Fonte: Acervo do autor

Figura 8 - Quarta capa de *Cartas do diabo ao seu aprendiz*



Fonte: Acervo do autor

Ao analisar os paratextos editoriais da obra, segundo os critérios dos textos anteriores, percebemos que suas dimensões são idênticas às de 1982, ou seja, 20,50 cm de altura por 14 cm de largura e também não apresenta sobrecapa. Quanto ao selo da obra, formado por capa, página de rosto e seus anexos, a primeira é ilustrada e o título *Cartas do diabo ao seu aprendiz* é escrito em letras brancas, serifadas, tendo como fundo a imagem desfocada de um vulcão em erupção, em cor predominantemente laranja. Abaixo do título há o simulacro de uma cauda pontiaguda de cor amarela em forma sinuosa que

remete à uma das características vulgares da imagem do diabo. Na parte inferior, há o nome do autor, escrito em letras grandes, sob um fundo branco, destacando-se do título. Acima do nome, à direita, de maneira discreta é mostrado o logotipo da editora. Depois da capa, emerge o anterrosto, marcado pelo título da obra na parte superior e um selo comemorativo dos 100 anos da editora junto ao seu logotipo na parte inferior. Na página 2 estão os dados internacionais de catalogação da publicação. A folha de rosto apresenta o nome do autor na parte superior, o título com letras maiores no centro, em destaque, abaixo do título o nome do tradutor: Mateus Sampaio Soares de Azevedo; a indicação de que o livro em questão se trata da segunda edição e na parte inferior, o logotipo da editora, o lugar onde o livro é publicado, Petrópolis, e o ano dessa publicação, 2000. Na página seguinte há a indicação do copyright original da obra, de 1942, seu título original, a indicação dos direitos de publicação em língua portuguesa no Brasil, a Editora Vozes Ltda. seguido pelos números do ISBN tanto da edição inglesa (0-00-624565-X) quanto da edição brasileira (85.326.1662-3). Por fim, há na parte inferior a seguinte informação: “este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.”.

O livro também apresenta orelhas, que, juntas compõem apenas um texto: uma sucinta apresentação bibliográfica do autor, cujo texto é o seguinte:

Nascido na Irlanda em 1898, C. S. Lewis foi educado no Malvern College durante um ano e depois particularmente. Estudou em Oxford e foi professor no Magdalen College de 1925 – 1954. Em 1954 tornou-se professor de literatura medieval e renascentista em Cambridge. Foi um professor de projeção e popular, e exerceu profunda e duradoura influência sobre seus alunos.

Durante muitos anos Lewis foi ateu. Descreveu sua conversão em *Surpreendido pela alegria* com as seguintes palavras: “No semestre de verão de 1929 eu cedi e admiti que Deus era Deus...talvez o mais abatido e relutante convertido em toda a Inglaterra”. Foi essa experiência que o ajudou a entender não apenas a apatia mas também a indisposição a aceitar a religião e, como escritor cristão, dotado de um espírito excepcionalmente brilhante e lógico e de um estilo lúcido e vivaz, foi sem igual. Entre os seus livros mais vendidos estão: *O problema da dor*, *Cartas do Diabo ao seu aprendiz*, *Mero cristianismo*, *Os quatro amores* e o póstumo *Cartas a Malcolm*. Também escreveu livros infantis e um pouco de ficção científica, além de muitos trabalhos de crítica literária. Milhões de pessoas conhecem seus livros em todo o mundo através das traduções. Faleceu em 22 de novembro de 1963. (LEWIS, 1996, Orelha do livro)

A quarta capa apresenta a síntese do texto, tendo como fundo a mesma imagem da capa. O texto apresentado é o seguinte:

Screwtape é um diabo experiente. Seu sobrinho Wormwood está iniciando a sua carreira e recebeu por tarefa garantir a condenação de um jovem que acabou de se tornar cristão. Suas cartas são uma das mais brilhantes criações da imaginação e, depois de publicadas, tornaram-se um marco na história da teologia popular. U, livro excelente, provocante, desafiador! (LEWIS, 1996, Quarta capa).

Ademais, ela também apresenta o logotipo da editora, na parte inferior esquerda, acompanhado por um aforismo: “uma vida pelo bom livro”, há o autor da capa, identificado como Marcos Mattos e o código de barras.

Internamente, depois do selo da obra na página 5 é apresentada a dedicatória “Para J. R. R. Tolkien. Na página 7 são apresentadas as epígrafes de Lutero e Thomas More, tal como nas edições anteriores e na página 9 e 10 é apresentado o prefácio original que tem o cuidado de incluir, logo abaixo do nome do autor, o local, Magdalen College, e a data de sua escrita, 5 de julho de 1941. A edição da Loyola, de 1982 omitiu essas informações. Desde a dedicatória, até o prefácio, os editores mantiveram a mesma sequência do texto original de 1942, inclusive as páginas respectivas a cada paratexto, a edição de 1982 não teve a preocupação de manter essa sequência à semelhança do texto original. Além disso, conforme evidenciado no texto da quarta capa, essa edição não propõe o aportuguesamento dos nomes dos personagens, tentando adaptá-los a nossa cultura, antes mantém-nos de acordo com a edição inglesa: Screwtape e Wormwood. Também não há a inclusão de outro texto, *Screwtape proposes a toast*, conforme apresentado nas duas edições brasileiras anteriores.

3.3.3.2 Perfil dos leitores de *Cartas do diabo ao seu aprendiz a partir dos paratextos editoriais (1996)*

O contexto socioeconômico do Brasil, no período em que a editora Vozes lançou essa obra era muito diferente em relação às anteriores. A taxa de alfabetização do país,

segundo dados do IBGE aferidos no ano de 1991⁷⁴, pesquisa mais próxima à publicação do livro, era superior em relação às das décadas das publicações anteriores. Éramos 97.535.783 cidadãos com mais de 5 anos de idade alfabetizado, ante 32.768.578 concidadãos não-alfabetizados. Se levarmos em consideração o público alvo da editora, constituído por católicos romanos, teremos o número de 122.366.690 pessoas⁷⁵ (JACOB, 2013, p. 10). É evidente que tais números – tanto os de alfabetizados quanto os de pessoas que professam a fé católica – não representam o número real de leitores da editora, mas certamente são uma amostragem do tamanho do mercado editorial que pode ser prospectado pelo grupo editorial. Ademais, em meados dos anos 1990, o país passou por importantes mudanças na área político-econômica, com a consolidação do regime democrático por meio da transição pacífica de poder, queda da inflação e estabilidade da nova moeda.

Levando-se em consideração o público leitor visado pelos editores por meio dos paratextos editoriais presentes no livro, concluímos que se trata de leitores jovens interessados em literatura religiosa e apresenta a característica de ser mais qualificado em relação às duas últimas edições. A apresentação da capa indica isso, haja vista que, apesar dos recursos tecnológicos disponíveis à época serem superiores aos dos anteriores, não há preocupação em explorar a imagem exposta na capa. Tal argumento se consolida pelo fato de que aquilo que aparenta ser um vulcão em erupção é uma alusão indireta ao inferno, que por sua vez alude à presença dos personagens que trocam correspondências ao longo do texto. Sua indefinição tira-lhe o protagonismo, que recai sobre o título do livro, que pela primeira vez apresenta-se como *Cartas do diabo ao seu aprendiz*, onde diabo é um substantivo determinado pelo artigo "o", indicando uma valorização demasiada do remetente que não é o chefe do inferno, mas apenas um funcionário, embora experiente, que exerce funções burocráticas. Outra informação que confirma nosso ponto de vista é a marcação do nome do autor. Até então, nenhuma publicação dessa obra no Brasil havia dado tamanha ênfase à autoria, que aparece de maneira destacada, em detrimento inclusive do próprio título. A edição de 1964, embora tenha posto o nome do autor na parte superior da capa e o tenha grafado com letras vermelhas, não utilizou

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/tab203.shtm>> Acesso em 20 set. 2017.

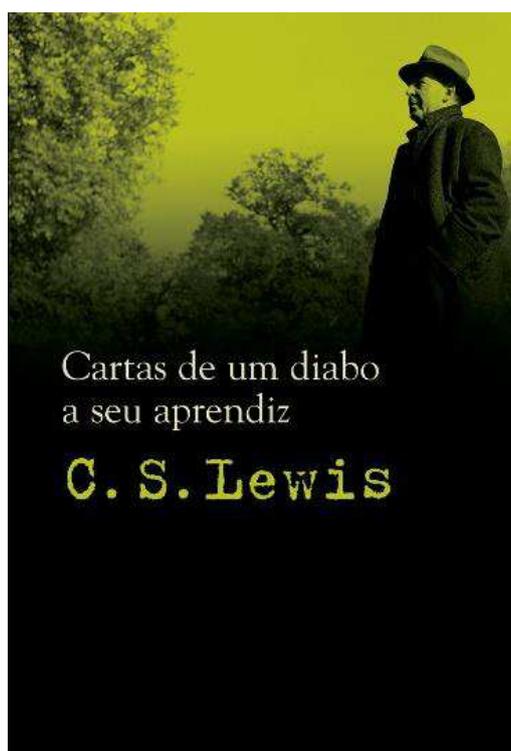
⁷⁵ Disponível em: <http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/E-book%20Religi%C3%A3o%20e%20Territ%C3%B3rio%20no%20Brasil_1991-2010.pdf> Acesso em 20 set. 2017.

caracteres maiores para destacá-lo. A de 1982, em movimento inverso, quase que omite o nome do autor, pois este aparece apenas na parte inferior da capa, em caracteres menores em relação ao título, servindo como arranjo para a simulação da recriação do envelope de uma correspondência. Já o da editora Vozes aposta no reconhecimento do nome do autor por parte do público, por isso o salienta. Outrossim, a escolha de manter os nomes originais dos personagens também é um indício da qualificação do público. Os editores apostam que o nome *Screwtape* não afugentará possíveis leitores e, assim, promovem-no a chamarizes do texto, tendo em vista que, na quarta capa, tanto o nome do diabo experiente quanto de seu sobrinho estão na primeira linha da apresentação do livro: “Screwtape é um diabo experiente. Seu sobrinho Wormwood [...]” (destaque nosso) (LEWIS, 1996, Quarta capa).

3.3.4.1 *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (2005 - 2014): a última versão de *The Screwtape Letters* no Brasil, questões introdutórias

Levando em consideração o espaço editorial para os textos de C. S. Lewis, conforme demonstrado anteriormente, lançamos luz sobre o texto de nossa análise. A tradução mais recente de *The Screwtape Letters* tem como título *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, publicado pela Editora WMF Martins Fontes. As informações seguintes foram obtidas pela editora, via e-mail e a íntegra das perguntas e respostas será disponibilizada nos anexos desse trabalho. O contrato para a publicação livro foi firmado desde 2003 e o texto foi lançado em 2005 com uma tiragem de 3000 exemplares. Desde então suas reimpressões têm sido feitas com 2000 ou 3000 exemplares e atualmente ele está na 4ª tiragem da 2ª edição, de 2014.

Figura 9 - Capa de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*



Fonte: Acervo do autor

O público alvo que o grupo editorial visa com a publicação de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* apresenta três características: o público leitor de C. S. Lewis no Brasil - aqueles que já estavam familiarizados com a estilística do autor, logo, o conheciam previamente por meio de outras publicações em outros grupos editoriais -, leitores de obras religiosas e cristãos protestantes. Embora a editora não seja especializada em livros de teor religioso - Laurence Hallewell qualificara o grupo editorial como uma editora de São Paulo com mais de mil títulos em seu catálogo dentre os quais se encontravam alguns ligados à agricultura, ecologia, medicina e ciências sociais (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 660) -, edita alguns livros de ficção de Lewis, dentre os quais aparecem *As Crônicas de Nárnia* e livros que compõem a *Trilogia Cósmica*. No entanto, a editora alega que não há resenhas disponibilizadas, portanto, não há feedback de seus leitores em arquivos oficiais do grupo editorial.

A respeito da exclusão do prefácio posterior do autor, paratexto presente nas publicações da Vida Nova (1964) e Loyola (1982), o grupo alega que não há razão especial para tal omissão e, o que talvez seja surpreendente, dizem desconhecê-lo. O argumento para a exclusão ancora-se no fato de que a edição utilizada para a tradução foi

a comemorativa do sexagésimo aniversário da edição, *C. S. Lewis Signatur Classics Editions*, de língua inglesa, onde constava apenas o prefácio original. A tradução do título também é um ponto importante a se considerar. As edições anteriores apresentaram os títulos *Cartas do Inferno*, *As cartas do Coisa-Ruim* e *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. A WMF Martins Fontes manteve a linha da última tradução, excluindo apenas o artigo masculino “o”, cuja função era determinar e individualizar o personagem. Questionados sobre o método de traduzir títulos de maneira interpretativa, o grupo alega que o editor da época desse projeto editorial já não faz mais parte da equipe, portanto não há como saber de forma precisa. Contudo, talvez tenha sido aplicado nesse livro o mesmo método de J. R. R. Tolkien, autor que também é editado por eles e que tivera intensa amizade com Lewis. O autor de *O Senhor dos Anéis* orientava os tradutores a mudar os nomes dos personagens.

Sobre a inclusão de um segundo texto, a tradução de *Screwtape proposes a toast*, acompanhando *The Screwtape Letters*, a editora, na quarta capa, afirma que tal fato ocorrera por que o texto desta edição seria a tradução da edição do sexagésimo aniversário da obra, que, por sua vez, teria incluído o segundo texto pela primeira vez. Houve um equívoco acerca disso, pois a edição de 1964 no Brasil, baseada na vigésima sétima edição inglesa já havia publicado *Screwtape proposes a toast*, assim como a edição de 1982, também o fizera. Apenas a edição de 1996 publicara o texto tendo como referência o original de 1942. Perguntados acerca dessa questão, o grupo editorial reconheceu o erro, adjetivando-o como “lamentável” e prontificaram-se em corrigi-lo nas próximas edições.

Acerca da vendagem, a editora não disponibiliza os números, portanto, não há como analisá-los. A informação disponibilizada diz respeito, dentre as obras do autor, ao título mais vendido, que é *As Crônicas de Nárnia* e, em segundo lugar, o texto *Cristianismo puro e simples*. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* é o segundo mais vendido dentre o gênero que eles denominam religioso, atrás da tradução de *Mere Christianity*. Os livros religiosos, compostos por *Cristianismo puro e simples*, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, *Os quatro amores* e *A abolição do homem* recentemente têm sido vendidos em uma coleção, em uma estratégia de vendagem da WMF Martins Fontes.

3.3.4.2 Paratextos editoriais em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (2009)

Passamos agora a analisar os paratextos editoriais, conforme o método de análise das publicações anteriores. A razão pela qual tal texto não fora ainda analisado paratextualmente assenta-se no fato de que esse título que está em catálogo pela editora WMF Martins Fontes.

Quanto às dimensões do livro, estas correspondem às de um livro in-quarto, pois são de 18,50 cm de altura por 12,5 cm de largura que são as mesmas da primeira edição inglesa de 1942 e não apresenta sobrecapa. A diferença entre ambas edições também se dá no plano material: a primeira edição foi publicada em capa dura, enquanto que a última edição brasileira, em brochura. No tocante ao selo da obra, formado por capa, página de rosto e seus anexos, a primeira é ilustrada e apresenta o título *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Nela há a fotografia do autor onde ele se mostra vestido com um sobretudo, com as mãos recolhidas nos bolsos da indumentária, usando um chapéu do tipo panamá, de perfil, olhando para o além, em uma postura introspectiva e misteriosa⁷⁶. Ao fundo há silhuetas de árvores, indicando que o lugar onde foi feita a fotografia provavelmente é um parque, bosque ou um outro lugar bucólico. A fotografia ocupa metade da dimensão superior da capa e ela, embora seja bicolor, não é em preto e branco, mas em preto e verde, a mesma coloração que é dada ao nome do autor que aparece na parte inferior em relação à imagem. A cor esverdeada ocupa o lugar do que deveria ser azulada, pois está na altura do que seria a representação celeste na imagem e também o rosto do autor, com leves nuances de coloração. Provavelmente a cor verde seja uma referência à origem irlandesa do autor, posto que essa é a cor que caracteriza tal nacionalidade. O título da obra é inserido no meio da dimensão da capa, com uma variação da cor verde que não corresponde à do fundo da fotografia. Abaixo do nome não há quaisquer sinais, símbolos ou referências diretas ou indiretas à editora. Apenas o vazio escurecido. O nome do autor é evidenciado por meio de caracteres maiores em relação ao título. Assim, fotografia do autor somada ao seu nome evidenciam que os editores intencionalmente valorizaram sua figura.

⁷⁶ A editora WMF Martins Fontes, à exceção dos livros que compõem a trilogia cósmica e *As Crônicas de Nárnia*, utiliza a mesma imagem nas capas dos demais livros de C. S. Lewis presentes em seu catálogo.

Depois da capa há o anterosto que contém apenas o título do livro, paratexto que seria, de acordo com Genette, “o local por excelência da dedicatória de exemplar” (2009, p. 34). Após esse paratexto temos a página de rosto que apresenta o nome do autor na parte superior, o título da obra em caracteres maiores, logo abaixo da autoria; a tradução, que nessa edição foi feita por Juliana Lemos; revisão da tradução feita por Frederico Ozanam Pessoa de Barros; Revisão técnica Geuid Dib Jardim. Na parte inferior há a logomarca da editora, indicada da seguinte maneira:

Figura 10 - logotipo WMF Martins Fontes



Fonte: Internet⁷⁷.

O símbolo da editora é seguido por local e data (ano 2014) da publicação. Os anexos da página de rosto são apresentados na página seguinte (p. 5) e contêm outras informações de ordem técnicas tais como o título original, a data oficial e editora da primeira publicação de 1942. Quanto à primeira informação, quando confrontada com o título original, está corretíssima, com a segunda informação ocorre o mesmo. A inconsistência repousa sobre a indicação da editora original que é apontada como Harper Collins. De acordo com John B. Thompson, tal grupo de publicações norte-americano é de propriedade da News Corporation que faz parte do conglomerado de mídia controlado por Rupert Murdoch e “[...] formou-se com a fusão da Harper & Row, que a News Corp adquiriu em 1987, com a antiga editora britânica William Collins Sons & Co, cujas ações remanescentes foram adquiridas pela News Corp em 1989” (THOMPSON, 2013, p. 126

⁷⁷ Disponível em

<[103](https://www.google.com.br/search?safe=active&biw=1517&bih=735&tbm=isch&sa=1&q=logotipo+wmf+martins+fontes&oq=logotipo+wmf+martins+fontes&gs_l=psy-ab.3...13958.16717.0.17082.9.9.0.0.0.0.270.1101.0j5j1.6.0...0...1.1.64.psy-ab..3.0.0....0.gIKT3sXxY6o#imgrc=mgnT4Lbf5pMYpM:> Acesso em 8 out. 2017.</p></div><div data-bbox=)

– 127). Portanto, levando-se em conta que essas fusões corporativas ocorreram há cerca de três décadas, tal grupo editorial não poderia ter publicado o texto original, por isso, cremos que tal informação reitera a já apresentada anteriormente pela editora WMF Martins Fontes de que essa tradução é baseada na edição especial do sexagésimo aniversário da obra⁷⁸.

Na sequência são apresentados os *copyrights* tanto de 1942 pelo grupo que representa os direitos do autor, C. S. Lewis Pte Ltd, quanto pela Livraria Martins Fontes Ltda. Abaixo há a indicação das edições e tiragem. No caso dessa obra em particular, trata-se da 2ª edição (2009) e 4ª tiragem (2014), a saber, última edição de acordo com as informações do grupo editorial. Novamente a informação do nome da tradutora, da revisão da tradução e da revisão técnica, acompanhados pelas informações sobre o acompanhamento editorial, feito por Luzia Aparecida dos Santos; Revisões gráficas, feitas por Maria Regina Ribeiro Machado, Maria Fernanda Alvares e Dinarte Zorzaneli da Silva; produção gráfica, feita por Geraldo Alves; por fim, paginação/fotolitos, feitos pela empresa Studio 3 Desenvolvimento Editorial. Ainda há os Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), contendo as informações de ordem bibliográfica, seguidas novamente pelo título original e o número de ISBN (International Standard Book Number), cujo primeiro número indica a língua da publicação, o segundo o editor, o terceiro o número de ordem da obra na produção desse editor e o quarto uma chave de controle eletrônico (Cf. GENETTE, 2009, p. 29). A numeração que é indicada nessa publicação é a seguinte: 978-85-7827-111-4. Subsequentemente é indicado o Índice para catálogo sistemático que é: 1. Cristianismo: Religião. Na parte inferior há o endereço do editor, identificado dessa vez como Editora WMF Martins Fontes Ltda, situada à Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133, 01325.030, São Paulo, SP, Brasil. Há ainda o número de telefone e de fax, o e-mail institucional: info@martinsfonte.com.br e o endereço na Web: <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>.

Se mantivermos um itinerário de análise de fora para dentro observamos a lombada que, sob um fundo escuro, o nome do autor, com caracteres verdes; o título da obra, com caracteres brancos maiores que os do nome do autor, numa estratégia invertida em relação à capa; e o logotipo da editora, tal qual o já indicado acima. A quarta capa,

⁷⁸ A editora que publicou o texto original era a Geoffrey Bles, em Londres, na Inglaterra, em 1942 e, se considerarmos a primeira edição norte-americana, temos a editora Macmillan, em Nova Iorque, em 1943. (Cf. SCHULTZ; WEST JR., 1998, p. 367).

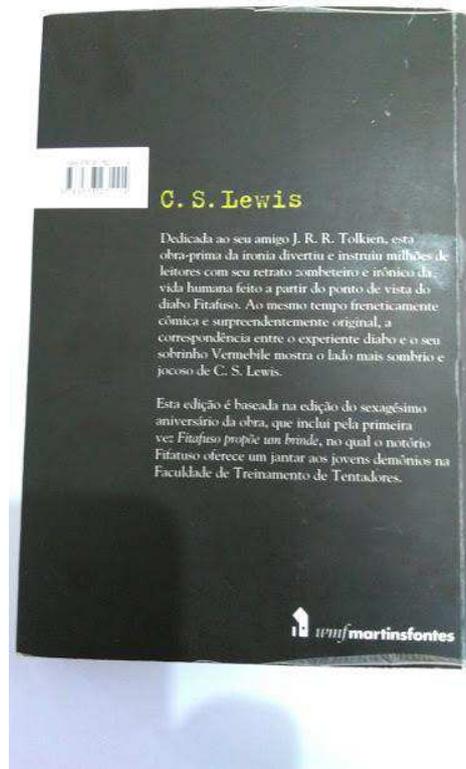
também apresentada com um fundo escuro, expõe com caracteres verdes maiores que os do texto que o segue, o nome do autor. Depois segue-se uma apreciação elogiosa, em caracteres brancos, cujo texto é o seguinte:

Dedicado ao seu amigo J. R. R. Tolkien, esta obra-prima da ironia divertiu e instruiu milhões de leitores com seu retrato zombeteiro e irônico da vida humana feito a partir do ponto de vista do diabo Fitafuso. Ao mesmo tempo freneticamente cômica e surpreendentemente original, a correspondência entre o experiente diabo e o seu sobrinho Vermebile mostra o lado mais sombrio e jocoso de C. S. Lewis (LEWIS, 2009b, Quarta capa).

Ainda há a informação a respeito do acompanhamento de outra obra, publicada em conjunto: *Fitafuso propõe um brinde*, cujo teor é o seguinte: “Esta edição é baseada na edição do sexagésimo aniversário da obra, que inclui pela primeira vez *Fitafuso propõe um brinde*, no qual o notório Fitafuso oferece um jantar aos jovens demônios na Faculdade de Treinamento de Tentadores” (LEWIS, 2009b, Quarta capa).

Diferentemente da primeira tradução brasileira, de 1964, não aparece em nenhuma outra informação paratextual. Se o leitor não prestar atenção nesse texto da quarta capa, certamente será surpreendido quando, na página 169 perceber que está diante de uma outra obra, embora tenha mantido o nome do personagem da obra anterior. Tal surpresa ocorrerá por não haver nenhuma indicação de mudança de livros antes do anterrosto da segunda obra. Além disso, o texto que apresenta essa nova obra apresenta algumas imprecisões, conforme já relatadas neste trabalho. Por fim, há a apresentação do logotipo da editora na parte inferior direita e, na parte superior esquerda, o código de barras magnético.

Figura 11 - Quarta capa de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*



Fonte: Acervo do autor

Há orelhas no texto que são desdobros da capa e da quarta capa. Na primeira, há a reprodução da mesma fotografia da capa, com um destaque apenas em seu rosto, no mesmo fundo verde e, sob um fundo branco, uma sucinta biografia do autor, expressa da seguinte forma:

C. S. Lewis nasceu na Irlanda, em 1898. Em 1954, tornou-se professor de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi ateu durante muitos anos e se converteu em 1929. Essa experiência o ajudou a entender não somente a indiferença como também a indisposição de aceitar a religião; e, como autor cristão, com sua mente excepcionalmente lógica e brilhante e seu estilo vivo e lúcido, ele foi incomparável. Suas obras são conhecidas, em tradução por milhões de pessoas no mundo inteiro. Escreveu também livros de ficção científica, de crítica literária e para crianças. Entre estes estão as crônicas de Nárnia, sucesso mundial, publicadas no Brasil pela Editora WMF Martins Fontes. C. S. Lewis morreu em 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford. (LEWIS, 2009, Orelha do livro).

Ainda que sucinta, a biografia apresentada nesse paratexto equivoca-se ao dizer que ele nasceu na Irlanda, quando, na verdade foi na Irlanda do Norte. Embora não tivesse havido a revolução que resultou na divisão das duas Irlandas, seria mais preciso se a informação fosse elucidada. Outrossim, sua carreira como professor em Oxford é omitida. O que nos causa também estranhamento, pois a obra fora escrita enquanto ele era *fellow* do Magdalen College, em Oxford. Já a orelha da quarta capa apresenta novamente o nome do autor em caracteres verdes e, além de *Cartas do diabo a seu aprendiz* (que curiosamente aparece na lista) três outras obras de Lewis: *Os quatro amores*, *A abolição do homem* e *Cristianismo puro e simples*. Na parte inferior da orelha há a localização do grupo editorial em duas redes sociais: *twitter* e *facebook*.

Se voltarmos nossa atenção para os paratextos apresentados na parte interna da obra, perceberemos que, depois do selo da obra, temos uma sequência paratextual semelhante à da primeira edição inglesa de 1942: dedicatória, epígrafes e prefácio. A primeira é dedicada a J. R. R. Tolkien, então amigo, confidente e leitor privilegiado de parte de sua lavra literária, por conta do grupo fundado por ambos denominado *Inklings*⁷⁹. O segundo paratexto é constituído por frases atribuídas a Lutero e Thomas More. Embora já apresentados em todas as outras publicações brasileiras, transcreveremos as traduções dessa última, cujo texto do reformador é “O melhor método para expulsar um demônio se ele não ceder aos textos das Escrituras, é ridicularizá-lo, zombar dele, pois ele não suporta o escárnio” (LEWIS, 2009, p. vii). Já o do autor de *Utopia* é o seguinte: “O diabo (...) o espírito orgulhoso (...) não tolera ser motivo de chacota” (LEWIS, 2009, p. vii). Depois, nas páginas ix e x há o prefácio original, devidamente atribuído ao autor, incluindo o local, Magdalen College, e data, 5 de julho de 1941, de sua redação.

⁷⁹ *Inklings* era um grupo de intelectuais ligados a Oxford liderados por C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien que se reuniam em *pubs* para ler, compartilhar e criticar e suas lavras literárias. O professor John V. Fleming caracteriza tal grupo como “uma *coterie* ativa, no velho e admirável sentido dessa palavra” (FLEMING, 2015, p. 32).

3.3.4.3 Formação do perfil dos leitores de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (2009) a partir dos paratextos editoriais

No decênio em que a primeira edição de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* foi lançada em 2005 e depois reeditada em 2009 pela WMF Martins Fontes, o Brasil estava em uma situação diferente em relação aos lançamentos das editoras anteriores. No final da primeira década do século XXI, havia grandes expectativas acerca do país, a despeito da crise econômica que o mundo enfrentava. É possível que a capa da revista britânica *The Economist* de novembro de 2009 que faz a montagem do Cristo Redentor, nosso maior símbolo turístico perante o mundo, decolando, sob o título da manchete “Brazil takes off” [Brasil decola] possa ser considerada icônica para ilustrar aquele momento histórico.

Figura 12 - Capa da Revista *The Economist* de novembro de 2009



Fonte: Internet⁸⁰

⁸⁰ Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/09/26/revista-poe-cristo-caindo-na-capa-e-insinua-fim-do-crescimento-da-economia.htm>> Acesso em 11 out. 2017.

Desse modo, levando-se em conta que a população era maior, com mais de 190 milhões de pessoas⁸¹, dentre os quais, 147.378.182 cidadãos com mais de dez anos de idade eram considerados alfabetizados⁸². Essa aferição populacional lança luz sobre a produção de livros no Brasil no ano de 2003, cujos números apontam, quanto ao número de títulos, para 13.340 de primeira edição e 299.400.000 produzidos. Se levarmos em conta o número de exemplares, teremos 194.920.000 para os de primeira edição; 255.830.000 vendidos, num faturamento hiperbólico de R\$ 2.363.580.000,00 (Cf. HALLEWELL, 2012, p. 936). Diante disso, a publicação da primeira edição de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, com seus 3.000 exemplares, foi uma diminuta contribuição às hiperbólicas marcas de circulação de livros no Brasil. Por isso, novamente volvemos nossa atenção aos paratextos que compõem a materialidade da última publicação de *The Screwtape Letters* no Brasil, a fim de identificar o perfil de leitores eles podem esboçar. Dessa vez, porém, temos a informação de público alvo previamente exposta pelo grupo editorial: conhecedores do autor, pessoas de interesse por livros religiosos e protestantes.

No que diz respeito ao primeiro grupo que compõe o perfil, ao observarmos a organização dos paratextos e seu teor, concluímos que os editores tentaram persuadi-lo de várias formas. A repetição do nome do autor é um forte indício dessa persuasão. Se prestarmos atenção na sua ocorrência, percebemos que na parte externa do livro, ele ocorre três vezes de maneira acentuada: na capa, com caracteres maiores que os do título; na lombada e na quarta capa, ocupando o lugar de um título, também em caracteres notáveis. Ainda na quarta capa, a apreciação elogiosa que é colocada sob o nome do autor inicia-se citando J. R. R. Tolkien – pressupondo que o leitor conheça o autor britânico sem acrescentar a informação de que fora o criador da trilogia *O Senhor dos Anéis* – e é concluída com uma frase que realça o fato de que o texto “mostra o lado mais sombrio e jocoso de C. S. Lewis” (LEWIS, 2009b, Quarta capa); portanto, o nome do autor é a última palavra do texto. Na orelha, desdobro da capa, seu nome é a primeira ocorrência em negrito e uma das últimas, dando a forma do texto como se fosse um sanduíche. No desdobro da quarta capa, novamente ocorre o nome do autor com caracteres maiores. Destarte, entre capa, lombada, quarta capa e orelhas há sete ocorrências do nome do escritor. Por isso, aqueles que o conheciam previamente não têm dúvida acerca da autoria

⁸¹ O Censo demográfico de 2010 apontava o número de 190.732.694 pessoas no Brasil. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>> Acesso em 11 out. 2017.

⁸² Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=P6>> Acesso em 11 out. 2017.

do livro. Tal expediente ocorre também nos outros três textos que são vendidos em um box pela editora: *A abolição do homem*, *Cristianismo puro e simples* e *Os quatro amores*.

Quanto aos leitores que pertencem ao segundo e terceiro grupos, a exposição dos paratextos não lhes são tão convidativas, logo, sua predileção enquanto leitores alvos não está evidente. Isso ocorre por alguns motivos: talvez cause estranhamento a esses grupos de leitores a publicação de um livro por uma editora que não seja confessional. Em segundo lugar, embora o texto apresente o nome “diabo” em seu título, que remete automaticamente o leitor ao personagem maligno da tradição cristã, não há fraseologias típicas de textos religiosos que pressupõem alguma promessa de proselitismo tais como “esse livro vai abençoar sua vida”, ou “seja edificado por meio dessa leitura”, ou “encontre Deus na sabedoria do autor”. Pelo contrário, o teor dos textos paratextuais expõe seu conteúdo de maneira sóbria, enfatizando o estilo irônico do texto e sua pretensão de retratar a “vida humana”. Portanto, o livro, embora tenha uma temática cristã, é apresentado pelos editores em clave humanista, deixando claro ao leitor que o texto não apresenta posições dogmáticas acerca do céu, da existência ou não do diabo ou algo que o valha. Por fim, não há no paratexto nenhuma apreciação elogiosa de líderes religiosos, quer sejam padres ou pastores, assim como ocorre com outros livros desse gênero que não poupam esforços em adicionar em seus paratextos, comentários de personalidades do meio religioso que tenham alto grau de popularidade. Religiosos podem levar em alta conta o que seus líderes ou pessoas de prestígio em seu meio dizem, por conseguinte, os editores poderiam lançar mão desse expediente, mas não o fizeram.

O perfil do leitor desse livro transcende a questão religiosa. A concisão dos argumentos no paratexto da quarta capa e a sucinta biografia do autor, professor de prestigiada universidade britânica no primeiro desdobro persuadem um tipo de leitor sofisticado, que aprecie um texto escrito não por um clérigo religioso de discurso fundamentalista, mas por um erudito leigo. Assim, talvez ele se sinta representado por alguém que tenha a audácia de especular um assunto – demonologia – predominantemente de especialistas, de maneira despretensiosa não-dogmática, mas ficcional.

3.4 Considerações finais do capítulo

Apresentamos neste capítulo uma breve história dos livros no Brasil, bem como a formação do mercado editorial, ancorados nos trabalhos de pesquisadores de credenciais acadêmicas, dando assim, condições mais apropriadas para se entender o pano de fundo e como se deu a inserção do livro em análise em nosso país. Analisamos os paratextos editoriais, conforme a concepção de Gérard Genette, das publicações cessadas e, a partir delas, traçamos o perfil do público leitor de *The Screwtape Letters* no Brasil, desde a década de 1960 até a década de 1990.

CAPÍTULO III

A ATUALIDADE DA OBRA LEWISIANA: *THE SCREWTAPE LETTERS*, ECOS E LEITORES BRASILEIROS

4.1 A obra lewisiana em nosso tempo: influências e desdobramentos

A amplitude e influência da obra lewisiana depois de mais de cinquenta anos da morte do autor é notável. O interesse por seus textos e os desdobramentos que eles têm suscitado tem despertado curiosidade em acadêmicos que o consideram um fenômeno, por sua condição de reconhecimento em escala global e vendagem de livros, e uma anomalia, pois, embora tenha um público fiel, há divergência no meio acadêmico quanto ao valor e importância que sua produção literária deva gozar, sobretudo as de temática teológica (Cf. MACSWAIN; WARD, 2015, p. 1 – 2).

Mas, a despeito da diversidade de opiniões que a recepção dos textos de Lewis possa ensejar, não podemos perder de vista o fato de que sua lavra literária tem influenciado outras obras em nosso tempo. As marcas dessas influências são irrefutáveis, pois se fazem de forma explícita. A respeito disso, Pierre Bourdieu (1930 – 2002) assevera que

Os autores consagrados que dominam o campo de produção tendem a impor-se também pouco a pouco no mercado, tornando-se cada vez mais legíveis e aceitáveis à medida que se banalizam através de um processo mais ou menos longo de familiarização associado ou não a um aprendizado específico (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Logo, levando em conta a publicação de textos lewisianos em perspectiva internacional, é evidente que sua presença de maneira ostensiva e contínua nesse tipo de mercado tem consolidado sua banalização, tal qual proposta por Bourdieu. Entre os estrangeiros apresentaremos três exemplos: Lewis Benedictus Smedes (1921 – 2002), Nicholas Thomas Wright (1948 -) e Philip Yancey (1949 -).

O primeiro autor, que foi professor de Teologia e Ética no Fuller Theological Seminary, apresenta logo no título de uma de suas obras uma referência explícita a um

dos textos de Lewis: *Mere Morality: what God expects form ordinary people*⁸³ (1983) [*Moralidade pura e simples: o que Deus espera de pessoas comuns*, tradução nossa] onde o autor, por meio do estudo de cinco dos dez mandamentos mosaicos, explora o caminho à sanidade moral em meio à confusão e às crises da vida contemporânea. Na introdução de seu livro, o autor faz uma lista de seis aspectos definidores do que ele quer significar por *mere morality* e, no sexto, ele afirma que seu texto não é sectário. Assim, ele argumenta que, embora seu livro seja escrito por alguém que tem uma determinada condição que seria a de um homem branco protestante, de classe média, residente no sudeste da Califórnia e, a despeito de sua formação, assentada sob a tradição evangélica, reformada e calvinista, Smedes afirma que seu texto surge como uma tentativa de pensar fora da perspectiva cristã. Para tanto, ele evoca a inspiração de seu texto, aproximando-o à expressão cunhada por C. S. Lewis (citado nominalmente) *mere Christian* [um cristão simplesmente, tradução nossa] onde ele se propõe a entender a vontade de Deus para o que é moral e conseqüentemente humano⁸⁴ (Cf. SMEDES, 1983, p. x – xi).

Já o segundo autor, também apresenta uma referência direta a um dos textos de C. S. Lewis imediatamente no título de uma de suas obras: *Surpreendido pelas escrituras: questões atuais desafiadoras*⁸⁵ (2015), cujo título original é *Surprised by scripture* (2014). A edição brasileira dessa obra traz entre seus paratextos, mais especificamente na orelha do livro, a seguinte recomendação: “N. T. Wright é o estudioso da Bíblia mais prolífico que já existiu. Alguns dizem que ele é o apologista mais importante desde C. S. Lewis [...]” (WRIGHT, 2015, Orelha do livro). Ainda na quarta capa, novamente os editores inserem um texto laudatório, com um discurso que o aproxima de Lewis e apresenta a apreciação de uma importante revista anglo-saxônica cujo teor é o seguinte: “N. T. Wright é uma combinação rara de erudição e palavra pastoral. Saudado pela revista norte-americana *Newsweek* como ‘o mais importante estudioso do Novo Testamento em todo

⁸³ Texto não publicado no Brasil.

⁸⁴ 6. *Mere morality is not sectarian*. God’s moral will is not Protestant or Catholic; it is human and ecumenical. I cannot get out of my skin, of course. I am a white male, meddle-class Protestant living in Southern California. Readers familiar with the history of Christian doctrine will find evidence in what follows that the Tradition which has shaped my life and thought is Reformed, Calvinist, evangelical. But if anyone is seeking a special “evangelical morality”, this is not the place to look. What I have tried to do in writing this book is merely to think straight, out of a Christian perspective. If what I write cannot stand up under reasonable Christian inspection, it has no right to qualify people, he expects of them as his creatures and his children. It is, to use C. S. Lewis’s famous expression., as a “mere Christian” that I have tried to understand God’s will for what is merely moral and therefore merely human (SMEDES, 1983, p. x –xi).

⁸⁵ Texto publicado no Brasil em 2015 pela editora Ultimato.

o mundo’, é também apontado como o C. S. Lewis do século 21” (WRIGHT, 2015, Quarta capa).

O terceiro autor é o norte-americano Philip Yancey. Jornalista de formação e autor de livros de temática cristã foi editor da revista *Christianity today*. Alusões ao autor irlandês não são raras em seus escritos que, embora não seja nosso objetivo comprovar tal afirmação nesse trabalho, estão presentes em todos os seus livros. Em 2001, Yancey publicou um livro intitulado *Soul Survivor* [*Alma Sobrevivente: sou cristão apesar da igreja*⁸⁶] onde ele apresenta a biografia de treze personalidades de diferentes nacionalidades, dentre as quais fulguram nomes como Martin Luther King Jr., G. K. Chesterton, Leon Tolstói, Mahatma Gandhi e outros que o jornalista alega terem causado grande impacto em sua vida. Curiosamente, apesar de tantas citações ao longo de sua carreira de autor, C. S. Lewis não entrou nessa lista. No entanto, em 2010, com a publicação de *What Good is God?: In Search of a Faith That Matters* [traduzido com o título *Para que serve Deus*⁸⁷] que se tratava de uma compilação de palestras que ele havia feito em vários lugares do mundo e que tinham como tema, as personalidades importantes para seus ouvintes originais. Dentre essas palestras, houve uma que ele proferiu em Cambridge, último cenário de docência do professor C. S. Lewis, em agosto de 2008, intitulada *Navegando em dois mundos* argumentando que o autor irlandês “[...] é um unificador que junta dois mundos, o visível e o invisível, esta vida e a vida futura” (YANCEY, 2010, p. 109). Essa palestra é apresentada na íntegra como parte integrante do quarto capítulo do livro intitulado *Apóstolo dos céuticos*, título homônimo ao primeiro livro crítico sobre o autor publicado em 1948 pelo acadêmico norte-americano Chad Walsh. Nesse capítulo, Yancey apresenta alguns pontos da biografia de Lewis e afirma em que aspecto o autor britânico o influenciou em sua estilística: “De Lewis aprendi a adotar a postura do leitor, primeiro criando confiança e depois convidando o leitor a me acompanhar na exploração de perguntas e dúvidas. Esse estilo satisfaz tanto minha profissão de jornalista quanto minha peregrinação pessoal” (YANCEY, 2010, p. 94).

Desse modo, lançando mão de alguns exemplos, demonstramos que por meio de referências de vários autores que reverberam a obra de C. S. Lewis, e também por meio de diversificadas mídias (sobretudo adaptações cinematográficas) de divulgação e

⁸⁶ Livro publicado no Brasil pela editora Mundo Cristão em 2004.

⁸⁷ Livro publicado no Brasil pela editora Mundo Cristão em 2010.

adaptação das mesmas, o legado literário do escritor britânico segue um itinerário de banalização e familiarização, conforme proposto por Pierre Bourdieu.

4.2 A atualidade da obra lewisiana no Brasil: narrativas recentemente publicadas⁸⁸

O mercado editorial, antes restrito às editoras de orientação religiosa, percebeu que as obras relacionadas a C. S. Lewis têm um bom mercado, posto que seu nome, embora atrelado à mais popular de suas obras⁸⁹, é reconhecido. Há vários títulos do autor em diversas editoras em catálogo⁹⁰, portanto, em circulação, porém apresentaremos duas obras de gênero narrativo inéditas no mercado brasileiro que foram publicadas nos últimos dois anos: *A torre negra e outras histórias* (2016) e *Até que tenhamos rostos* (2017).

Publicado pela editora Planeta, o primeiro texto trata-se de uma obra póstuma que veio à publicação, em 1977, cujo título original era *The Dark Tower*, por conta do trabalho editorial de Walter Hooper, secretário pessoal de Lewis no momento de seu falecimento.

⁸⁸ A obra de C. S. Lewis teve pouca visibilidade na mídia impressa no Brasil. Por isso há poucas matérias sobre seus livros. Além de uma matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo em 26 de dezembro de 1998, intitulada *Crítico lança autobiografia em nome da fé* (Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19981226-38420-spo-0048-cd2-d10-not/busca/Staples+Lewis>> Acesso em 26 set. 2017), apenas em 2005 houve matérias sobre o autor e sua obra. Tais publicações ocorreram no período de divulgação da adaptação cinematográfica de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e, por fim, ao período em que *As crônicas de Nárnia* figurou entre os livros mais vendidos da país, de acordo com vários jornais e revistas de grande alcance nacional. Assim, a título de exemplificação, citamos matérias como *Nárnia entra em cena para brigar com Harry Potter* (Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20051209-40960-nac-38-cd2-d2-not/busca/Staples+Lewis>> Acesso em 26 set. 2017) e *A polêmica sobre o leão que seria Cristo* (Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20051218-40969-spo-165-cd2-d5-not/busca/Staples+Lewis>> Acesso em 26 set. 2017).

⁸⁹ Para exemplificar, citamos as publicações dos livros *A torre negra e outras histórias* (2016), da editora Planeta, onde os editores incluíram na capa, acima do nome do autor a seguinte informação: autor da saga *As Crônicas de Nárnia*; e *C. S. Lewis: Além do universo mágico de Nárnia* (2015), publicado pela Martins Fontes cujo título original em inglês é *The Cambridge Companion to C. S. Lewis*, do qual inferimos que a inclusão da palavra Nárnia na capa, também tenha sido uma estratégia editorial.

⁹⁰ Recentemente – ano 2017 – a editora Thomas Nelson Brasil lançou dois títulos já publicados pela WMF Martins Fontes: *Cristianismo puro e simples* e *Os quatro amores*. Disponível em <<http://www.thomasnelson.com.br/autor/c-s-lewis/>> Acesso em 7 out. 2017. Mais títulos virão, inclusive o próprio texto que por ora analisamos, conforme Gabriele Greggersen, membro do projeto, já adiantou no site Ultimato. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/o-medo-do-futuro-e-um-prato-cheio-para-o-diabo>> Acesso em 7 out. 2017.

Há controvérsias a respeito de sua autenticidade⁹¹, por causa de sua obscura origem e testemunhas de sua formação, levando-se em conta que textos do final da década de 1930 de Lewis eram apresentados nas reuniões dos Inklings. O livro contém seis histórias, sendo a principal *A torre negra*, título dado por Hooper (Cf. LEWIS, 2016, p. 6). Esse texto teria sido a continuação de *Além do Planeta Silencioso*, por conta da ligação entre a última sentença desse livro e a sentença inicial do outro (Cf. LEWIS, 2016, p. 7) primeiro volume da trilogia cósmica, no entanto tal projeto foi abandonado por Lewis e o texto ficou inconcluso. Não há final e há a perda de duas páginas do manuscrito encontrado (páginas 11 e 49).

O enredo da narrativa inicia-se com a reunião de cinco personagens: Scudamour, Lewis, Ransom, MacPhee e Orfeu, no escritório do último, discutindo sobre a (im)possibilidade de uma viagem no tempo. Então, Orfeu lhes apresenta aquilo o que eles nomearam como *cronoscópio*, uma engenhoca parecida com um telescópio que projetava, numa tela de um metro quadrado, imagens de outro tempo – futuro ou passado – de maneira extraordinária, pois poderia ver através de paredes e coisas, movendo-se de um lugar a outro e saltando em obediência às leis desconhecidas. Ao ligar o aparelho, os personagens observam a projeção de uma torre, semelhante à da biblioteca da Universidade de Cambridge – onde estavam reunidos na ocasião –, com a diferença de estar aparentemente em construção, logo, estava eivada de trabalhadores que receberam a alcunha de “estúpidos”. Na torre, em uma câmara de pedra assentava-se um homem com feições estranhas e um chifre, como de um unicórnio, que aferroava as costas de quem dele se aproximasse, aparentemente não ferindo, mas introjetando em suas vítimas um humor novo, posto que saíam de sua presença com um riso fixo. Os personagens nomearam-no Homem do Ferrão. Depois de algum tempo observando a cena que se repetia, Ransom chegou à conclusão de que a Torre Negra estava no inferno. Gradualmente, eles perceberam que a aparência de um dos trabalhadores era muito semelhante a de Scudamour e passaram a chamá-lo de duplicata de Scudamour que, depois de uma breve convalescência, passou a ser o Homem do Ferrão. A complicação da narrativa ocorreu quando Scudamour reconhece a duplicata de sua noiva que seria aferroada pela criatura cornuda. Então, num acesso de raiva, ele tropeça no cronoscópio

⁹¹ O livro *The C. S. Lewis Readers' Encyclopedia*, editado por Jeffrey D. Schultz e John G. West Jr. apresentam de forma clara os argumentos dos que aceitam e suspeitam da autenticidade dessa obra, nas páginas 134 e 135. O pesquisador Lionel Adey também menciona as controvérsias existentes acerca da genuinidade da obra, na página 256 de seu texto *C. S. Lewis: Writer, Dreamer and Mentor*.

e projeta-se na dimensão de *outrotempo*, exercendo a função de Homem do Ferrão, enquanto que a sua duplicata também se transporta ao mundo real, confundindo seus amigos que saem em sua captura pelo campus universitário. Em *outrotempo*, Scudamour posterga ao máximo sua obrigação de aferroar a duplicata de sua noiva, que por sua vez não o reconhece. A narrativa é suspensa nessa parte do enredo.

As demais narrativas dessa compilação são mais sucintas. A segunda, intitulada *O homem que nasceu cego* é um conto sobre um homem que fora curado da cegueira por meio de uma intervenção cirúrgica e que, no entanto, ainda não descobrira o que era a luz. O terceiro é *As terras fajutas*, em que Lewis, após ser visitado por um aluno que levou a sua casa, sem avisar, sua noiva tem uma experiência estranha, surreal, e, em seu pensamento, vai parar no lugar que ele chama de Floresta Fajuta, onde os seres são desfocados e sem rostos. Lá, a única figura humana que ele reconhece é a noiva de seu aluno em tamanho gigante. O quarto é *Anjos ministradores*, uma ficção científica que previa a colonização de Marte. Mas, durante o trabalho duro dos cosmonautas colonos, chegam algumas mulheres meretrizes que não tinham o padrão de beleza esperado por uma mulher em tal condição, por isso há reclamações por parte dos homens. O quinto é *As formas das coisas desconhecidas*, onde, novamente em uma ficção científica de viagem espacial, é contada a história do cosmonauta John Jenkin que, ao chegar à Lua, descobre estranhas manifestações de vida. O sexto texto, intitulado *Depois de dez anos* é um romance que tem como pano de fundo o final da guerra de Troia, exatamente quando os gregos saem do claustrofóbico cavalo de madeira introduzido para dentro dos portões da cidade inexpugnável e a invadem. Depois de anos de batalha, Menelau, o marido traído, reencontra Helena e fica perplexo pela decadência de sua aparência estética. Zombado pelos mais próximos, inclusive por seu irmão Agamenon, ele passa a temer a reação dos soldados ao descobrirem que a proverbial beleza de Helena, razão pela qual tinham lutado por dez anos, com o tempo se esvaíra. Esse texto também é inconcluso.

O segundo texto narrativo foi publicado pela Ultimato, em 2017. Essa editora é oriunda da revista Ultimato, fundada em 1968 e, desde 1993, tem se dedicado à publicação de livros, contando no momento com mais de 150 títulos em seu catálogo⁹². *Até que tenhamos rostos*, última obra de ficção de C. S. Lewis, era considerado pelo próprio autor e pela crítica de maneira geral como seu trabalho de maior apreço (Cf.

⁹² Informações obtidas no site do grupo editorial, disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/editora/quem-somos>> Acesso em 5 out. 2017.

SCHAKEL, 2015, p. 353; MCGRATH, 2013, p. 143). O texto é uma releitura do mito de Cupido e Psique, consoante à visão de Lúcio Apuleio (125 – 170). Na versão lewisiana, diferentemente de outras narrativas, o texto é contado em primeira pessoa “uma ideia-chave, quando o romance começou a concretizar-se, era fazer da irmã um narrador não-confiável” (SCHAKEL, 2015, p. 356) e ela tinha uma característica bastante peculiar: era desprovida de beleza. Tal foco narrativo soma-se a um cenário que tem como pano de fundo um país imaginário denominado Glome, que, como lugar imaginário, faz fronteira com Phars e Caphad, cuja capital fica nas margens do rio Shennit (Cf. MANGUEL; GUADALUPI, 2013, p. 348) e uma data que pode ser inferida entre dois ou três séculos antes de Cristo, tendo em vista alusões a pensadores da antiguidade clássica e a proeminência da aculturação helênica abundantes ao longo da narrativa.

O enredo é dividido em duas partes. Na primeira, é focado na narrativa da personagem Orual, filha mais velha do rei de Glome, Trom, que, além da protagonista teve mais duas filhas: Redival e Psique. Depois de viúvo, o rei casa-se e da nova união nasce Psique, que frustrou os planos do monarca, pois ele havia depositado esperança em ter um filho que o sucedesse. Morta a rainha no parto, Orual voluntariamente assumiu a tarefa de cuidar de sua meia-irmã recém-nascida, servindo-lhe de referência materna. Desde cedo, Psique possuía uma beleza estonteante e, à medida que ela crescia, as pessoas comuns começaram a adorá-la como uma deusa. Isso despertou ciúmes da divindade adorada no país, Ungit, que era equivalente a Vênus da mitologia latina, ou Afrodite da grega que presidia aos prazeres do amor (Cf. COMMELIN, 2011, p. 60). Por conta disso, houve um período de grande carestia e epidemia de peste em Glome. O sacerdote da divindade local então sugere ao rei que tal situação poderia ser mudada se houvesse um sacrifício humano de alguém da casa do rei, a fim de aplacar a fúria de Ungit. Embora o rei tenha desconfiado de algum levante, cedeu ao religioso e sua filha mais nova, sobre quem tinham lançado sortes, Psique, foi oferecida em sacrifício ao filho de Ungit, o Bruto. A filha mais velha de Trom ficou desconsolada com o consentimento do pai em tal sacrifício e se propôs, acompanhada pelo soldado Bardia, a buscar os restos mortais de sua irmã, que deveriam estar próximos à árvore sagrada, onde ela fora amarrada. Ao chegar ao local, Orual ficou perplexa por não ter encontrado os restos mortais de sua parente e sai do território de seu país, adentrando o país de todos os deuses, onde encontra sua irmã viva. Psique lhe conta a experiência de ter sido arrebatada pelos deuses e ser levada ao palácio semelhante ao que sonhara para contrair as núpcias com seu noivo que

não lhe mostrava sua face. No entanto, Orual não acreditou na narrativa fantástica de sua irmã e foi impedida de ver o palácio onde sua irmã vivia.

Depois de voltar para casa, ela confidenciou o encontro que tivera a Raposa, seu preceptor grego que sugere que Psique fosse vítima de algum malfeitor. Tendo tal versão da condição de sua irmã em mente, a protagonista retorna ao local onde encontrara Psique, oferece-lhe um lampião e a convence a descobrir o rosto de seu marido. Quando a esposa da divindade executa o plano, ocorre um espetáculo de luzes e de terror diante dos olhos de Orual que testemunha a teofania de seu cunhado que avisa que sua irmã seria exilada, pois precisaria sentir fome, sede e trilhar estradas difíceis e que ela seria Psique. Novamente em casa, Orual guardou o segredo da epifania, consciente de sua ausência de beleza, passou a fazer uso do véu a fim de esconder seu rosto e seus sentimentos dos demais e começou a receber aulas de esgrima e interessou-se por ampliar seu conhecimento enciclopédico com o sábio grego, seu serviçal. Tempos depois, seu pai se fere gravemente e perde as condições de administrar seu reino, então Orual assume a condição de rainha de Glome, no início interinamente e, depois da morte de Trom, efetivamente. Ela se viu na condição de monarca e, como tal, na posição de intermediar conflitos internos e externos. Um dos externos foi o envolvimento na disputa entre Trunia e Argan, do país de Fars que estavam disputando o direito ao trono. Ela recebeu o primeiro como prisioneiro e desafiou o segundo a uma luta até a morte. Argan aceitou o desafio e foi morto por Orual que conquistou definitivamente a confiança de seus súditos. Como rainha, ela envelheceu na função e deixou um grande legado ao seu povo, trazendo-lhe benfeitorias tais como prosperidade e acesso à cultura. Em visita a Essur, país vizinho, a rainha de Glome adentrou um humilde santuário e percebeu que nele havia uma nova divindade. Curiosa sobre a história daquela deusa, ela perguntou ao sacerdote quem seria tal divindade e ele então lhe confidenciou que se tratava de uma nova deusa, chamada Istra, que se tornara como tal recentemente. Assim, o religioso contou as peripécias da divindade que Orual reconheceu como a história de Psique. No entanto, aquela versão a desagradara, pois além de a narrativa apresentar imprecisões, ela tinha sido descrita de forma desfavorável, como invejosa. A partir daquele momento foi acionado o gatilho para que Orual apresentasse sua versão sobre a história, acusando os deuses de terem-na ferido, roubando-lhe a irmã e o direito de defesa. A narrativa da primeira parte do enredo era o resultado desse contexto vivencial.

A segunda parte, menor em extensão, embora ainda pertencente ao gênero narrativo é de caráter mais declamatório pois há a apresentação de certas lacunas na personalidade de Orual. O embate que ele tivera com a esposa de Bardia, homem que amara em segredo, é revelador dessa condição. Depois da morte do fiel militar, ela visita a viúva e é acusada por esta de ter apressada sua morte, por conta do excesso de trabalho que lhe infringira. Assim, aos poucos a rainha se viu na situação de ter que admitir suas falhas e nocividade para com os que lhe eram mais próximos, dentre os quais Psique, Bardia e Raposa. Por fim, numa sequência de cenas oníricas, Orual é levada ora por seu pai e ora por seu preceptor já mortos a ressignificar sua trajetória, apresentando sua queixa a Minos ou Radamantos ou Perséfone⁹³. Raposa a defende, afirmando ter sido ele o responsável por tê-la ensinado a relativizar a importância dos deuses, portanto, ele é quem deveria ser punido. Assim, ela reconhece ter sido egoíca por conta da necessidade que tinha de ter seu preceptor ao seu lado, por isso, assim como fizera com Bardia, também fora responsável pela extração paulatina da vida de seu mestre. Confrontada pelos deuses e por pessoas de seu convívio já falecidas, a rainha de Glome aprendeu o amor altruísta, cuja ausência em sua vida teria sido a causa de terríveis sofrimentos tanto nela própria quanto nas pessoas que lhe eram próximas.

O livro teve boa divulgação. Para ilustrar tal fato aludimos a Revista *Ultimato* da edição número 366 de julho/agosto de 2017 dedicou a página 2 inteira à propaganda da obra. Nesse epíteto foram utilizadas expressões laudatórias como “a obra definitiva”; “ninguém pode apreciar completamente o pensamento de C. S. Lewis sem conhecer *Até que tenhamos rostos*”; “[...] apresenta de maneira brilhante e criativa o mito de Cupido e Psique” norteiam o teor do texto publicitário, tal como exposto:

⁹³ Minos e Radamantos, segundo a Mitologia, são os juizes que esperam as almas, depois de terem recebido as honras da sepultura e atravessado o Estige e Aqueronte. O primeiro ocupa o assento mais elevado intervém como árbitro e seu veredito é sem apelação. O último, instrui a causa e pronuncia a sentença. Já Perséfone fora raptada por Hades e se tornara rainha do império das sombras. (Cf. COMMELIN, 2011, p. 190; 194 – 195).

Figura 13 - Publicidade de Até que tenhamos rostos



Fonte: Revista Ultimato, edição número 366, acervo do autor.

A respeito do conhecimento geral da obra, Schakel afirma que “talvez um dos motivos de *Till We Have Faces* ser o livro menos conhecido de Lewis esteja no fato de nele não haver respostas ou explicações” (SCHAKEL, 2015, p. 364). Embora seja pouco provável ser esta a menos conhecida das obras de Lewis, ela apresenta lugares comuns em relação a outros textos. As narrativas do sacrifício vicário, tal qual ocorrera com o personagem Aslam em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*; o desafio de Orual a Argan, tal qual ocorrera entre os personagens Pedro e Miraz em *O príncipe Caspian*; o ambiente medieval; a presença de elementos da antiguidade clássica greco-romana; referências indiretas ao cristianismo; entre outros, comprovam tal argumento.

As publicações dessas duas narrativas até então inéditas no país revelam interesse pelos textos ficcionais de C. S. Lewis que sejam outros além de *As Crônicas de Nárnia*, texto mais popular e, como já mostrado aqui, o único da lavra do autor irlandês que apareceu em listas de best-sellers no Brasil. Portanto, na contemporaneidade há um público leitor do autor em nosso país, mesmo que diversificado, demonstrando assim o aumento da influência do autor em questão, tal como prevê o discurso de Bourdieu supracitado.

4.3 O leitor brasileiro de *The Screwtape Letters*: seu lugar e identidade

De acordo com Roger Chartier, “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (CHARTIER, 1999, p. 77). Há décadas, a ação do leitor diante da escrita tem, não apenas despertado interesse por parte da *expertise* da linguagem, mas também suscitado novas áreas de pesquisa. A “estética da recepção” ou “teoria da recepção” surge a partir desse interesse, que não se concentra em obras do passado, mas examina esse papel na literatura. De acordo com Luiza Lobo, “pode-se considerar a aula inaugural de Hans Robert Jauss, intitulada ‘A história da literatura como provocação da ciência literária’ a 13 de abril de 1967, na universidade de Constança, na Alemanha, como o marco inaugural da corrente da estética da recepção”. (LOBO, 1992, p. 232). O pesquisador Robert Darnton amplia essa noção, ao apontar que não apenas na Alemanha surgia tal tipo de abordagem, liderada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, mas também “na França, ela tomou um rumo filosófico na obra de Roland Barthes, Paul Ricoeur, Tzevetan Todorov e Georges Poulet. Nos Estados Unidos, encontra-se ainda na fase do crisol” (DARNTON, 2010, p. 193). Destarte, Terry Eagleton periodiza a história da moderna teoria literária em três fases: “[...] uma preocupação com o autor (romantismo e século XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos” (EAGLETON, 2006, p. 113). O estudioso inglês ainda arremata que “[...] na terminologia da teoria da recepção, o leitor ‘concretiza’ a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária” (EAGLETON, 2006, p. 117). No entanto, nosso trabalho não segue a diretriz dessa área, mas a da História da Leitura, ainda que levemos em conta a problematização proposta por Júlio Pimentel Pinto, acerca da possibilidade de a leitura ter algum tipo de organicidade, “[...] algo que lhe permitiria estruturar-se numa história, ou mantenha um caráter exclusivamente fragmentário, sendo resultado de circunstâncias fortuitas e vagas, que impedem qualquer sistematização histórica” (PINTO, 2004, p. 49).

Embora não pretendamos esboçar qualquer tipo de resposta às questões do professor da Universidade de São Paulo, pretendemos demonstrar algumas reações de pessoas comuns à leitura do texto *The Screwtape Letters*, seja qual for sua edição

publicada no Brasil. Evidentemente somos cômicos da dificuldade que tal empreitada nos impõe, conforme o próprio Chartier revela em seus escritos:

[...] uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. Reencontrar esse *fora-do-texto* não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras (CHARTIER, 2011, p. 20 – 21).

Contudo, ainda que seja difícil identificá-lo, cremos que o leitor seja a parte final de um circuito que pode descrever como os livros surgem e se difundem entre a sociedade, conforme exposto por Robert Darnton. Segundo o estudioso as condições para a presença dos livros poderiam variar conforme os lugares épocas a serem levadas em conta, afinal de contas, desde a invenção de prensa móvel, por Johannes Gutenberg (1368 – 1468), não se pode esperar que estudos sobre os livros se insiram num mesmo modelo, mas, o professor norte-americano reconhece que, numa perspectiva geral, os livros impressos passam pelo mesmo ciclo. A respeito da presença do leitor nesse processo, o autor pensa que ele

[...] encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto ante quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio (DARNTON, 2010, p. 125).

Assim, na página 127 de seu livro *O beijo de Lamourette*, Robert Darnton propõe um modelo gráfico, a fim de demonstrar visualmente o processo completo de comunicação, que se aplicaria a todos os períodos da história do livro impresso, conforme a seguinte figura abaixo:

Figura 14 - O circuito das comunicações, segundo Robert Darnton

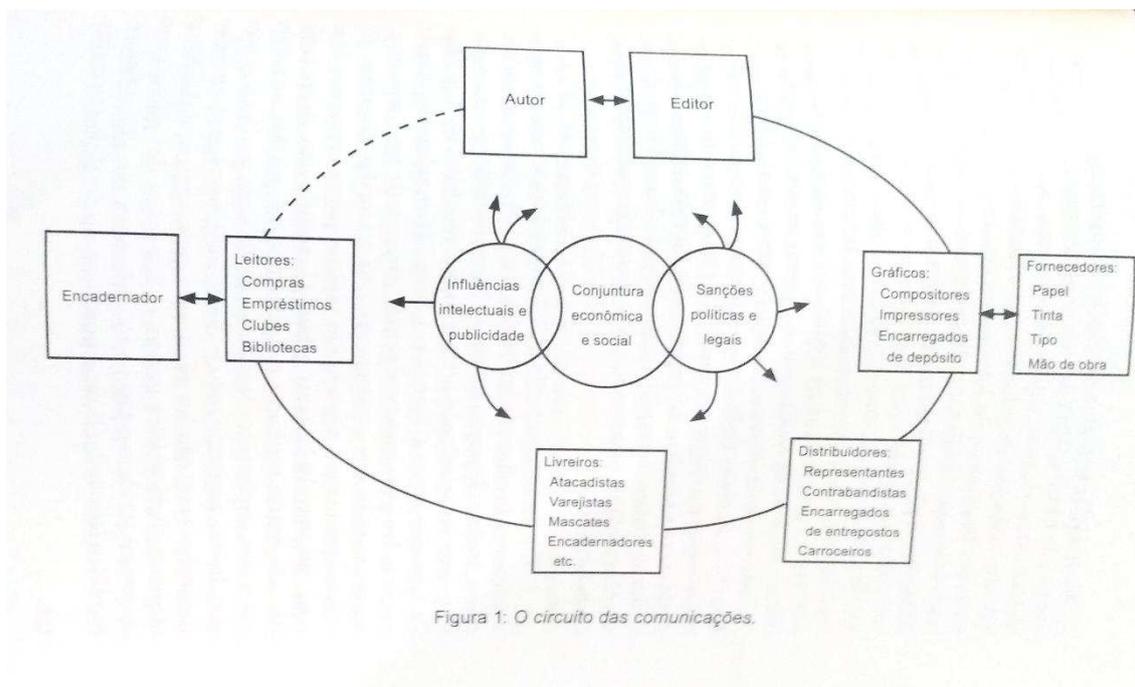


Figura 1: O circuito das comunicações.

Fonte: Acervo do autor⁹⁴

Percebemos o leitor ao final do circuito das comunicações proposto por Darnton. Dessa forma, ele ilustra seu pressuposto de que a literatura deve ser vista como atividade “[...] e não como um corpo estabelecido de textos” (DARNTON, 2010, p. 193), posto que “[...] o significado de um livro não se encontra imobilizado em suas páginas, mas é construído por seus leitores” (DARNTON, 2010, p. 193). No entanto, a despeito de reconhecermos o valor do leitor no processo de materialização do texto, voltamos ao impasse de encontrar essas vozes de forma demonstrável, visto que as editoras contatadas reconheceram não haver em seus arquivos quaisquer registros de apreciação de seu público. Também não encontramos referências a leitores desse texto na mídia impressa pesquisada – além de uma referência com supressão de uma palavra em inglês *en passant* do livro propriamente dito na matéria supracitada do jornal O Estado de São Paulo de 26 de dezembro de 1998. Roger Chartier nos alerta a respeito desse tipo de dificuldade ao afirmar que “reconstruir as leituras ordinárias não é algo fácil, pois são raros os que, não sendo profissionais da escrita, confidenciaram qual era sua prática do livro” (CHARTIER, 2011, p. 95).

⁹⁴ Conforme exposto no livro *O beijo de Lamourette*, de Robert Darnton, 2010, p. 127.

Desse modo, apresenta-se como alternativa viável a manifestação dos leitores por via eletrônica. Não intencionamos adentrar na discussão do advento de livros eletrônicos e sua conseqüente influência nas relações texto/leitor e seus desdobramentos várias dimensões cognitivas e epistemológicas. No entanto, como prevê Roger Chartier, “[...] a longa história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas. A invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler” (CHARTIER, 2015, p. 63). Em termos práticos para nossa pesquisa, isso significa que apesar do advento de suportes de leitura eletrônicos, parte dos leitores que se pronunciam na internet, manifestam eletronicamente sua experiência, com o livro impresso ou digital. Destarte, temos a aplicação do discurso de Chartier e do escritor Umberto Eco que, a respeito desse processo de mudança da relação texto leitor, afirma o seguinte: “o livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é” (CARRIÈRE, 2010, p. 17). Assim, alcançaremos maior êxito em nossa pesquisa se delimitarmos nossa busca em uma rede social de leitores que seja abrangente e cubra prioritariamente o mercado editorial brasileiro. Tal rede existe e seu nome é *Skoob*⁹⁵, cujo significado é *books* [livros], se lido em ordem inversa.

4.3.1 Informações de leitores de *The Screwtape Letters* a partir da rede social *Skoob*

Levando em conta tudo o que foi apresentado, tendo em vista os dados disponíveis na internet, mormente em hipertextos⁹⁶ na rede social para leitores no Brasil denominada *Skoob*, levantaremos informações acerca da recepção de *The Screwtape Letters* entre

⁹⁵ Trata-se de uma rede social, que se autoproclama a maior do gênero no país e que funciona como uma estante virtual, onde o usuário pode incluir livros que leu ou que almeja ler, compartilhar opiniões, trocar livros, entre outros. Disponível em <https://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos> Acesso em 13 out. 2017.

⁹⁶ De acordo com William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, depois do surgimento e popularização da Internet, alterou-se profundamente a noção de texto que deixou de ser linear. Destarte, o internauta pode, simultaneamente ao processo de leitura, acessar *links*, ler outros textos, ouvir música e voltar a ler o texto que foi o ponto de partida para uma série de operações e de interações pela Internet. A essas múltiplas possibilidades oferecidas pelo texto digital chamamos hipertexto. (Cf. CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 23).

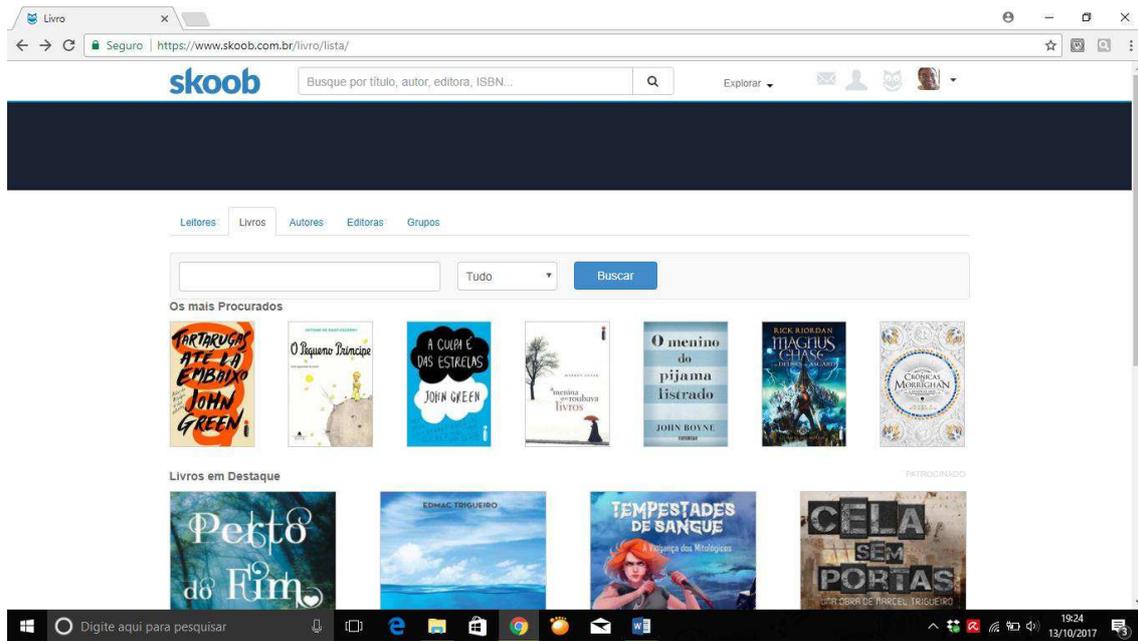
leitores brasileiros, conforme os dados disponíveis no período de 13 de outubro a 3 de novembro de 2017. De acordo com Ingedore G. Villaça Koch, “o hipertexto constitui um suporte linguístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas” (KOCH, 2015, p. 75); a professora, a respeito desse gênero textual, ainda afirma que ele

[...] é também uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um coautor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema (KOCH, 2015, p. 75).

O que Koch sugere em seu texto é aquilo que a rede social oferece ao usuário em sua página principal: várias possibilidades de buscas tais como leitores, livros, autores, editoras e grupos.

Assim, automaticamente o site é aberto oferecendo as possibilidades de livros mais procurados, na primeira linha e os apresentados em destaque, na segunda, tal como ocorre na imagem abaixo.

Figura 15 - página inicial da rede social Skoob



Fonte: Internet⁹⁷

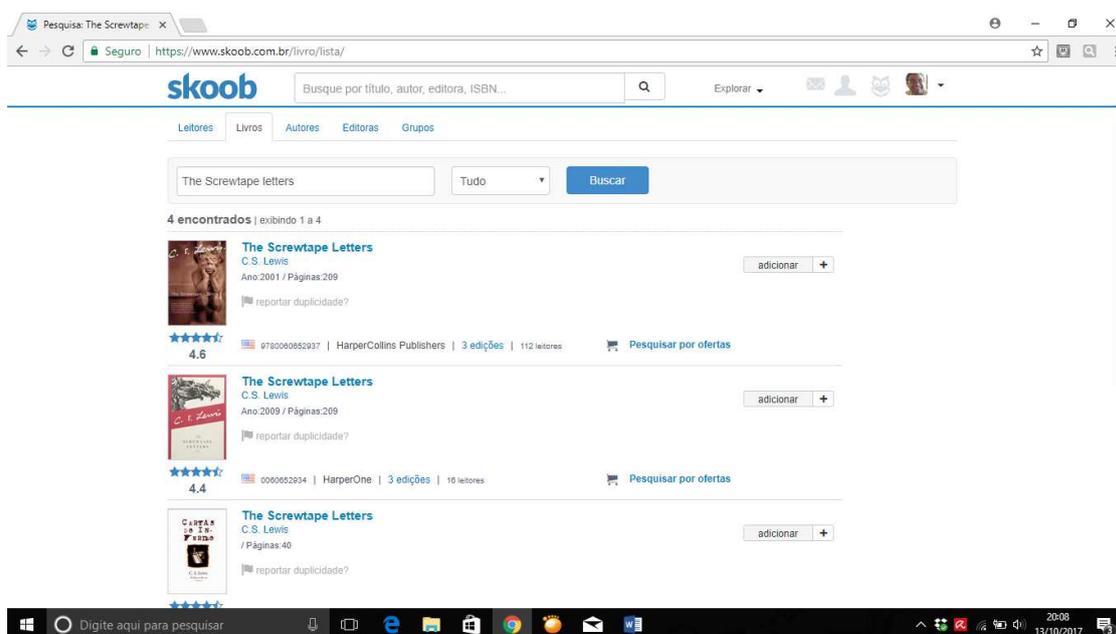
Depois de digitado o título do livro que o usuário procura na janela de busca, abre-se uma tela com várias edições do livro, indicadas por suas várias capas. Abaixo da capa há as avaliações, que são indicadas por meio da quantidade de estrelas que podem variar de 0 a 5. Ao lado direito das capas, em relação ao usuário, de cima para baixo, há a descrição do título, do autor, do ano e quantidades de páginas. Na barra que delimita as capas, há a indicação do ISBN do livro (*International Standard Book Number*) e sua origem pátria, indicada por uma bandeira ao lado. Há ainda, a partir dessas informações, da esquerda para a direita, informações da editora do livro, quantas edições houve por essa editora e quantos leitores são identificados desse livro especificamente. Por fim, há um ícone representando um carrinho de supermercado, que dá ao usuário um link direto ao site onde ele pode adquiri-lo, caso se interesse em comprá-lo. É importante ressaltar que nem sempre as capas dos livros correspondem a edições reais. O livro que pesquisamos é apresentado por meio de três títulos: *The Screwtape Letters*, *Cartas do inferno* e *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Outros dois títulos de publicações nacionais, a saber, *As cartas do Coisa-Ruim* e *Cartas do diabo ao seu aprendiz* não são encontrados.

⁹⁷ Disponível em < <https://www.skoob.com.br/livro/lista/> > Acesso em 13 out. 2017.

4.3.1.1 Informações do site Skoob sobre o título *The Screwtape Letters*

A tela intermediária, entre a página inicial e a que oferece informações pormenorizadas sobre a obra de interesse é a seguinte:

Figura 16 - tela intermediária entre a página principal e a que oferece informações precisas sobre a obra



Fonte: Internet⁹⁸

Depois de apresentada, o usuário pode clicar no título do livro e ter acesso às informações acerca daquela obra específica. Ao acessarmos qualquer link das capas apresentadas, da obra *The Screwtape Letters*, teremos as mesmas informações, com exceção da capa que aparece na parte superior à esquerda do hipertexto. Assim, para obtermos informações acerca da leitura da obra *The Screwtape Letters*, acessamos o link do título e obtemos o seguinte resultado:

⁹⁸ Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/lista/>> Acesso em 13 out. 2017.

Figura 17 - Informações sobre a obra *The Screwtape Letters*

The screenshot shows the Skoob website interface for the book 'The Screwtape Letters' by C. S. Lewis. The page features a 4.5 star rating based on 66 reviews. A progress bar indicates that 94 users have read the book, 10 are currently reading, 26 are interested, 0 are rereading, 3 have abandoned it, and 4 reviews have been written. The price is listed as R\$ 42.99. A 'Clube Skoob' banner offers a monthly literary kit. The page also shows a list of editions and a section for similar books.

Fonte: Internet⁹⁹

No primeiro título¹⁰⁰, inscrito sob dois números de ISBN (9780060652937 e 0060652934), idioma inglês, da editora Harper Collins Publishers, de 209 páginas, somos informados que ele apresenta 134 leitores. Não há identificação da data em que ele foi inserido no site e é mister que levemos em conta o fato de que aqueles que têm interesse, ainda que não a tenham lido, são contados entre os leitores. A obra foi avaliada por 66 usuários. Dentre os quais 67% classificaram-na como 5 estrelas; 23% como 4 estrelas; 9% como 3 estrelas e 2% como 2 estrelas. Levando-se em conta que o critério utilizado para a aferição performática é medida de 0 a 5, a média obtida por este título é de 4.5. O percentual dos que participaram da avaliação se divididos quanto ao gênero é de 59% de homens e 41% de mulheres. A respeito de números relacionados à leitura da obra, aferimos a seguinte quantidade de pessoas: 94 que a leram; 10 que ainda a estão lendo; 27 que demonstram interesse em lê-la; ninguém a relê; 3 a abandonaram e 4 resenhas foram feitas. Entre os leitores, 15 disseram ser esta sua leitura favorita, dentre os quais 9 são homens e 6, mulheres. Entre os que dizem ter interesse em sua leitura, 10 usuários

⁹⁹ Disponível em <<https://www.skoob.com.br/the-screwtape-letters-55113ed160468.html>> Acesso em 13 out. 2017.

¹⁰⁰ Disponível em <<https://www.skoob.com.br/the-screwtape-letters-55113ed60721.html>> Acesso em 21 out. 2017.

são homens e 16, mulheres. Também há registrado o número de 7 pessoas que desejam a obra, dentre as quais 6 são mulheres e 1, homem. Dentre os 3 usuários que abandonaram a leitura, todos são do gênero feminino.

Os dados de leitura do site de relacionamento entre leitores *Skoob* estão disponíveis, também, por meio de resenhas¹⁰¹, textos de apreciação da obra que não seguem formas rígidas tal qual os textos críticos de ordem acadêmica, publicados em periódicos em circulação, mormente, de interesse intelectual. O primeiro título apresenta 4 resenhas escritas no período de 15 de janeiro de 2010 a 6 de outubro de 2012. Duas delas apresentam réplicas de usuários – reações e interações –, cuja ocorrência se dá entre 30 de maio de 2012 e 19 de março de 2015. Identificaremos as resenhas com algarismos romanos para fazermos uma melhor análise, após a compilação das mesmas.

A resenha I, assinada por “Claudio br”, postada na primeira data supracitada, apresenta o seguinte texto:

Longe de ser uma obra de proselitismo da fé cristã, o livro parte de uma grande ideia, a de discutir a dialética “bem” versus “mal” do ponto de vista não do suposto “bem”, mas do suposto [*sic*] “mal”, ou seja, as cartas enviadas por um experiente demônio para o seu iniciante subrinho [*sic*]. A conclusão à [*sic*] cheguei é a de que a única diferença entre o “bem” e o “mal” é a de que os supostamente bons acreditam no ganha-ganha enquanto os supostamente maus acreditam que só é possível ganhar se alguém perder, ou seja, “eu cresço consumindo você”. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/55113/edicao:455601>> Acesso em 21 out. 2017).

Essa resenha teve uma réplica involuntária no dia 30 de maio de 2012, por uma usuária que, por lapso, classificou sua resenha como “não gostei”. No dia seguinte, o autor fez uma tréplica dizendo que estava tudo bem, pois felizmente ele não vivia de resenhas. Afora o ruído, entendido aqui como “[...] tudo o que altera uma mensagem, de forma imprevisível” (DUBOIS [et. al.], 2014, p. 490), o autor classificou o livro como 3 estrelas e em seu texto há alguns apontamentos como: a negação de que se trata de uma obra de proselitismo; a perspectiva maligna sobre a qual se percebe o embate entre o bem e o mal; a conclusão do autor, segundo a qual os bons acreditam no “ganha-ganha”, um conceito semelhante ao proposto por Stephen R. Covey, que é “[...] um estado de espírito que busca

¹⁰¹ Identificaremos a autoria das resenhas pelos respectivos *nicknames* que as acompanham.

constantemente o benefício mútuo em todas as interações humanas” (COVEY, 2002, p. 267) e o os maus no fato de que só se ganha se alguém perder.

A resenha II é assinada por “Herr Lude”, postada em 30 de outubro de 2010, apresenta o seguinte texto:

Uma das análises mais sinceras e penetrantes sobre a humanidade que já vi! [grifo do autor] C. S. Lewis é um gênio. Ponto. E esse livro é um daqueles que recomento a todos. Por meio da correspondência entre o graduado demônio Screwtape e seu sobrinho novato Wormwood Lewis constrói uma obra muito charmosa e instigante sobre a natureza humana, sobre o pecado e o relacionamento do homem com Deus. O que me deixou positivamente impressionado foi a sinceridade com que Lewis tratou dos temas que abordou. Ele mesmo um devoto anglicano não poupou alfinetadas à Igreja da Inglaterra e suas picuinhas internas, nem deixou de encarar o lado menos bonito da vida diária do cristão. Qualquer um pode se encantar com “The Screwtape Letters”, porém se o leitor for cristão o livro será ainda mais interessante e sua leitura substancialmente mais proveitosa. Se puder ser lido em sua língua original, o inglês, melhor ainda! Altamente recomendado! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/55113/edicao:455601>> Acesso em 21 out. 2017).

Essa resenha não teve réplicas. O autor classificou o livro como 5 estrelas, em concordância com a apreciação positiva da leitura, evidenciada na crítica e seu texto apresenta os seguintes apontamentos: síntese da obra; sinceridade com que o autor abordou os temas, a despeito de sua fé pessoal; a universalidade da leitura, embora leitores cristãos possam ser mais enriquecidos; recomendação para que a leitura seja feita na língua original.

A resenha III é assinada por “Fargow”, postada em 29 de junho de 2012, e apresenta o seguinte texto: “**Um olhar diferente sobre o ser humano** [grifo do autor]. Bem interessante a troca de cartas entre o diabo e seu aprendiz. Faz refletir sobre o dia-a-dia” (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/55113/edicao:455601>> Acesso em 21 out. 2017). Essa resenha não apresenta réplicas. O autor também a classificou como 5 estrelas e seu texto apresenta os seguintes apontamentos: o fato da ação que enseja o livro (correspondência entre demônios) ser interessante; reflexão que o texto provoca no cotidiano.

A resenha IV é assinada por “Nimerias”, postada em 6 de outubro de 2012, e apresenta o seguinte texto:

Apasionante.

O livro é um convite para refletirmos sobre a incessante guerra Mal vs Bem, e como seres sobrenaturais podem interferir em nossas vidas, independente [*sic*] de qualquer religião. A leitura nos oferece um conhecimento forte sobre aqueles que anseiam por nossas almas, um aviso para despistarmos de qualquer armadilha criada por eles.

A obra é um conjunto de cartas, em que o demônio graduado Screwtape manda para seu sobrinho inexperiente Wormwood. E nessas cartas são descritas [*sic*] os planos maléficos sobre uma perspectiva inusitada, um ponto de vista diferenciado, de como demônios enxergam os homens e Deus.

Este livro deveria estar na estante de todo cristão – ou não-cristão – pois o ensinamento que nos é oferecido é surpreendentemente rico. Riqueza essa que se baseia na descoberta do mundo espiritual, a revelação da verdade que é tão oculta no dia-dia [*sic*] mundano. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/55113/edicao:455601>> Acesso em 21 out. 2017).

Essa resenha teve uma réplica, postada por “rap6352”, em 19 de março de 2015, onde o interlocutor questiona a autora – e demais leitores – acerca do significado do nome de Screwtape. Ademais, a autora classificou o livro como 5 estrelas e seu texto apresenta os seguintes apontamentos: uma síntese; o livro é um convite para refletirmos sobre a guerra entre bem e mal; é um aviso para nos precavermos contra entidades maléficas; necessidade de ser lido universalmente por ter ricos ensinamentos e conter verdades espirituais.

4.3.1.2 Informações do site skoob sobre o título *Cartas do Inferno*

O título *Cartas do Inferno*¹⁰², inscrito sem ISBN e apresentado com uma capa fictícia, entendemos que representa o livro publicado pela Edições Vida Nova, em 1964 já devidamente apontado neste trabalho. Somos informados pelo site *Skoob* que esse título foi cadastrado nessa rede social no dia 22 de dezembro de 2012, por uma usuária de nome Aline e ele apresenta 422 leitores. *Cartas do Inferno* foi avaliado por 105 usuários, segundo os quais, em termos de porcentagem, 54% avaliaram-no como 5 estrelas; 5% como 4 estrelas; 10% como 3 estrelas; 3% como 2 estrelas e 3% como 1 estrela,

¹⁰² Disponível em <<https://www.skoob.com.br/cartas-do-inferno-289228ed324035.html>> Acesso em 24 out. 2017.

perfazendo uma média de 4.3. Quanto ao gênero dos que participaram da avaliação, há 45% de homens e 55% de mulheres. A respeito dos números relacionados à quantidade de pessoas expostas à leitura do título, observamos os seguintes resultados: 161 que o leram; 32 que o estão lendo; 200 que querem lê-lo; 1 que o relê; 8 que o abandonaram e 7 resenhas. Entre os leitores, 12 classificaram-no como favorito, dentre os quais 5 são homens e 7, mulheres; 29 que o desejam, dentre os quais 12 homens e 17 mulheres; e 1 homem que quer trocá-lo. Dentre os usuários que abandonaram a leitura, 4 são homens e 4, mulheres.

Os dados de leitura deste título também estão disponíveis por meio de resenhas. Há sete resenhas escritas no período de 20 de abril de 2014 a 1º de fevereiro de 2017. Nenhuma delas apresenta réplicas de usuários. A resenha I, assinada por “Vivi”, postada em 20 de abril de 2014, classifica o título como quatro estrelas e o teor do comentário é o seguinte:

Cartas

O livro é composto de cartas entre demônios que estão “a todo custo” tentando levar pessoas ao afastamento de Deus, pecado e, finalmente, ao Inferno. Em cada carta há uma descrição das situações, de como estão agindo na vida das vítimas, pecados e tentações. O livro é de teor cristão e a forma que o autor escolheu para abordar os assuntos foi de muita criatividade! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out. 2017)

Nesse comentário, encontram-se os seguintes apontamentos: síntese do texto; o teor cristão do texto e a criatividade do autor.

A resenha II é assinada por “Ramon” e foi postada no dia 23 de novembro de 2014. O teor do texto é o seguinte:

Essas cartas...

Nesse livro, C. S. Lewis nos conta sobre a troca de cartas entre dois demônios, e suas táticas sobre como nos afastar de Deus (no livro chamado pelos demônios de O Inimigo). O livro retrata situações do dia-dia [*sic*], em que somos tentados [*sic*] a nos inflar de nosso ego, a nos desviar do foco principal, a viver preocupados e etc... todas as coisas que nos afastam cada vez mais, e imperceptivelmente de Deus. Vale muito a leitura! “todas as virtudes são menos formidáveis assim que o homem percebe que as tem, mas isso é especialmente marcante com relação a humildade...”

(Disponível em
<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>>
Acesso em 24 out. 2017)

Nesse comentário, que avalia o texto como 5 estrelas, o autor faz os seguintes apontamentos: síntese do texto; o livro apresenta situações do cotidiano que nos afastam de Deus; recomendação de leitura e um recorte de frase do texto.

A resenha III, assinada por “Bekah Abreu”, foi postada em 16 de novembro de 2015. O comentário apresenta o seguinte teor:

“Afinal de contas, por que permitiríamos que esse idiota fosse feliz?”

Leitores viciados! Que tal uma resenha para melhor [*sic*] o dia?!

Estava a [*sic*] tempos de olho nesse livro, principalmente por que ele é obra de um dos escritores que mais amo: C. S. Lewis, o titio das Crônicas de Nárnia! Como ele e eu dividimos uma confissão de fé bem parecida, resolvi me aventurar nos seus livros teológicos. Achei o esquema de “Cartas do Inferno” (ou As Cartas do Coisa-Ruim ou Cartas de Um Diabo a Seu Aprendiz) bem interessante, e como já estava na minha listinha a tempos [*sic.*], peguei para ler.

A história é narrada por cartas (não me diga, Rebeca!), de uma entidade das trevas (Demo) superior, para uma mais inferior. Seria, assim Screwtape (Morcegão), um titio nada amigável tentando levar seu aprendiz, Wormwood (Absinto) a lidar melhor com um de seus “pacientes”, de forma a levar o dito cujo para longe de qualquer ação do “inimigo” (Deus). São 31 cartas e em cada uma, ele leva não só em conta pecados e ensinamentos sombrios, mas também os acontecimentos da época; ao mesmo tempo que satiriza o comportamento humano.

Bem, amiguinhos, antes de dizer minha opinião [*sic*], devo dizer que achei fascinante descobrir que esse livro fora feito em homenagem a J. R. R. Tolkien, seu amigo. Isso mesmo! O Senhor dos elfos! Achei tão legal! Além do que as cartas, antes de virarem livros, eram publicadas no jornal “The Guardian”. Elas ficaram tão famosas, que resolveram publicar. Resumindo: C. S. Lewis é o cara!

Agora vamos a minha humilde opinião.

Comecei o livro esperando encontrar sermões teológicos sobre o que seria “o mal”, mas me surpreendi em notar que a maior parte do livro é mais uma sátira a sociedade [*sic*]. Houve momento em que eu quase ri de algumas colocações do Screwtape, onde sem querer, acabamos nos vendo ali. As cartas ruminam muito a hipocrisia, mas também em relacionamentos, então nas cenas retratadas, podemos nos “enxergar” como participantes ativos.

“Todos os mortais tendem a se tornar as coisas que eles pretendiam ser. Isto é elementar”.

Como as trinta e uma cartas são escritas pelo Screwtape, não sabemos ao certo quais são as perguntas e colocações do seu aprendiz, mas temos uma certa noção, pelas respostas. Porém uma coisa, logo eu tive noção: Que professor mais horripilante! O autor pode colocar bem a natureza proposta. Na literatura, os seres das trevas consomem tanto as almas humanas, como

também consomem a eles próprios. Então, não era difícil encontrar passagens, onde o Morceirão parecia estar faminto por uma proximidade maior com seu aprendiz (Eu, hein. Na casa de Jesus não entra Satanás. Xô Satanás!)

Além da sátira, vou avisando que a escrita é voltada a teologia, também! Então se você não é muito fã do Cristianismo, aconselho a ler com a mente aberta, pois a escrita é voltada para esse público. É claro, que mesmo que você não tenha essa crença, pode observar uma série de coisas. O livro fala demais do lado sociável do ser humano, então esse é um ponto que pode acrescentar um pouco a todos nós.

Ao público cristão (como um todo), acredito que todos que leram puderam ter uma série de aprendizados desenvolvidos nessas cartas. É estranho ler um livro que critique a própria religião, então eu aconselho a qualquer Cristão a ler. Acredito que o autor estava numa fase “amadurecida”, então ele consegue colocar as ideias de forma leve e simples, de forma que mesmo com as palavras cínicas de um demônio, você consegue levar uma bela mensagem. Além disso, as situações normalmente retratadas não falam de coisas complexas, mas de pensamentos e ações simples. Coisas rotineiras. Coisas que sempre fazemos, mesmo que não notemos.

“É divertido como os mortais sempre nos pintam como ‘colocando coisas em suas mentes’: na realidade, nosso melhor trabalho consiste justamente em evitar que certas coisas cheguem a suas mentes”. Um ponto ruim do livro seria o fato de que como o livro foi feito num momento de guerra e voltado para o público de uma localidade (Britânico), há certas situações que eu meio que me perdi e não me identifiquei.

Recomendadíssimo! Não só pelos ensinamentos e sátiras, mas também pelas frases extremamente ricas. Há passagens que marquei e que toda a vez que leio fico pensando, mesmo muito tempo depois. Uma coisa legal, é que minha versão do livro, tinha uma introdução feita pelo próprio autor! Aquele homem era muito engraçado! O jeito de contar, parece um leve papinho de esquina! Para terminar a resenha, vou passar um trechinho!

“Ora, se por Diabo o inquiridor queria dizer a existência de um poder oposto a Deus e, como Deus, auto-existente desde a eternidade, a resposta é sem dúvida, não! Nenhum ser não-criado existe além de Deus. Deus não tem nenhum ente que lhe seja oposto. Nenhum ser poderia jamais alcançar uma tão “perfeita maldade” que se opusesse à perfeita bondade de Deus. Quando, pois, se tirasse a esse ser oposto todas as espécies de coisas boas: a inteligência, a vontade, a memória, a energia e a existência própria, nada mais lhe restaria”.

Beijos, leitores viciados! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out. 2017)

Nesse texto crítico, a autora lança mão de uma fraseologia que utiliza a variante linguística não padrão da língua portuguesa, pois há várias expressões e jargões que são próprios de determinados grupos sociais. É possível que a usuária utilize tal expediente para chamar a atenção desses grupos e aproximar-se deles, conquistando-lhes a confiança e a atenção, pois é possível que ela tivesse levado em conta que a extensão do texto pode afugentar leitores menos assíduos. Ela avalia o título como cinco estrelas e faz os seguintes apontamentos: que pessoalmente ansiava por ler o texto; informações históricas

e síntese do livro; ressalta que o leitor tem acesso apenas às cartas do demônio veterano; enfatiza a antropofagia dos seres infernais; relação dos textos com a teologia e o cristianismo; a mensagem ser aplicada a coisas do cotidiano; trechos destinados ao povo britânico durante a Segunda Guerra; e recomendação do livro. Além disso, a autora insere quatro excertos da obra entre seus apontamentos.

No comentário, a usuária confessa sua posição religiosa, embora não identifique sua denominação cristã, sugere que seja uma que esteja próxima a que Lewis pertencia. Ela também faz alusão à amizade entre o autor do livro e o autor da trilogia do Senhor dos Anéis, J. R. R. Tolkien, fazendo uma referência ao paratexto de dedicatória. A redatora revela as expectativas que tinha em relação ao livro antes de lê-lo: pensava que se tratava de uma coletânea de sermões teológicos, mas se surpreendeu com o tom satírico que permeia o texto, mormente por sua crítica direta à hipocrisia da sociedade. É importante notarmos que o texto não é todo laudatório, pois a resenhista aponta uma fragilidade no livro: as referências a elementos próprios da cultura britânica e do contexto bélico que os indivíduos pertencentes a essa cultura estavam vivendo. Por fim, ela faz novamente referência a um paratexto que é a “introdução” do livro que lera. Dentre as edições brasileiras, apenas duas apresentam esse prefácio: a primeira, da Edições Vida Nova de 1964 e a segunda da Edições Loyola de 1982 e ambas apresentam traduções diferentes. Mas, quando as cotejamos, percebemos que a transcrição que posta no final da resenha corresponde *ipsis litteris* à primeira edição, mais precisamente ao último parágrafo da página 6 e início da página 7. Assim, comprovamos que a leitora faz uma resenha a partir da leitura do texto de *Cartas do Inferno*, pioneira edição de The Screwtape Letters em português.

A resenha IV é assinada por “Sally” e foi postada em 26 de abril de 2016. O comentário apresenta o seguinte teor:

Manual de tentação

Cartas do Inferno (Cartas de um diabo a seu aprendiz) do célebre autor C. S. Lewis é uma ficção satírica sobre como o cristão é tentado na sua trajetória cristã. Inicialmente, eram cartas publicadas no The Guardian e em fevereiro de 1942, foi lançado como livro e dedicado a J. R. R. Tolkien.

Nessa ficção, Screwtape (Fitafuso), um demônio experiente, ensina ao seu sobrinho Wormwood (Absinto) a como tentar seu recém-convertido. Eles chamam o cristão de paciente. Digo eles, mas temos acesso apenas às cartas de Fitafuso. Deus é chamado de O Inimigo. E nós, volta e meia

chamados de vermes e bípedes. Como pano de fundo, a Segunda Guerra Mundial, Fitafuso vai indicar como desviar seu paciente da fé genuína. O interesse não é desviar da igreja, mas da possibilidade de relacionamento e transformação. Ele explica para Absinto que o Inimigo leva os cristãos algumas vezes a momentos difíceis, mas o esquecimento de vitórias passadas mina a fé, principalmente por não ser atendido. O ataque tem muito maiores chances de ser bem sucedido [sic.] quando por alguma razão o mundo interior [de] seu homem estiver desmazelado, frio e vazio. Muito interessante como Fitafuso liga os problemas de infância do paciente com a mãe e ensina a Absinto usar comportamentos repetitivos que irrite-o [sic]. Para ele, o cotidiano deve ser recheado de comportamentos irritantes, como o levantar da sobancelha. Algo simples, mas vai no subconsciente do paciente sem que ele perceba. Fitafuso também aborda sobre a não oração, o esfriamento com o grupo da igreja, a necessidade de trocar de igreja (há duas em análise com características próprias), sobre a tentação sexual e sobre o orgulho que nasce de forma inocente. Subliminar.

Quando o paciente se apaixona, Fitafuso informa sobre seu ódio ao prazer e acusa o Amor com o momento de discórdia entre O Inimigo e o diabo. Achei muito interessante e refleti bastante sobre a questão do passado e presente:

“Desejamos que ele fique na máxima incerteza, e que sua mente fique cheia de aspectos contraditórios do futuro, para que cada um desses aspectos provoque nele esperanças e receios. Não há nada como o suspense e a ansiedade para levantar pela mente humana uma autêntica barricada contra o Inimigo. Ele deseja homens ocupados com o que fazem, ao passo que nós trabalhamos para deixá-los preocupados com o que irá acontecer a eles”.

Indico. Leitura rápida e atual. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out. 2017)

Nessa crítica, a autora faz os seguintes apontamentos: gênero e gênese do texto; síntese e contexto da produção; alguns temas abordados e sugestões de estratégias do diabo experiente; por fim, excertos e recomendação. A usuária da rede social, embora tenha feito sua resenha sob o título de Cartas do Inferno, aparentemente lera outra edição, por conta do nome dos personagens (Absinto é o aprendiz na edição lusitana *Vorazmente teu* e Fitafuso, o diabo experiente na tradução da WMF Martins Fontes).

A resenha V é assinada por “Marcos Antônio” e foi postada em 20 de junho de 2016 e o texto na íntegra é o seguinte:

Ser fiel

C. S. Lewis conta que para cada ser humano existe um demônio para o desencaminhar da presença do Senhor, e um demônio em início de carreira que escreve para seu chefe e o outro manda instruções para ele. Muito bom acho que todos deveriam lê-lo. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out. 2017)

Nesse breve texto, o resenhista faz os seguintes apontamentos: síntese do texto e recomendação de leitura. A avaliação do livro, segundo o autor é de nota máxima.

A resenha VI é assinada por “Lucas” e foi postada em 15 de janeiro de 2017. O teor do texto é o seguinte: “Livro excelente. Seria melhor se a linguagem fosse mais fácil” (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out 2017). Nesse texto, o autor adjetiva o texto como excelente, mas se queixa da dificuldade que a linguagem do livro impõe ao leitor.

A resenha VII é assinada por “Genilda Silva” e foi postada em 1º de fevereiro de 2017. O teor do texto é o seguinte:

A luta pela alma

O livro é de uma escrita brilhante, mostrando como dois demônios, um mais forte e outro subordinado deste, tentam de todas as maneiras persuadir aquele a quem querem influenciar a se afastar de Deus, a quem chamam de Inimigo.

Todas as tentativas são feitas, desde conflitos entre mãe e filho, tentativas sexuais para que ele se desvie do alvo de viver em santidade (porém é frustrado, apesar do rapaz ter uma noiva, que de fato é uma cristã fervorosa), outras tentativas como a do orgulho espiritual também acabam frustradas, e assim vão se esgotando as alternativas para que ele pare de orar, pare de ir à igreja, pare de viver uma vida casta e piedosa. O livro encerra de modo inesperado, porém com uma surpresa terrível para os dois demônios que contavam com a guerra para destruir de todo a fé do cristão.

É um livro que recomendo, e que me surpreendeu muito, principalmente por se tratar de fatos corriqueiros na vida de muitos cristãos, pequenas falhas de caráter que podem servir de arma para atuação demoníaca no afastamento do homem de Deus. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/289228/edicao:324035>> Acesso em 24 out. 2017)

Nesse comentário, a autora faz os seguintes apontamentos: síntese do texto; comentário de algumas estratégias para desencaminhar o paciente; faz alusão ao final frustrante para os entes infernais; recomendação da obra e surpresa diante das pequenas falhas do cotidiano que podem levar ao inferno.

As resenhas desse título podem ser categorizadas de acordo com seu conteúdo. Apenas uma, a sucinta sexta resenha, não apresenta a síntese do texto. Três delas fazem referência explícita ao conteúdo cristão (resenhas 1, 2 e 3).

O resultado aferido desse título difere em pouco em relação ao anterior. De imediato, percebemos que a quantidade de leitores que se manifestaram em relação à obra é maior. Foram 66 usuários no primeiro, ante a 104 no segundo. Outrossim, percebemos que a positividade da leitura foi menor. Em média, o primeiro título fora avaliado em 4.5, enquanto o segundo, em 4.3. Quanto ao gênero, houve uma inversão, pois do público que avaliou o primeiro título, 59% eram homens e 41%, mulheres. Já o segundo, 56% era mulheres, enquanto que 44%, homens.

No tocante ao teor das resenhas do título *Cartas do Inferno*, todas são elogiosas. Nessas críticas, há algumas extensas, como a postada em 26 de abril de 2016, que faz referências ao suporte do primeiro aparecimento público das cartas – a revista eclesiástica *The Guardian* –; ao fato da obra ter sido dedicada a J. R. R. Tolkien; ao contexto histórico da publicação – Segunda Guerra Mundial – e, a despeito disso, a sua atualidade. Já a postada em 16 de novembro de 2015, excede em extensão a de S. e, além de apresentar informações recorrentes em outras resenhas, faz referência a três traduções da obra em português: *Cartas do Inferno*, *As cartas do Coisa-Ruim* e *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Desse modo, a usuária não apenas demonstrou conhecimento pelo percurso editorial da obra no Brasil, como também percebeu nuances restritas às pessoas ligadas à religião cristã, como as críticas feitas às práticas do cristianismo, por um autor que, no momento, era um dos maiores apologistas da fé cristã, como já demonstrado neste trabalho.

4.3.1.3 Informações do site Skoob sobre o título *Cartas de um diabo a seu aprendiz*

O terceiro título, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*¹⁰³, inscrito sob o ISBN 9788533621558, apresentado com o frontispício da primeira edição da editora WMF Martins Fontes, de 2005, foi cadastrado por uma usuária identificada como Nath em 4 de dezembro de 2008. O título apresenta 4.439 leitores; 3 edições; 42 resenhas; 26 livros similares e está presente em 2 grupos de interesse. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* foi avaliado por 1.096 usuários, segundo os quais, em termos de porcentagem, 60%

¹⁰³ Dados disponíveis em <<https://www.skoob.com.br/cartas-de-um-diabo-a-seu-aprendiz-273ed375.html>> Acesso em 25 out. 2017.

avaliaram-no como 5 estrelas; 29% como 4 estrelas; 9% como 3 estrelas; 1% como 2 estrelas, perfazendo uma média de 4.5. No tocante ao gênero dos que participaram da avaliação, há 44% de homens e 56% de mulheres. A respeito dos números relacionados à quantidade de pessoas expostas à leitura do título, observamos os seguintes resultados: 1.834 que o leram; 214 que o estão lendo; 2.119 que querem lê-lo; 11 que o releem; 66 que o abandonaram e 38 resenhas. Entre os leitores, 259 classificaram-no como favorito, dentre os quais 122 são homens e 137, mulheres. Há ainda 625 que o desejam e 3 que querem trocá-lo. Dentre os usuários que abandonaram a leitura, 35 são homens e 31, mulheres.

Os dados de leitura deste título também estão disponíveis por meio de resenhas. Há 38 resenhas escritas no período de 14 de janeiro de 2009 a 23 de outubro de 2017. Entretanto, tendo em vista que o número de resenhas desse título é muito superior em relação aos demais, selecionamos transcrições e comentários de dezesseis resenhas, que representariam tipologias das demais, conforme indicado no quadro subsequente. As resenhas não selecionadas estão disponibilizadas em anexo.

A resenha III é assinada por “juliepam”, foi postada em 13 de abril de 2009 e representa os textos que alegam haver aplicação da obra de Lewis ao cotidiano. O texto na íntegra é o seguinte:

Incrível

Nossa, é incrível a maneira nada sutil com que C. S. Lewis resolveu abordar o pecado! e [sic] como ele cita todos aqueles pecados que realmente relevamos! me [sic] ensinou muito a ter cuidado com as concepções que faço e nas coisas mais simplis [sic]! e como isso afeta o meu relacionamento diário com Deus!! me impressiona toda vez que leio!!
(Disponível em
<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>
Acesso em 25 out. 2017)

Nessa resenha, que classifica o título como cinco estrelas, a autora faz os seguintes apontamentos: apresentação de pecados que relevamos; aprendizagem de ter cuidado com suas concepções e coisas simples; como pequenas coisas afetam o relacionamento diário com Deus.

A resenha VIII é assinada por “Tecolanes”, foi postada em 29 de abril de 2011 e representa os textos que contém a síntese da obra. O site *Skoob* classifica essa resenha

como se contivesse spoiler, por isso ela é oculta do usuário que, se quiser lê-la, tem que acessar a um *link* denominado visualizar. O texto na íntegra é o seguinte:

Fique atento.

“Cartas de um diabo a seu aprendiz” é um obra [*sic*] de Clive Staples Lewis, conhecido como C. S. Lewis, nasceu no dia 29 de novembro de 1989 na Irlanda, foi um autor reconhecido sobre assuntos medievais e também sobre a apologia cristã através de diversas obras. Uma de suas maiores obras foi a criação de uma série de livros infanto-juvenil [*sic*] com o nome de Crônicas de Nárnia.

O livro “Cartas de um diabo a seu aprendiz” aborta [*sic*] um assunto de caráter cristã [*sic*] mostrando para os leitores a maneira divertida como a [*sic*] um diabo consegue afastar as pessoas de Deus. Como o próprio nome do livro já diz, são cartas de Fifastino um diabo preste [*sic*] a se aposentar enviadas a seu aprendiz que é seu sobrinho, contendo maneiras de conseguir afastar as pessoas do Inimigo (Deus) e levá-las ao seu Pai das Profundezas (Lúcifer).

De fato esse livro mostra a realidade de muitas pessoas que estão se afastando de Deus, por meio de algumas dicas que Fifastino manda a seu sobrinho, como pro [*sic*] exemplo, “enquanto os homens rezam, tente falar grosserias ao seu ouvido para que ele desvie sua atenção” ou “faça com que eles não estejam na igreja no próximo Domingo”, isso são atitudes que muitas pessoas tomam em seu dia-a-dia.

Outras dicas são dadas o [*sic*] seu sobrinho para conquista o paciente [*sic*] (no caso a possa) por meio de prazeres tanto sexual e também o de comer que quanto repetidos várias vezes se tornam um vício com isso desagradando a Deus. Pode se dizer, que esse livro foi feito para que as pessoas reflitam sobre suas atitudes em questão ao Cristianismo, religião que seguem e sabem como funciona [*sic*] o caminho certo para chegarem ao céu.

Pode ser que esses fatos que o C. S. Lewis [*sic*] descreve em seu livro pode ter acontecido com ele mesmo em sua vida, com isso criando uma belíssima obra que serviu e ira [*sic*] servir para muitas pessoas como uma forma de abri [*sic*] os olhos e prestar atenção em tudo e mudar seu comportamento para melhor. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017).

Nessa resenha, o autor faz os seguintes apontamentos: biografia do autor; síntese do livro; menções ao caráter cristão do texto; aplicação de como o livro mostra pessoas que estão se afastando de Deus; estratégias de tentação; conjectura de que talvez o próprio autor tivesse vivido as situações descritas; reflexão sobre a vida que a leitura suscita. O resenhista faz alusões ao texto mais conhecido de Lewis e apresenta uma adaptação diferente para o nome de Screwtape, chamando-o de Fifastino.

A resenha IX é assinada por “Kelyson”, foi postada em 16 de maio de 2011 e representa os textos que fazem referências à fé cristã. Este texto também é classificado

como *spoiler*, por isso é oculto ao usuário, à primeira vista no hipertexto, e ele na íntegra foi registrado da seguinte maneira:

Como conhecer o Ser Humano e Suas Fraquezas

De forma a expor as fraquezas do ser humano e supondo como os demônios usam-nas para tentar-nos, C. S. Lewis consegue nos levar por várias situações que passamos e poderíamos passar, nas palavras de um demônio experiente na “arte” de tentações.

Fitafuso ensina o seu sobrinho Vermebile a aproveitar as fraquezas humanas para tentá-los; mas para isso, ele estimula que o seu “paciente” não descubra que está sendo tentado – e sim que são pensamentos próprios dele, supondo o quanto ele é bom. Assim, expõe o orgulho, a vaidade e outras “qualidades” do ser humano as quais devemos vigiar e pedir forças a Deus para não cairmos. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

Essa resenha, que classifica o texto como cinco estrelas, faz os seguintes apontamentos: síntese do texto; identificação com as situações em que o paciente é submetido; necessidade de vigiarmos nossas ações; referências a Deus como ajudador daqueles que o buscam.

A resenha XI é assinada por “Walzinha”, foi postada em 21 de novembro de 2011 e representa outras que apresentam, entre outros assuntos, a temática do bem versus mal. Seu texto na íntegra foi assim registrado:

O discernimento do verdadeiro inimigo

Um trecho me chamou muito a atenção nesse livro, em uma das cartas do diabo Fitafuso direcionada a seu sobrinho Vermebile:

“Se, por outro lado, você finalmente obtiver controle sobre a alma dele de modo calmo e persistente, ele será seu para sempre – um cálice cheio até a borda de desespero e horror e desalento que você poderá erguer aos lábios quantas vezes quiser. Não permita, portanto, que uma felicidade temporária o distraia da sua verdadeira tarefa: solapar a fé e evitar a formação de virtudes”.

Faz refletir sobre o grande conflito que ocorre entre o bem e o mal. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto a autora faz os seguintes apontamentos: citação de um excerto que lhe despertou interesse; reflexão sobre o conflito entre bem e mal.

A resenha XII é assinada por “Fefa”, foi postada em 15 de maio de 2012 e representa os textos cujos autores deixam sua identificação religiosa. Seu texto na íntegra é o seguinte:

C. S. Lewis é um gênio. O que me entristece é que, mesmo sendo ele declaradamente um cristão, suas obras são pouco conhecidas no meio, quando não, mal vistas... e falo por experiência própria. Quando eu li no livro A História da Humanidade (recomendadíssimo!!) sobre a Reforma Protestante, sendo eu presbiteriana, me enchi de orgulho quando o autor disse “os protestantes foram a razão dos livreiros ficarem ricos”... passado o momento, me enchi de tristeza porque hoje em dia as coisas seriam diferentes...

Mas, seja você cristão, budista, ateu ou muçulmano... seja você protestante ou católico... a verdade é que dificilmente não vai gostar das obras desse escritor genial.

A obra mais conhecida dele é As Crônicas de Nárnia, mas meu primeiro contato com o escritor foi por meio de Cartas do Diabo a seu Aprendiz, que minha mãe – também apaixonada por livros – comprou depois de ouvir obra e autor serem citados durante uma pregação.

Ironia é a palavra que define essa obra baseada em 31 cartas trocadas entre Screwtape, um diabo muito experiente, que trabalhou por muitos anos como tentador em solo inglês, onde alcançou notoriedade e foi promovido, a Wormwood, seu jovem sobrinho, que ainda está no início de sua carreira do mal e que recebeu a missão de afastar um certo jovem de qualquer contato com Deus.

É engraçado como as correspondências se parecem como conversas entre duas pessoas que trabalham numa mesma empresa... divertidíssimo! Mas o que o autor faz é analisar o processo de “tentação da humanidade”.

Não dá para fazer um resumo, porque não é um romance no sentido literal do termo, cada uma das cartas fala sobre algum aspecto da natureza humana a ser tentado... como é um livro fino e muito engraçado, acredito que a maioria consegue ler a obra em um fim de semana, ou, como diria minha mãe, “em uma sentada”.

Vale a pena ler, acreditando ou não na existência de um mundo espiritual, seja para se divertir, seja para refletir e, principalmente, pela qualidade do humor desse grande escritor (só podia ser inglês, não é?!).

É isso aí gente... e ótima sexta-feira mais que chuvosa a todos (Não me lembro de um janeiro tão chuvoso assim!!). (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

Nessa resenha, a autora, que avalia o texto como sendo quatro estrelas faz os seguintes apontamentos: lamenta o desconhecimento pela obra de C. S. Lewis entre os cristãos; aponta a palavra ironia como definidora da obra; síntese do texto; o caráter humorístico do texto; a análise do processo de tentação da humanidade; facilidade de compreensão e

recomendação de leitura. A resenhista ainda se identifica como sendo protestante, especificamente presbiteriana, e faz alusão ao texto *As Crônicas de Nárnia*.

A resenha número XIII é assinada por “Larissa”, foi postada em 23 de janeiro de 2013 e representa os textos que fazem alusão à dedicatória do livro a J. R. R. Tolkien. Seu texto na íntegra é o seguinte:

C. S. Lewis, nesse livro dedicado ao seu amigo J. R. R. Tolkien, relata que um Cristão está sujeito às artimanhas do diabo.

Bem humorado, o livro na verdade são cartas que Fitafuso, um diabo bem experiente envia para seu sobrinho Vermebile que está tendo dificuldades para guiar seu “paciente” no caminho do mal, afastando-o de Deus.

É o lado mais sombrio de Lewis, uma paródia da verdadeira guerra espiritual. (Disponível em <

<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>

Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, a autora, que classifica o livro como quatro estrelas, faz os seguintes apontamentos: dedicatória do livro ao seu amigo J. R. R. Tolkien; faz referência às artimanhas do diabo; síntese do texto; tom humorístico da obra; a obra apresentaria o lado mais sombrio do autor e faz referências à verdadeira guerra espiritual. Ao fazer o último apontamento, a resenhista posiciona-se pessoalmente como uma pessoa religiosa.

A resenha XIV é assinada por “Gley”, foi postada em 28 de março de 2013 e representa os textos que tecem críticas ao autor e/ou ao livro. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Leia se você não gosta de C. S. Lewis

Eu, particularmente, não gosto de C. S. Lewis por achar seus textos excessivamente doutrinários, mas principalmente muito chatos (Crônicas de Nárnia, eu estou olhando para você). No entanto, “Cartas de um Diabo a Seu Aprendiz” estranhamente me cativou. Embora mantenha a temática religiosa no auge, a prosa é irônica e cínica o suficiente para me transmitir com surileza [*sic*] a visão de mundo do autor sem irritar. Não é excepcional, mas é bastante interessante por não cair para o óbvio.

Fitafuso (o diabo do título) tem um senso de humor peculiar que coloca vários conceitos cristãos em uma posição terrena incomum neste tipo de obra, e mostra que o autor tem mais malícia do que é possível perceber nos seus livros mais conhecidos.

C. S. Lewis, seu safadinho. (Disponível em <
<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>
Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o texto como três estrelas, faz os seguintes apontamentos: embora não goste do escritor irlandês, foi cativado por este texto; adjetiva-o como interessante; o senso de humor de Fiatafuso e a malícia do autor exposta de forma perceptiva neste texto. O resenhista, lançando mão de um estilo eivado de pilhérias, critica os textos de Lewis por serem “excessivamente doutrinários” e faz referência ao texto mais conhecido do autor, As Crônicas de Nárnia.

A resenha XV é assinada por “Phoenix”, foi publicada em 21 de agosto de 2013 e representa as resenhas que apresentam uma recomendação de leitura. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Esse livro é como um daqueles chocolates que vc gosta tanto [sic] que come devagar na tentativa [sic] de “economizar” e quando chega no final, quer voltar ao começo. Em suas cartas, o diabo Fiatafuso fala sobre vários assuntos com seu sobrinho Vermebile: amor, guerra, coragem, tentações carnis, democracia, sempre analisando com uma profundidade e precisão surpreendentes a alma humana. E de quebra, ainda tem aquele toque de humor que é uma característica dos britânicos. Super recomendo e aviso: não dou nem empresto o meu, vou ler de novo! (Disponível em <
<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>
Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, a autora, que classifica a obra como cinco estrelas, faz os seguintes apontamentos: a agradabilidade da leitura; síntese do texto; profundidade das análises da “alma humana”; presença de humor e recomendação do texto.

A resenha XIX é assinada por “Igor”, foi postada em 20 de agosto de 2014 e representa as resenhas que contém elogios ao autor. Seu texto na íntegra é o seguinte:

C. S. Lewis genial como sempre

Eu não imaginava que esse livro seria como ele é. Se trata de um [sic] série de cartas escritas por um demônio, Fiatafuso, a seu sobrinho Vermebile, que está começando nesse proeminente negócio de desencaminhar seres humanos. Funciona assim: todo demônio recebe como alvo um ser humano, o qual devem, por influenciar indireta, desvirtuar e por [sic] no mal [sic] caminho, para que quando morram... bem, não é necessário dizer mais.

Com um humor e uma simplicidade únicos, Lewis discorre sobre a hipocrisia dos que acreditam estar satisfazendo a Deus quando na verdade satisfazem somente a própria vaidade, tão péssimas que são em esconder sua ganância. Fala do que se trata a verdadeira humildade, de pensar demais no futuro, de enxergar a própria família e os desconhecidos, de se reconhecer depressivo, entre outras coisas.

Não me lembro de já ter lido qualquer coisa sobre Deus que tenha sido escrita com tanta simplicidade e delicadeza assim. Não que eu seja assim tão assíduo leitor de assuntos religiosos, mas tenho certeza de que a maneira besta com a qual eu enxergo a religião não é mais a mesma.

Descobri que falar de Deus, do diabo, de anjos, demônios, do bem e do mal não precisa ser tão engessado. Vale lembrar que o livro foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial, por isso muitas referências [sic] a esse episódio estão presentes. Abaixo, um trecho que embora não resuma toda a grandeza do livro é a pura comprovação da genialidade do Lewis: “(...) de todos os humanos os ingleses são os mais deploravelmente fogos de palha neste aspecto. Eles são deste tipo miserável de criaturas que proclamam aos gritos a tortura como melhor opção para seus inimigos e oferecem chá e cigarros para o primeiro piloto alemão ferido que seja capturado debaixo de suas portas.”

Sem dúvida é uma obra para releitura. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o título como cinco estrelas, faz os seguintes apontamentos: síntese do texto; *modus operandi* do inferno; a hipocrisia da sociedade sendo exposta com humor e simplicidade; o contexto histórico em que o livro foi escrito; trechos do texto e recomendação de leitura.

A resenha XXI é assinada por “Joc”, foi postada em 8 de outubro de 2014 e representa os textos que fazem elogios à obra. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Masoquismo Literário

Enquanto esperava o carro no lava-jato, terminei hoje pela manhã “Fitafuso propõe um brinde”, anexo final ao livro “cartas de um diabo a seu aprendiz”, de C. S. Lewis. Esse livro acaba de ir para minha lista dos mais edificantes!

Lewis adotou no livro, a figura de um diabo experiente de alta patente, que envia cartas a seu sobrinho, um diabo aprendiz de tentador. Através dessa figura, ele tenta desnudar a confabulação espiritual que guerreia por trás da vida de cada ser humano. É óbvio que Lewis não possui a essência da mentalidade diabólica, porque sendo humano, não possui a natureza de um demônio. Na verdade, quando você lê as cartas, absorve a compreensão que Lewis tinha de como o diabo atua na destruição de uma alma humana. E como ele não possui a ciência da maldade como um próprio diabo, Lewis claramente usa sua visão cristã admirável, “pura e

simples” e aplica sua antítese para simular a mentalidade diabólica do tentador. É genial!

Em suma, o livro extremamente edificante, mas te incomoda um bocado! Se você prefere a posição perdidamente confortável dos cristãos contemporâneos, eu não te recomendaria esse livro. Mas se você for um “cristão à moda antiga”, à moda de Cristo, vai fundo! Você vai apanhar um bocado enquanto lê. É como receber golpes de karatê na consciência, e você vai gostando. Quase um masoquismo literário – morte ao eu! (Disponível em <
<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>
Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o texto como quatro estrelas, apresenta os seguintes apontamentos: síntese do texto; alusões à visão cristã de mundo; o incômodo que o livro suscita por conta das reflexões; recomendação de leitura apenas aos cristãos à moda antiga. O resenhista evidencia suas posições religiosas ao utilizar expressões como “visão cristã admirável”, “mentalidade diabólica do tentador” e “lista dos mais edificantes”. O texto apresenta uma réplica, publicada em 10 de novembro de 2014, onde seu interlocutor concorda com as posições do comentarista.

A resenha XXIV é assinada por “Tiago”, foi postada em 9 de outubro de 2015 e representa os textos que fazem referência à ironia e/ou humor. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Uma mente brilhante! Publicado no Jornal

Dedicado ao seu amigo J. R. R. Tolkien, esta obra-prima da ironia divertiu e instruiu milhões de leitores com seu retrato zombeteiro e irônico da vida humana feito a partir do ponto de vista do diabo Fitafuso. Ao mesmo tempo freneticamente cômica e surpreendentemente original, a correspondência entre o experiente diabo e o seu sobrinho Vermebile mostra o lado mais sombrio e jocoso de C. S. Lewis. Esta edição é baseada na edição do sexagésimo aniversário, que inclui pela primeira vez Fitafuso propõe um drinque, no qual o notório Fitafuso oferece um jantar aos jovens demônios na Faculdade de Treinamento de Tentadores. Resenha:

Muitos ao ler o nome C. S. Lewis, vem [*sic*] em sua memória os livros e filmes de “Nárnia” e sua gigantes [*sic*] alegorias, outros (cristãos) se resumem num só livro “O Cristianismo Puro e Simples” e muitos nem se quer [*sic*] sabem que o autor vai além destes títulos.

Diversos são os livros que li dele, mas, em Dezembro/2014, vi em um canal literário do YouTube a [*sic*] Victória, uma Vloger (A Vi Viu), fazendo uma resenha sobre esse livro e me chamou muita atenção, pois, eu sempre tive o ebook [*sic*] no meu Kindle, mas é aquilo você nunca dá moral para algo em meio a tanta diversidade até que alguém dê uma luz, e o vídeo foi a luz.

Como já descrito na sinopse, esse livro relata cartas de um demônio aprendiz na área da destruição e deturpação daqueles que foram escolhidos e são imagem e semelhança do Deus vivo, nós, a seu tio, um

diabo já experiente. O seu tio Fitafuso (Screwtape, nome original), envia Vermebile (Wormwood, nome original) para uma missão – Tirar dos caminhos do Inimigo um jovem rapaz. E durante toda a sua trajetória é repreendido pelo tio pelos muitos erros e poucos acertos, e isso se torna cômico e ao mesmo tempo preocupante, para aqueles que são cristãos, pois, são práticas e atitudes diárias que nós temos e muitas vezes nem nos despertamos para a gravidade.

As diversas fases da vida de João, o Cristão que Vermebile desvirtuava, são bem parecidas com a nossa, não duvido muito você não se identificar ao menos com alguma das 30 cartas. Fitafuso é um personagem até que carismático e ao mesmo tempo cruel. Diversas vezes ele zomba da criatura que o Inimigo (Ele se refere a Deus como o seu Inimigo, e não é?) criou, discute com seu sobrinho e até muitas vezes já fala qual será a consequência dele ao terminar essa obra na vida desse jovem cristão, ele faz piadas, ele até demonstra um “leve” respeito por Deus e não entende porque Deus nos ama mesmo sendo nós, falhos.

O autor dedicou esse livro a seu melhor amigo, J. R. R. Tolkien (Autor de “O Senhor do [sic] Anéis”), porém, o homenageado não gostou da obra e disse que deveria ter sido informado antes ou ao menos ter recebido uma edição. Detalhe, que esse livro são cartas, e elas foram publicada [sic] primeira [sic] no Jornal The Guardian, na coluna de Lewis, em plena Segunda Guerra Mundial, e foi um sucesso e sua compilação [sic] com a dedicatória foi lançada em formato de livro em 1942 com o título “The Screwtape Letters”, e mesmo não agradando seu melhor amigo (que não gostava de ficar falando de demônios e dando créditos a isso, enquanto Lewis já via por um outro lado) o livro nos mostra a criatividade de Lewis ao descrever cartas em primeira pessoa o tempo todo e único narrador da história com personagens descritos de forma tão realista, que as vezes da [sic] a entender que ele fez pensando em situações de seu cotidiano ou te fará lembrar em alguém que você conhece.

Um livro magnífico, recomendo a todos os cristãos, seja ele já um “novato” na fé ou uma pessoa que já esteja caminhando a tempos [sic] com Deus, recomendo principalmente para aqueles que acham que C. S. Lewis se resume em “As Crônicas de Nárnia” e “Cristianismo Puro e Simples”.

Eu não esperava muito, confesso, algumas cartas iniciavam de uma forma e no meio ficava meio complicado de se entender e se localizar (afinal foi escrita em plena Segunda Guerra Mundial e muitas referências a atitudes são referentes aqueles dias e costumes), mas sempre a carta/capítulo terminava com um resultado um tanto surpreendente.

Esse livro faz tanto sucesso que em 2009 fizeram até um áudio book dele, eu vou postar abaixo um vídeo de como foi preparado e os atores envolvidos, o vídeo vai exigir um domínio na língua inglesa, já que não se encontra legendado. O personagem principal do livro é dublado por Andy Serkis (o ator que interpretou e dublou o Gollum nos filmes “O Senhor dos Anéis” e “O Hobbit”).

A mente de C. S. Lewis literariamente é uma mente brilhante, um auto [sic.] que de ateu para Cristão, conseguiu transmitir em textos a vida e diálogos de demônios e foi algo tão real que eu te digo novamente, compre e leia esse livro. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>>

Acesso em 28 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o título como quatro estrelas, faz os seguintes apontamentos: cópia da quarta capa da 2ª edição da publicação do texto pela editora WMF Martins Fontes; pouca familiaridade do público com outras obras do autor, além de *As Crônicas de Nárnia* e *Cristianismos Puro e Simples*; curiosidade sobre o livro a partir de comentário visto no Youtube; síntese do texto; identificação das situações descritas com o cotidiano do leitor; dedicatória do livro a J. R. R. Tolkien; processo de criação do texto; criatividade do autor; recomendação de leitura; recomendação de audiência da adaptação do livro no formato de audiobook. O resenhista apresenta alguns problemas em sua escrita, como a repetição de informações, erros de ortografia e imprecisão nas informações, como, por exemplo, o fato de ele chamar o paciente de João.

A resenha XXVI é assinada por “Braguinha”, foi postada em 17 de abril de 2016 e representa os textos que trazem reflexões sobre o comportamento humano. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Um mega aprendizado!

Uma aula de cristianismo e comportamento cristão neste livro. Nesta obra, um demônio sênior envia cartas a um jovem aprendiz de demônio ensinando a este tudo sobre comportamento humano e suas fraquezas e como pegá-lo para o inferno. Um ótimo livro para qualquer cristão que queira santificar-se e desviar-se das astúcias e armadilhas do inimigo. Na capa do livro que li, o nome do autor bem destacado em letras garrafais. Vale ressaltar que o autor é bem mais conhecido pela trilogia *Crônicas De Nárnia*, onde faz alegorias com o cristianismo através de uma estória de aventura infanto-juvenil recentemente adaptada para o cinema pelos estúdios Disney. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

Nesse texto, que classifica o título como quatro estrelas, o autor faz os seguintes apontamentos: associa o texto a uma aula de cristianismo e de comportamento; síntese do texto; referência à capa do livro, que apresenta o nome do autor em letras garrafais (provavelmente a da editora Vozes); referência à obra mais conhecida de Lewis; recomendação de leitura. Na resenha, o autor revela sua posição religiosa ao afirmar que o livro é para quem queira “santificar-se e desviar-se das astúcias e armadilhas do inimigo”. Além disso, é uma das poucas resenhas que faz alguma referência a elementos paratextuais como o tamanho dos caracteres do nome do autor e, de forma imprecisa, afirma que *As Crônicas de Nárnia* corresponderia a uma trilogia.

A resenha XXVIII é assinada por “Naty”, foi postada em 30 de agosto de 2016 e representa os textos que fazem referência a outras obras do autor. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Um autor que conseguiu criar um livro em que ele tenta pensar como demônios e nos mostrar como eles atuam e, conseqüentemente, como nos livrar deles

Nesse livro, C. S. Lewis lança a proposta de informar ao leitor como o inimigo atua. O que é inesperado é que ele não adota um plano de vista humano, mas o plano de vista do próprio inimigo.

O inimigo no livro é Deus e um demônio mais experiente dá dicas a outro demônio de como enganar os seres humanos. O leitor, então, acaba aprendendo muito de táticas do inimigo para nos destruir e realmente são táticas que ele utiliza frequentemente.

Esse é um livro simples mesmo que, em certas partes, o leitor ainda tenha que parar e meditar mais um pouco o que remeto à forma de escrita do Lewis.

Não posso afirmar que esse livro é tão bom quanto Cristianismo puro e simples, mas, ao mesmo tempo, compará-los é algo complicado já que eles se propõem a coisas totalmente diferentes e ambos cumprem o que prometem.

Algumas partes em que ele fala de como usar a guerra, o nacionalismo ou outros aspectos bélicos contra os seres humanos foram as partes que menos entendi já que nunca me inseri num contexto como esse, mas deu para remeter aos processos políticos atuais e fazer uma certa ponte entre ambos os assuntos. Acho que numa futura releitura eu conseguirei captar ainda mais as sutilezas desse livro.

O penúltimo capítulo, por exemplo, é um dos mais excepcionais já que ele fala como o inimigo faz o ser humano se prender às preocupações do futuro e não aproveitar seu presente. Falando assim parece simples, mas Lewis consegue lhe mostrar o valor disso e como não podemos deixar o inimigo nos levar para um sempre querer mais e esquecermos do aqui e do agora. Esse capítulo me lembrou muito o livro Um conto de Natal de Dickens.

Dei apenas uma breve opinião sobre esse livro, mas é o ler que interessa e esse, como outros livros do Lewis, é recomendadíssimo.

Não se assustem com o título ou com os personagens e você vai perceber o quanto você consegue perceber mais as armadilhas de Satanás depois de ler esse livro. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

Nesse texto, a autora, que classifica o título como cinco estrelas, faz os seguintes apontamentos: síntese do texto; referências às estratégias para levar o paciente ao inferno; referência a outros livros do autor; recomendação de leitura. A resenhista revela sua posição pessoal ao afirmar sobre as armadilhas do diabo que “realmente são táticas que ele utiliza frequentemente”. Ademais, ela aponta um problema que a fruição do texto pode

trazer ao leitor brasileiro que é a dificuldade de entender alusões ao contexto de guerra britânico. Por outro lado, ela faz aplicações ao contexto brasileiro de descabro político.

A resenha XXXIV é assinada por “Gui”, foi publicada em 30 de maio de 2017 e representa os textos que alegam a existência de um caráter universal para a leitura da obra. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Extremamente necessário

Cotidianamente na nossa vida cristã nos esquecemos de ficar atentos a forma cujo qual [*sic*] o nosso inimigo (Satanás) age. Certas coisas são tão normais para nós que nem se quer [*sic*] parecem ações do inimigo. Esse livro nos mostra a forma sorrateira e inteligente que ele age.

Recomendo para todos. Quando lemos levamos vários “tapas na cara”, mas também abrimos os nossos olhos para muitas coisas que não perceberíamos.

Ótimo livro! (Disponível em <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1> Acesso em 30 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o título como cinco estrelas, faz os seguintes apontamentos: os cristãos se esquecem de se precaver contra as ciladas de Satanás; as estratégias descritas no texto mostram a inteligência do diabo; recomendação do livro. O resenhista deixa clara sua posição religiosa ao assumir que o enredo pode representar parte da realidade.

A resenha XXXVI é assinada por “John”, foi publicada em 20 de setembro de 2017 e representa os textos cujos autores alegam que a leitura de *The Screwtape Letters* lhes causa desconforto. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Para pensar

Eu falei que achei difícil escrever sobre Clube da luta, do Chuck Palahniuk, mas escrever sobre Cartas de um diabo a seu aprendiz foi muito mais difícil, principalmente por um fato que tenho de dizer: tenho certeza de que não entendi alguma parte do que C. S. Lewis quis dizer. Escrever uma resenha simples de um livro complexo é difícil, mas vou fazer o meu melhor.

O livro é, quase em sua totalidade, epistolar, ou seja, a narração se dá por meio de cartas. Quem escreve as cartas é um diabo chamado Fitafuso, e ele as envia para seu sobrinho, Vermebile. O conteúdo das cartas é de grandiosa análise dos comportamentos humanos, e esse ponto, que toma conta do livro inteiro, me fez ficar muito surpreso, pois acreditei que as análises seriam mais superficiais.

A escrita de C. S. Lewis é bastante densa, e como não estou tão acostumado a ler esse tipo de livro, me senti um pouco cansado no início. As cartas são todas curtas, com aproximadamente cinco ou seis páginas, o que facilita um pouco as coisas. É por meio das epístolas que Fitafulso auxilia seu sobrinho e aprendiz a tentar um humano, na expectativa de levar sua alma para o inferno.

O livro tem uma linguagem pesada, e não falo isso por ter uma linguagem mais rebuscada. O “peso” que falo está nas pitadas de sarcasmo que o autor joga por meio da escrita de Fitafulso, que chama Deus de Inimigo – exatamente com letra maiúscula, demonstrando que, sim, ele tem algum respeito.

Não é um livro para todo mundo. É um livro para quem tem estômago, para quem está disposto a ver coisas para as quais as pessoas costumam fechar os olhos. Não é um livro essencialmente para cristãos – está longe de sê-lo. É um livro para pessoas que gostam de questionar e exercitar o pensamento com ideias que não são encontradas em qualquer autor.

O único ponto negativo para mim – porque talvez não seja nem um pouco negativo para você – é que a leitura se tornou um tanto arrastada, a ponto de comprometer minha concentração em alguns momentos. não [*sic*] é um livro que deve ser lido todo de uma vez, e se possível, caso você goste da ideia, é bom que você leia alternadamente com outro livro de contraste. Assim, a leitura não se torna tão pesada. Enfim, se você quer dissecar algumas ideias, é o melhor livro que você pode ler agora.

(Disponível em
<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>>
Acesso em 30 out. 2017)

Nesse texto, o autor, que classifica o título como quatro estrelas, faz os seguintes apontamentos: dificuldade de escrever sobre o texto por ter certeza de que não o entendera suficiente; síntese do texto; surpresa pela profundidade da análise do comportamento humano descrita no livro; densidade da linguagem do texto, sobretudo por conta do sarcasmo de Fitafulso; a não universalidade do texto, que deve ser lido por aqueles que “gostam de questionar e exercitar o pensamento com ideias que não são encontradas em qualquer autor”; provoca uma leitura arrastada que pode comprometer a concentração do leitor.

A resenha XXXVIII é assinada por “Mila”, foi postada em 23 de outubro de 2017 e representa os textos que apresentam uma interpretação literal da obra de Lewis. O texto na íntegra é o seguinte:

A sensação que tive ao ler este livro foi a de ter em mãos um documento de guerra em que são expostas as estratégias do exército inimigo, numa batalha em que eu sou o alvo. Uma visão diferenciada, uma tentativa de “mostrar” o outro lado chamando a atenção para situações que tantas vezes passam despercebidas e para verdades que já conhecemos mas nos

esquecemos. Embora Lewis tenha usado ironia e até certa zombaria na escrita, isto não retira o caráter pesado e sombrio que tais palavras revelam.

Mesmo reconhecendo que as estratégias de guerra do inimigo na realidade do mundo espiritual (nosso campo de batalha) provavelmente são muito mais profundas, cruéis e sorradeiras, penso que o autor conseguiu chegar perto do que acontece. Lewis conseguiu me envolver na leitura de forma bem pessoal. Acredito que isso aconteceu porque, apesar de não ter a mente e as intenções demoníacas, o autor é um ser humano falho como eu, que demonstra consciência das dificuldades humanas provavelmente por ser um grande estudioso da humanidade e das Escrituras. Em alguns momentos cheguei a pensar que o “paciente” (figura que era o assunto principal das cartas) em questão tratava-se do próprio Lewis, e na maior parte da leitura senti como se os personagens centrais estivessem falando sobre mim. Confrontada é uma boa palavra para expressar como me senti. Confronto é algo doloroso, mas extremamente necessário. É como um tapa que dói mas faz acordar, é algo que nos coloca no prumo novamente.

Creio que essa consciência da falibilidade humana que Lewis expressou tem como base as revelações que a bíblia traz a respeito do mundo espiritual, da guerra civil das nossas almas (natureza pecaminosa x nova natureza), bem como dos intuitos de Satanás e seu exército em nos afastar da comunhão com Deus e nos destruir. Pude perceber em vários trechos referências às verdades bíblicas. Apesar de divergências de pensamento que tive quanto a algumas questões doutrinárias, estas foram muito pequenas ante toda a edificação que pude reter.

Diante disso, acredito que o autor conseguiu despertar minha vigilância ao tentar expor o que por vezes ignoramos em nós mesmos e também por “revelar” alguns dos desígnios sutis de Satanás que tantas vezes desprezamos por causa do engano do pecado que é concebido em nossos corações, nosso maior inimigo. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 1º nov. 2017)

Nesse texto, a autora, que classifica o título como quatro estrelas, faz os seguintes apontamentos: sensação de ter em mãos estratégias de guerra do inimigo; caráter sombrio das cartas, a despeito da ironia que lhes perpassam; incômodo por ser exposta às estratégias do inferno de danar as almas; identificação pessoal com algumas situações descritas; base bíblica para as elucubrações do autor sobre a realidade espiritual; êxito do autor em despertar a vigilância do leitor quanto às artimanhas de Satanás. A autora revela sua posição religiosa ao utilizar expressões como “[...] em nos afastar da comunhão com Deus e nos destruir”. A resenha suscitou a réplica de uma usuária que revelou ter sentido vontade de ler o texto após a leitura do comentário.

4.4 Comparação dos dados obtidos entre leitores de *The Screwtape Letters* no site *Skoob* e outras obras

Construímos um quadro comparativo com os assuntos mais expressivos que surgiram nos comentários dos três títulos de *The Screwtape Letters* disponibilizados no site, de forma que chegamos ao seguinte resultado:

Assunto	The Screwtape Letters	Cartas do Inferno	Cartas de um diabo a seu aprendiz
Bem <i>versus</i> mal	I, IV		XI, XIX, XXX
Síntese da obra	II, IV	I, II, III, IV, V	V, VIII, IX, XII, XIII, XV, XVI, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXIV, XXV, XVI, XVII, XVIII, XXIX, XXX, XXXIII, XXXVI, XXXVII
Caráter universal da leitura	II, IV	V	I, VII, XII, XXXIV, XXXVI
Recomendação de leitura	II, IV	II, III, IV, V, VII	I, II, V, VII, X, XII, XV, XVII, XVIII, XXI, XXIII, XXIV, XXVIII, XXIX, XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXVI, XXXVII
Elogios ao autor	II	III	II, III, IV, VI, X, XII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXIII, XXIV, XXV, XXXI, XXXV, XXXVI,
Elogios à obra	I, II, III, IV	III, V, VI, VII	I, II, III, V, VI, VII, X, XII, XIV, XV, XIX, XX, XXI, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII
Reflexões sobre o comportamento humano	I, II,	II, III, IV, VII	III, V, VII, VIII, IX, XVI, XIX, XXV, XXVI, XXVII, XXIX, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXX

Alusões à dedicatória a J. R. R. Tolkien		III, IV	XIII, XVI, XXIV, XXV, XXX
Referências a conteúdo da fé cristã	I, II, IV	I, II, III, IV, VII	II, III, VI, VII, VIII, IX, XII, XIII, XIV, XVI, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVIII, XXIX, XXX, XXXIII, XXXV, XXXVII e XXXVIII
Referências à ironia e/ou humor		III	I, II, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XIX, XXII, XXIII, XXIV, XXVII, XXIX, XXXI, XXXIII, XXXV, XXXVII, XXXVIII
Referências a outras obras do autor		III	IV, VIII, X, XII, XIV, XVI, XXI, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII
Aplicação do texto ao cotidiano	I, III, IV	II, III, IV, VII	III, VIII, XVII, XXII, XXIV, XXVII, XXVIII, XXIX, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVII, XXXVIII
Desconforto causado pela leitura			VII, XXI, XXII, XXIX, XXXIV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII
Críticas ao livro e/ou autor		III, VI,	XIV, XXIII, XXIV, XXV, XXVIII, XXXII, XXXVI
Identificação religiosa dos leitores		III	III, XII, VI, XIII, XVII, X, XXI, XXII, XXIV, XXVI, XXVIII, XXIX, XXX, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVII, XXXVIII
Interpretação literal (não ficcional) do texto	IV	II, VII	III, VIII, IX, X, XI, XIII, XVI, XVII, XXII, XXVII, XXVIII, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVIII

As transcrições das resenhas, o quadro comparativo a respeito dos títulos disponibilizados no site *Skoob* e demais informações desse site no período supracitado nos ajudam a traçar um perfil não definitivo dos leitores do texto *The Screwtape Letters*.

Dentre os leitores que avaliaram, 49% são homens e 51%, mulheres o que demonstra um equilíbrio quanto ao gênero dos leitores. O quadro revela acentuada inclinação a leitores com definida orientação religiosa, como percebido nas 20 resenhas que alegam haver aplicabilidade do texto ao cotidiano. Em geral, tal aplicação se daria por conta de uma interpretação da ação literal do Diabo na vida das pessoas comuns. Esse traço de interpretação literal do texto é percebido em 18 resenhas e a identificação religiosa do leitor é percebida em 19 resenhas. 33 resenhas fazem referência a algum tipo de conteúdo da fé cristã, demonstrando assim a percepção do caráter apologético do autor. As referências feitas a outras obras de C. S. Lewis aferidas em 13 resenhas também revelam que há um significativo número de leitores que apresentam conhecimento a outros textos de Lewis e assim podem criticá-lo de forma mais precisa. O conhecimento da obra do autor lhe é favorável, pois são 18 as resenhas que fazem elogios ao autor, enquanto que o número de resenhas que apresentam críticas a ele ou à obra é de apenas 9. De acordo com os dados, o leitor é predominantemente religioso.

Ademais, há outras ocorrências de comentários que emergiram das resenhas analisadas. Dentre as 49 resenhas, poucas foram as que fizeram menção a tipos paratextos, dentre os quais a maior incidência foi a alusão à dedicatória feita ao também escritor J. R. R. Tolkien. Apenas uma resenha faz referência a outro elemento paratextual, como a XXVI, cujo autor afirma que “na capa do livro que li, o nome do autor bem [sic] destacado em letras garrafais”. Mas, se por um lado, a presença de paratextos editoriais não tem chamado a atenção dos leitores e se mostrado relevante ao ponto de aparecer em suas apreciações, por outro, os leitores revelam seu posicionamento religioso sem embaraço. São muitos os que de forma direta e explícita, ou mesmo implícita por meio de seu discurso, demonstram suas crenças pessoais ao interpretar o texto de maneira literal, ou seja, não ficcional.

Se compararmos os números disponíveis dos três títulos de *The Screwtape Letters* em relação à sua obra mais conhecida, *As Crônicas de Nárnia* (volume único), teríamos uma diferença formidável, posto que o último apresenta os seguintes números¹⁰⁴: 124.614 pessoas que o leram; 11.902 que afirmam que o estão a ler; 82.935 pessoas querem lê-lo; 513 que o estão relendo; 5.950 leitores que o abandonaram e 952 resenhas que foram

¹⁰⁴ Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/331ED195738>> Acesso em 3 nov. 2017.

escritas entre 2 de janeiro de 2009 e 27 de outubro de 2017. 47.987 usuários avaliaram o texto, cujo *score* é apontado como 4.6.

No entanto, é possível também comparar com outros textos considerados similares a este. São 26 títulos sugeridos pelo próprio site, dentre os quais escolhemos um para título de comparação: *Ortodoxia* de Gilbert Keith Chesterton (1874 – 1936). Composto por nove ensaios, esse livro – e outros de apologética cristã – surgiu do resultado do debate entre o autor e Robert Blatchford (1851 – 1943), editor de um periódico socialista. O título¹⁰⁵ analisado foi postado por Leo Ximenes em 13 de dezembro de 2008. A respeito de números relacionados à leitura da obra, aferimos a seguinte quantidade de pessoas: 803 que a leram; 136 que ainda a estão lendo; 705 que demonstram interesse em lê-la; 12 a releem; 25 a abandonaram e 18 resenhas foram feitas. Entre os leitores, 175 disseram ser esta sua leitura favorita. Também há registrado o número de 163 pessoas que desejam a obra. Há 14 resenhas disponíveis no site que foram postadas no período de 26 de abril de 2009 e 6 de abril de 2017. Dessa forma, percebemos que há um equilíbrio entre os números de ambos os livros.

4.5 Gráficos sobre as leituras de *The Screwtape Letters* de acordo com o site *Skoob*

Se juntarmos as apreciações dos três títulos, e considerarmos que todos eles correspondem a uma única obra, teremos os seguintes números: 2.080 pessoas afirmam terem lido o texto; 254 dizem que a estão lendo; 2.338 demonstraram interesse em lê-la; 12 afirmam que a releem; 76 afirmam tê-la abandonado; 49 resenhas foram postadas na rede social. Tendo como base os dados aferidos acima, acerca das experiências de leitura dos usuários do site de relacionamentos *Skoob*, no período de 13 a 23 de outubro de 2017, produzimos os seguintes gráficos:

¹⁰⁵ Disponível em <<https://www.skoob.com.br/ortodoxia-211ed301.html>> Acesso em 3 nov. 2017.

Figura 18 - Gráfico geral de manifestação de leitores de acordo com o site Skoob

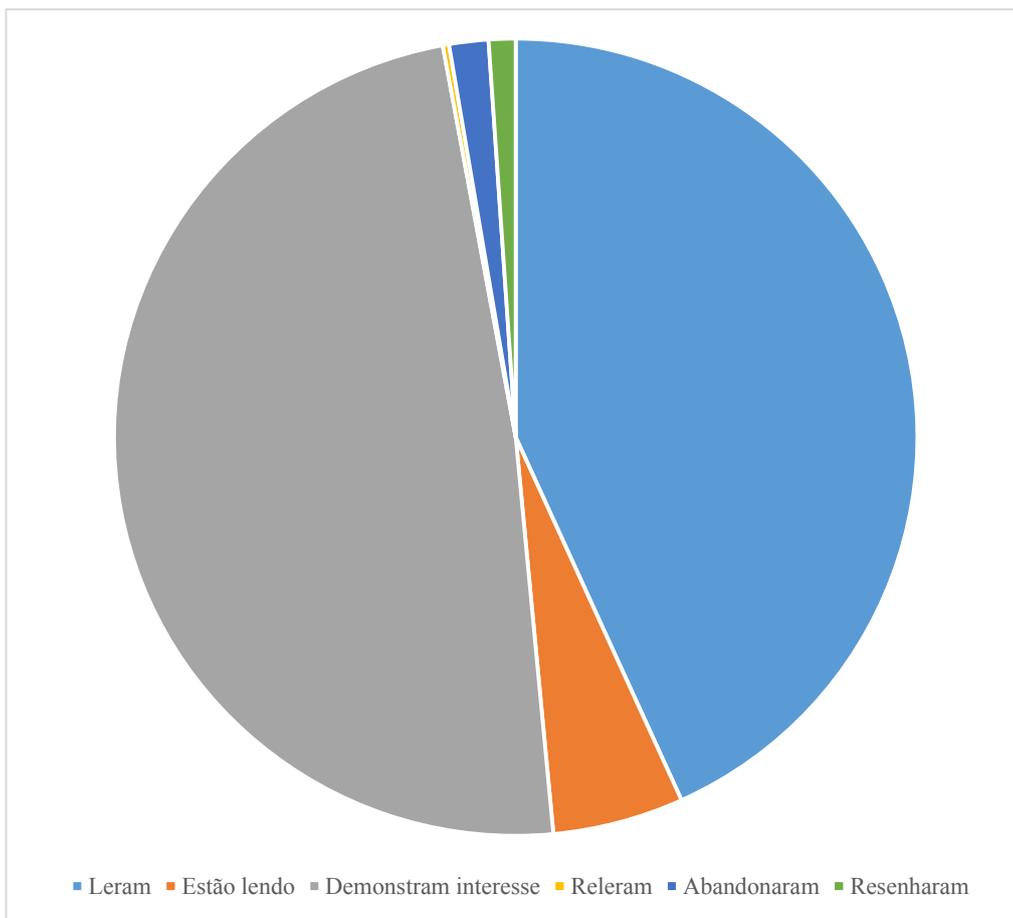
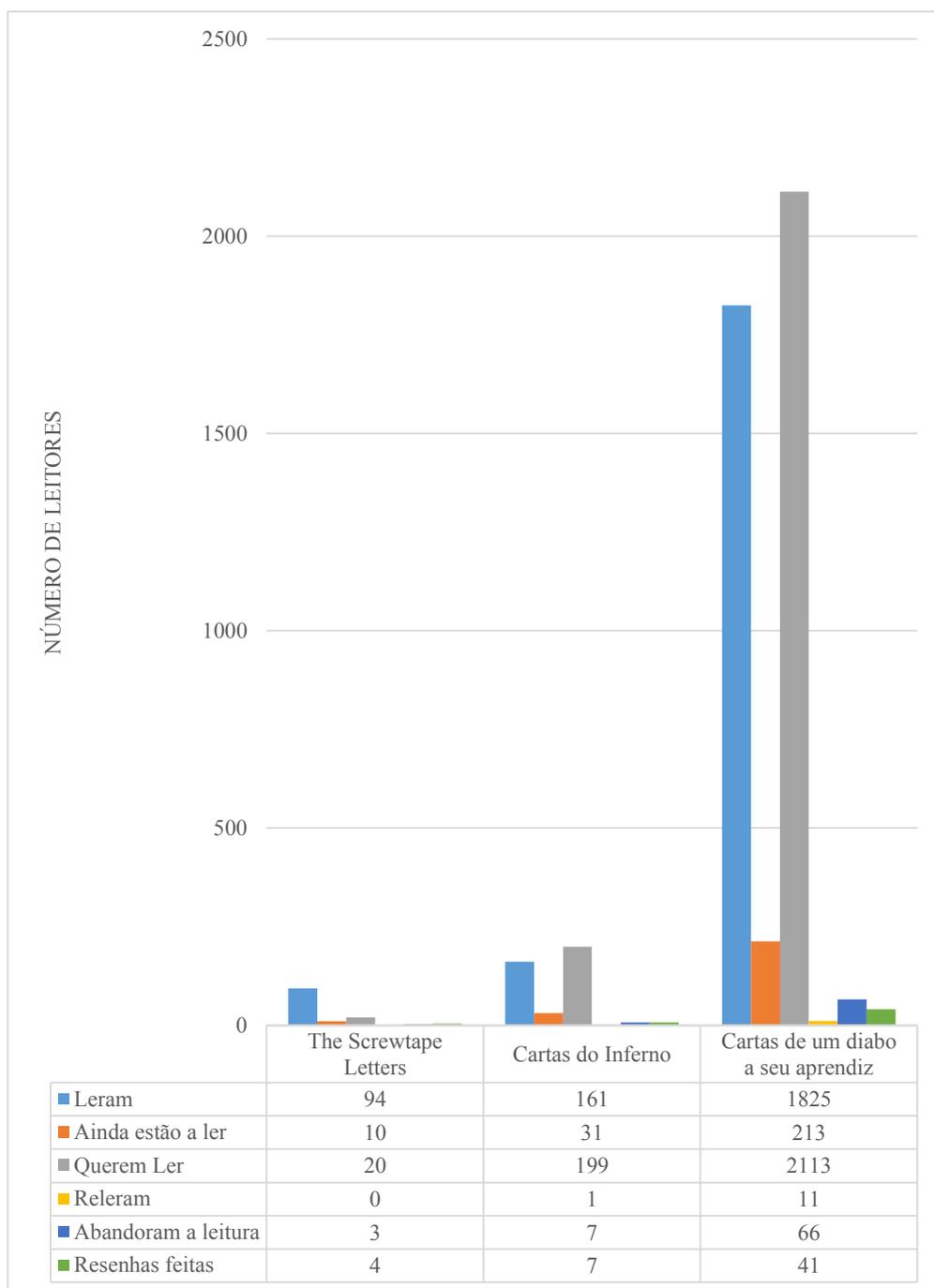


Figura 19 - Gráfico comparativo entre os diferentes títulos de acordo com o site Skoob



4.6 Ecos da leitura da obra *The Screwtape Letters* no Brasil

A presença de *The Screwtape Letters* no Brasil, além de desenvolver o cânone literário pátrio, também motivou alguns de seus leitores para a produção de outros textos e mesmo de outras manifestações artísticas.

A primeira obra que fazemos referência não é um texto propriamente dito, mas a produção do desenho animado supracitado, dirigido por Ricardo Irwin, intitulado “Tonico e o Demônio”, de 1961, com aproximadamente 24 minutos de duração, inspirada no best-seller de C. S. Lewis. Há hoje raros registros das imagens dessa produção¹⁰⁶. De acordo com Ricardo Irwin, um de seus produtores, “o desenho não foi uma adaptação à história do livro, mas sim uma obra inspirada em alguns pontos retratados por Lewis, especialmente no que se refere às faces do Mal no cotidiano e na vida do ser humano” (BELLOTTI, 2000, p. 62). Apesar da produção não ter sido totalmente fiel ao texto do autor britânico, não há como negar que *The Screwtape Letters* serviu como referência para a formatação da diegese¹⁰⁷, sendo, portanto, a produção do desenho, em certa medida, um eco do texto de C. S. Lewis em nosso país. A pesquisadora Karina Kosicki Bellotti, em sua monografia na UNICAMP, fez o seguinte comentário do filme Tonico e o Demônio:

O desenho foi baseado no livro “The Screwtape Letters”, de C. S. Lewis, teólogo e escritor inglês que faz parte de uma corrente teológica denominada “teologia popular” e cujas obras foram muito apreciadas pelo público evangélico anglo-saxão. O autor também foi autoridade em literatura e professor na Universidade de Oxford. Membro da Igreja Anglicana, foi um ateu convertido.

[...]

O filme inicia-se com uma epígrafe: “o melhor modo de afastar o demônio é ridicularizá-lo, pois ele não suporta zombaria – Martinho Lutero. Trata-se da história de Tonico um homem que ao longo de sua vida sempre foi tentado pelo demônio, mas que, ao conhecer uma moça evangélica, converte-se e participa ativamente nos projetos da Igreja. O demônio continua a tentá-lo até a morte, mas nunca logra sucesso. Portanto, os personagens principais são Tonico, a moça evangélica e o Demônio.

A história passa-se num cenário urbano: a primeira sequência é em um bar, a segunda em uma igreja protestante, depois nas ruas. Há inclusive uma cena em que Tonico, já convertido, tem a ideia de construir uma escola com a contribuição da Igreja, em uma área de favela. Os personagens secundários são os membros da Igreja – a Sociedade

¹⁰⁶ A pesquisadora e professora da UFPR, Karina Kosicki Bellotti é detentora de uma das cópias dessa produção, conforme depoimento dela mesma via e-mail.

¹⁰⁷ De acordo com Aumont, diegese é uma palavra de origem grega oposta, de modo aliás diferente, por Platão e Aristóteles a *mimesis* (imitação) caída em desuso, depois ressuscitada por Étienne Souriau (1951), retomada em seguida, mas também em dois sentidos diferentes, por Gérard Genette e por Christian Metz, um em narratologia literária, o outro em filmologia. Para Souriau, os fatos diegéticos são aqueles relativos à história representada na tela, relativos à apresentação em projeção diante dos espectadores. É diegético tudo o que supostamente se passa conforme a ficção que o filme apresenta, tudo o que essa ficção implicaria se fosse supostamente verdadeira [...]. (Cf. AUMONT, 2003, p. 77)

Auxiliadora Feminina e o Conselho da Igreja, destacando-se a presidente da Sociedade Auxiliadora.

As ações principais centram-se entre as tentações do Demônio e as atividades da Igreja, como a distribuição de Bíblias (ocasião em que Tônico encontra e se apaixona pela moça), o culto evangélico, a reunião em que se discute a construção da escola na favela. Enquanto isso, o Demônio sempre tenta atrapalhar o encontro de Tônico com a religião: provoca a zombaria sobre Tônico quando ele se interessa pelo coral de Natal que canta em frente a um bar, rouba as Bíblias das missionárias, tenta a moça que irá entregar uma Bíblia para Tônico, turva a compreensão de Tônico durante o culto, e incentiva uma briga interna entre os membros do Conselho.

No fim, porém, o Demônio não obtém sucesso, pois Tônico desde que se converteu, tornou-se fiel às suas crenças, e procurou fazer o bem para todos, por isso, morreu idoso, cercado das pessoas que o amavam.

A linguagem utilizada é igual a dos desenhos animados americanos, produzidos desde a década de 20, e que se tornaram um dos principais produtos da indústria cinematográfica. Edição rápida, caracterizações caricaturais, bastante movimentação entre os personagens, e situações bem-humoradas, sonoplastia dinâmicas. (BELLOTTI, 2000, p. 59 – 60).

O segundo texto que citamos é o artigo publicado na Revista Teológica, no volume 64, de julho-dezembro de 2004, do Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas, SP, nas páginas 115 a 123, sob o ISSN 1414-9796, intitulado *C. S. Lewis na fronteira entre teologia e literatura: reflexões sobre The Screwtape Letters*, cujo autor é Carlos R. Caldas Filho. No texto, o articulista apresenta Lewis “como alguém que está exatamente na fronteira entre teologia e literatura” (CALDAS FILHO, 2004, p. 116), sendo assim, Caldas Filho observa que naquela obra em particular, “Lewis apresenta uma autêntica ‘literatura teológica’ – não em termos de uma teologia *stricto sensu* (como um manual tradicional de teologia sistemática ou dogmática), mas como uma teologia que se expressa através da literatura” (CALDAS FILHO, 2004, p. 117). Depois de apresentar pontos básicos da obra, como a quantidade de editoras brasileiras que o publicaram – na época três –, a intraduzibilidade do nome do protagonista anti-herói, Screwtape, a data e contexto em que a obra foi concebida e do que se trata, Caldas Filho aborda aspectos teológicos da obra, como a frequência à igreja; castidade; oração; duração da vida; o Jesus histórico; entre outros. O professor segue seu texto afirmando que o que lhe chama a atenção é “[...] o fato do ‘paciente’ ser um personagem absolutamente ‘comum’, que jamais apresenta ou demonstra atitudes heroicas ou virtudes acima da média das pessoas, como seria típico de qualquer herói” (CALDAS FILHO, 2004, p. 119). Por fim, ao comentar o desfecho do texto de Lewis, ele afirma que a obra apresenta “[...] duas tramas em paralelo: por um lado, a luta pela alma do *Paciente*. Por outro lado, o entendimento

de Lewis quanto ao inter-relacionamento entre os demônios: no inferno, conforme pensa Lewis, os demônios estão preocupados em devorarem-se mutuamente” (CALDAS FILHO, 2004, p. 121). Na conclusão de seu texto, o professor assevera que a obra de C. S. Lewis “[...] é uma rara combinação de teologia e literatura. Com esta obra, Lewis coloca-se verdadeiramente na encruzilhada entre essas duas produções do conhecimento. Com habilidade literária, expressa e veicula conceitos teológicos de uma maneira por demais didática” (CALDAS FILHO, 2004, p. 123).

A terceira referência não é apenas um texto, mas um conjunto deles. Trata-se de uma sequência de três livros do ministro presbiteriano e acadêmico Dr. Augustus Nicodemus: *O que estão fazendo com a igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* (2008), *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja* (2011) e *Polêmicas na Igreja: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo* (2015). Todos os livros são publicados pela supracitada editora Mundo Cristão. Neles, o autor apresenta de maneira crítica e honesta sua visão sobre as doutrinas e práticas da igreja evangélica brasileira contemporânea. Dentre os vários gêneros escolhidos para apresentar sua opinião, o professor de Teologia optou também por cartas fictícias, destinadas a pessoas imaginárias que representam tipos comuns que povoam as igrejas evangélicas no Brasil¹⁰⁸.

Percorrendo o itinerário que favorece a lógica do livro publicado há mais tempo, apresentamos os textos de *O que estão fazendo com a Igreja*. O livro surgiu como compilação de textos postados no blog *O tempora, O mores*¹⁰⁹, fundado em 2005 (Cf. NICODEMUS, 2008, p. 15). Nesse livro há dois textos semelhantes aos que Lewis escreveu em *The Screwtape Letters: Carta a um jovem pastor sobre o grupo de louvor de sua igreja* (p. 157 – 161) e *Carta a um pastor pentecostal que virou reformado* (p. 175 – 179). No primeiro texto, o autor se apresenta como um pastor mais experiente que dá conselhos a um jovem recentemente ordenado ao pastorado, chamado Tadeu, de como agir diante dos membros do grupo de louvor de sua igreja. São dez conselhos: 1) reconhecer que os grupos de louvor conquistaram o espaço na liturgia da igreja; 2) analisar os conteúdos dos cânticos ministrados; 3) exigir que os participantes do grupo sejam ativos em outros trabalhos eclesiais; 4) cuidar para que o volume dos

¹⁰⁸ O próprio autor confirmou verbalmente a influência do texto lewisiano no dia 31 de maio de 2016, por ocasião do lançamento de seu livro *Livres em Cristo* (2016)

¹⁰⁹ Disponível em <<http://tempora-mores.blogspot.com>>

instrumentos seja adequado; 5) convencer o guitarrista a ser sensato na execução de seu instrumento; 6) ser sensível ao conforto da congregação, deixando-os sentados; 7) incentivá-los a serem objetivos em sua participação; 8) insistir para que antes do culto estejam preparados; 9) ensiná-los que sua função na igreja não é a de levitas, posto ser tal condição restrita ao antigo Israel bíblico; 10) lembrar que alguns músicos são parentes de líderes da igreja e isso pode causar sérios conflitos ao seu ministério. No final, ele assina a carta, com o nome Augustus, identificando-se pessoalmente como proponente dos conselhos.

No segundo texto, novamente Augustus dirige-se a um pastor reformado egresso de uma igreja pentecostal e lhe apresenta dez conselhos: 1) lembrar que reformados e pentecostais, a despeito de diferenças doutrinárias, são irmãos; 2) concentrar-se nos pontos de convergência entre as duas tradições; 3) ter serenidade sobre questionamentos acerca de sua nova fé; 4) ser firme em pontos importantes reformados; 5) tratar o assunto do livre-arbítrio com humildade; 6) citar referências para o jovem pastor se espelhar; 7) dar ênfase às doutrinas da graça; 8) Pregar a Bíblia com propriedade; 9) ser honesto em suas convicções pessoais; 10) não se abalar diante das perseguições.

O segundo livro, *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*, é o que tem o maior número de textos do gênero cartas compiladas. Como no livro anterior, todos os textos versam sobre questões contemporâneas com que líderes de igrejas cristãs, sobretudo evangélicas, têm de enfrentar. A primeira carta (p. 16 – 22) é endereçada ao apóstolo Juvenal, como o próprio autor indica na p. 16, trata-se de um personagem fictício, embora represente um tipo comum entre evangélicos. Nessa carta, o autor dirige-se ao apóstolo e lhe faz – com exceção do ponto seis no livro que aqui omitimos por não ser uma pergunta, mas uma observação sobre o caráter contumaz de Juvenal diante das autoridades – as seguintes perguntas acerca de seu título eclesiástico: 1) quem teve autoridade para lhe dar tal título, visto que os apóstolos originais não deixaram sucessores; 2) teria ele convicção de ser um apóstolo real, tal qual os bíblicos; 3) teve ele as mesmas experiências dos apóstolos bíblicos; 4) de que forma tal título ajudaria a igreja; 5) como conciliar a condição de apóstolo e a de proprietário de igreja local; 6) se ele faria os mesmos milagres que os apóstolos fizeram. Assim, pontuando algumas outras questões, em tom satírico, como na frase “não me leve a mal, mas é que tem muita charlatanice nesse meio” (2011, p. 21) e “bom, não sei se você vai me responder. Fique à vontade” (2011, p. 22) ele encerra sua carta.

A segunda carta é endereçada a uma jovem crente, de nome Júnia, em território liberal (p. 49 – 53). Nessa carta, o remetente mostra-se perplexo pelo fato da jovem viver numa região influenciada pelo liberalismo teológico e pelo método histórico-crítico de interpretação bíblica. Por isso ele lhe oferece os seguintes conselhos: 1) fazer cursos *on line* conservadores; 2) buscar na internet conteúdo reformado; 3) ter uma biblioteca de livros reformados; 4) formar grupos para estudar bons livros; 5) participar de eventos de linha conservadora; 6) ouvir pregadores que defendam as grandes doutrinas da fé cristã; 7) gastar tempo de oração. Caso algum amigo queira estudar teologia e não haja outra alternativa a não ser uma instituição liberal, ele aconselha a: 1) não se impressionar com o ar de superioridade dos liberais; 2) perguntar a respeito das igrejas que os professores frequentam; 3) ler criticamente o que lhes for solicitado; 4) aproximar-se de professores que ainda acreditam na Bíblia. Depois desses conselhos, ele se despede de Júnia.

A terceira carta é endereçada a Bultmann (p. 60 – 63). Na introdução do texto, antes da carta, ele esclarece que Rudolf Bultmann (1884 – 1976) foi um importante teólogo do século XX e que sua carta é fictícia. Nessa carta, se o remetente reconhece o talento acadêmico do destinatário, também lhe revela que sua tentativa de persuadir o homem moderno por meio da demitologização do texto sagrado foi um grande mal aos pastores e às igrejas que adotaram seu discurso. A quarta carta é endereçada à bispa Evônia (p. 64 – 70). Nessa carta, endereçada a uma personagem fictícia que teria sido ordenada pastora e bispa de uma determinada denominação evangélica, o remetente refuta os argumentos de Evônia, apresentados a sua esposa. Os argumentos que ele utiliza para rebater a ordenação feminina são os seguintes: 1) não houve na Bíblia uma mulher que se dedique ao serviço sagrado; 2) Jesus não escolheu discípulas por não ter achado a coisa certa a fazer; 3) quando os apóstolos tiveram a chance de incluir uma mulher em seu círculo, não o fizeram; 4) não há instrução apostólica à liderança feminina em igrejas; 5) a não-ordenação feminina na igreja primitiva não é de ordem meramente cultural; 6) Se Paulo vivesse hoje não teria opinião adversa sobre o assunto; 7) o homem é o cabeça da mulher; 8) devemos aplicar a Bíblia em sua integridade em nossos dias.

A quinta carta é endereçada a um jovem evangélico que faz sexo com a namorada (p. 87 – 92). Segundo o autor, o texto é baseado em uma história real, embora os nomes sejam substituídos, ele refuta o destinatário, Ricardo, por seus vários argumentos infundados em defesa da fornicação. A sexta carta é endereçada a Jean Martin Ulrico, o nome fictício de um pastor (p. 107 – 110). Nessa carta, Augustus – conforme assinado ao

fim de cada epístola – dá conselhos ao pastor que sofre uma crise com o conselho local, por conta de ter adotado o discurso neopuritano. A sétima carta é endereçada a Bonfim, um amigo fictício (p. 129 – 136). Nessa carta, o remetente orienta seu amigo acerca de questões de nosso tempo como onde está Deus quando tragédias, como a queda de um avião, ocorrem. Augustus então, depois de apresentar várias passagens bíblicas que apontam o sofrimento humano, ensina-o, a respeito das catástrofes que, “[...] devemos lembrar que eles ocorrem como partes das misérias e dos castigos temporais resultantes das nossas culpas, de nossos pecados, como raça pecadora que somos” (NICODEMUS, 2011, p. 135). Por fim, ele ensina que, a despeito de não haver inocentes diante de Deus, e os desastres ocorrerem, devemos chorar com os que choram e saber que as Escrituras são suficientes, mas não exaustivas, pois há muitas perguntas que continuarão sem respostas. A oitava e última carta do livro (p. 175 – 179) é endereçada ao reverendo Van Diesel, um nome fictício, embora as situações sejam alegadas como reais. Van Diesel era um pastor da mesma denominação de Augustus que adotava práticas diferentes, como ungir pessoas e objetos com óleo.

O último livro, *Polêmicas na igreja*, apresenta apenas uma carta, endereçada a um *ex-gay*, de nome Sandro (p. 133 – 138), onde, na introdução do texto, antes da carta, o autor revela que seu escrito surge da necessidade de se oferecer respostas às pessoas que estão nessa condição. Na carta, Augustus orienta Sandro a não abandonar a fé cristã por continuar a ter desejos homossexuais, tendo em vista que a tentação não configura pecado.

Embora em nenhum momento o autor faça referência a *The Screwtape Letters*, em todas as cartas há semelhança não apenas quanto ao gênero, mas também em sua estrutura – um pastor mais experiente que aconselha pessoas a manterem sua fé e firmeza doutrinária –, em seus temas que dizem respeito aos desafios que os problemas contemporâneos impõem à cristandade e ao efeito causado sobre o leitor que intercepta essas correspondências e acompanha a argumentação, como se fosse *in loco*.

Todos os textos apresentados representam ecos das leituras do texto de C. S. Lewis em maior ou menor grau. Mostrando, de maneira prática, como a obra do autor foi replicada por brasileiros, ao longo das últimas décadas.

4.7 Considerações finais do capítulo

Apresentamos nesse capítulo indícios de que a obra de C. S. Lewis continua exercendo considerável influência nos escritos de autores ao redor do mundo e, em menor escala, no Brasil. As publicações de narrativas ficcionais de traduções inéditas em nosso país evidenciam o interesse do mercado sobre os escritos do autor britânico. Além disso, publicações de jornais demonstram que o interesse pela obra de Lewis cresceu exponencialmente a partir das adaptações cinematográficas dos textos escritos para o público infanto-juvenil nos anos 1950. Já a respeito do público leitor da obra *The Screwtape Letters* no Brasil, a amostragem de resenhas postadas no site de relacionamentos *Skooob* nos fornece importantes dados sobre leitores reais, cujo espectro transcende ao do leitor implícito, posto serem de origens socioculturais distintas e de discursos heterogêneos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa que tenha o propósito de detalhar aspectos referentes à recepção no Brasil de um escritor como C. S. Lewis, em uma obra tal qual *The Screwtape Letters* não é uma tarefa simples. Os desafios são vários, posto que não há abundante material bibliográfico e o autor é lido de maneira segmentada e multifacetada. Desse modo, optamos por entender, à luz da História da Leitura, a recepção do texto seguindo o itinerário diacrônico da sua biografia e lavra literária, na tentativa de unir fragmentos que apontem para suas influências na composição do texto que por ora analisamos. Também é de fundamental importância a percepção de sua imagem entre os anglo-saxões, sua religiosidade anglicana, sua concepção demonológica e influências literárias; daí a necessidade de se entender o mundo do texto, sua narratologia, literariedade e teologia, sendo que as duas últimas tornaram esse texto híbrido.

Quando o texto é traduzido no Brasil percebemos a tentativa de adaptá-lo por meio de paratextos editoriais, segundo a concepção de Gérard Genette, que traziam em si marcas do momento histórico da geopolítica bipolar vigente no panorama internacional do início dos anos 1960. Depois de décadas de prestígio que a língua e a cultura francesa gozaram em nosso país, a cultura anglófona fez-se importante e sobrepujou a primeira e isso se deu, entre outras coisas, por meio do interesse de obras traduzidas. O texto de C. S. Lewis faz parte desse momento histórico de mudança cultural. O grupo editorial que o publicou, Edições Vida Nova, tinha o desafio de apresentar ao público brasileiro um texto intitulado *Cartas do Inferno* que apresentava um discurso datado de mais de vinte anos em um país dessemelhante que passava pela experiência mais dura de sua milenar história: os combates da Segunda Guerra Mundial.

Mas, ainda assim, o texto aos poucos obteve penetração nas camadas populares e religiosas dos leitores brasileiros e, se a primeira editora não publicou uma segunda edição do texto, menos de duas décadas outra editora, a Loyola, já o publicara sob outro título: *As cartas do Coisa-Ruim*. Assim, a circulação dessa obra do autor britânico seguiu no mercado editorial brasileiro, no início dos anos 1980 sob a égide de uma editora que tinha um maior alcance por ser de propriedade de um grupo da Igreja Católica Romana, denominação cristã de maior contingente de fiéis no país. Já em meados dos anos 1990, outro grupo editorial, Editora Vozes, assumiu a publicação de duas edições com um título

mais próximo do que hoje é publicado: *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. Embora nenhuma dessas editoras tenha resquícios materiais dessas adaptações do *best-seller* de Lewis para o nosso vernáculo, os paratextos editoriais do material primário pesquisado nos aponta para o perfil de leitores pretendido por seus editores. Por fim, analisamos os elementos paratextuais da edição que está em circulação no mercado, publicado pela leiga editora WMF Martins Fontes sob o título *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Deste último grupo editorial tivemos mais informações, posto que há interesse na divulgação do livro, posto não figurar este como arquivo morto do grupo editorial. Desse modo, já distantes dos primeiros leitores, percebemos, segundo Roger Chartier propõe, o problema existente entre a ‘leitura implícita’ visada pelo impressor-livreiro em relação ao ‘leitor implícito’ imaginado pelo autor (Cf. CHARTIER, 2011, p. 99-100). Mas, a despeito disso, se pensarmos objetivamente, chegaremos facilmente à conclusão de que o escritor não imaginou o leitor brasileiro, pois o texto não era a ele originalmente destinado, mas os editores locais tiveram o trabalho de não apenas imaginá-lo como também lançar mão de estratégias editoriais por meio de paratextos que o persuadissem a ler o texto. Daí a necessidade de interpretar paratextualmente a materialidade das traduções de *The Screwtape Letters* em nosso meio.

Embora a análise dos paratextos das edições brasileiras nos mostrem de alguma maneira o perfil de leitores almeçados por seus editores, um trabalho como este ficaria incompleto se não houvesse a apresentação de leitores reais e o compartilhamento de suas experiências de leitura. No entanto, como o próprio Roger Chartier prevê em um de seus textos, “reconstruir as leituras ordinárias não é algo fácil, pois são raros os que, não sendo profissionais da escrita, confidenciaram qual era sua prática do livro” (CHARTIER, 2011, p. 95). A dificuldade de se prospectar experiências de leitores reais, que tenham a liberdade de expor suas impressões de maneira genuína foi, de certa forma, vencida com o advento das novas tecnologias e, mormente, o surgimento das redes sociais como alternativa de relacionamento interpessoal. Desse modo, utilizamos os dados de leitores da obra de Lewis trazidos à público por meio do hipertexto do site de relacionamentos *Skoob*, que tem como objetivo oportunizar ao público leitor um espaço para a manifestação da experiência de leitura, por meio de estantes de leitura, grupos diversos de interesse literário, troca de livros e escrita de resenhas. A obra *The Screwtape Letters* é referenciada neste site com três títulos diferentes: *The Screwtape Letters*, *Cartas do Inferno* e *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.

Há uma diferença grande entre os números apresentados pelos três títulos, embora que na medida em que lemos as resenhas postadas, percebemos que há entre os leitores aqueles que leram outros títulos que não aparecem no site como *Cartas do Coisa-Ruim*, *Cartas do diabo ao seu aprendiz* ou ainda outros que circulam clandestinamente pela internet. Assim, quando confrontados os dados entre os títulos, percebemos que há grande assimetria tanto de número de leitores quanto de resenhas entre os dois primeiros e o último. Tal fenômeno se deve ao fato de que o número de livros da editora WMF Martins Fontes ser superior ao das demais. É de nosso conhecimento que alguns brasileiros leram o texto “original”, conforme observado na pesquisa da professora Karina Kosicki Bellotti, onde ela mesma apresenta uma resenha em sua monografia de conclusão de curso tendo como referência o título original. Também há registro de leitores do título *Cartas do Inferno*, conforme demonstra a pesquisa do professor João Leonel (2016, p. 208). Entretanto, pelo fato de já estar na quarta tiragem da segunda edição, sendo que cada tiragem corresponde a publicação de 2.000 a 3.000 exemplares, conforme o grupo assumiu em e-mail apresentado no anexo deste trabalho, é natural que o último título seja mais popular em relação aos demais. O êxito editorial se deve a vários fatores, dentre os quais elencamos a condição de editora secularizada – condição que diminui a hostilidade ao texto por parte de determinados leitores –; ausência de paratextos de recomendação de pessoas ligadas às denominações religiosas – sobretudo as evangélicas –; tradução que faz uso do português padrão contemporâneo; dimensões do texto que correspondem ao chamado livro de bolso e preços módicos.

Quando comparamos os dados aferidos do site dos títulos, mesmo se considerados um único bloco, da obra *The Screwtape Letters* aos da obra mais conhecida do autor, *As Crônicas de Nárnia*, volume único, teremos uma grande assimetria. Isso é natural por que o último título figurou entre os mais vendidos no país por meses seguidos, portanto é bem conhecido, haja vista que no lançamento de livros do autor ou relacionados a ele, editores fazem questão de acrescentar na capa a expressão do autor de *As Crônicas de Nárnia*. No entanto, quando comparamos os dados aos de uma obra que seja semelhante a *The Screwtape Letters*, quer seja do ponto de vista de autoria ou de temática, percebemos que as reações à leitura estão num nível aceitável.

Desse modo, levando em consideração as informações disponibilizadas no site *Skoob*, sobretudo as resenhas que aqui estão transcritas, tendo consciência de que esses dados não representam o total de leitores reais da obra, mas uma amostragem numérica

que se não é precisa, ao menos aponta para respostas concretas a respeito do leitor da obra em nosso país, concluímos que o perfil do leitor real das adaptações da obra *The Screwtape Letters* no Brasil, embora seja heterogêneo no sentido de apresentar leitores de diversos matizes, assemelha-se ao público alvo expresso pela editora WMF Martins Fontes, cuja caracterização se dá pelo fato de conhecerem as obras do autor, de terem preferência por obras de temática religiosa e serem cristãos protestantes. Tal caracterização não constitui um padrão engessado, posto que entre as resenhas houve leitores que declararam abertamente não gostar do autor, sobretudo por conta do caráter doutrinário de suas obras. Houve também os que toleraram o teor cristão, fazendo uma análise da dualidade da luta entre bem e mal. No entanto, o número daqueles que deixaram claro em seus discursos que professavam algum tipo de fé e, conseqüentemente, interpretaram o texto literalmente revela a tendência do leitor do texto.

Ademais, os ecos das leituras de *The Screwtape Letters* no Brasil ocorrem em pessoas que, embora intelectuais, estão de alguma forma ligadas ao movimento evangélico ou circundam tal tema.

Percebemos também que a obra poderia ser mais divulgada se houvesse maior preocupação na divulgação do texto por parte das editoras. O último grupo a publicar o texto no Brasil reconhece que não apresenta estratégias de divulgação da obra de forma satisfatória. Talvez se houvesse iniciativa para a aproximação dos leitores por meio da própria internet, tal qual o site *Skoob*, e se houvesse uma presença intensiva nos meios midiáticos que visasse a promoção do texto, certamente haveria uma procura maior da leitura não apenas desta obra, mas de outras que lhe fossem semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- _____. *Os caminhos dos livros*. – Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.
- ADEY, Lionel. *C. S. Lewis: Writer, Dreamer and Mentor*. – Grand Rapids, Michigan; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo & Tolerância*. – São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Religião e repressão*. – São Paulo: Edições Loyola/Teológica, 2005.
- Análise estrutural da narrativa / Roland Barthes [et. al.]. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- Apócrifos da Bíblia e pseudoepígrafos. Organização Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.
- ASIMOV, Isaac. *Azazel*. 2ª ed. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi. – Rio de Janeiro: Record, 1995.
- AUMONT, Jacques. Dicionário teórico e crítico de cinema / Jacques Aumont, Michel Marie. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. – Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 22ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. *A mídia presbiteriana no Brasil: Luz para o caminho e editora cultura cristã (1976 – 2001)*. – São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRAMLETT, Perry C. *C. S. Lewis: life at center*. – Macon, GE: Peake Road, 1996.
- BRASIL, Ubiratan. *Nárnia entra em cena para brigar com Harry Potter*. In: O Estado de São Paulo, Caderno 2, 9 dez. 2005.
- _____. *A polêmica sobre o leão que seria Cristo*. In: O Estado de São Paulo, Caderno 2, 9 dez. 2005.
- CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. *C. S. Lewis na fronteira entre teologia e literatura: reflexões sobre The Screwtape Letters*. Revista Teológica, n. 58, v. 64, Campinas, SP, 2004. p. 115 – 125.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2º volume. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora Itatiaia, 1975.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Tradução de André Telles. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

CASSIDY, Joseph P. Sobre o discernimento. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 165 – 182.

CEREJA, William Roberto. *Texto e interação*: William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 3ª ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atual, 2009.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999a.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. – São Paulo: Editora UNESP, 1999b.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. – 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. – 2ª ed.; 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. Tradução Almiro Pisetta. – São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 4ª ed. Tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

COVEY, Stephen R. *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes*. 11ª ed. Tradução Alberto Cabral Fusaro e Márcia do Carmo Felismino Fusaro. – São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA., 2002.

C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução Luís Carlos Borges. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução Daneil Pellizzari – São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

Dicionário de linguística / Jean Dubois ... [et.al.]. – 2. ed. – São Paulo: Cultrix, 2014.

- Dicionário de lugares imaginários / organizado por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi. Traduzido por Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos. – Lisboa: Tinta da China, 2013.
- Dicionário crítico de teologia / publicado sob a direção de Jean –Yves Lacoste: (tradução Paulo Meneses... [et al.]). São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.
- Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento / R. Laird Harris organizador; tradução Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. – São Paulo: Vida Nova, 1998.
- Dictionary of The Ecumenical Movement / Nicholas Lossky ... [et. al]. Geneva; Grand Rapids: WCC Publications; William B. Eerdmans Publishing Company, 1991.
- DOWNING, David. *C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos*. Tradução Almiro Pisetta e Fernando Dantas. - São Paulo: Editora Vida, 2006.
- DURIEZ, Colin. *Manual prático de Nárnia*. Tradução Celso Roberto Paschoal. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução Watensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.]. – 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza – São Paulo: Perspectiva, 2014.
- Encyclopaedia Britannica. v. 13. University of Chicago: William Benton Publisher, 1972.
- FLEMING, John V. O crítico literário. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 19 – 36.
- FONTANELLA, Marco. *Uma nova sensibilidade*. Revista entre livros, n. 8. – São Paulo: Editora Parma, s/d, p. 22.
- GARDNER, Laurence. *O diabo revelado*. Tradução Eduardo Soma. – São Paulo: Madras, 2013.
- GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. Tradução Lailah de Noronha, São Paulo: Editora Vida, 2002.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GOETHE, Johann Wolfgang, von, 1749 – 1832. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- _____. *Fausto*. Teatro vivo; tradução Sílvio Meira. – São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- GREGGERSEN, Gabriele. *A antropologia filosófica de C. S. Lewis*. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

_____. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa e a Bíblia: implicações para o educador*. 1ª ed. – Curitiba: Editora Prismas, 2016.

_____. *C. S. Lewis: estabelecendo pontes entre o protestantismo e o catolicismo*. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/c-s-lewis-estabelecendo-pontes-entre-o-protestantismo-e-o-catolicismo>> Acesso 7 nov. 2017.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. 2ª ed. – São Paulo: Nankin: EDUSP, 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*; Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. – São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

_____. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

História da vida privada, 3: da Renascença ao século das luzes / organização Philippe Ariès e Roger Chartier. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JACOB, Cesar Romero. *Religião e território no Brasil* [recurso eletrônico] 1991/2010/ Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013. Disponível em <http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/E-book%20Religi%C3%A3o%20e%20Territ%C3%B3rio%20no%20Brasil_1991-2010.pdf>

JACOBS, Alan. As crônicas de Nárnia. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 333 – 352.

KILBY, Clyde S. *The Christian World of C. S. Lewis*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1964.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 8ª ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2ª ed. – São Paulo: Ática, 1998.

_____. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. Série temas. – São Paulo: Ática, 2001.

_____. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. Série temas. – São Paulo: Ática, 2002.

LEHMANN, Karl; KASPER, Walter; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. *Diabo, demônios e possessão: da realidade do mal*. Tradução Silvino Arnhold. – São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LEONEL, João. *A formação do leitor religioso: pentecostais e leitura no Brasil*. Todas as Letras, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 217 – 226, 2012.

_____. *História da Leitura e protestantismo brasileiro*. – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora, 2010.

_____. *História da leitura e protestantismo brasileiro*. – 2ª ed. atual.- São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. 2ª ed. Tradução Silêda Steuernagel, Paulo Mendes Campos; ilustrações de Pauline Baynes. — São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. *A imagem descartada: para compreender a visão medieval do mundo*. Tradução Gabriele Gregersen. – São Paulo: É Realizações, 2015a.

_____. *Alegoria do amor: um estudo da tradição medieval*. Tradução Gabriele Gregersen. – São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. *Além do planeta silencioso*. Tradução Waldéa Barcellos. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *A razão do cristianismo*. Tradução de Gabriel Martins. – São Paulo: Edições Vida Nova, 1964b.

_____. *Até que tenhamos rostos: a releitura de um mito*. Tradução Jorge Camargo. – Viçosa, MG: Ultimato, 2017.

_____. *A Torre Negra e outras histórias*. 1ª ed. Tradução Jorge Camargo. – São Paulo: Planeta, 2016.

_____. *As cartas do Coisa-Ruim: como um diabo velho instrui um diabo jovem sobre a arte da tentação*. Tradução de Yolanda Steidel Toledo. – São Paulo: Edições Loyola, 1982.

_____. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. 2ª ed. Tradução Juliana Lemos; revisão da tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros; revisão técnica Geuid Dib Jardim. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009b.

_____. *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. 2ª ed. Tradução Mateus Sampaio Soares de Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Cartas do inferno e murceção oferece um brinde*. Tradução de Roque Monteiro de Andrade. – São Paulo: Edições Vida Nova, 1964a.

_____. *Cristianismo puro e simples: edição revista e ampliada, com nova introdução, dos três livros: Broadcast talks, Christian Behaviour e Beyond Personality / C. S. Lewis; tradução Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolla; revisão da tradução Luiz Gonzaga de Carvalho Neto e Marcelo de Brandão Cipolla; revisão técnica Omar Alves de Souza. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009c.*

_____. *Mere Christianity*. New York: The Macmillan Company, 1952.

_____. *O cavalo e o menino*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: ABU, 1984a.

_____. *O navio da alvorada*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: ABU, 1985.

_____. *O peso de glória*. Tradução Lenita Ananias do Nascimento. – São Paulo: Editora Vida, 2008.

_____. *O príncipe e a ilha mágica*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: ABU, 1984b.

_____. *Os anéis mágicos*. Ilustração de Pauline Baynes. Tradução de Paulo Mendes Campos. – São Paulo: ABU, 1983.

_____. *Palestras que impressionam*. Tradução Isabel Freire Messias. – São Paulo: Edições Vida Nova, 1964c.

_____. *Perelandra*. Tradução Myriam Talitha Lins. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1978.

_____. *Surpreendido pela alegria*. 1ª ed. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. – Viçosa, MG: Ultimato, 2015b.

_____. *The Allegory of Love: A Study in Medieval Tradition*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1979.

_____. *The Screwtape Letters*. London, UK: Geoffrey Bles: The Centenary Press, 1942.

_____. *The Screwtape Letters*. New York, USA: The Macmillan Company, 1943.

_____. *Uma força medonha: um conto de fadas moderno para adultos*. Tradução Waldéa Barcellos. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. *Um experimento na crítica literária*. Tradução de João Luís Ceccantini. – São Paulo: Editora UNESP, 2009c.

LEWGOY, Bernardo. *O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos*. In.: Ciências Sociais e Religião, n. 6, ano 6, Porto Alegre, 2004, p. 51 – 69. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19859/000442303.pdf?sequence=1>> Acesso em 8 nov. 2017.

LOGAN, Stephen. O teórico da literatura. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 37 – 54.

Luz para o teu caminho: devoções para jovens através do ano eclesiástico. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1962.

McGRATH, Alistair. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. Traduzido por Almiro Pisetta. – São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed.– São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Coleção obra-prima de cada autor – série ouro. Tradução Antônio José Lima Leitão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

_____. *Paraíso Perdido* / John Milton; edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Daniel Jonas; apresentação de Harold Bloom; ilustrações de Gustave Doré – São Paulo: Editora 34, 2015.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev., ampl. e atual. – São Paulo: Cultrix, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

MYERS, Edward D. *The religious Works of C. S. Lewis. Theology Today*, n. 4, v. 1, Princeton, NJ, 1945.

NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja: Ascensão em queda do movimento evangélico brasileiro*. – São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

_____. *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*. – São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

_____. *Polêmicas na Igreja: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo*. – São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

O Novo Dicionário da Bíblia. Editor Organizador J. D. Douglas; Tradução João Bentes. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

Palavras da Crítica. José Luís Jobim (Org.) ... [et. al.]. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

Práticas da Leitura / sob a direção de Roger Chartier; uma iniciativa de Alain Paire; tradução de Cristiane Nascimento; introdução de Alcir Pécora. – 5ª ed. – São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

RATABOUL, Louis-J. *O anglicanismo*. Coleção Cultura Geral. Porto-Portugal: RÉS-Editora, 1991.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*; tradução Ângela Bergamini ... [et. al.]. – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCOTT-JAMES, R. A. *Fifty Years of English Literature*. 2ª ed. London, New York, Toronto: Longmans, Green and Co, 1958.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SCHULTZ, Jeffrey D.; WEST, John G. JR. *The C. S. Lewis Readers' Encyclopedia*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1998.

SHIPPEY, T. A. *The Ransom trilogy*. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 297 – 314.

SCHAKEL, Peter J. *Till we have faces*. In: C. S. Lewis / organizado por Robert MacSwain e Michael Ward. Traduzido por Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015, p. 353 – 368.

SILVA, Carolina Batista e. “*Aquela palavra ruim: o Ruim*”: a tabuização da lexia diabo no português falado no Maranhão. In: *SIGNUM est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, jul. 2009, p. 343 – 366. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4198/4608>> Acesso em 15 set. 2017.

SMEDES, Lewis B. *Mere Morality: What God expects from ordinary people*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.

SOUZA, Silas Luiz de. *Pensamento social e político no protestantismo brasileiro*. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

_____. *Protestantismo & Ditadura: os presbiterianos e o governo militar (1964 – 1985)*. – São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

STAROSKY, Enio. *Amor e educação em C. S. Lewis e Josef Pieper*. – São Paulo: Factash Editora, 2015.

The C. S. Lewis index: a comprehensive guide to Lewis’s writings and ideas / compiled and edited by Janine Goffar; foreword by Walter Hooper. Wheaton, Illinois: 1 st Crossway Books ed., 1998.

The Spirit of Anglicanism: Hooker, Maurice, Temple. Edited by William J. Wolf. Edinburgh: T. & T. Clark Limited, 1982.

THOMPSON, John B. (John Brookshire). *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*. Tradução Alzira Allegro. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TODOROV. Tzevetan. *As categorias da narrativa literária*. In.: *Análise estrutural da narrativa / Roland Barthes [et. al.]*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. p. 211 – 256.

_____. *As estruturas narrativas*; [tradução Leyla Perrone-Moisés]. – 5ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Introdução Robert Bringhurst; Tradução José Laurênio de Melo. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *A gênese da editoração protestante no Brasil: o circuito de difusão das publicações (1830 – 1920)*. *CLIO – Revista de pesquisa histórica*, no 30, 2013. p. 1 – 29. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/243/172>>

VICENTE, Gil. *Farsa de Inês Pereira, Auto da Barca do Inferno e Auto da Alma*. Coleção a obra-prima de cada autor. – São Paulo: Martin Claret, 2001.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2ª ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

XAVIER, Lívio. *A função da crítica* (The Times Literary Supplement). In.: O Estado de São Paulo, Suplemento Literário, p. 6, 13 jan. 1962.

YANCEY, Philip. *Alma sobrevivente: sou cristão apesar da igreja*. Tradução Almiro Pisetta. – São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

_____. *Para que serve Deus*. Traduzido por Almiro Pisetta. – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

WIER, Jean Stanislas. *Satanismo e demonologia: o dicionário do diabo*. Tradução de João Mello Vianna. - Porto Alegre: Ciências Ocultas, 1989.

WILSON, A. N. C. S. *Lewis: A Biography*. New York/ London: W.W.Norton & Company, 2002.

WOLF, William J. *Anglicanism and Its Spirit*. In: The Spirit of Anglicanism: Hooker, Maurice, Temple. Edited by William J. Wolf. Edinburgh: T. & T. Clark Limited, 1982, p. 177 – 184.

WRIGHT, N. T. *Surpreendido pelas escrituras: questões atuais desafiadoras*. Tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. – Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

ZAHL, Paul F. M. *The Protestant Face of Anglicanism*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: Willam B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

Monografias, Teses e Dissertações:

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Uma igreja invisível? Protestantes históricos e meios de comunicação no Brasil (anos 50 a 80)* / Karina Kosicki Bellotti; Monografia de conclusão de graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

ENDO, Whaner. *A práxis do mercado editorial evangélico*. Similaridades e diferenças entre a produção e distribuição do livro evangélico e do livro secular no Brasil / Whaner Endo; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

LOPES, Cristiano Camilo. *Da terra das sombras à terra dos sonhos* / Cristiano Camilo Lopes; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARQUES, Mirane Campos. *Da floresta ao guarda-roupa: the lion, the witch and the Wardrobe e o caminho para Faërie* / Mirane Campos Marques; Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP: [s. n.], 2011.

MARQUES, Mirane Campos. *Uma história que não tem fim: um estudo sobre a fantasia literária* / Mirane Campos Marques; Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, SP, 2015.

MASSAGARDI, Fernanda Maria Macahiba. *Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias* / Fernanda Maria Macahiba Massagardi; Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s. n.], 2014.

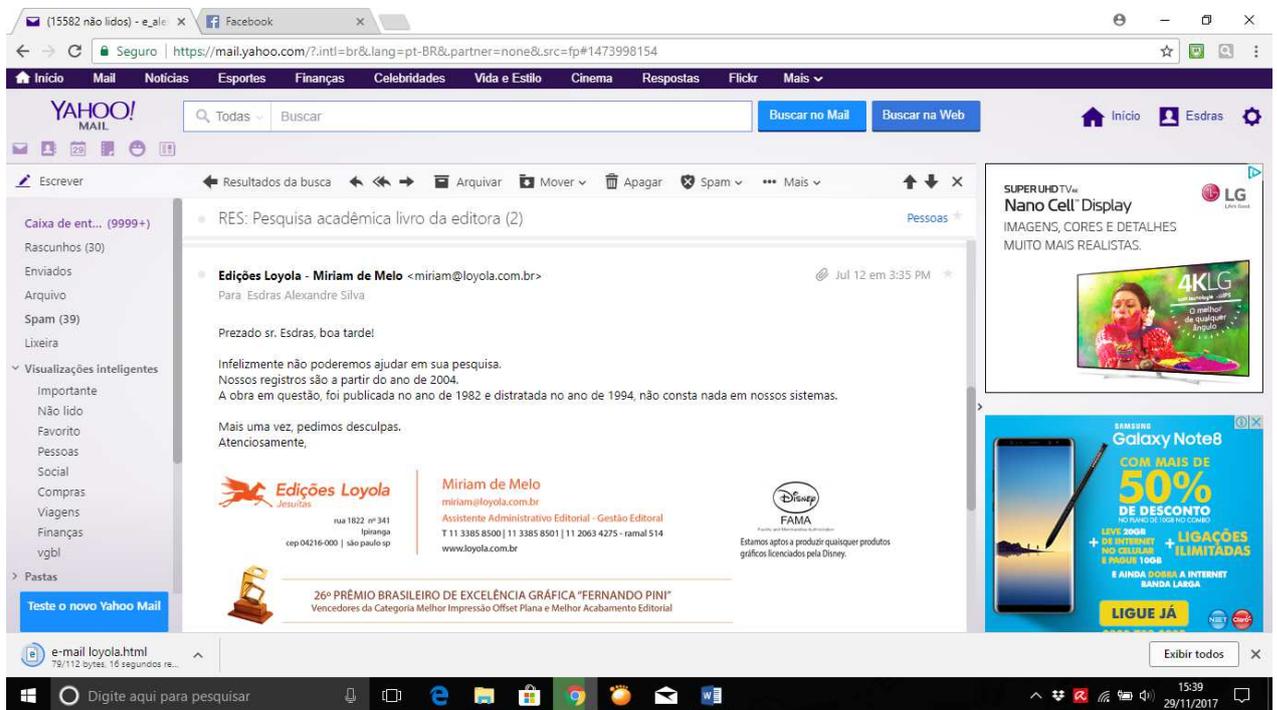
SANTOS, João Marcos Lemos dos. *Natureza e graça em “O grande abismo” de C. S. Lewis* / João Marcos Lemos dos Santos; Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Carlos Eduardo Alves da Silva. *A influência da atratividade da capa do livro no comportamento do consumidor* / Carlos Eduardo Alves da Silva; Monografia de conclusão de graduação em Administração – Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: uso do livro na América portuguesa* / Luiz Carlos Villalta; Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

APÊNDICE A

E-mail enviado pela editora Loyola a respeito de informações sobre *As cartas do Coisa-Ruim*.



APÊNDICE B

E-mail respondido pela editora WMF Martins Fontes com algumas perguntas acerca da obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz*

Luciana Veit <lveit@wfmartinsfontes.com.br>

Para

'Esdras Alexandre Silva'

Abr 20 em 5:02 PM

Olá Esdras,

Como foi a defesa do seu projeto? Espero que um sucesso!

Desculpe a imensa demora em respondê-lo...

Finalmente conversei com nosso editor e suas perguntas e observações nos ajudaram!

Obrigada!

1) Qual é a tiragem e quantas edições vocês já publicaram?

Nós lançamos o livro em 2005 e estamos na 4ª tiragem da 2ª edição (2014).

A primeira edição foi de 3000 exemplares. Geralmente fazemos reimpressões entre 2000 a 3000 exemplares.

2) Desde quando vocês têm a permissão e o direito sobre o copyright dessa obra?

O primeiro contrato é de 2003.

3) Qual é o público alvo que vocês visam atingir?

O público leitor de C.S.Lewis, leitores de obras religiosas e, particularmente, protestantes.

Sempre desejamos que o público seja o mais extenso possível, mas sabemos que para este livro são interessados nesses três elementos.

4) Por que publicar uma obra de tema religioso numa editora que, em geral, não pertence a esse segmento;

A Editora não é uma editora religiosa mas tem vários livros de religião (assim como de economia ou política). Mas somos editores do autor, dos seus livros de ficção – *As Crônicas de Nárnia* e da *Trilogia Cósmica*, daí também nosso interesse.

5) Há resenhas sobre esse texto? Há algum tipo de feedback do público leitor em seus arquivos?

Infelizmente não. Mas você deve encontrar material na Internet ou em bibliotecas/hemerotecas.

6) Por que vocês excluíram o prefácio assinado pelo próprio autor em 1960 e que está presente em outras edições como as editoras vida nova (1964) e Loyola (1982)? Há alguma razão comercial ou estética para tal omissão?

Nenhuma razão. Desconhecemos este prefácio. Para tradução, seguimos a edição comemorativa do 60º aniversário da obra (C.S.Lewis Signature Classics Editions), em língua inglesa e desta não constava, constava apenas o prefácio de 1941. Vamos ler este prefácio de 1960 e considerar sua inclusão em futuras edições. Vale dizer que a equipe que trabalhou

diretamente nesta edição não está mais na editora e não achei nada nos arquivos que pudesse esclarecer a questão.

7) Há alguma razão para a tradução interpretativa de *The Screwtape Letters* e a proximidade com o título dado pela editora Vozes "Cartas do diabo ao seu aprendiz"? Por que a opção de tal título?

Conforme disse na resposta acima, só quem trabalhou diretamente poderia explicar. Nosso diretor acredita que como o livro já havia sido publicado, entendemos que deveria ter o mesmo título, fizemos apenas um "copydesk".

8) Por que vocês traduziram os nomes das personagens "Screwtape" e "Wormwood", que, aporuguesados ficaram Fitafuso e Vermebile, há também alguma razão comercial ou estética para isso?

Também só o editor da época poderia confirmar. Mas vale dizer que somos os editores de J.R.R.Tolkien. E Tolkien e Lewis eram muito amigos. Tolkien orientava tradutores a mudarem os nomes dos personagens. Talvez tenha vindo daí a orientação. Não sei nem dizer se nas traduções anteriores à nossa os nomes eram traduzidos...

9) Por que a opção em publicar outro texto juntamente com "Cartas de um diabo...", além disso, por que vocês afirmam na quarta capa da edição de 2009 que a inclusão desse segundo texto ocorre pela primeira vez, quando na verdade a editora vida nova, primeira a publicá-lo no Brasil já o havia feito e também a editora Loyola?

A inclusão do texto foi porque seguimos a edição inglesa comemorativa da 60ª edição, que incluía *Screwtape Proposes a Toast*. A menção no texto da quarta capa foi um erro lamentável. Vamos corrigi-lo! Muito obrigada!

10) Seria possível vocês disponibilizarem um gráfico descrevendo a vendagem, em números, ano a ano após a primeira publicação?

Infelizmente não. Preferimos não disponibilizar vendagem.

11) Em relação a outras publicações do mesmo autor nessa editora, qual é a colocação desse livro em vendagem?

O best-seller de Lewis é, sem dúvida, "As crônicas de Nárnia". Dito isso, os quatro livros "religiosos" que lançamos também vendem bem, cada vez mais. *O Cartas de um diabo...* é o segundo em venda dos quatro. O primeiro é *Cristianismo puro e simples*.

12) Em relação a outras publicações do mesmo autor nessa editora, o público alvo é o mesmo?

Não. Crônicas de Nárnia é infantil, a trilogia Cósmica é um público jovem, de ficção. Só os quatro livros "religiosos".

13) Quais foram as estratégias de marketing sobre essa obra? Elas foram bem-sucedidas?

Não houve. O mercado editorial não comportava, ainda mais na época, investimentos de marketing. Procuramos concentrar investimentos em dois pontos: na escolha/compra de bons títulos e suas traduções na distribuição.

14) Por que não há uma apresentação feita por um especialista brasileiro a respeito de sua experiência de leitura e recomendação da obra, tendo em vista

que o texto foi escrito originalmente para um público bastante distinto do brasileiro do início do séc. XXI e num contexto específico de Segunda Guerra Mundial?

É uma excelente ideia e vamos pensar nessa possibilidade.

Desculpe novamente a demora e esperamos ter contribuído com seu trabalho.

Um abraço,

Luciana

APÊNDICE C

Transcrições das resenhas de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* do site *Skoob* que não foram elencadas no corpo do trabalho.

Resenha I, assinada por “Rod Furtado”, postada na data supracitada, apresenta o seguinte texto na íntegra:

Do inferno para a Terra

São realmente incríveis as descrições da atuação de demônios na Terra e suas artimanhas. Na postura de mentor, um diabo aconselha seu aprendiz para que este atormente de maneira correta os humanos! Destaque para os conselhos dados em época de guerra (2ª Guerra Mundial).

Vale a pena ler, cristão e não-cristãos. Se não pela curiosidade, leia pelo sarcasmo do demônio escritor das cartas! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017)

A resenha II é assinada por “Claire Scorzi” e postada em 29 de janeiro de 2009. O texto na íntegra é o seguinte:

Sabedoria com humor

Perfeito! A primeira vez que acabei de ler esse livro, imediatamente comecei a relê-lo. Lewis conseguiu a proeza de falar de fé cristã, da grandeza e bondade de Deus usando a voz insuspeita de um diabo para isso – claro, todas as declarações de *Screwtape* tem de ser lidas invertidas. Saboroso. Inteligentíssimo. Este não é um livro para a nossa época pretensamente sábia – mas por isso mesmo precisa ser lido. (Disponível em

<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017)

A resenha IV é assinada por “Nane” e foi postada em 25 de novembro de 2009. O texto na íntegra foi o seguinte: “Taí um homem que sabia escrever, desde literatura infantil como foi as crônicas de *Narnia* [*sic*], até este que de infantil não tem nada. Muito bom autor, versátil e inteligente” (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017).

A resenha V é assinada por “Camila” e foi postada em 29 de dezembro de 2009. O texto na íntegra é o seguinte:

Por meio de cartas escritas para seu sobrinho, o diabo Fitafuso tenta ensiná-lo como “angariar” almas, como fazer com que uma pessoa não se renda ao Inimigo (Deus) e sim ao Diabo. Um livro intrigante em que o autor analisa a fragilidade, o comportamento do ser humano, e a facilidade com que somos manipulados. Um guia de como se comportar, mas às avessas.

As novas edições possuem um outro capítulo, Fitafuso propõe um brinde, no qual o personagem busca fazer [*sic*] um discurso inspirador aos novos tentadores. Um capítulo muito interessante, que critica a democracia e toda a construção de igualdade decorrente dela. Sou estudante de Direito, então essa parte me chamou especial atenção.

Um livro genial! É daqueles que merecem ser lidos inúmeras vezes... (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017).

A resenha VI é assinada por “déh” e foi postada em 19 de fevereiro de 2010. O texto na íntegra é o seguinte:

Ótimo livro. Realmente inspirador. Renova nossas forças, lembrando-nos continuamente do amor de Deus por nós, e nos abre os olhos a uma nova visão sobre nossas vidas. Cada carta que eu lia, eu tinha vontade de parar, fechar o livro e ficar meditando sobre ela. Ainda vou ler de novo, sublinhando as partes que mais me chamaram a atenção. Acho que vou sublinhar o livro todo. :)

C. S. Lewis foi realmente um escritor muito abençoado. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017).

A resenha VII é assinada por “mandark” e foi postada em 3 de abril de 2010. O texto na íntegra é o seguinte:

Pra incomodar...

Se você realmente ler este livro observando os detalhes e com a mente aberta para perceber as ótimas sacadas e os pitacos apimentados do autor, esse é um livro para incomodar, para fazer pensar e repensar as atitudes e posturas que assumimos todos os dias... Longe de ser um livro essencialmente para cristãos, é um livro obrigatório para quem não aceita as verdades prontas, mas é um ser pensante e questionador! Excelente! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 25 out. 2017).

A resenha X é assinada por “Camila” e foi postada em 30 de agosto de 2011. O texto na íntegra é o seguinte:

Esse livro tornou C. S. Lewis um dos meus escritores favoritos. Muito profundo em toas [*sic*] as cartas, ele te leva a enxergar a fonte das armadilhas do diabo, sua esperteza e principalmente a sua falta de ética até mesmo com os seus semelhantes. E isso é o que torna o trabalho do sobrinho tão urgente...

Enfim, como todos os livros de Lewis que eu já li, marcou a minha vida e esse em particular me inspirou muito, você não tem noção ...rs

Recomendo SEMPRE! (Disponível em <
<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>>
Acesso em 28 out. 2017)

A resenha XVI é assinada por “Paulinha” e foi postada em 10 de novembro de 2013. O texto na íntegra é o seguinte:

Imperdível

“Há dois erros semelhantes mas opostos que os seres humanos podem cometer quanto aos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é acreditar que eles existem e sentir um interesse excessivo e pouco saudável por eles”. (página IX)

Conheci C. S. Lewis na minha adolescência, lendo um dos livros das Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o guarda-roupas e foi paixão à primeira vista. Li e reli várias vezes desse então.

Amigo de J. R. R. Tolkien, esse irlandês foi ateu durante muito tempo até se converter em 1929. A partir daí, escreveu grandes obras, reconhecidas mundialmente, com alegorias cristãs, de forma lúcida, brilhante e bem-humorada.

Essa obra, em especial, seria cômica, se não fosse trágica. Usando de muita ironia, o autor mostra como o diabo usa artimanhas para nos desviar do Caminho: tio Fitafuso é um diabo que escreve cartas para seu sobrinho Vermebile com dicas de como ele deve agir para fazer tropeçar o rapaz de quem é reponsável:

“Faça com ele seus pensamentos flutuem (...), esforce-se para alcançar a decepção (...) fortaleça o hábito da irritação mútua (...)” (pág. 7)

Procure “solapar a fé e evitar a formação de virtudes” (pág 22).

“...queremos um homem atormentado pelo Futuro...” (pág. 76).

Estimule o “medo apavorante e o excesso de confiança...” (pág.73)

Impossível não se reconhecer em comportamentos indesejados que, sem querer, alimentamos em situações de estresse ou pressão, e justificamos como “exceções”, resultantes do cansaço e da vida corrida.

Mas tio Fitafuso tem paciência em desvirtuar seus pupilos e explica isso ao seu sobrinho:

“...o caminho mais rápido para o Inferno é aquele que é gradual...” (pág. 60)

“[faça-o] percorrer toda a vizinhança em busca da igreja que “combina” com ele, até que ele se transforme num degustador, num connoiser de igrejas.” (pág. 79)

Se você tem mais explicações para seus “pequenos pecados” do que há algum tempo, pode ser que esteja dando ouvidos aos Vermebile da vida. Ainda bem que dá tempo de mudar.

Excelente leitura! (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

A resenha XVII é assinada por “Ewerton”, foi postada em 20 de fevereiro de 2014 e apresenta o seguinte texto:

Diretamente do outro lado

É um livro que reúne as cartas do tio Fitafuso, um demônio experiente, ao seu sobrinho Vermebile, um aprendiz na arte de tentar seres humanos. Durante todo o desenrolar do livro, nós podemos observar a dinâmica que C. S. Lewis quis demonstrar entre as ações do paciente (ser humano), as do Inimigo (Deus) e como ele (Vermebile) deveria responder para obter êxito.

É interessante perceber os detalhes que nos cercam e que não damos valor, até coisas “positivas” que podem ser direcionadas para outro foco se não tivermos uma vida nas mãos de Deus, fica aqui uma citação da pág. 10:

“O que ele diz, mesmo de joelhos, sobre seus pecados não passa de conversa fiada. No fundo, ele ainda acredita que tem bastante crédito junto ao Inimigo por ter-se convertido, e pensa que demonstra grande humildade e condescendência ao ir à igreja com aqueles conhecidos vulgares e presunçosos. Mantenha-o nesse estado de espírito o máximo que puder. Afetuosamente, seu tio, FITAFUSO.”

E nesse mesmo tom as cartas seguintes são escritas, verdadeiras estratégias diretamente do outro lado, para nós mais uma excelente obra que nos acrescenta para vivermos alertas e vivermos uma vida Cristã com sinceridade.

Recomendadíssimo (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

A resenha XVIII é assinada por “Carlos Machado” e foi postada em 13 de maio de 2014. O texto na íntegra é o seguinte: “**Um dos melhores escritores cristão que já li.** C. S. Lewis – um dos melhores escritores cristãos!! E o que mais gosto de ler. E vale a pena ler cada página dos seu [sic] livros” (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:2>> Acesso em 28 out. 2017).

A resenha XX é assinada por “Marcelle Aryel” e foi postada em 26 de agosto de 2014. O texto é breve e traz apenas a seguinte apreciação elogiosa: “Simplesmente genial!”.

A resenha XXII é assinada por “Camila” e foi postada em 30 de março de 2015. O texto na íntegra é o seguinte:

E quando você ri, você se assusta!

No começo, quando você lê as primeiras cartas, você vê graça, nota uma semelhança, pensa “nossa e não é que isso já aconteceu comigo?”. De repente, você percebe que não é cômico, é trágico. A mesma estratégia... há quanto tempo? Até quando nos permitiremos sermos enganados com as mesmas artimanhas? (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

A resenha número XXIII é assinada por “deba_andrade” e foi postada em 5 de outubro de 2015. O texto é marcado como *spoiler*, por isso seu acesso não é imediato no hipertexto. Seu conteúdo na íntegra é o seguinte:

C. S. Lewis é super genial!!

The Screwtape Letters (Cartas de um diabo a seu aprendiz) é considerada uma das obras cristãs mais famosas de Lewis. Lewis por sua vez teve uma sacada super genial ao escrever este livro. Ele conseguiu ser super irônico e ao mesmo tempo bem jocoso.

Como já diz o título da obra, o livro não passa de um conjunto de mais de 30 “cartas” escritas de um Diabo-chefe (Fitafuso) ao seu sobrinho e também aprendiz (Vermebile). E nessas cartas o Fitafuso tenta ensinar da melhor maneira possível, como levar o cliente do Vermebile à danação, e como fazê-lo focar cada vez mais longe do “Inimigo” (no caso, Deus). No final do livro, Lewis fala como foi fácil, e ao mesmo tempo difícil de escrever esse livro. Segundo ele, daria pra ter escrito umas mil cartas, porém por outro lado como ele mesmo diz: “Embora fosse fácil torcer a mente para se adaptar aos modos diabólicos, não foi nada divertido. [...] Todo o esforço produziu uma espécie de cãibra espiritual.”

Apesar da linguagem um pouco mais elevada, é um livro ótimo e bem interessante. Vale a pena a leitura. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:3>> Acesso em 28 out. 2017)

A resenha XXV é assinada por “Horrorshow” e foi postada em 31 de janeiro de 2016. O texto na íntegra é o seguinte:

Resenha por Renato Fonseca (Blog Horrorshow)

As cartas escritas por Lewis e dedicadas ao seu amigo J. R. R. Tolkien são pequenas pérolas da literatura moral e, ao mesmo tempo, são um tratado de recurso retórico e analogias refinadas. Lewis tem um propósito muito claro neste texto: ele pretende fazer uso da retórica e de analogias para explicar ao grande público as questões morais mais práticas do cristianismo mais puro e mais simples. Os personagens mais importantes são Fitafuso, o professor, o diabo experiente que sabe os caminhos mais sórdidos para o coração do homem, e seu sobrinho Vermebile, o aluno, o discípulo, o diabo menor que está em fase de aprendizado.

A estrutura da obra é por si só divertida e envolvente, mas, ao avançar nas camadas do texto, a narrativa fica ainda mais interessante. Lewis, apesar de ter sido um homem inocente e ao mesmo tempo extremamente moralista, era um profundo conhecedor da natureza humana e da nossa psicologia mais básica. O autor foi capaz de identificar os elementos mais interessantes de auto justificação que sempre usamos para nos confortar internamente quando cometemos algo que sabidamente é um delito ou uma transgressão moral.

(Continue lendo no link abaixo) (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXVII é assinada por “Aline” e foi postada em 21 de julho de 2016. O texto na íntegra é o seguinte:

Um livro bem irônico, escrito pelo criador de “As Crônicas de Nárnia”, que se trata de cartas escritas por um diabo, o Fitafuso. Ele fala das estratégias criadas para manipular o comportamento do ser humano. O livro me fez pensar em algumas atitudes e as influências por trás delas. Precisei prestar bastante atenção no livro, pois o autor mesmo nos lembra que o diabo é mentiroso e enganoso. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXIX é assinada por “Natalie” e foi postada em 24 de novembro de 2016. O texto na íntegra é o seguinte:

Como informa o próprio título, Cartas de um diabo a seu aprendiz é composto por correspondências de Fitafuso, um demônio que faz parte do setor administrativo do Inferno, para Vermebile, seu sobrinho e diabo iniciante que está prestes a se formar na Faculdade de treinamento. É um texto bastante cômico e recheado de ironia. Para quem é cristão é uma sucessão de socos no estômago. Tudo o que diz deve ser colocado em prática exatamente ao contrário.

Estamos acostumados a nos referir ao diabo como inimigo, mas do ponto de vista do livro, o Criador é que é tratado com adversário a ser vencido.

Diante disso, Fitafuso dá uma série de conselhos ao sobrinho, para que sugue o “paciente”, maneira como ele chama o humano sob a responsabilidade maligna do jovem diabo. Estimular a superstição, incredulidade, discórdia entre pessoas próximas, angústia, entre tantas outras situações que ele enquadra como Ruído (já que causam um desconforto imenso), servem para solapar a fé e impedir a formação de virtudes.

Incentivar o relativismo, falta de confiança nos valores permanentes, fomentar a aderência aos modismos e usar a filologia a favor dos interesses mais mesquinhos são algumas das formas de corrupção humana desenvolvidas através de qualidades dadas por Deus. Nada é criado pelo demônio, ele apenas transforma a finalidade das dádivas que primariamente são concedidas para nos aproximarmos do Doador. A teoria do Jesus histórico (um tanto quanto inconsistente), o orgulho espiritual e as doutrinas materialistas são vistas com coerência pela maioria, mas Lewis apresenta argumentos contrários que podem ser simplificados em: não é possível fazer com que este mundo se torne o paraíso. Tentar fazer isso só aumenta as falsas expectativas e nos afasta do Rosto Divino.

Claramente uma apologia à Cristo e à defesa da fé em denúncia contra a massificação do pensamento, Cartas de um diabo a seu aprendiz é uma reflexão sobre as prioridades que elegemos. Lewis chega a falar que foi fácil escrever esta obra, mas ao contrário do que parece não foi nada divertido. Pôr as fraquezas na mesa tocou em suas próprias feridas e se o trabalho tivesse se prolongado ele não aguentaria.

Aconselho ler este livro acompanhado de um bloco de notas. As informações com certeza se adequarão, pelo menos em algum ponto, àqueles que decidirem reavaliar seus atos e pensamentos à luz da doutrina cristã.

(Disponível em
<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>>
Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXX é assinada por “IvaldoRocha” e foi postada em 13 de dezembro de 2016. O texto na íntegra é o seguinte:

Do autor de “As Crônicas de Nárnia” para J. R. R. Tolkien autor de “O Senhor dos Anéis”.

Um livro dedicado a J. R. R. Tolkien, autor do “Senhor dos Anéis”, amigo de Lewis e o responsável pela conversão de Lewis ao cristianismo. Tolkien era um cristão fundamentalista, ou seja, acreditava na existência de demônios e achava no mínimo temerário desdenhar de algo tão sério. Isto o deixou um tanto desconfortável a receber a dedicatória de Lewis, sem seu prévio consentimento.

O livro totalmente epistolar apresenta as cartas de Fitafuso um Diabo Superior ao seu sobrinho Vermebile um diabo iniciante, dando-lhe dicas e ajudando a definir estratégias para que ele leve o seu “paciente” a danação eterna. A ideia é de que todo humano (paciente) tenha um anjo da guarda e um demônio que o acompanha ao longo da vida e a luta entre ambos no sentido de conseguir a sua alma.

Bastante curioso e original as cartas vão se desenvolvendo ao longo da vida do paciente, a Segunda Guerra mundial aparece em determinado momento como pano de fundo. Algumas cartas vão lhe parecer bastante familiar, pois em algum ponto de nossa vida talvez sejamos tentados pelo diabo mesmo.

Estas cartas foram escritas ao longo de 20 anos e não necessariamente estão na cronologia correta, Lewis foi um ateu por quase toda vida, tendo depois se convertido ao cristianismo, o que deve tê-lo ajudado ao descrever, pontos de vista e comportamentos diversos.

Após o sucesso do livro Lewis vinha sendo cobrado por sua continuação e depois de algum tempo resolveu publicar “Fitafuso Propõe Um Brinde” (incluso nesta edição). No brinde Fitafuso é convidado a discursar no jantar anual oferecido aos jovens Demônios pela Faculdade de Treinamento de Tentadores.

A crítica social é claro impera. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXXI é assinada por “Stella.Oliveira” e foi publicada em 9 de março de 2017. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Um brinde a Fitafuso

Pra [*sic*] resumir numa única frase, quando Lewis é bom, ele é muito bom, mas quando ele é mau, é ainda melhor.

Uma obra prima [*sic*] do humor negro, cheia de sutilezas deliciosas. (Disponível em

<<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXXII é assinada por “G. Turquia” e foi publicada em 29 de março de 2017. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Recomendo muito, como todos os outros Lewis que já li. Só abandonei pq chegou um momento em que achei que as cartas já não tinham mais muito a me acrescentar, mas isso é uma particularidade, não quer dizer que o livro seja ruim. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXXIII é assinada por “Leoni” e foi postada em 28 de maio de 2017. Seu texto na íntegra é o seguinte:

Pecadinhos

Longe de mim querer me colocar como teólogo, coisa que estou muito aquém, constatei na leitura deste livro que os pecados cometidos por nós ultrapassam os relatados pela bíblica [sic] como os ‘dez mandamentos’ ou os ‘sete pecados capitais’ desenvolvidos pela Igreja Católica, fazendo deste segundo meio para se alcançar o seu fim.

Estes não se esgotam quando se tem do outro lado uma mente ardilosa que é capaz de manipular nossa mente e nossos desejos e vaidades principalmente. Pitafuso [sic] é um cuidadoso mestre que sabe o que quer, e instrui o seu sobrinho Vermebile de modo a utilizar destas nossas fraquezas enganando-nos, e iludindo-nos com relação às nossas ações. Por outro lado, o inimigo (Deus) segundo Pitafuso, sabe como retirar até mesmo de nossas más ações algo bom, e que é necessário todo o cuidado com o seu cliente (pessoa humana) como ao longo do livro.

Um livro escrito de forma por vezes bem humorada, se é que se pode dizer isto deste assunto, e que ao final nos desperta para uma alto [sic] reflexão.

Leitura esta, que deveria ser incentivada em nosso meio, principalmente aos mais jovens que são os mais suscetíveis aos sortilégios do Capiroto e sua turma. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXXV é assinada por “Ana” e foi publicada em 27 de junho de 2017.

O texto na íntegra é o seguinte:

Falando sobre o Inimigo

C. S. Lewis foi um grande escritor, esta é uma obra que comprova seu talento e estilo original. Ele trata a escrita com muito cuidado porque sabe que quando for lida será interpretada por pessoas em diferentes contextos e situações. De igual forma é impressionante a forma bem humorada e descontraída em que se segue a narrativa, embora com linguagem consideravelmente culta por serem cartas oficiais de um superior ao seu aprendiz e também a época em que fora escrita. Lewis, em depoimento descrito antes do último capítulo “Fitafuso propõe um brinde”, relata o quão desconfortável era ter que emergir no mundo de Fitafuso para criar as cartas, o que ele chamou de cãibra espiritual, na qual ele se contradizia para obter o resultado desejado. Analisando este testemunho e tendo lido esta grande obra é de se admirar mas não surpreender a forma com que Deus usa os homens. Lewis tivera inspiração Divina todo o cuidado e direção do Pai, O Único Pai. Lewis fala que deveria haver um equilíbrio entre os conselhos do diabo e o dos Arcanjos, mas não convinha a ele pois precisaria de um nível muito mais elevado de espiritualidade e inspiração, “precisaria do aroma dos Céus”, Lewis descreve em depoimento. E neste momento ele reconhece sua missão e limitação. O sobrenatural é algo que está muito além de nossos olhos e imaginação, tanto que podem ser considerados irrealis para os humanos, como o próprio Fitafuso diz em suas cartas. É mais fácil para nós acreditarmos que o material, o físico é real e entender o sentimento, o espírito, a fé como algo subjetivo, até inexistente. E é aí que muitas pessoas deixam que a fé morra e se entregam aos tentadores. Falar sobre o diabo é quase

um tabu para alguns, mas ainda assim falar sobre a Glória é imensurável. Por este motivo, não se pode explicar a fé, não se pode explicar a Deus ou Seus feitos. Lewis porém, com a sabedoria que lhe fora concedida para finalizar esta obra e evangelizar milhares de pessoas ao redor do mundo conseguiu trazer de maneira lúdica um pouco do que precisamos saber sobre o verdadeiro inimigo, e como ceder ao que realmente importa, que é o desejo do Senhor, pois nEle temos Vida, Amor, Paz e todas as virtude que ninguém jamais encontrará. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

A resenha XXXVII é assinada por “Juliana” e foi postada em 2 de outubro de 2017. O texto na íntegra é o seguinte:

Cartas de um diabo a seu aprendiz

O título pode até assustar alguns, mas todos deveriam ler esse livro. “Cartas de um diabo a seu aprendiz” nos fala muito sobre as sutilezas que nos fazem balançar durante a nossa caminhada cristã.

A proposta é imaginar o inferno como uma empresa e, Fitafuso, como um diabo em uma posição hierárquica importante e que escreve cartas para seu sobrinho, vermebile, tentando orientá-lo sobre como agir com relação ao seu paciente/humano, para leva-lo ao inferno.

Assim, o livro é composto de várias cartas e cada uma delas aborda um detalhe diferente (mas muito profundo) de como, mesmo na igreja, nossa atenção pode ser facilmente, desviada de Deus para qualquer outra coisa desde um problema com o irmão ao lado, até um sentimento de superioridade.

Como o “autor” das cartas é um diabo é possível ver a ironia e o desprezo sobre a vida humana, o que meche [*sic*] bastante com o leitor, pois é a realidade vista de outra perspectiva, tanto a do inferno quanto a do céu, pois há momentos em que o próprio Fitafuso diz não entender o que Deus tanto vê em nós.

Trazendo para nossa realidade e cotidiano, o livro nos mostra inúmeras situações com as quais o leitor pode se identificar entre pensamentos e reações, escolhas e encontros, o subjetivo e a realidade física e espiritual. Por fim, pensei que teria muita dificuldade para ler o livro, afinal, o que para Fitafuso é o correto, para nós seria mais do que errado, por isso optei por ler uma carta por dia e até refletir nas palavras dela.

Foi a melhor decisão que fiz, porque consegui refletir bastante sobre o que estava sendo dito e também comparar com o que estava vivendo. Então, o livro está mais do que bem recomendado. (Disponível em <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/273/edicao:375/mpage:1>> Acesso em 30 out. 2017)

APÊNDICE D

Apresentação da lavra literária de C. S. Lewis não exaustiva:

Quadro I:

DATA	TÍTULO DA OBRA
20 de março de 1919	<i>Spirits in Bondage</i>
20 de setembro de 1926 ¹¹⁰	<i>Dymer</i>
25 de maio de 1933	<i>The Pilgrim's Regress</i> [<i>O regresso do peregrino</i> ¹¹¹]
21 de maio de 1936	<i>The Allegory of Love</i> [<i>Alegoria do Amor</i>]
23 de setembro de 1938 ¹¹²	<i>Out of The Silent Planet</i> [<i>Além do Planeta Silencioso</i> ¹¹³]
27 de abril de 1939	<i>The Personal Heresy</i>
18 de outubro de 1940	<i>The Problem of Pain</i> [<i>O problema do sofrimento</i>]
9 de fevereiro de 1942	<i>The Screwtape Letters</i> [<i>Cartas de um diabo a seu aprendiz</i> ¹¹⁴]
13 de julho de 1942	<i>Broadcast Talks</i>
8 de outubro de 1942	<i>A Preface to Paradise Lost</i>
6 de janeiro de 1943	<i>The Abolition of Man</i> [<i>A abolição do homem</i>]
19 de abril de 1943	<i>Christian Behaviour</i>
20 de abril de 1943	<i>Perelandra</i> [<i>Perelandra</i> ¹¹⁵]
9 de outubro de 1944	<i>Beyond Personality</i>
16 de agosto de 1945	<i>That Hideous Strength</i> [<i>Uma força medonha</i>]
14 de janeiro de 1946	<i>The Great Divorce</i> [<i>O grande abismo</i>]
12 de maio de 1947	<i>Miracles</i> [<i>Milagres</i>]
16 de outubro de 1950	<i>The Lion, the Witch and the Wardrobe</i> [<i>O leão, a feiticeira e o guarda-roupa</i>]

¹¹⁰ Alister McGrath sugere a data de 18 de setembro de 1926. Cf. MCGRATH, 2013, p. 394. Enquanto que Jeffrey D. Schultz e John G. West Jr. apontam duas datas: 20 e 26 de setembro de 1926 pelo fato de tal obra ter sido publicada por editoras diferentes. Cf. SCHULTZ & WEST, JR., 1998, p. 447.

¹¹¹ Traduzido em português pela editora Ichtus, em 2011.

¹¹² Alister McGrath sugere a data de 1º de abril de 1938 Cf. MCGRATH, 2013, p. 394.

¹¹³ Há também o título *Longe do Planeta Silencioso*, publicado pela editora Betânia em 1978.

¹¹⁴ Há também outros títulos, dependendo da edição. Optamos por utilizar o título da editora que ainda o mantém em seu catálogo.

¹¹⁵ Traduzido em português pela primeira vez, pela editora Betânia, em 1978.

15 de outubro de 1951	<i>Prince Caspian</i> [<i>Príncipe Caspian</i> ¹¹⁶]
7 de julho de 1952 ¹¹⁷	<i>Mere Christianity</i> [<i>Cristianismo puro e simples</i> ¹¹⁸]
15 de setembro de 1952	<i>The Voyage of the “Dawn Treader”</i> [<i>A viagem do peregrino da alvorada</i> ¹¹⁹]
7 de setembro de 1953	<i>The Silver Chair</i> [<i>A cadeira de prata</i>]
6 de setembro de 1954	<i>The Horse and His Boy</i> [<i>O cavalo e seu menino</i> ¹²⁰]
16 de setembro de 1954	<i>English Literature in the Sixteenth Century Excluding Drama</i>
2 de maio de 1955	<i>The Magician’s Nephew</i> [<i>O sobrinho do mago</i> ¹²¹]
19 de setembro de 1955	<i>Surprised by Joy</i> [<i>Surpreendido pela alegria</i>]
19 de março de 1956	<i>The Last Battle</i> [<i>A última batalha</i>]
10 de setembro de 1956	<i>Till We Have Faces</i> [<i>Até que tenhamos rostos</i> ¹²²]
8 de setembro de 1958	<i>Reflections on Psalms</i> [<i>Lendo os salmos</i>]
28 de março de 1960	<i>The Four Loves</i> [<i>Os quatro amores</i>]
9 de setembro de 1960	<i>Studies in Words</i>
29 de setembro de 1961	<i>A Grief Observed</i> [<i>A anatomia de uma dor</i>]
13 de outubro de 1961	<i>An Experiment in Criticism</i> [<i>Um experimento na crítica literária</i>]

Depois de seu falecimento, várias pessoas interessadas em seu legado reuniram, organizaram e editaram textos de sua lavra, dentre os quais se destaca seu secretário pessoal, Walter Hooper¹²³, que cumpriu – e cumpre – um ofício de guardador mor da memória e legado literário do autor irlandês, oferecendo, destarte, várias das obras inéditas de Lewis que as publicou postumamente. Logo abaixo, oferecemos uma lista não

¹¹⁶ Também traduzido por Paulo Mendes Campos como *O príncipe e a ilha mágica* e publicado no Brasil pela editora ABU, em 1984.

¹¹⁷ Alister McGrath sugere que esse livro fora publicado em novembro de 1952, porém, ele não estabelece o dia exato. Cf. MCGRATH, 2013, p. 396.

¹¹⁸ Também foi traduzido anteriormente no Brasil como *A razão do cristianismo*, em 1964 e publicado pela editora Vida Nova.

¹¹⁹ Também recebeu o título de *O navio da alvorada* na tradução feita por Paulo Mendes Campos e publicada pela editora ABU em 1985.

¹²⁰ Há também uma outra tradução, sob o título *O cavalo e o menino* feita por Paulo Mendes Campos e publicada no Brasil em 1984 pela editora ABU.

¹²¹ Há também uma outra tradução sob o título *Os anéis mágicos*, traduzido pela editora ABU e publicado no Brasil em 1983.

¹²² Publicado recentemente pela editora Ultimato (2017), foi a última obra de ficção de sua lavra e considerada por ele mesmo como a melhor de todas. Cf. SCHAKEL, 2015, p. 353.

¹²³ Cf. Jeffrey D. Schultz e John G. West Jr., *The C. S. Lewis Reader’s Encyclopedia*, p. 206 – 207.

exaustiva das obras póstuma mais influentes de C. S. Lewis, desde sua morte até o ano de 1994:

Quadro II:

DATA	TÍTULO DA OBRA
1962	<i>They asked for a paper</i>
27 de janeiro de 1964	<i>Letters to Malcolm [Oração: cartas a Malcolm]</i>
7 de maio de 1964	<i>The Discarded Image [A imagem descartada]</i>
26 de outubro de 1964	<i>Poems</i>
18 de abril de 1966	<i>Letters of C. S. Lewis</i>
1966	<i>Studies in Medieval and Renaissance Literature</i>
1967	<i>Letters to an American Lady [Cartas a uma senhora americana]</i>
27 de outubro de 1969	<i>Narrative Poems</i>
28 de fevereiro de 1977	<i>The Dark Tower [A torre negra e outras histórias¹²⁴]</i>
1979	<i>God in the Dock</i>
19 de abril de 1979	<i>They Stand Together</i>
11 de abril de 1985	<i>C. S. Lewis' Letters to Children</i>
10 de outubro de 1985	<i>Boxen</i>
Janeiro de 1989	<i>Letters of C. S. Lewis and Don Giovanni Calabria</i>
18 de abril de 1991	<i>All My Road Before Me</i>
30 de maio de 1994	<i>The Collected Poems of C. S. Lewis</i>

¹²⁴ Recentemente publicado pela editora Planeta (2016).